UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ÉRICK FISZUK DE OLIVEIRA

A COMINTERN E O BRASIL, 1924-1943:
AS RELAÇÕES MÚTUAS E A POLÍTICA DE MOSCOU PARA O PCB

CAMPINAS
2024

ÉRICK FISZUK DE OLIVEIRA

A COMINTERN E O BRASIL, 1924-1943:
AS RELAÇÕES MÚTUAS E A POLÍTICA DE MOSCOU PARA O PCB

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em História, na Área História Social.

Supervisor/Orientador: Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO ÉRICK FISZUK DE OLIVEIRA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA.

CAMPINAS
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Neiva Gonçalves de Oliveira - CRB 8/6792

OL4c

Oliveira, Érick Fiszuk de, 1988-
A Comintern e o Brasil, 1924-1943 : as relações mútuas e a política de Moscou para o PCB / Érick Fiszuk de Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Claudio Henrique de Moraes Batalha.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Partido Comunista Brasileiro - História. 2. Internacional Comunista - História. 3. Comunismo - América Latina. 4. Brasil - História - República Velha, 1889-1930. 5. Brasil - Política e governo - 1930-1945. I. Batalha, Claudio Henrique de Moraes, 1957-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: The Comintern and Brazil, 1924-1943 : the mutual relations and the Moscow policy towards the PCB
Palavras-chave em inglês:
Partido Comunista Brasileiro - History
Communist International - History
Communism - Latin America
Brazil - History - 1889-1930
Brazil - Politics and government - 1930-1945
Área de concentração: História Social
Titulação: Doutor em História
Banca examinadora:
Claudio Henrique de Moraes Batalha [Orientador]
Fernando Teixeira da Silva
Daniel Aarão Reis Filho
Angelo de Oliveira Segrillo
Marcos Tadeu del Roio
Data de defesa: 30-01-2024
Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0001-5241-8487
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/1128902695609679

UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa da Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 30 de janeiro de 2024, considerou o candidato Érick Fiszuk de Oliveira aprovado.

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha

Prof. Dr. Angelo de Oliveira Segrillo

Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho

Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva

Prof. Dr. Marcos Tadeu Del Roio

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

AGRADECIMENTOS

A meu orientador, Prof. Dr. Claudio H. M. Batalha, pelo privilégio de contar com sua orientação acadêmica desde agosto de 2008.

Aos demais membros da banca, Prof. Dr. Angelo Segrillo, Prof. Dr. Daniel Aarão Reis, Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva e Prof. Dr. Marcos Del Roio, pela presença em momentos diversos de minha formação, solidificando-a e tornando possível a redação desta tese; ao Prof. Dr. Aldair Rodrigues, ao Prof. Dr. Aldrin Castellucci e à Prof.ª Dr.ª Glaucia Fraccaro por terem aceitado o convite para a suplência da banca.

Ao Dr. Dainis Karepovs e ao Prof. Dr. Michael McDonald Hall, que participaram de minha banca de mestrado; ao Dr. Víctor Lazarevich Jeifets, sem cujos trabalhos pioneiros eu pouco teria avançado; a Mariana Massó, com quem mantive contato nos primeiros anos do doutorado e que me indicou a coleção digital da revista *La Correspondencia Sudamericana*.

Às equipes dos arquivos e bibliotecas mencionados no final da tese e que consultei ao longo dos anos, mas principalmente ao pessoal da Biblioteca Octavio Ianni e do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), vinculados ao IFCH/Unicamp; particularmente à Ma. Elaine Marques Zanatta e a Mário Martins de Lima, o "Mário Bigode", que muito cedo me orientaram no mundo dos arquivos; a Leandro Ferreira Maciel e a Daniel Gomes Hatamoto, funcionários das secretarias de pós-graduação que me salvaram nas horas mais difíceis.

E por último, mas com todo o maior amor do mundo, a minha mãe e a minha avó, minha única e autêntica família, minhas maiores e melhores professoras, o verdadeiro esteio de meus sucessos. É a elas que dedico o texto que se inicia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

"Da un processo agli altri, dal processo di Lipsia
ai processi di Mosca, l'Internazionale fa una ben
triste fine, però i suoi partiti sono diventati in molti
paesi, al potere o all'opposizione, partiti robusti,
la cui storia finisce con l'assorbire in larga misura
la storia più recente del movimento operaio internazionale."
(Leo Valiani, "Fronti popolari e politica sovietica". *In*:
Aldo Agosti (org.), *Problemi di Storia dell'Internazionale Comunista*, p. 213.)

"Il n'y a rien d'absurde en histoire, c'est-à-dire
dans le développement des sociétés humaines.
Tout peut être expliqué et tout doit l'être ; encore
faut-il pouvoir chercher à expliquer, ce qui exige
une ambiance favorable, à savoir une atmosphère
de discussion libre. [...] L'historien, lui, doit simplement
fermer le livre qui « explique » quelque phénomène
que ce soit par l'aberration ou la folie. Si un plus
grand nombre de lecteurs en faisaient autant,
cela constituerait un énorme progrès."
(Pierre Broué, *Staline et la révolution: le cas espagnol*, p. 267.)

"Идея мировой революции, будучи гораздо
старше Коминтерна, не умерла вместе с ним. [...]
История неопровержимо доказала, что великая,
благородная цель освобождения человека и человечества
не может быть достигнута неадекватными насильственными,
репрессивными методами и средствами. Удастся ли
ее достичь ненасильственными действиями, или она
так и останется недосягаемым идеалом, вечно
манящей путника звездой – это покажет будущее."*
(Iakov Drabkin, na introdução à coletânea
A Comintern e a ideia da revolução mundial. Documentos, p. 66-67.)

"Política se aprende na prática da luta, do dia a dia.
Não adianta você encher a cabeça de minhocas
e nada realizar na prática, como alguns teóricos
de meia-tigela, que andam arrotando
marxismo por aí afora e nada fazem."
(Antônio Maciel Bonfim, o "Miranda", em diálogo citado por
Gregório Bezerra em *Memórias (primeira parte: 1900-1945)*, p. 285.)

* Tradução livre: "A ideia da revolução mundial, sendo muito mais antiga do que a Comintern, não morreu junto com ela. [...] A história provou irrefutavelmente que o grande e nobre objetivo de emancipar o ser humano e a humanidade não pode ser alcançado por inadequados métodos e meios violentos e repressivos. Se ele poderá ser alcançado por ações não violentas ou se permanecerá um ideal inatingível, uma estrela que sempre atrai o viajante, só o futuro dirá."

RESUMO

A fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922 propiciou não apenas a introdução da propaganda bolchevique no país, mas também a leitura e publicação mais regulares das obras de Karl Marx e Friedrich Engels, o conhecimento das vicissitudes da União Soviética e a promoção de debates focados nas mulheres, jovens e pobres, em oposição ao fazer político da elite cafeeira. Contudo, existem ainda poucas pesquisas sobre os mecanismos que ligavam os comunistas brasileiros e a Internacional Comunista (Comintern), criada na Rússia em 1919 para acelerar a revolução socialista mundial e dirigir os partidos comunistas ao redor do mundo. O objetivo desta tese é entender como o PCB praticava a linha imposta por Moscou conforme a recepção e leitura que dela fazia, quais eram os obstáculos técnicos e culturais aos contatos mútuos, qual era o papel do Brasil na estratégia da Comintern para a América Latina e como funcionavam os órgãos regionais intermediários entre a "matriz" e sua "seção nacional". Para tanto, foram consultados e lidos sob uma nova ótica documentos dos arquivos russos hoje abertos, jornais, revistas, autobiografias e a historiografia mais recente publicada no Brasil e no exterior. Em contraste com as abordagens que viam os comunistas como meros "agentes de Moscou" ou que davam peso excessivo aos fatores nacionais, concluiu-se que o PCB foi criado em meio a uma onda espontânea de admiração pela Revolução de Outubro da parte de intelectuais e operários. Se na década de 1920 a elaboração teórica foi relativamente autônoma e a busca por contatos mais fortes com a URSS foi uma escolha deliberada, na década de 1930 a intervenção direta da Comintern tolheu a liberdade criativa e desestabilizou a composição do núcleo dirigente. Contudo, também se levou em conta que o modo como funcionavam diversos órgãos intermediários entre a cúpula da Comintern e o PCB, como o Secretariado Latino-Americano e o Secretariado Sul-Americano, influíam consideravelmente nas decisões que se tomavam e no modo como elas se transmitiam. A instabilidade política no Brasil, as diversas ondas de repressão ao movimento operário que elas costumavam acarretar e o papel que a diplomacia soviética reservava à América Latina influíam igualmente nas possibilidades de movimento dos comunistas brasileiros. Em suma, esta tese permite mostrar como o PCB, durante a existência da Comintern, esteve condicionado ao mesmo tempo por fatores nacionais, estrangeiros e transnacionais, dentro dos quais os militantes desfrutavam de um grau considerável, mas não absoluto, de agência.

Palavras-chave: Partido Comunista do Brasil (PCB); Internacional Comunista (Comintern); história política do Brasil; marxismo-leninismo.

ABSTRACT

The founding of the Communist Party of Brazil (PCB) in 1922 allowed not only the introduction of Bolshevik propaganda into the country, but also the more regular reading and publication of Karl Marx's and Friedrich Engels' works, the spread of news from the Soviet Union, and the promotion of debates focused on women, youth, and the poor, in opposition to the policy making of coffee elite. Nevertheless, there is still few research on the mechanisms that linked Brazilian communists to the Communist International (Comintern), created in Russia in 1919 to accelerate the world socialist revolution and lead the communist parties around the world. The aim of this thesis is to understand how the PCB practiced the line imposed by Moscow according to the reception and reading made of it, which were the technical and cultural obstacles to mutual contact, what was the role of Brazil in Comintern strategy for South America, and how worked intermediary regional organisms linking the 'matrix' and its 'national section'. For this purpose, documents from the currently open Russian archives, newspapers, magazines, autobiographies, and the most recent historiography published in Brazil and abroad were consulted and read through a new perspective. In contrast with the approaches which saw the Communists as mere 'Moscow agents' or which gave excessive weight to the national factors, it was concluded that the PCB was created amidst a spontaneous wave of astonishment by the October Revolution among intellectuals and toilers. If in the 1920's the theoretical elaboration was relatively autonomous and the quest for stronger contacts with the USSR was a deliberated choice, in the 1930's the direct intervention of the Comintern hampered the freedom of creation and destabilized the composition of the ruling core. Nevertheless, it was also considered that the way several intermediate organs between the Comintern summit and the PCB worked, such as the Latin American Secretariat and the South American Secretariat, greatly influenced the decisions which were taken and the way they were transmitted. The political instability in Brazil, the many waves of repression against the workers' movement which it generally provoked, and the role which Soviet diplomacy reserved to Latin America equally influenced the possibilities of motion of the Brazilian Communists. In short, this thesis allows to show how the PCB, during the existence of the Comintern, was at the same time conditioned by national, foreign, and transnational factors within which the militants enjoyed a considerable, but not absolute, degree of agency.

Keywords: Communist Party of Brazil (PCB); Communist International (Comintern); political history of Brazil; Marxism-Leninism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	– Ação Integralista Brasileira
AL	– Aliança Liberal (Brasil)
ANL	– Aliança Nacional Libertadora (Brasil)
BO, BOC	– Bloco Operário, Bloco Operário e Camponês (Brasil)
BP	– Birô Político (geralmente do PCB), "Politburo"
BSA/IC	– Birô Sul-Americano da Comintern (1930-35)
CC, CR, CZ	– Comitê Central, Comitê Regional, Comitê Zonal (nos Partidos Comunistas, em especial o brasileiro)
CCE	– Comissão Central Executiva (na URSS e no PCB)
CEIC	– Comitê Executivo da Comintern
CGTB	– Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil
CJPI	– Comissão Jurídica e Popular de Inquérito (Brasil)
Comintern	– Internacional Comunista (Terceira Internacional)
CSLA	– Confederação Sindical Latino-Americana
ELI	– Escola Leninista Internacional (para formação de quadros ocidentais em Moscou)
EUA	– Estados Unidos da América
FUA	– Frente Única Antifascista (Brasil)
GPU	– Gosudarstvennoie politicheskoie upravlenie (Administração Política Estatal), polícia política soviética
Gosizdat	– Gosudarstvennoie izdatelstvo (Editora Estatal da URSS)
Gospolitizdat	– Gosudarstvennoie izdatelstvo politicheskoi literatury (Editora Estatal de Literatura Política da URSS)
GPNR	– governo popular nacional-revolucionário (em documentos do PCB e da ANL)
Guomindang	– Partido Nacional Popular (China)
IC	– Internacional Comunista (Terceira Internacional)
IJC	– Internacional da Juventude Comunista, ligada à Comintern
KPD	– Kommunistische Partei Deutschlands (Partido Comunista da Alemanha)
LAR	– Liga de Ação Revolucionária (Prestes, 1930)
LC, LCI	– Liga Comunista (1931), Liga Comunista Internacionalista (1934) dos trotskistas no Brasil
Lenpartizdat	– Filial da Partizdat em Leningrado (São Petersburgo)
NSDAP	– Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Operário Nacional-Socialista Alemão), partido nazista
NKVD	– Narodny komissariat vnutrennikh del (Ministério do Interior soviético), atuava principalmente como polícia política
OGPU	– Obiedinionnoie gosudarstvennoie politicheskoie upravlenie (Administração Política Estatal Unificada), polícia política soviética
OMS	– Otdel mezhdunarodnoi sviazi (Departamento de Ligações Internacionais da Comintern)
Partizdat	– Partiinoie izdatelstvo (Editora do Partido na URSS)
PC	– Partido comunista (em geral, seção nacional da Comintern)
PCA	– Partido Comunista de la Argentina
PCB	– Partido Comunista do Brasil

PCE	– Partido Comunista de España
PCF	– Parti Communiste Français (Partido Comunista Francês), nome e sigla adotados em 1943
PCM	– Partido Comunista Mexicano
PC-SBIC	– Partido Comunista-Seção Brasileira da Internacional Comunista
PD	– Partido Democrático (Brasil)
POUM	– Partido Obrero de Unificación Marxista (Espanha)
PR, PRP	– Partido Republicano, Partido Republicano Paulista
Profintern	– Internacional Sindical Vermelha, ligada à Comintern
RKP(b)	– Partido Comunista (bolchevique) da Rússia (1918-25)
PC-SFIC	– Parti Communiste-Section Française de l'Internationale Communiste (Partido Comunista-Seção Francesa da Internacional Comunista), nome usado pelo PCF de 1921 a 1943
SFIO	– Section Française de l'Internationale Ouvrière (Seção Francesa da Internacional Operária), partido socialista
SL/IC	– Secretariado Latino do CEIC (1927-28)
SLA/IC	– Secretariado Latino-Americano do CEIC (1928-35), "Secretariado (Regional) da América Central e do Sul" (a partir de 1932)
SN	– Secretariado Nacional do PCB
SOI	– Socorro Operário Internacional (1921-35)
SPD	– Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata da Alemanha)
SSA/IC	– Secretariado Sul-Americano da Comintern (1925-30)
SVI	– Socorro Vermelho Internacional (1922-47)
UJC	– União da Juventude Comunista (Brasil)
URSS	– União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (desde 1922)
VKP(b)	– Partido Comunista (bolchevique) da URSS (1925-52)
W(C)PA	– Workers' (Communist) Party of America (1925-29)

SUMÁRIO

Introdução 12

Capítulo 1: Origens do movimento comunista brasileiro e de suas ligações com a URSS
1.1. A gênese do movimento comunista e de seu olhar sobre as "periferias" 24
1.2. A criação do PCB e seu lugar no comunismo internacional 51
1.3. As mudanças trazidas pelo Secretariado Sul-Americano (SSA/IC) 70
1.4. O fim do período pré-stalinista na Comintern e no PCB 83

Capítulo 2: A URSS e o movimento comunista internacional sob total controle de Stalin
2.1. Os novos rumos do SSA/IC em uma América Latina em crise 106
2.2. O X Pleno do CEIC e o início da radicalização do PCB 121
2.3. Quando os brasileiros se tornaram uma "questão" para a Comintern 130
2.4. Crise econômica no mundo, crise política no Brasil 138
2.5. O "terceiro período" no PCB sob a ditadura de Vargas 161

Capítulo 3: "Frentes populares", antifascismo e 2.ª Guerra Mundial: o fim da Comintern
3.1. A Comintern e a diplomacia soviética face à ascensão do fascismo 170
3.2. As mudanças políticas e o movimento antifascista no Brasil 180
3.3. O sobressalto da "III Conferência Comunista Latino-Americana" 186
3.4. No apogeu das "frentes populares", os levantes de 1935 no Brasil 198
3.5. O fim da Comintern em meio à guerra entre "razões de Estado" 215

Conclusões 233

Bibliografia e fontes
História mundial e história do comunismo mundial 239
História geral do Brasil e história operária e intelectual do Brasil 246
História das esquerdas, do socialismo, marxismo e comunismo no Brasil 248
Memórias e autobiografias 252
Coletâneas documentais 253
Periódicos de época 256
Arquivos e centros de documentação 256
Websites 256

Apêndices
I. Problemas de transliteração do alfabeto cirílico russo para o latino 258
II. Como encontrar os documentos sobre o PCB nos arquivos da Comintern 261

INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado tem como objetivo investigar a natureza das ligações entre a Internacional Comunista (Comintern, ou III Internacional) e o Partido Comunista do Brasil (PCB) no período em que o segundo existiu como uma "seção nacional" da primeira, entre os anos de 1924, quando foi admitido na organização, e 1943, quando uma resolução unilateral de Iosif Stalin e do Comitê Executivo anunciou a dissolução da Comintern. Entram na noção de "ligações": os organismos intermediários dedicados a determinadas regiões do planeta e que facilitavam o recolhimento de informações e a transmissão de diretivas, fossem eles os "birôs" ou "escritórios" sediados em grandes cidades dessas regiões ou os "secretariados" alocados na própria cúpula em Moscou; o desenvolvimento do interesse estratégico da União Soviética (URSS), portanto da Comintern, pela América Latina no geral, e pelo Brasil em específico; as condições endógenas e exógenas que levaram à formação de um partido comunista no Brasil. Ajudam a entender essas ligações: as dificuldades que o partido enfrentaria ante as correntes proletárias rivais e as forças repressivas do Estado; a circulação e a recepção de relatórios, resoluções, determinações, apelos e propaganda político-ideológica entre Moscou e o Rio de Janeiro, que na maior parte do tempo sediou o Comitê Central do PCB, em especial os fatores que levavam a determinadas leituras e aplicações em solo brasileiro; e a interação entre diversos fatores que influenciaram a militância comunista no Brasil e sua inserção no movimento internacional – experiências pessoais dos fundadores e filiados, reviravoltas políticas nacionais e geopolíticas, recepção geral do partido na sociedade e conflitos surgidos entre os próprios dirigentes.

O texto da tese é uma ampliação e uma atualização de dissertação de mestrado sobre o mesmo tema, mas limitada aos anos de vigência da tática "classe contra classe" na Comintern (1928-1935) e seus impactos no isolamento do PCB com relação ao movimento operário e a outras correntes políticas no Brasil.[1] Na ocasião, buscou-se igualmente fazer um extenso uso da documentação arquivística produzida pela Internacional e pelos partidos comunistas e hoje depositada no RGASPI (sigla em russo para Arquivo Estatal de História Social e Política da Rússia), sediado na capital Moscou e em grande parte aberto para consulta pública e gratuita em formato digital na *internet* desde 2015, cujo potencial permanece longe

[1] OLIVEIRA, Érick Fiszuk de. **Revolução, guinadas e antifascismo:** a Comintern e o PCB rumo às "frentes populares" (1928-1935). Campinas, SP: [*s. n.*], 2017. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2017. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/983737. Acesso em: 30 dez. 2023.

de ser totalmente explorado.[2] Porém, a nova pesquisa buscou ampliar a variedade de fontes, fazendo uso mais frequente de livros de memórias e periódicos comunistas da época, em especial o órgão central do PCB, *A Classe Operaria*, explorar pastas dos arquivos *online* que ainda não haviam sido consultadas, extrair mais detalhes de eventos e reuniões já analisados e aproveitar sínteses historiográficas que surgiram nos anos posteriores à defesa da dissertação ou às quais o acesso não fora possível por quaisquer razões.

Desde a década de 1940, pelo menos, vêm-se publicando muitas obras a respeito da história institucional e da evolução ideológica da Comintern, mais ou menos confundida com o desenvolvimento institucional e ideológico da própria Rússia soviética e, depois, da URSS, havendo uma predominância inicial de antigos militantes que, em sua maioria, desiludiram-se com o projeto comunista e usaram sua própria experiência à guisa de "testemunho" criticando a deriva autoritária no Kremlin e nos partidos comunistas.[3] Com o tempo, surgiram sínteses mais ou menos eruditas, fossem de dissidentes russos que faziam as vezes de historiadores, fossem de acadêmicos ocidentais inseridos nos genericamente chamados "*Soviet studies*", mas ainda baseadas nas poucas fontes publicadas disponíveis e com o intuito básico de fornecer à propaganda anticomunista corriqueira um verniz "erudito" (Roy e Zhores Medvedev, Branko Lazitch, Leonhard Schapiro e outros).[4] Posteriormente, historiadores como Jane Degras, Aldo Agosti, Jacques Droz, Miloš Hájek, Dominique Desanti e Edward Hallett Carr iniciaram um movimento de republicar e traduzir documentos públicos lançados pela Comintern ou escrever as primeiras sínteses com uma abordagem que fugisse do espírito polarizador da "guerra fria", trazendo as primeiras grandes contribuições para o conhecimento sistemático do tema. Com a abertura gradual dos arquivos da Internacional Comunista para historiadores estrangeiros, apesar das primeiras obras de tom mais "conspiratório" reciclando antigas temáticas,[5] Pierre Broué lançou a primeira grande síntese

---

[2] http://sovdoc.rusarchives.ru. Infelizmente, apesar da enorme diversidade de idiomas dos documentos, a *interface* do *website* está disponível apenas em língua russa, podendo a tradução automática servir de paliativo.

[3] Podem ser citados, entre outros: RAVINES, Eudocio. **La Gran Estafa (La Penetración del Kremlin en Iberoamérica).** México, DF: Libros y Revistas, 1952 (também conhecido pelo título em inglês *The Yenan Way*); BORKENAU, Franz. **World Communism:** a History of the Communist International. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1962.

[4] Mencionem-se também Fernando Claudín – que, apesar da farta documentação e da sólida erudição, mantinha como premissa básica uma espécie de "acerto de contas" com a direção do PCE do qual fora expulso em 1965 –, Richard Pipes, Robert Service e Robert Conquest, que escreviam mais frequentemente sobre a história da própria URSS.

[5] VAKSBERG, Arkadi. **Hôtel Lux:** Les partis frères au service de l'Internationale communiste. Paris: Fayard, 1993; WAACK, William. **Camaradas:** nos arquivos de Moscou, a história secreta da revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

completamente documentada,[6] além de importantes obras sobre a vida de Leon Trotsky e de Christian Rakovsky e a Guerra Civil Espanhola.

Com o tempo, historiadores já consagrados por obras clássicas sobre a URSS somaram-se à renovação da área com outros autores que pensaram aspectos específicos da militância comunista internacional e da história social da Era Stalin, todos com reflexões que serviram de base para esta tese. A coletânea francesa *Le siècle des communismes*, dirigida, entre outros, por Michel Dreyfus, Claude Pennetier e Serge Wolikow, eles mesmos também autores de vários dos capítulos, procura sintetizar as pesquisas mais recentes e mais inovadoras até princípios dos anos 2000, dividindo-as em três eixos temáticos principais: as intepretações historiográficas, as experiências dos regimes do chamado "socialismo real", notadamente na Europa e no Extremo Oriente, e a Comintern com seus partidos nacionais. Apesar de sua ênfase um tanto insistente na diversidade dessas experiências, levando os organizadores a falarem em "comunismos" no plural, seu objetivo central é contrapor-se às análises limitadas ao que chamam de aspecto "criminógeno" do comunismo, inspiradas no conhecido *Livro negro do comunismo* idealizado e organizado por Stéphane Courtois e favorecidas, durante a década de 1990, pelo clima de "derrota na guerra fria" sofrida pela URSS. Na coletânea, também se enfatiza a revolução possibilitada pela abertura dos arquivos da Comintern em Moscou e a necessidade de tomar-se a própria triagem da enorme massa documental como uma preocupação à parte.[7]

Em sua própria síntese sobre a história da Internacional, tão pouco conhecida e aproveitada no Brasil quanto o livro anterior, Serge Wolikow também insiste em enfatizar – o que pode parecer paradoxal – o caráter *internacional* da entidade, ou seja, não limitada apenas a seu funcionamento no centro em Moscou nem em suas manifestações nacionais por meio dos partidos comunistas. Todos os espaços devem ser levados em conta, em sua interação e em sua frequentação por pessoas com trânsito entre vários países, acostumadas a vários meios culturais e experientes na clandestinidade e no segredo. Focando-se também em três áreas principais – a organização e as análises teóricas; a cultura política e a doutrina; e as experiências pessoais –, Wolikow traz os resultados da interação entre diversas disciplinas das ciências humanas nos estudos sobre o comunismo internacional ao longo dos anos anteriores,

[6] **Histoire de l'Internationale Communiste, 1919-1943.** Paris: Fayard, 1997 (versão brasileira: **História da Internacional Comunista (1919-1943).** 2 t. Tradução Fernando Ferrone. São Paulo: Sundermann, 2007).

[7] DREYFUS, Michel *et al*. (dir.). **Le siècle des communismes.** 2. éd. augmentée et mise à jour. Paris: Les Éditions de l'Atelier: Éditions Ouvrières, 2004.

para sair do quadro meramente político-partidário ou econômico em que se costumava enquadrar a Comintern.[8]

O historiador italiano Silvio Pons, bem mais atido à história estritamente política e estendendo sua análise a todo o período de existência do Poder Soviético (1917-1991) e às outras experiências socialistas, faz, contudo, um contraponto à visão de Wolikow. Ele não somente critica a demasiada ênfase nas experiências nacionais, mas também afirma que não é possível entender o destino do universo comunista sem desvendar os laços complicados e problemáticos entre a URSS e os partidos e regimes mundo afora que se inspiravam em sua experiência. Pons não tem como prioridade a análise da Comintern, mas entende-a como parte desse "sistema internacional" comunista que Moscou procurava controlar e não recai no erro de uniformizar todos esses fenômenos.[9] Por sua vez, escrevendo sobre o que chama de mundo *transnacional* dos adeptos da Internacional, Brigitte Studer concentra várias questões no breve tempo de existência da organização: a atração pelo mito da construção socialista, a vida privada nas dependências para estrangeiros na Rússia, o ser militante, a transformação integral da pessoa em vários aspectos e os perigos corridos na segunda metade da década de 1930, a pior fase de fechamento do regime. Seu foco no "transnacional" em detrimento do "internacional" relaciona-se a sua abordagem apoiada nas tendências mais recentes das ciências humanas, especialmente as orientadas para a cultura e o individual, e enfatiza o trânsito entre espaços nacionais e étnicos diversos para além das meras estruturas políticas e organizativas que se convencionou chamar de "internacionais".[10]

A presente tese busca aplicar para a situação específica brasileira, no período mais abrangente de 1924 a 1943, com os inevitáveis recuos no tempo para abordar o surgimento da União Soviética e da Comintern e os primeiros influxos da Revolução de Outubro no Brasil, todas as reflexões dos autores recém-mencionados e incorporar o máximo possível de novas informações, comparando-as e somando-as também com materiais e relatos já conhecidos, mas lidos sob essa ótica temática e temporal mais abrangente ou ligados de uma maneira especial, portanto com um sentido renovado, ao quadro mais vasto. Portanto, julga-se mais importante a partir deste ponto fazer um balanço de algumas obras consagradas mais ou menos recentes sobre o PCB no período mencionado ou que o mencionam dentro de um contexto mais amplo, mas dentro de uma perspectiva diferente da adotada nesta tese.

---

[8] WOLIKOW, Serge. **L'Internationale communiste (1919-1943):** le Komintern ou le rêve déchu du Parti mondial de la Révolution. Ivry-sur-Seine: Les Éditions de l'Atelier; Paris: Éditions Ouvrières, 2010.

[9] PONS, Silvio. **A revolução global:** história do comunismo internacional (1917-1991). Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.

[10] STUDER, Brigitte. **The Transnational World of the Cominternians.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015.

A primeira pesquisa versando sobre as relações entre os comunistas brasileiros e a Comintern e o papel que elas tiveram na criação e no desenvolvimento do PCB surgiu do trabalho de Dario Canale, militante do mesmo partido, de origem italiana, que defendeu em 1986 uma inovadora tese de doutorado na antiga República Democrática Alemã. Tendo permanecido inédita por muito tempo, a tradução em português do próprio autor foi revista e publicada somente em 2013 (Canale falecera em 1989), por isso não pôde ser aproveitada por historiadores que versariam sobre o mesmo assunto poucos anos depois. Apesar de sua saúde frágil após a clandestinidade e as torturas e do tratamento por que passava, Canale consultou quase toda a bibliografia que se conhecia até então, as atas publicadas em alemão de reuniões da Comintern, dados estatísticos sobre o Brasil e, o mais notável, os arquivos pessoais de Jules Humbrt-Droz e o acervo do ASMOB (Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro), sediado em Milão durante o período da ditadura militar e que outros pesquisadores explorariam em sua plenitude nos anos seguintes. Embora limitado no período abrangido (1917-1928, a formação do partido), desenvolveu uma ideia que também se procurou seguir nesta tese: a inseparabilidade dos fatores nacionais e estrangeiros na atuação e realizações dos comunistas brasileiros, sobretudo por intermédio dos vários organismos da Comintern (SSA/IC, SLA/IC, CEIC), o que preencheria várias lacunas sobre o destino de políticas adotadas naquele período. Como militante, Canale direciona sua narrativa aos discursos produzidos pelas direitas e aos relatos oficiais ou oficiosos construídos até então pelo PCB, mas nos dois casos preocupa-se em não dar uma contribuição mistificada e não deixar de tocar em pontos sensíveis que pudessem trazer à tona fracassos duamente vividos pelo partido comunista (repressão, cisões, perda de militantes).[11]

Das três pequenas obras que Michel Zaidan Filho escreveu na década de 1980, com suas pesquisas sobre a formação política e ideológica do PCB na década de 1920, a que resume com abrangência todo o conteúdo é *Comunistas em céu aberto, 1922-1930*. Com o texto polido e mais alguns acréscimos, ela sintetiza seu argumento central sobre a *relativa* autonomia teórica e organizativa do PCB com relação à Comintern durante a década de 1920.[12] Zaidan argumenta que tanto a elaboração político-teórica do PCB quanto sua busca pela filiação à Comintern tiveram mais a ver com um *esforço unilateral* dos brasileiros e com uma profunda influência do meio nacional do que com uma busca a partir da Rússia e com uma assimilação precoce da teoria leninista. No início da década de 1920, os bolcheviques

[11] CANALE, Dario. **O surgimento da Seção Brasileira da Internacional Comunista (1917-1928).** São Paulo: Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois, 2013.
[12] ZAIDAN FILHO, Michel. **Comunistas em céu aberto, 1922-1930.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

pouco conheciam sobre a América Latina e não a viam em sua perspectiva imediata de revolução mundial. Por outro lado, o movimento operário brasileiro recebeu com grande euforia, mas também com grande confusão, as notícias vindas da Rússia soviética sobre a ebulição em curso, não sendo efetivamente esclarecedora a mediação feita pela mídia hegemônica. Zaidan defende que a independência desfrutada pelo PCB em seus primeiros anos traduziu-se na peculiar teoria da *revolução democrático-pequeno-burguesa*, desenvolvida por Octavio Brandão em seu livro *Agrarismo e industrialismo*, que serviu de bússola teórica aos comunistas brasileiros de 1925 (III Congresso do partido) a 1929, quando foi rejeitada pelas instâncias regionais da Comintern.[13] A partir de 1925, por iniciativa dos próprios brasileiros e de outros latino-americanos, começaram a estruturar-se órgãos regionais por meio dos quais seria feita a ligação dos partidos comunistas da região com a Comintern em Moscou. Naquele ano, o Secretariado Sul-Americano (SSA/IC), sediado inicialmente em Buenos Aires, veio juntar-se ao já existente Secretariado Latino-Americano (SLA/IC), por sua vez integrando o aparelho dirigente internacional na URSS. Houve um incremento nas trocas entre o PCB e sua "matriz", bem como na qualidade delas, começaram a ser editados periódicos e literatura teórica em espanhol[14] e aumentou a assessoria do centro aos partidos locais. A partir de 1929, a política de "proletarização" dos cargos de direção e o abandono compulsório da teoria da "revolução democrático-pequeno-burguesa" em favor da teoria da "revolução agrária democrático-burguesa" teriam resultado em um sectarismo radical que afastou muitos militantes, isolou o PCB da sociedade e tornou-o mais vulnerável às perseguições, como foi o caso da "revolução de 1930".

Paulo Sérgio Pinheiro escreveu o primeiro livro publicado no Brasil sobre as relações entre o PCB e a Comintern e seus intermediários, *Estratégias da ilusão*, valendo-se de farta documentação em arquivos de vários países – exceto os da URSS, obviamente, ainda não disponíveis – e relacionando de forma sistemática a história do movimento comunista com a história mais geral do Brasil e do mundo. Como ele mesmo lembra na introdução, uma das partes da obra constitui um estudo tão denso e completo sobre a história da violência de Estado no Brasil, tema inseparável da história do movimento operário brasileiro, que poderia servir de base a um segundo livro. Mas é justamente essa ênfase no aspecto insurrecional, militar e belicoso do bolchevismo que tornam limitadas as conclusões baseadas em um

[13] Como se procurou demonstrar nesta tese, a teoria de Brandão foi rejeitada primeiramente no seio do Secretariado Latino-Americano em Moscou, para então ser oficialmente desacreditada pelo Secretariado Sul-Americano em Buenos Aires.

[14] Conforme a documentação também estudada nesta tese, a não edição de publicações em português pelo SLA/IC ou mesmo pelo SSA/IC foi uma decisão deliberada, embora aceita a contragosto pelo PCB, baseada na suposição de que os operários brasileiros cultos "entendiam" espanhol.

material, em todo caso, rico e variegado: o próprio uso do termo *estratégias* no título dá uma indicação dessa limitação, traduzida, sobretudo, na sobrestimação da influência "tenentista" sobre a predominância da busca pela luta armada e na ausência quase total dos aspectos propriamente trabalhistas e operários do cotidiano do PCB. Provável resultado dos ainda ausentes documentos produzidos no dia a dia dos militantes, a ênfase leva Pinheiro, por exemplo, a resumir a história dos comunistas à preparação do "golpe fatal", como se fossem levados a mimetizar acriticamente o Outubro russo, e a localizar na conferência latino-americana de 1934, em Moscou, a suposta ordem para o início das quarteladas em novembro de 1935. Neste último caso, ressalta-se a ausência de uma história da condição social dos militares de baixa patente no Brasil e dos relatos de participantes que trouxeram mais essa dimensão, como Gregório Bezerra e Apolônio de Carvalho. Os organismos regionais de ligação estão presentes, mas não se faz uma *história* desses organismos nem um estudo de seu funcionamento.[15]

Em livro já clássico, que apareceu pouco depois da pesquisa de Pinheiro – os quais, portanto, por pouco não dialogaram entre si –, Marly Vianna valeu-se de farta documentação nacional, sobretudo de inquéritos policiais e de artigos de jornais populares, para reconstituir com mais vagar os acontecimentos em torno das revoltas militares de 1935, que constituem o tema principal, e aprofundar-se muito mais em suas raízes do que *Estratégias da ilusão*. Desta vez, destrincham-se todas as raízes sociais do levante, em grande parte estimulado pela influência do PCB sobre os soldados, mas sem qualquer intromissão direta da Comintern, embora tenda-se a diminuir, tanto quanto Pinheiro, o papel da "luta armada" como perspectiva de longo prazo na estratégia comunista. Igualmente, a ausência dos arquivos soviéticos também impede de formar um quadro mais rico quanto à natureza das ligações entre matriz e "seção nacional".[16] Pouco depois, o jornalista William Waack lançou a polêmica obra *Camaradas*, também centrada na "Intentona Comunista", mas contando com documentos dos arquivos moscovitas que ainda não tinham sido liberados ao grande público nem sequer rigorosamente classificados (ele mesmo informa que não podia revelar o nome das pessoas que o ajudaram nos acervos), e provavelmente se limitando ao material em alemão, língua predominante no início da Comintern e que o autor domina. Várias figuras da instituição que ficariam conhecidas por seu envolvimento na construção do movimento no

[15] PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão:** a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. 2. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

[16] VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35:** sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Ressalte-se que esta tese não tem por objetivo contar uma "versão alternativa" dos levantes em Natal, Recife e Rio de Janeiro, mas colocar a trama de seu desencadeamento no cenário mais amplo das relações entre o PCB e o CEIC e da interação destas com a militância militar local.

Brasil aparecem amplamente, mas a falta de rigor no uso e na citação da documentação e o tom condenatório às ações dos principais protagonistas, como se estivessem envolvidos em uma grande trama criminosa, prejudicam seu valor historiográfico. Waack contribui muito menos para o conhecimento das ligações entre os comunistas nos dois continentes do que para comparar a história do PCB na década de 1930 a uma espécie de enredo de ficção policial com toques rocambolescos.[17]

Anita Leocadia Prestes, historiadora diretamente envolvida na história do PCB a partir da década de 1950 e provavelmente a mais exaustiva pesquisadora sobre a vida pessoal e a atuação e pensamento políticos de Luiz Carlos Prestes, produziu várias reflexões inovadoras sobre as relações entre o partido comunista e a Comintern, contrapondo-se principalmente às visões maniqueístas que reiteravam a predominância da "mão de Moscou" sobre o movimento no Brasil. Suas obras historiográficas contribuíram significativamente para vários pontos abordados nesta tese, mas por ora vale mais a pena deter-se em artigos que sumarizam suas próprias balizas teóricas, a principal delas sendo que as condições globais da sociedade (Brasil + exterior), com o *cenário interno brasileiro* dominando, determinaram as *viradas táticas* de cada momento. A seu ver, o papel de Prestes no PCB seria explicável somente pelo cenário brasileiro, e não por interferências estrangeiras.[18] Para A. L. Prestes, valendo-se dos esquemas formulados por Antonio Gramsci, a força popular seria mais ou menos equivalente à força material à disposição de um partido, sendo esta composta pelo conteúdo propriamente material (sentido estrito) e pela forma ideológica, conteúdo e forma devendo orientar a formação do bloco histórico. A ignorância do trabalho ideológico e formativo impediria a formação de um bloco histórico de oposição e levaria, assim, à vitória do reformismo burguês. Enveredando por essa via, o grupo/núcleo dirigente do PCB dominante desde a "Conferência da Mantiqueira", em 1943, teria dado esse perfil estrutural a todo o partido e afirmado o caráter nacional-libertador de sua política.[19]

São problemáticas algumas posições de A. L. Prestes sobre o PCB na época da Comintern.[20] Primeira, ela atribui os "erros" ou "fracassos" do PCB à linha "errônea" de

---

[17] WAACK, William. **Camaradas:** nos arquivos de Moscou, a história secreta da revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

[18] Sobre os desafios de um historiador marxista frente à escrita da História. In: ALVES, Gracilda; HOFFMANN, Raquel (org.). **Memória:** questões historiográficas e metodológicas. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, p. 199-200. Como se verá igualmente nesta tese, embora a opção de Prestes pelo comunismo tenha sido estritamente pessoal, sua atração para a direção da Comintern e, depois, do PCB resultou de uma articulação ativa dos dirigentes europeus Abraham Kheifets ("August Guralsky") e Dmytró Manuilsky.

[19] *Ibid.*, p. 208-209.

[20] O método comparativo no estudo da história do Partido Comunista do Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXIX, n. 2, p. 135-148, dez. 2003.

"revolução democrático-burguesa", o que o teria levado a ser uma força alinhada com o "nacionalismo antifascista" (termo emprestado a Hobsbawm) brasileiro e a não representar exclusivamente os interesses da classe operária. Ora, a própria Comintern determinava desde 1928, pelo menos, que o "caráter da revolução" na América Latina era "pequeno-burguês", e as "táticas" do PCB não pareciam resultar de "oscilações" determinadas por uma única "estratégia", e sim pela convergência de fatores nacionais e internacionais, além dos subjetivos internos ao partido (como luta de frações e postura de certos dirigentes). Além disso, como ela compara apenas as políticas de 1938 e 1945, deixa de fora o fato de que, antes da imposição da filiação de Prestes (1934), ele e sua "Coluna" eram vistos exatamente como a perfeita encarnação da pequena burguesia "radical e revoltosa".

Segunda, ela torna secundário o papel da Comintern na definição da política do PCB e no modelamento de sua organização, não se sabe se por desconhecimento – o que parece pouco provável – ou por subestimação com motivações ideológicas. É muito estranha a afirmação, já concluindo o artigo, de que, durante a ascensão do nazifascismo,

> "Os comunistas brasileiros, longe de cumprirem as supostas ordens de Moscou ou da IC – segundo as versões amplamente difundidas pela História oficial e pelas forças de direita –, foram fortemente influenciados pela opinião pública que se formou no Brasil".[21]

O grande problema é que o próprio ideal declarado do PCB, mesmo quando os contatos eram escassos na década de 1920, era fazer as vontades da Comintern, pois a própria essência de sua criação está em que os comunistas ao redor do mundo seriam soldados do "exército da revolução mundial". Logo de início, quem não concordou com esse projeto – que na década de 1930 tornou-se a aberta defesa diplomática da razão de Estado da URSS – saiu ou foi expulso (vide a condição 21 das "21 condições de admissão dos partidos" de 1920: quem discorda das condições simplesmente está fora da Comintern). A leitura de A. L. Prestes é retrospectiva, pois, embora o artigo seja de 2003, insere-se justamente na posição que também se impôs dentro do PCB na década de 1980, quando houve um esforço de apresentar o partido como uma "criação nacional", quase apagando sua inspiração e intervenção estrangeiras.[22]

Obviamente se deve fazer um esforço para discernir quais são os elementos *puramente nacionais* que intervieram na vida do partido, porquanto também são

[21] *Ibid.*, p. 147.

[22] Cumpre lembrar que Luiz Carlos e Anita, devido às divergências com a direção surgidas após a Lei da Anistia, deixaram o PCB ainda em 1980, e a historiadora seguiria independente na militância comunista. Cf. PRESTES, Anita Leocadia. **Viver é tomar partido:** memórias. São Paulo: Boitempo, 2019b, p. 268.

escamoteados pelo anticomunismo militante, especialmente quando, a partir de 1935, as ligações com Moscou são tão tênues que toda decisão política começa a ser feita de forma independente (luta antifascista, apoio à luta dos Aliados, reconstrução orgânica etc.). Nesse sentido mesmo é que se deve entender por que a oscilação da "frente popular" para a justificação do pacto germano-soviético ("guerra de todos os imperialismos contra a URSS") não se refletiu totalmente no Brasil, como demonstra a simples conservação da linha de combate ao nazifascismo por vários militantes locais. É provável que os militantes de base não percebessem em seu cotidiano a influência direta da Comintern, cuja afiliação, porém, continuava sendo uma formalidade ritual, mas reduzir todo o período pré-1945 a uma construção independente é falso. Claro que se pode dizer que essa influência ou interferência direta oscilou em ondas, indo da quase ausência na década de 1920, passando pela criação do SSA/IC até o pico, no início da década de 1930, e depois um lento desengajamento, com uma breve retomada na época do VII Congresso da Comintern e, logo após, o definhamento total.

Muitos trabalhos citados nas notas de rodapé e na bibliografia final, também aproveitando a documentação digital ou *in loco* da Comintern, além de arquivos privados antes fechados à consulta, renovaram nos últimos anos o saber sobre as relações entre o centro e os partidos comunistas latino-americanos. Mas as maiores contribuições para a história do movimento comunista na América Latina, além das estruturas que faziam todas as ligações, ajudavam a definir as políticas e transmitiam a linha staliniana, certamente vieram dos historiadores russos Lazar Jeifets e Víctor Jeifets[23], que desde a década de 1990, explorando os arquivos soviéticos ainda em vias de reorganização, lançaram artigos, obras de referências e sínteses em espanhol e em russo, mais raramente em outros idiomas, atualmente incontornáveis para entender a política latino-americana dos soviéticos.

Vários pressupostos desta tese são os mesmos adotados por alguns dos historiadores citados, especialmente no tocante à necessidade de analisar com mais vagar os organismos que faziam a intermediação entre o CEIC, cúpula executiva da Comintern sediada em Moscou, e os partidos comunistas latino-americanos, em última instância o PCB, bem como a dialética entre as influências nacionais (dos próprios militantes, de outras forças políticas e do governo em sua ação tuteladora ou repressiva) e internacionais (geopolítica geral, interferência direta da Internacional e vicissitudes da diplomacia soviética). Porém,

[23] Ortografias com que assinam a quase totalidade de seus escritos, sobretudo os publicados em língua espanhola, embora uma transcrição estrita de seus nomes em cirílico, conforme o sistema adotado nesta tese (cf. o apêndice I), resultasse em "Lazar Kheifets" e "Viktor Kheifets".

inserindo-se em um debate que ultrapassa a mera polêmica política e já conta com uma ampla historiografia brasileira e estrangeira munida de novas fontes primárias, e também contando com o acesso a materiais que, sem as modernas inovações tecnológicas, ficariam totalmente longe das mãos, esta tese de doutorado procura criar um quadro muito mais abrangente dessas relações e explicitar os diversos níveis de interação que ora interseccionavam-se, ora cediam à proeminência de um sobre os outros. Maior importância também é cedida à recepção e à aplicação das diretivas da Comintern, e nem sempre a seu significado político imediato ou "exato".

O primeiro capítulo abarca o período que se estende até 1929, predominando 1919 como marco inicial, ano de fundação da Internacional Comunista por Vladimir Lenin em março daquele ano, em Moscou, e com foco crescente a partir de 1922, ano de fundação do PCB, então chamado PC-SBIC (Partido Comunista-Seção Brasileira da Internacional Comunista). Esse foi o período de formação da União Soviética, de fundação dos partidos comunistas ao redor do mundo, de funcionamento ativo das instâncias da Comintern e de uma elaboração teórica leninista mais ou menos livre entre os pensadores de diversos países.

O segundo capítulo trata do período de 1929, quando se pode dizer que Stalin e seu estreito grupo de aliados garantiram seu controle total sobre o governo da URSS – notadamente com as políticas de industrialização acelerada e coletivização agrícola, as faces mais visíveis do "socialismo em um só país" –, portanto também da Comintern, até meados de 1934, quando a política de "frentes populares" (e a consciência de sua necessidade pelo menos com fins instrumentais) finalmente foi concebida e começou a ser gradualmente imposta às "seções nacionais" e aos membros mais resilientes do CEIC. Esses são os tempos da ascensão do nazifascismo, dos grandes expurgos políticos na URSS contra os "inimigos do povo" e da submissão do movimento comunista internacional à razão de Estado soviética, o que tornou os militantes, na prática, "guarda-fronteiras" do Kremlin no exterior e os isolou de todo o resto de suas próprias sociedades, à maneira de "vanguardas iluminadas".

O terceiro capítulo discorre sobre a linha de "frentes populares", que ajudou a popularizar o antifascismo no Brasil, já em ascensão, porém, desde as maiores lutas de rua contra os integralistas de Plínio Salgado, o início das manifestações contra o governo de Getúlio Vargas e as mobilizações que dariam origem em março de 1935 à Aliança Nacional Libertadora (ANL), organização frentista de dimensões até então inéditas. Ao contrário do recorte adotado na dissertação de mestrado, optou-se por localizar a última grande divisão em meados de 1934, porque foi quando Georgi Dimitrov, após as sucessivas derrotas democráticas na Europa, começou a buscar convencer Stalin de que uma linha isolacionista

seria ainda mais prejudicial à URSS, e quando, nesse processo de convencimento geral, a III Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e Central, ocorrida em Moscou (apesar do nome) em setembro de 1934, impôs ao PCB a linha de “frentes populares antifascistas”. Obviamente, a aplicação prática no Brasil levará bem mais tempo e conviverá com o flerte com a luta armada, finalmente externada com as revoltas militares de novembro de 1935. Esse período histórico coincide com o embate frontal do Eixo nazifascista com as democracias ocidentais e a URSS, o crescente esvaziamento e a dissolução final da Comintern, a vigência e o ocaso da ditadura anticomunista brasileira do “Estado Novo”, a completa reorganização orgânica do PCB a partir de 1943, sua legalização e apoio ao esforço de guerra de Vargas junto aos Aliados e sua conversão em um partido de massas que elegeria 13 deputados federais e o senador Luiz Carlos Prestes para a Assembleia Constituinte de 1946.

CAPÍTULO 1
Origens do movimento comunista brasileiro e de suas ligações com a URSS

A onda revolucionária que varreu a Europa logo após a Primeira Guerra Mundial não passou despercebida pelo movimento operário latino-americano. As ligações culturais após séculos de colonização europeia, e étnicas ante as ondas imigratórias massivas de trabalhadores europeus entre os séculos XIX e XX, conectaram fortemente os grupos de contestação, e no Brasil, a industrialização incipiente proporcionou grandes ondas grevistas nos maiores centros urbanos, como a de 1917, que por longos anos permaneceria sem paralelo. Com a crise do anarquismo e dos sindicatos no início da década de 1920, a discussão sobre a revolução bolchevique na Rússia ganhou um terreno frutífero para difusão e arregimentação no operariado militante, que parecia ver nas façanhas de Vladimir Lenin uma inspiração para reerguer-se do marasmo. As teorias de cariz conspiratório, que veem na fundação e na atividade do PCB um projeto guiado a partir da URSS, não se sustentam diante da evidente autonomia com que os brasileiros procuraram uma ligação internacional e da ignorância inicial sobre a América Latina por parte dos russos. Além disso, os êxitos e fracassos dos comunistas foram amplamente determinados pela quase total ausência de liberdades políticas dentro de uma estrutura socioeconômica dependente e agrária e pelas dificuldades e conflitos vividos em outros partidos comunistas da região, sobretudo o argentino, por um bom tempo responsável pela coordenação do movimento latino-americano. A maior parte da década de 1920 foi marcada por tentativas graduais de aplicar ao Brasil uma análise "marxista-leninista" e pela exploração tateante do terreno, com sucessivas experiências visando melhorar o controle do PCB e seus congêneres pela Comintern, sem a onipotência que a literatura anticomunista parece sugerir. Por volta de 1928, o partido comunista no Brasil já estava bem estruturado, apesar dos recorrentes obstáculos, e conservava uma relativa autonomia ideológica, antes que a massificação stalinista predominasse na década de 1930.

1.1. A gênese do movimento comunista e de seu olhar sobre as "periferias"

No contexto da Primeira República brasileira e da convulsão geopolítica gerada durante e após a 1.ª Guerra Mundial, todos estes fatores ajudaram no surgimento do Partido Comunista – Seção Brasileira da Internacional Comunista: um movimento operário organizado, uma classe intelectual radicalizada, intercâmbio de informações, ainda que deficitário, com os países da Europa Ocidental, discórdias entre os diversos setores das elites políticas e econômicas, uma disposição de certos grupos a alcançar seus objetivos por meio da

força armada ("tenentes") e uma situação social bastante grave para acender o sinal de alerta para agitações mais profundas. E, sobretudo, um exemplo maior de transformação radical que despertasse o medo nas grandes potências capitalistas e na cúpula econômica mundial: a Revolução Socialista de Outubro na antiga Rússia agrária e autocrática, precedida pela insurreição popular que levou à renúncia do tsar Nicolau II e agora exemplo a "evitar-se" no Ocidente e no mundo colonial. Tão díspares quanto as forças de apoio popular que o Partido Bolchevique de Vladimir Lenin lograra canalizar para seu objetivo final, mas cuja dispersão não conseguiu evitar a partir de 1918, eram as informações que chegavam ao Brasil sobre o movimento "maximalista" em curso. Revolução anarquista, república de conselhos ("sovietes") e rebelião popular misturavam-se nos escassos relatos da grande imprensa – ela mesma tributária das agências internacionais de notícias –, e o grosso da militância mal triava o que realmente importava, pois poucos conheciam línguas estrangeiras ou a vida política em outros países. Anarquistas e sindicalistas, as correntes mais fortes no movimento operário brasileiro, não conseguiam construir um retrato coeso dos fatos na Rússia, e os intérpretes não concordavam entre si quanto às conclusões a tirar, oscilando entre o apoio às transformações radicais e o repúdio aos métodos autoritários.[1] Essas discordâncias agravavam a crise entre os militantes, esgotados pelas perdas no final da década de 1910 e pela repressão estatal nos anos seguintes, em dilacerante repensar de suas táticas e das ideologias que as inspiravam até então.

O "partido mundial da revolução"[2] cuja criação Lenin decidiu acelerar a partir da situação particular russa, na figura da Internacional Comunista (Comintern, III Internacional) e dos pequenos grupos socialistas dissidentes que decidiram seguir o exemplo bolchevique e passaram a orbitar em torno dela, não parecia estar particularmente interessado pela América Latina. Seu primeiro congresso (2 a 6 de março de 1919),[3] ocorrido em meio à destrutiva guerra civil de 1918-20 entre o governo comunista e o chamado "Exército Branco" apoiado pela intervenção estrangeira, contou com poucas delegações estrangeiras e alguns indivíduos isolados que nem haviam sido mandatados pelas direções nacionais. E o maior dos grupos

[1] BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis; ANDRADE, A. T. **O ano vermelho:** a revolução russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004; ZAIDAN FILHO, Michel. **Anarquistas e comunistas no Brasil.** Curitiba: Brazil Publishing, 2018. Cf. também as conhecidas crônicas de Lima Barreto, "No ajuste de contas" (11 de maio de 1918) e "Sobre o maximalismo" (1.º de março de 1919). *In*: **Bagatelas:** artigos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, respectivamente p. 88-96 e 157-165.

[2] AGOSTI, Aldo. **Il partito mondiale della rivoluzione:** saggi sul comunismo e l'Internazionale. Milão: Unicopli, 2009.

[3] ПЕРВЫЙ Конгресс Коминтерна. Март 1919 г. Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1933. ("Протоколы конгрессов Коммунистического Интернационала".) Para o contexto envolvendo a fundação da Comintern e os interesses políticos em jogo, cf. BROUÉ, Pierre. **Histoire de l'Internationale Communiste, 1919-1943.** Paris: Fayard, 1997, cap. IV ("L'Acte fondateur").

comunistas europeus, germe do Partido Comunista da Alemanha (KPD), foi o único a abster-se de converter o encontro em congresso fundacional, na figura de Hugo Eberlein, enviado pelo grupo Spartakus, criado por Rosa Luxemburg. Assassinada ainda em janeiro de 1919, a célebre social-democrata polonesa que militava em Berlim divergia de Lenin em muitos pontos a respeito da administração do Estado e do tratamento das oposições, mas concordava com uma revolução mundial que abolisse as fronteiras nacionais. Pela análise dos russos, essa revolução estava para acontecer, pois a Revolução de Outubro teria servido de estopim ao desencadeamento das crises sociais resultantes dos prejuízos da guerra e do descalabro econômico, em uma estratégia que apostava na "ofensiva a curto prazo".[4] Os sociais-democratas bolcheviques cindiam com a social-democracia e davam a si mesmos o nome de "*comunistas*", forçando os grupos de seus apoiadores a criarem cisões nos partidos socialistas, quando não pudessem levá-los inteiros ao seio da Comintern.

Entre os organismos representados no I Congresso, muitos são "grupos comunistas" ou "uniões operárias", enquanto há um representante dos EUA, mas nenhum do Canadá ou da América Latina.[5] Nas "Teses sobre a situação internacional e a política da Entente", as referências geopolíticas do congresso ainda são basicamente a Europa (sobretudo Ocidental, Central e Meridional) e os EUA.[6] O representante estadunidense, Boris Reinstein, praticamente fala apenas do próprio país, a que chama de "América", e não do continente como um todo.[7] Mas é interessante que ele também diz:

> "[...] eu afirmo que a América constitui um país clássico de democracia burguesa, por um lado, e uma autocracia financeira e industrial, por outro. Na América, o processo de acumulação do capital nas mãos de poucos alcançou tal desenvolvimento que se pode sem exagero afirmar que um número insignificante de bilionários tem a possibilidade, se assim quiserem, de dar trabalho a centenas de milhares, senão a milhões, de trabalhadores ou mesmo impedir que eles passem fome."[8]

Na plataforma da Comintern, ainda chamada de "conferência comunista internacional" no decorrer dos trabalhos, vislumbra-se essencialmente a derrocada completa do capitalismo, com a vitória inevitável de uma revolução proletária em escala mundial. A organização planejada e a estatização de vários setores da economia capitalista estariam sendo ineficazes para sanar os problemas causados pela velha anarquia na produção. A revolução socialista seria possível, com os trabalhadores tomando os meios de produção e destruindo o

[4] **Comunistas em céu aberto, 1922-1930.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989, *passim*.
[5] ПЕРВЫЙ Конгресс Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 250-251.
[6] *Ibid.*, p. 194 ss.
[7] *Ibid.*, p. 30-35.
[8] *Ibid.*, p. 31. Salvo menção em contrário, todas as traduções são livres.

antigo Estado burguês. Nenhuma concessão é feita a qualquer força social-democrata, "centrista", burguesa ou de direita. Essa revolução seria possível com a simples tomada das armas na mão.[9] Em seu informe sobre essa plataforma, Nikolai Bukharin aborda a inevitabilidade da ruína do capitalismo, a desordem produtiva nesse regime e a falsidade, na democracia burguesa, da representação da "vontade popular". O Estado burguês deveria ser destruído, pois a democracia burguesa só traria "liberdade formal", enquanto a ditadura do proletariado poderia levar à "realização material".[10] Nas "Teses sobre a democracia burguesa e a ditadura do proletariado", desenvolvem-se as ideias do texto anterior, mas evocando-se a história e as formas políticas de governo burguês e proletário, em um ataque às ideias de "democracia em geral" e "ditadura em geral" e à manutenção da liberdade de expressão para os opressores. Fazem-se várias alusões ao assassinato de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg, e algumas formas organizativas operárias surgidas durante a guerra mundial e depois continuadas, como o "*Räte-System*" alemão e os "*Shop-Stewards Committees*" ingleses, são vistos por Lenin, talvez um tanto apressadamente, como equivalentes aos sovietes russos.[11]

Entretanto, a conjuntura mundial não era tão geometricamente previsível quanto pressupunha Lenin. A guerra civil imposta contra o novo regime quase arrasou toda a base material sobre a qual poderia erigir-se o Estado operário, trazendo fome e hiperinflação. O Tratado de Brest-Litovsk, armistício negociado por Leon Trotsky com o Império Alemão, forçou à privação da Rússia de boa parte de sua população, produção agrícola e riquezas minerais. A feroz repressão estatal sufocou todas as grandes insurreições proletárias na Europa e extinguiu a chance de que elas pudessem fraternizar-se em uma "República Soviética Internacional" (Lenin),[12] especialmente a Alemanha, considerada o segundo cenário ideal em que os comunistas poderiam tomar o poder. Aí mesmo, os dois maiores líderes radicais, Luxemburg e Liebknecht, haviam sido mortos pelos *Freikorps* na calada da noite. Enquanto isso, mesmo enfrentando grandes dificuldades, as nações capitalistas começavam a reconstruir-se e a social-democracia gradualmente retomava a primazia sobre o movimento operário. Não havia uma grande torrente mundial que os bolcheviques pudessem utilizar para

[9] *Ibid.*, p. 172-179.
[10] *Ibid.*, p. 75-85.
[11] *Ibid.*, p. 179-188.
[12] III, Коммунистический Интернационал [A III Internacional, Comunista] (discurso gravado em disco). *In*: LENIN, V. I. Полное собрание сочинений [Obras completas]. T. 38. 5. ed. Moscou: Politizdat, 1969, p. 231. Como ficaria gravado no preâmbulo dos primeiros Estatutos de 1920: "A Internacional Comunista estabelece como seu objetivo: lutar por todos os meios, até mesmo de armas na mão, para derrubar a burguesia internacional e para criar uma República Soviética Internacional como uma fase de transição rumo à plena extinção do Estado." Cf. ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна. Июль–Август 1920 г. Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1934, p. 535.

expandir seu movimento, e a difusão do comunismo encontrava-se bloqueada nas fronteiras da Rússia. A nova ordem soviética teve de forjar-se não na fraternidade dos trabalhadores e na apropriação de riquezas em crescimento, mas na guerra, na penúria e no isolamento internacional, levando à política do "comunismo de guerra" com máxima restrição do comércio e da produção pelo Estado.

Visando combater as tendências mais radicais, mas contraproducentes, do incipiente movimento mundial, o próprio Lenin dedicou a elas sua brochura *A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo*.[13] No II Congresso da Comintern, em julho-agosto de 1920, ficou exposta uma dualidade dessa nova linha: enquanto no plano econômico a Rússia deveria conhecer um respiro, no plano político a ditadura de partido único reforçava-se cada vez mais, especialmente após a derrota dos chamados "exércitos brancos", enquanto as condições para a aceitação dentro da família comunista faziam-se mais estritas. Como se percebe pelas "21 condições" de admissão ao organismo então aprovadas, seria buscada ao máximo a ruptura com a internacional social-democrata, novamente incorporada à ordem restabelecida, e evitadas as influências ideológicas de quaisquer outras correntes, em um esforço para que os recém-ingressos abandonassem suas próprias concepções políticas anteriores. Mais do que acelerar o momento final ou produzir uma crise artificial, porquanto antes era a conjuntura crítica que precisava de uma organização que respondesse à altura, o novo momento era de *união e consolidação de forças*, sobretudo por parte da classe operária.[14] Pode-se dizer que a Comintern foi verdadeiramente fundada no II Congresso, pois até então sua estrutura organizativa não fora completamente criada nem posta em operação. Contudo, ao menos na concepção, esse aparelho já surgiu com um formato bem centralizado, e o Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC), encarregado de dirigir a instituição entre cada congresso, logo apareceu como um órgão com muitas prerrogativas e poderes, inclusive sobre os membros dos partidos individuais.[15]

Diante de um cenário tão desafiador, Grigori Zinoviev, presidente da Comintern, sabe que qualquer desagregação pode ser fatal, e para fazer uma demonstração de força aos observadores externos, clama por disciplina e monolitismo a todo custo. Conforme resolução favorável da comissão incumbida do assunto, ele propõe que os estatutos da Comintern,

---

[13] Полное собрание сочинений. T. 38. 5. ed. Moscou: Politizdat, 1974, p. 1-104. Mais conhecida no Brasil sob o título *Esquerdismo: doença infantil do comunismo* (São Paulo, Expressão Popular, 2014).

[14] Para o texto final das "21 condições", cf. ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 499-505. Para uma tradução em português comentada e anotada, comparando-se com a redação inicial que continha 19 pontos, cf. http://fishuk.cc/21condicoes. Acesso em: 5 out. 2021. Cf. também a "Resolução sobre as principais tarefas da Internacional Comunista". *In*: ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 467-481.

[15] ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна. 1919–1943. Moscou: ROSSPEN, 1997, p. 19-20.

prestes a enfim receberem ratificação, sejam aprovados “unanimemente” e na integralidade de seu texto:

> “É muito importante que a constituição de nosso partido internacional seja adotada unanimemente se possível, para mostrarmos aos olhos do mundo todo que agora não somos mais apenas uma sociedade de propaganda. Crescemos e tornamo-nos um partido único mundial que possui estatutos e sabe o que quer e quais são as obrigações internacionais a ele atribuídas. Os membros desse partido sabem que eles estão ligados pela disciplina camaradesca e que agora, realmente juntos, lutaremos pelo comunismo.”[16]

Como se lê no discurso de encerramento do II Congresso, pronunciado por Zinoviev, estão representadas delegações do México e dos EUA (“América”), mas não do Brasil ou da América Central e do Sul.[17] Entre os organismos e representantes citados em publicação da Comintern estão sete representantes dos EUA em nome do Partido Comunista Operário da América, do Partido Comunista da América e da União Independente da Juventude Socialista. Três representantes do México vieram em nome do partido comunista: Manabendra Nath Roy[18] (também listado como “Allen” e “Robert”), Simen (Simion?) e Elena Allen. Os representantes das Américas, a maioria dos EUA, que integraram comissões foram Louis C. Fraina (Situação internacional e tarefas da Internacional Comunista; Sobre o papel do partido; Condições de admissão na Internacional Comunista), John Reed (Questões nacional e colonial; Movimento sindical; Comissão de redação das traduções das resoluções/inglês), “Roy Allen” (Questões nacional e colonial), Stoklitsky (Parlamentarismo), “Jurgis” (Questão agrária) e Bilan (Questões organizativas).[19]

Neste congresso em especial, e em grau menor no primeiro, os informes, sobretudo o de Lenin,[20] caracterizam-se pela forte densidade dos conceitos e do material fatual aportado (política internacional, economistas da época, números etc.). Em sua intervenção, Lenin comenta as teses do indiano Manabendra Nath Roy, adicionais às suas próprias, sobre os países coloniais e semicoloniais (subdesenvolvidos, de uma forma geral), asseverando o seguinte sobre a atuação política dos comunistas: 1) ele sugere mudar o nome para os nacionalismos independentistas burgueses, de “movimento democrático-burguês” para “movimento nacional-revolucionário”, pois nesse âmbito Lenin pensa que importa não o

[16] ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 409-410.
[17] *Ibid.*, p. 458.
[18] Ortografia mais comum do nome hindi “मानवेन्द्र नाथ राय” (Mānavendra Nāth Rāy).
[19] *Ibid.*, p. 619-625 e 627. As aspas indicam que a transliteração dos nomes próprios a partir do cirílico é apenas a grafia mais provável no alfabeto latino.
[20] Международное положение и основные задачи Коммунистического Интернационала [A situação internacional e as principais tarefas da Internacional Comunista]. *In*: ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 13-29.

caráter de classe, e sim o rompimento ou não com o reformismo; 2) Lenin julga que o modelo dos sovietes, na ausência de um proletariado substancial, também se aplica ao campesinato, ou seja, a revolução pode organizar-se na base de conselhos camponeses (desde que o proletariado das metrópoles coloniais venha ao socorro do campesinato); 3) ele também afirma que é possível construir o socialismo, e daí passar para o comunismo, sem passar pela fase "capitalista" de desenvolvimento, com liderança da burguesia, pois o capitalismo na indústria não seria necessário para construir o socialismo.[21]

De fato, M. N. Roy lamenta a ignorância geral, até então, da questão colonial pelos partidos socialistas, mais ocupados com seus próprios afazeres.[22] John Reed,[23] dos EUA, é o único a aludir ao problema do negro. Notavelmente, ele não faz isso em conexão com o problema mais amplo do colonialismo africano, nem com a situação dos trabalhadores (negros ou não) da América Latina:

> "Qualquer movimento visando a uma existência nacional autônoma não goza de sucesso entre eles [os negros], como, por exemplo, o movimento 'De volta à África', que existiu alguns anos atrás. Eles se consideram, antes de tudo, americanos, cuja pátria são os Estados Unidos. Isso simplifica em muitas vezes a tarefa dos comunistas."[24]

Louis C. Fraina, também representando os EUA, considera como "colonial" o domínio financeiro, econômico e político-diplomático (doutrina Monroe) do país sobre a América Latina.[25] Em sua opinião, dado que os EUA também se apoiam no domínio sobre o proletariado imigrante e sobre colônias pelo mundo (como as Filipinas), a exploração interna também tem caráter racial. Por isso, caso os negros se revoltassem no país, não seria o "começo da revolução", mas o "começo da contrarrevolução burguesa", e então deviam contar com o apoio de todas essas camadas oprimidas. Sem uma união prévia entre elas, nada poderia ser feito.[26] Para Fraina, o movimento operário estadunidense estaria ignorando o movimento latino-americano, que então ficaria sob a influência da Espanha e de seus "preconceitos sindicalistas". O movimento nos EUA, portanto, deveria tirar a América Latina dessa influência e encabeçar sua ação, pois todo o continente deveria ter uma só atuação.[27] Os representantes da Pérsia, da China e da Coreia, e o irlandês MacAlpine, concordam que a libertação colonial só poderá ocorrer quando os operários das metrópoles intervierem pela

[21] ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 98-103.
[22] *Ibid.*, p. 105.
[23] *Ibid.*, p. 107 ss.
[24] *Ibid.*, p. 110.
[25] *Ibid.*, p. 111.
[26] *Ibid.*, p. 110-111.
[27] *Ibid.*, p. 112.

causa dos operários das colônias, assim como estes são a principal base para que aqueles triunfem em seus respectivos países: a revolução anticolonial seria inseparável da revolução socialista mundial.[28]

Como um indício da confusão teórica de que a Comintern ainda padecia e do desconhecimento da realidade latino-americana, africana e asiática da parte dos comunistas e socialistas europeus, dois documentos simultâneos sobre as questões nacional e colonial acabaram sendo aprovados: as teses originais de Lenin, acrescidas de correções e adições que o holandês Maring apresentou em nome da comissão para o tema,[29] e as chamadas "teses adicionais" de M. N. Roy, antipáticas à conciliação, mesmo temporária, com os movimentos nacional-libertadores das burguesias nativas. Segundo o primeiro texto, a "democracia burguesa", ao não visar à eliminação das classes, e sim a sua perpetuação, não realiza a igualdade universal porque coloca opressores e oprimidos no mesmo plano de uma igualdade abstrata. Tal desigualdade também se reflete na oposição entre nações opressoras, poderosas, e nações oprimidas, dependentes, como as colônias europeias em geral, ampliando em escala mundial a servidão da esmagadora maioria da população a um punhado de capitalistas ricos. A guerra mundial teria mostrado que as fronteiras nacionais eram apenas "objeto de negócio", ou seja, as grandes potências disputaram entre si o butim colonial, desmentindo assim o mito da igualdade entre as nações e seu direito à autodeterminação. Somente a aproximação dos operários do mundo todo poderia tornar viável a "luta revolucionária" mundial e a "eliminação da opressão e desigualdade entre nações". Visando à "vitória do poder soviético sobre o imperialismo mundial", a resistência ao cerco capitalista contra a Rússia revolucionária deveria ser realizada pelos "movimentos soviéticos dos trabalhadores de vanguarda de todos os países" e por "todos os movimentos de libertação nacional das colônias e nacionalidades oprimidas". À luta operária nos países coloniais caberia combater o feudalismo, o clero reacionário, as missões cristãs ocidentais e movimentos transnacionais como o "pan-arabismo" e o "pan-asiatismo" (capitaneado pelo Japão militarista), ajudar os camponeses revolucionários e desmascarar, perante o operariado, os movimentos das elites locais que, muitas vezes apoiados pelas potências, capitaneiam projetos de independência com base na opressão classista ou sem qualquer possibilidade de independência econômica e produtiva. E, o mais importante, o operariado deveria aliar-se temporariamente com as forças

[28] *Ibid.*, p. 118 ss. (5.ª sessão).
[29] Para as referidas mudanças, cf. *Ibid.*, p. 103 ss.

democráticas burguesas, sem qualquer fusão com elas, as quais seriam melhores do que certos partidos esquerdistas dizendo-se comunistas, mas não o sendo na essência.[30]

As teses adicionais propostas por M. N. Roy também traziam a centralização do capitalismo mundial e o envio de tropas coloniais ao *front* europeu da guerra mundial como fatores que impeliam os trabalhadores das metrópoles e das colônias à solidariedade mútua, e as colônias, sobretudo no caso britânico, como a única razão da prosperidade das potências europeias, já que propiciaram acesso direto às matérias-primas e ampliaram o mercado para escoar seu excedente produtivo. Mas segundo o texto, o domínio colonial exigia impedir que as colônias se desenvolvessem industrialmente e negar a educação à sua população, de forma que a independência econômica não passava pelo apoio às burguesias locais, e sim pela abertura do caminho ao proletariado. Ante a distância cada vez maior entre o movimento nacional democrático-burguês, que desejava a independência dentro do capitalismo, e as massas operárias e camponesas pobres, que o primeiro tenta subjugar, é com estas que a Comintern deveria atuar, e mesmo não recusando de início colaborar com a burguesia radical, o objetivo primeiro seria a formação de um partido comunista com aquelas massas. O comunismo nas colônias não seria alcançado por um desenvolvimento capitalista prévio, e sim "sob a liderança do proletariado conscientizado dos países capitalistas avançados", mas as primeiras etapas da revolução nas colônias não seriam comunistas, embora o objetivo pudesse ficar mais próximo se desde o começo os comunistas liderassem o movimento. Para M. N. Roy, nem toda abordagem deveria ser imediatamente comunista, como a questão agrária, em que ainda valeriam alguns pontos pequeno-burgueses, mas isso não significava que a liderança deveria ser dada à burguesia ou à pequena burguesia.[31]

O aceno aos povos colonizados ou oprimidos por causa de sua origem nacional não parou com o II Congresso da Comintern. O Partido Bolchevique organizou em Baku, capital do Azerbaijão, nos dias 1.º a 7 de setembro de 1920, o chamado "I Congresso dos Povos do Oriente", presidido por Zinoviev e que deveria reunir representantes comunistas ou de outros movimentos revolucionários vindos do mundo muçulmano e de toda a Ásia. Embora a América Latina estivesse fora de seu campo de abrangência, o evento antecedeu a forma como os russos tratariam os países fora do mundo capitalista desenvolvido no geral: lugares exóticos, subdesenvolvidos economicamente e espoliados pelos impérios coloniais. O jornalista estadunidense John Reed também fez aí sua aparição e aludiu à conduta dominadora

[30] Резолюция по национальному и колониальному вопросам [Resolução sobre as questões nacional e colonial]. *In*: ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 490-496.

[31] Дополнительные тезисы по национальному и колониальному вопросам [Teses adicionais sobre as questões nacional e colonial]. *In*: ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 496-499.

de Washington sobre o México e outros países, discursando sobre a sanha dos banqueiros e dos empresários por petróleo e deixando uma mensagem sobre a segregação dos negros dentro dos EUA e as intervenções militares desse país na região latino-americana. O segundo documento era uma advertência particular a nações jovens como a Armênia, que se iludiam quanto a uma ocasional ajuda norte-americana para garantir sua independência e reerguer sua economia.[32] Não houve outros "Congressos dos Povos do Oriente", e a definitiva ocupação bolchevique da Armênia, do Azerbaijão e da Geórgia – no último caso, com particular violência militar –, pondo fim às breves experiências de governos independentes locais, revelou as contradições da política comunista para as nacionalidades.

Logo no início de 1921, surgiu na imprensa da Comintern o que se considera ser a primeira alusão à América Latina em documento assinado pelo CEIC. Como ressalta Michael Löwy, que editou a coletânea em que se encontra o manifesto "Sobre a revolução na América", a autoria do texto é desconhecida, e não se sabe se sua redação contou com latino-americanos,[33] o que de fato torna difícil sua inserção em qualquer contexto ou debate em curso. Mesmo assim, o tom geral estava afinado com as análises mais abrangentes do período, e o imperialismo dos EUA era acusado de dominar economicamente a "América do Sul" (entende-se ser a América Latina como um todo, pois junto com a "América do Norte" mencionam-se "as duas Américas") e, assim, praticamente ignorar sua soberania política. A urgência do momento era fundar ou reforçar os partidos comunistas já existentes na região, para que então se passasse à fase de instalação da ditadura do proletariado – direta, sem etapas intermediárias, o contrário do que a Comintern recomendaria a partir da década de 1930 – sob a direção dos operários e camponeses unidos. A "doutrina Monroe", que na leitura comunista legitimava o domínio de Washington sobre a América Latina, é repelida em prol da união entre os trabalhadores das "duas Américas", bandeira tanto notável quanto ao longo do tempo o movimento estadunidense parecerá sempre mais alheio à realidade meridional e as correntes revolucionárias perderão espaço nos EUA. O operariado das "duas Américas" deveria conjuntamente impedir futuras guerras de intervenção contra a Rússia, manter seus países fora

[32] RIDDELL, John (ed.). **To See the Dawn:** Baku, 1920–First Congress of the Peoples of the East. Nova York: Pathfinder, 1993, p. 63-64 e 149-154. Segundo o editor (p. 149, nota 11), que alegou não haver encontrado o possível original em inglês, o segundo texto não foi lido no congresso devido à falta de tempo, mas foi anexado à edição russa das atas (que serviu de base à referida edição).

[33] Sobre la revolución en América. Llamamiento a la clase obrera de las dos Américas. **L'Internationale communiste**, n. 15, janv. 1921, p. 3311-3314 e 3321-3324 apud LÖWY, Michael. **El marxismo en América Latina.** 1ª ed. en Chile corregida y aumentada. Santiago: LOM Ediciones, 2007, p. 81-87. As observações de Löwy estão na p. 81. Publicação original: Американская революция. Воззвание Исполнительного Комитета Коммунистического Интернационала к рабочему классу Северной и Южной Америки [A revolução americana. Apelo do Comitê Executivo da Internacional Comunista à classe operária da América do Norte e do Sul]. Коммунистический Интернационал, ano 2, n. 15, 1920, p. 3373-3390.

das ligas pan-americanas pró-capitalistas e lançar desde já greves e exigências parciais dentro de uma "luta revolucionária" entre os trabalhadores e dentro dos exércitos. Curiosamente, projeta-se a revolução não como um golpe único, mas um prolongado acúmulo de forças operárias visando concessões imediatas e a exaustão do sistema capitalista, até o assalto final ao poder.

Segundo Michel Zaidan Filho, os bolcheviques pouco conheciam sobre a América Latina no início da década de 1920 e não a viam em sua perspectiva imediata de revolução mundial. Por outro lado, o movimento operário brasileiro recebeu com grande euforia, mas também com grande confusão, as notícias vindas da Rússia soviética sobre a ebulição em curso, não sendo efetivamente esclarecedora a mediação feita pela grande mídia. Ao findar a década de 1910, o movimento operário encontrava-se em acentuado refluxo e na ressaca das derrotas ante o Estado e o patronato nas longas greves dos últimos anos. Ao entrar a nova década, era agudo o debate entre os líderes operários sobre possíveis novos métodos a adotar e novas ideologias a seguir.[34]

O II Congresso da Comintern fora reunido em um momento de derradeiras esperanças revolucionárias, quando alguns focos insurrecionais ainda pareciam flamejar na Alemanha, sobretudo na região meridional da Baviera, e o Exército Vermelho parecia prestes a implantar um regime soviético na Polônia pela ponta das baionetas. Por volta do fim de 1920, a contrarrevolução interna estava praticamente derrotada, e a presumida ajuda fraternal ao operariado polonês contra um governo reacionário parecia uma oportunidade tentadora em meio à guerra que eclodira contra o novo país independente, recém-cindido do antigo império tsarista. Contudo, a tenaz resistência nacionalista que rechaçou o Exército Vermelho às portas de Varsóvia e, em março de 1921, a última tentativa dos comunistas alemães de tomar o poder pelas armas, artificialmente instigada pela Rússia e, devido a sua precária preparação, facilmente sufocada pelo governo social-democrata, fecharam o grande ciclo de revoluções europeias aberto em 1918. Isolados, os bolcheviques foram obrigados a instaurar um recuo temporário à economia de mercado, traduzido na chamada NEP (nova política econômica), e a Comintern parecia haver perdido sua finalidade original. Mas ela foi mantida, e os encontros seguintes dariam o tom da política revolucionária mundial em um período de retirada.[35]

A fundação da Comintern e a criação dos partidos comunistas precisavam ser ressignificadas à luz da nova conjuntura. Um projeto que estava baseado na rápida

---

[34] **Comunistas em céu aberto...**, *Op. cit.*, *passim*.
[35] CARRÈRE D'ENCAUSSE, Hélène. **L'URSS de la Révolution à la mort de Staline, 1917-1953.** Paris: Seuil, 1993, p. 81-85.

transformação revolucionária, tanto interna quanto externamente, precisou adequar-se a perspectivas de prazos mais longos, pois a resistência doméstica não rejeitou o recurso às armas para atingir seus fins, e os grupos comunistas estrangeiros, com toda sua diversidade de experiências prévias, podiam desgarrar-se facilmente com o estranhamento da nova doutrina. Mais do que a instalação de pontos de apoio para a revolução mundial, as cisões locais com a social-democracia adquiriram o aspecto de luta de poder e de avanço russo sobre os assuntos políticos de outros países. Assim, tanto na normalização das relações diplomáticas com as potências capitalistas quanto no âmbito administrativo, a Comintern passou a ser um obstáculo para as iniciativas de distensão econômica e diplomática, ao menos em caráter provisório, que Lenin lançou para tirar o país da destruição deixada pela guerra civil. A NEP, com sua abertura regulada ao comércio privado e ao capital estrangeiro, e a busca por retomar a diplomacia, sobretudo, com o Reino Unido, procuravam traduzir um recuo temporário da política do "comunismo de guerra".

Durante o III Congresso da Comintern (junho-julho de 1921), a ênfase ainda estava sendo dada à necessidade de conquistar a "maioria" da classe operária, sem previsões de quando a revolução mundial seria vitoriosa.[36] Conforme texto reproduzido no volume em que estão publicadas as atas, o Pequeno Birô do CEIC estatuíra uma "lista aproximativa das organizações convidadas ao Congresso, porém ressaltando sua incompletude", e acrescentara que também "têm direito de vir ao Congresso as organizações comunistas que por qualquer razão não estejam listadas abaixo". Incluíam-se no rol "grupos comunistas" (ainda maioria entre os mencionados), como os da "América Central", do Canadá e de Cuba, e os partidos comunistas já formados, como os do Uruguai, Argentina, Chile e México.[37] Porém, a lista dos delegados latino-americanos presentes, publicada no final do referido volume, é bem mais modesta: dois membros do Partido Comunista da Argentina, um do Partido Comunista do México e um da juventude comunista mexicana, ao lado de dez membros do Partido Comunista Unificado dos EUA, um do Grupo Comunista Japonês (EUA) e dois da juventude comunista dos EUA.[38]

Nas "Teses sobre a tática", está claro o reconhecimento da revolução mundial como um processo com idas e vindas e do recuo temporário da vitória final:

---

[36] ТРЕТИЙ Всемирный Конгресс Коммунистического Интернационала: стенографический отчёт. Petrogrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1922, *passim*. Petrogrado foi o nome da cidade de São Petersburgo de 1914 a 1924, ano em que foi renomeada Leningrado. Em 1991, seria restaurado o nome São Petersburgo.

[37] *Ibid.*, p. 8-9. No Uruguai e no Chile, ainda se mantém a nomenclatura "partido socialista". Em iniciativa de aproximação, o Pequeno Birô do CEIC também dera a grupos como a "Federação dos Trabalhadores Russos da América do Sul" a possibilidade de virem assistir como convidados.

[38] *Ibid.*, p. 495.

> "A revolução mundial i.e. a dissolução do capitalismo, a acumulação de energia do proletariado, sua organização em uma força combativa e vitoriosa, exige um período prolongado de luta revolucionária. O grau diverso de acirramento das contradições nos diferentes países, a diferença na estrutura social e nos obstáculos existentes, o alto grau de organização da burguesia nos países capitalistas desenvolvidos da Europa Ocidental e da América do Norte – tudo isso fez com que a guerra mundial não se concluísse com a vitória inevitável da revolução mundial. [...] A revolução mundial não é um processo que se desenvolve em linha reta: períodos de dissolução crônica do capitalismo e de trabalho revolucionário e destrutivo diário volta e meia acirram-se e transformam-se em crises agudas."[39]

Conforme a documentação disponível, nota-se no evento uma ausência da discussão colonial ou da alusão às colônias justamente por parte dos representantes comunistas dos países que têm colônias, tanto em seus próprios informes quanto nas discussões sobre os principais informes dos líderes da Comintern. Contudo, de modo geral o tema parecia ganhar proeminência na mesma proporção em que a revolução e as revoltas proletárias na Europa perdiam força e cessavam definitivamente. O próprio Lenin, em seu "Informe sobre a tática do Partido Comunista da Rússia", insiste em relacionar a tática política dos bolcheviques à conjuntura mundial geral, mas agora, em particular, à situação nas colônias, pois aí o movimento revolucionário de libertação nacional poderia ter um papel muito maior nas etapas futuras da revolução mundial. A II Internacional e a chamada "Internacional 2 e Meio", formada por partidos que tentavam encontrar um meio-termo entre os sociais-democratas e os comunistas, estariam subestimando o potencial e a ofensividade desses movimentos, não superando uma imagem sentimentalista e condescendente para com os povos colonizados. O campesinato das colônias, em especial, teria um papel decisivo nas etapas finais da revolução mundial.[40]

Em seu discurso de abertura ao III Congresso, Zinoviev felicitou pela unidade alcançada e pelo alcance adquirido... nos Estados Unidos, potência industrial que permanecia como a arena preferencial dos bolcheviques:

> "Olhem, finalmente, para a América. Vinda daí ao II Congresso vimos apenas uma fraca representação de grupos separados. Neste ano, obtivemos a unificação de todas as forças comunistas do Novo Mundo em um partido

[39] КОММУНИСТИЧЕСКИЙ Интернационал в документах: решения, тезисы и воззвания конгрессов Коминтерна и пленумов ИККИ (1919-1932). Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1933, p. 181. Com leves alterações na redação, mas sem mudança de sentido, também disponível em: https://leninism.su/books/4226-vilenin-i-kommunisticheskij-internaczional.html?start=15. Acesso em: 6 jan. 2022.

[40] ТРЕТИЙ Всемирный Конгресс..., *Op. cit.*, p. 353 ss., especialmente p. 355.

> único, exaurido, ilegal, mas angariando cada vez mais influência sobre o crescente movimento proletário de massas na América."[41]

Em seu informe "A crise econômica mundial e as novas tarefas da Comintern", Trotsky ressaltou a dimensão e a importância da rivalidade anglo-americana em possíveis reveses que o capitalismo viesse a sofrer.[42] Perto do final da intervenção, o fundador do Exército Vermelho reconhece que a Internacional fora fundada em um tempo de altíssimas expectativas da parte dos bolcheviques e que, mesmo em relação ao congresso anterior, as esperanças de uma revolução mundial tornaram-se bem mais modestas:

> "[...] agora, no momento do III Congresso da Internacional Comunista, a situação não é a mesma de quando houve o I e o II Congressos. Traçávamos então amplas perspectivas, planejávamos nossa linha básica e nos dizíamos: 'Vamos por este caminho, pois sob esta bandeira saberemos conquistar o proletariado e ganhar o mundo...' De um modo geral, nossa linha continua sendo correta. Apenas não previmos seus desvios e oscilações, e agora estamos os percebendo. [...] Em 1919 dizíamo-nos que [a revolução mundial] era uma questão de meses, e agora diremos que é uma questão, talvez, de alguns anos. É exatamente isso que desconhecemos, mas sabemos que o desenvolvimento vai nessa direção e que no correr desse tempo nos tornamos muitíssimo mais fortes em todo o mundo."[43]

Sem identificação de país ou partido, aparecem os comentários de "Roy" (provavelmente o M. N. Roy das "teses alternativas" do II Congresso) ao informe de Trotsky, afirmando que, nas teses finais sobre o assunto em questão, a importância que as colônias europeias tiveram para a restauração do capitalismo após a guerra deveria receber mais destaque. Ao contrário da fé dos comunistas na ruína iminente do capitalismo, haveria uma grande chance de sua restauração e fortalecimento, em torno da disputa entre o Reino Unido e os EUA, com o Japão ascendendo e a Alemanha arruinada. Porém, conscientes do absurdo do Pacto de Versalhes, as potências estariam ajudando a reerguer a Alemanha, financiando-a com os lucros obtidos na colonização do resto da América pelos estadunidenses (embora Roy não fale formalmente em "colônias") e da África e Ásia pelos britânicos. Desta forma, seria preciso dar mais atenção a quanto a Europa lucrava nas colônias, pois isso estaria possibilitando aumentar ligeiramente o nível de vida do operariado e "comprar" as lideranças sindicais chamadas de "aristocracia operária" pelos comunistas.[44] Sem citar nominalmente Roy, Trotsky responde aos comentaristas ressaltando a importância das colônias como um dos

---

[41] *Ibid.*, p. 13.
[42] *Ibid.*, p. 43 ss.
[43] *Ibid.*, p. 45-46.
[44] *Ibid.*, p. 59-60. A ideia de "aristocracia operária" remonta a *Imperialismo, etapa superior do capitalismo* (Lenin).

suportes da revolução mundial e mencionando a relativa evolução capitalista alcançada por países como a Índia, a China e o Japão. Porém, nos casos chinês e indiano, como a quantidade de proletários ainda não correspondia a esse "desenvolvimento" dos países, o operariado deveria manter contato com o campesinato e unir-se a ele.[45]

Além do espaço colonial europeu, outro domínio que serviu para compensar a paralisação da revolução na Europa foram os sindicatos, trazendo novamente à ordem do dia as reivindicações econômicas imediatas. Ao iniciar a discussão sobre a questão sindical, Zinoviev afirmou que o dirigente sindical Solomon Lozovski lhe teria passado "uma lista das organizações que estão ingressando na Internacional Sindical Vermelha", as quais somadas totalizariam "mais de 18 milhões de pessoas". A ISV, então uma cisão embrionária dentro da Federação Sindical Internacional social-democrata (também conhecida como "Internacional de Amsterdã"), seria criada por ocasião do III Congresso da Comintern e liderada por Lozovski, bolchevique da "velha guarda", da fundação até sua dissolução, em 1937. No continente americano, ainda segundo Zinoviev, o número de membros dados era de 300 mil para os EUA, 119 mil para o México e 214 mil para a Argentina, cifras semelhantes às dos países europeus de tamanho médio. O próprio Zinoviev, apesar de antever "tarefas colossais" diante desses dados, pediu que fossem considerados com precaução (embora não contestasse sua verossimilhança) e aludiu à fraqueza dos comunistas ("nossos partidos") no movimento sindical de uma forma geral.[46]

Se a América Latina continuava não sendo um alvo específico de preocupação, emergiu em dado momento uma discussão sobre a "questão oriental", grandemente caudatária das preocupações anticoloniais.[47] Em seu discurso de abertura do tópico, o inglês Tom Mann abordou a opressão do Reino Unido sobre as colônias africanas e asiáticas, sobretudo o Egito e a Índia, e disse que a partir desses focos de tensão, "fortes abalos" estariam esperando a Europa, assim como ocorreu na Rússia em 1917.[48] M. N. Roy, representando a "Índia", fez uma intervenção curta, que durou apenas cinco minutos, segundo as atas taquigráficas. Ele criticou o modo superficial e errôneo com que estava sendo tratada a "questão oriental" (desta vez nem sequer usou o termo "questão colonial") e disse diz que o congresso da Comintern estava dando pouca atenção a ela, restringindo os debates a respeito e agindo de forma semelhante à 2.ª Internacional. Roy pediu o início de uma discussão à parte mais ampla, com

[45] *Ibid.*, p. 66-67.
[46] *Ibid.*, p. 318 ss.
[47] *Ibid.*, p. 462 ss.
[48] *Ibid.*, p. 462-463.

membros também da Europa e de toda a América e com mais profundidade teórica, mas o delegado sequer mencionou ou descreveu o próprio país.[49]

A desaceleração da revolução mundial era diretamente proporcional ao grau de burocratização da Comintern, cujas ordens impunham-se de forma vertical sobre os partidos comunistas. Nas teses sobre "A estrutura organizativa dos partidos comunistas, os métodos e o conteúdo de seu trabalho", estipula-se uma prestação de informações que começa nos níveis regionais, passa pelos nacionais e enfim chega à matriz em Moscou:

> "[Ponto 18] A cada três meses o Partido apresenta relatórios regulares sobre sua atividade ao órgão dirigente da Internacional Comunista. Cada setor da organização partidária deve apresentar um relatório ao comitê imediatamente superior (e.g. relatórios mensais das organizações locais são apresentados ao correspondente comitê partidário distrital)."
> [...]
> "[Ponto 45] O partido como um todo encontra-se *sob a direção da Internacional Comunista*. As diretivas e resoluções dos órgãos centrais da Internacional concernentes ao Partido que está ligado a ela dirigem-se: 1) ou ao CC geral do Partido, 2) ou, por intermédio dele, ao órgão central encarregado de qualquer atividade especial, 3) ou a todas as organizações partidárias.
> "As diretivas e resoluções da Internacional são obrigatórias para os Partidos, bem como, compreende-se, para cada membro do Partido."[50]

O IV Congresso da Comintern (novembro de 1922) já contava com uma complexa estrutura de intérpretes para as principais línguas do mundo e de publicações especiais para que os delegados se informassem sobre os principais pontos em debate e as últimas notícias do movimento revolucionário mundial.[51] Porém, a América Latina passou praticamente anônima como sujeito da geopolítica e da militância operária em todas as fases, embora o encontro tenha abordado uma vasta gama de pautas que passava pelos sindicatos, mulheres, países coloniais, negros, tratados internacionais e agricultores pobres. A "frente única" entre os trabalhadores comunistas e social-democratas e a organização do proletariado das colônias europeias, ainda que estas não estivessem prontas para chegar ao socialismo, continuavam sendo os principais objetivos das seções da Comintern, mas nenhuma diretiva específica ou análise conjuntural foi dedicada às nações latino-americanas. Além dos delegados estadunidenses, totalmente alheios ao que ocorria no resto do continente, também vieram dois representantes da Argentina, um do Uruguai, o brasileiro Antonio Bernardo Canellas e, o mais intrigante, um enviado do México sob o nome Alfred Stirner, que na verdade se tratava do

---

[49] *Ibid.*, p. 472.
[50] КОММУНИСТИЧЕСКИЙ Интернационал в документах..., *Op. cit.*, p. 206 e 220 (grifo no original).
[51] RIDDELL, John (ed. e trad.). **Toward the United Front:** Proceedings of the Fourth Congress of the Communist International, 1922. Chicago: Haymarket Books, 2012, p. 57.

suíço Edgar Woog.[52] Woog participou dos momentos iniciais do Partido Comunista do México e era um ativo especialista em assuntos latino-americanos nos inícios da Comintern, tendo pertencido ao partido comunista alemão de 1922 a 1924.[53]

O primeiro documento importante lido por Zinoviev no IV Congresso foi o informe do CEIC sobre as atividades deste órgão no período decorrido desde o congresso anterior e sobre a conjuntura política internacional. Em determinado ponto, o presidente da Comintern reafirmou o dogma de que o capitalismo estava em crise, abalado pelas próprias contradições, e que por isso as grandes potências professavam apenas um pacifismo de fachada, e aludiu aos proletários e camponeses dos povos "coloniais e semicoloniais" como as verdadeiras forças revolucionárias do momento. Sem especificar quais seriam essas "colônias e semicolônias", e por quê, Zinoviev esclareceu que os movimentos locais sequer precisariam ser comunistas para ter reconhecido seu papel anticapitalista:

> "[...] as contradições estão se acirrando diariamente, e a situação objetiva permanece revolucionária. Durante os últimos quinze meses [desde o III Congresso da Comintern], a desintegração da Entente tem avançado a passos largos. Temos vivenciado uma verdadeira liquidação do Tratado de Versalhes sob variadas formas, e a desintegração desse tratado continua. O 'pacifismo' burguês, que encontrou um proeminente representante na pessoa de Lloyd George [primeiro-ministro britânico de 1916 a 1922], faliu completamente. [...]"
> "Os países coloniais e semicoloniais, que estão entre os mais importantes fatores no processo que chamamos de revolução mundial, elevaram sua luta a um nível altíssimo durante esse período. Observamos que, em um vasto número de países oprimidos, apesar de todas as medidas tomadas pelos governos imperialistas, o movimento de libertação tem avançado cada vez mais durante esse período. Acredito que hoje dificilmente pode haver dúvida entre nós de que essa luta, embora de caráter não comunista nem socialista, foi e segue sendo objetivamente uma luta contra os governos capitalistas. [...]"
> "Por muitos anos temos observado o ocaso da democracia burguesa; agora ela está se desintegrando cada vez mais a cada mês."[54]

Embora o informe do CEIC tenha sido integralmente aprovado, ratificando o modo como o órgão aplicou a política do III Congresso e confirmando a política de "frente única" operária,[55] um Lenin já debilitado pelas consequências de seu derrame criticou as

---

[52] CABALLERO, Manuel. **Latin America and the Comintern (1919-1943).** Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 39. Segundo a Comissão de Mandatos do IV Congresso, o delegado chileno chegou ao encontro com atraso (e não esteve ausente, como escreve Caballero). Cf. RIDDELL, John (ed. e trad.). **Toward the United Front...**, *Op. cit.*, p. 439.

[53] RIDDELL, John (ed. e trad.). **Toward the United Front...**, *Op. cit.*, p. 1255. Porém, ao contrário do que deixa a entender a nota biográfica, o PCM foi fundado em 1919, e não em 1920.

[54] *Ibid.*, p. 120-121.

[55] Resolution on the Executive Committee Report. *In*: *Ibid.*, p. 289-291. Deve-se recordar que na linguagem da Comintern, as "frentes únicas" eram idealizadas pelos comunistas para fazerem-se apenas com os proletários

resoluções daquele encontro sobre a organização do movimento comunista como decalcadas demais da experiência russa. Quase ao terminar seu discurso sobre "Os cinco anos da Revolução Russa e as perspectivas para a revolução mundial", o líder não contestou exatamente a tentativa de se copiar o modelo bolchevique em outros países, mas a incompreensão dos comunistas ao lerem os documentos devido à sua linguagem "russa demais". Os militantes europeus, sobretudo, deveriam "aprender a ler" esses textos sobre a estrutura partidária e a essência de suas atividades a fim de compreender a fundo a experiência pioneira e evitar os recorrentes fracassos:

> "No Terceiro Congresso, em 1921, adotamos uma resolução sobre a estrutura organizativa dos partidos comunistas e os métodos e conteúdo de suas atividades. A resolução é excelente, mas é quase inteiramente russa, quer dizer, tudo nela é baseado na experiência russa. [...] mesmo se eles [os estrangeiros] podem lê-la, não a entenderão porque é russa demais. Não porque está escrita em russo [...], mas porque está totalmente imbuída com o espírito russo. [...] se em caso excepcional algum estrangeiro chega a entendê-la, ele não consegue pô-la em prática. [...]"
> "[...] não aprendemos a apresentar nossa experiência russa aos estrangeiros. [...]"
> [...]
> "[...] antes de tudo, eles devem aprender a entender o que escrevemos sobre a estrutura organizativa dos partidos comunistas, coisa que os camaradas estrangeiros assinaram sem ler nem entender. [...]"
> "[...] E como isso será feito, eu não sei. [...] Nós, russos, também devemos encontrar caminhos e meios de explicar os princípios dessa resolução aos estrangeiros. A menos que o façamos, será absolutamente impossível que eles a ponham em prática."[56]

Em seu informe sobre "A ofensiva capitalista", o dirigente Karl Radek asseverou que, mais importante do que a *conquista* do poder, era a *luta* pelo poder, ou seja, os comunistas deveriam também guiar os operários na exigência de demandas parciais, mas sem parar por aí. Seguindo a linha da "frente única", as bases social-democratas deveriam forçar sua direção a romper definitivamente com a burguesia, e caso assim ocorresse, os partidos comunistas poderiam aceitar entrar em um chamado "governo operário", que contaria com todos os partidos dos trabalhadores que procedessem igualmente. A partir daí, a *luta* por mudanças socialistas a partir da base deveria ser constante, mas a diretiva é no fundo uma crítica à postura golpista que levou ao fracasso do KPD em 1921 e marcou um recuo no

---

de outros partidos, sobretudo os socialistas, e não com as cúpulas. Por isso, às vezes esse caráter era ressaltado pelas expressões "frente única proletária" e "frente única a partir da base". Já as "frentes populares", como se verá a partir de 1934, tinham por objetivo principal combater o fascismo e admitiam não somente a totalidade de outros partidos, mas também pessoas e grupos que não representavam exclusivamente o proletariado.

[56] RIDDELL, John (ed. e trad.). **Toward the United Front...**, *Op. cit.*, p. 304-305.

movimento internacional.[57] Durante a discussão sobre o informe de Radek e o informe seguinte do italiano Amadeo Bordiga sobre o fascismo, o delegado estadunidense Jack Johnstone (sob o codinome Joseph Pullman) chegou a comparar a Ku Klux Klan no sul dos EUA às milícias fascistas no mesmo país e na Europa. Como parte da "ofensiva capitalista" mundial então em curso, o grupo racista aterrorizava a população negra pobre para forçá-la a aceitar trabalhos precários e mal pagos, especialmente nas grandes *plantations*, e dissuadi-la de exercer seu direito legal de voto.[58] Nenhum paralelo foi feito, porém, com a situação reinante em grande parte da América do Sul.[59]

Nem o indiano M. N. Roy, ao comentar a "questão oriental", deu possíveis subsídios úteis aos comunistas latino-americanos, embora tenha criticado a falta de vínculo do assunto com a "ofensiva capitalista", quando é nas colônias que estaria o esteio para o desenvolvimento ocidental, e tenha alertado que os movimentos nacionalistas coloniais poderiam facilmente se tornar forças reacionárias.[60] O delegado russo Georgi Safarov, defensor dos direitos das minorias nacionais que anos depois seria preso e fuzilado pelo regime de Stalin,[61] atacou a visão que os europeus tinham da África como um ambiente "selvagem" e, assim como Roy, aludiu às teses sobre a questão nacional e colonial do II Congresso da Comintern como exemplos a serem seguidos e cada vez mais postos em prática.[62] E o economista húngaro da Comintern, Jenő Varga, em seu informe sobre "A questão agrária", descreve uma situação que poderia muito bem ser associada ao Brasil da década de 1920:

> "[...] na agricultura, as diferenças [entre os países] são imensas. Identificarei apenas três variantes principais. A primeira são os *países coloniais*, com uma população camponesa nativa e oprimida. Penso, por exemplo, na situação do Egito ou da Índia, onde o camponês é subjugado por ladrões estrangeiros que estão estreitamente ligados ao grande fazendeiro feudal do distrito em questão e aos grandes príncipes que são aliados do imperialismo britânico. Nesses territórios, a luta contra o imperialismo é, simultaneamente, uma luta

[57] *Ibid.*, p. 398 ss.
[58] *Ibid.*, p. 429-430.
[59] O mesmo também se pode dizer da discussão sobre a "questão negra", iniciada com o informe do representante dos EUA Otto Huiswood (codinome Frank Billings), todo calcado no exemplo estadunidense. Porém, como informaria o presidente da sessão ao final, era a primeira vez que a Comintern estava discutindo esse problema racial. Cf. *Ibid.*, respectivamente p. 800 ss. e p. 811.
[60] *Ibid.*, p. 686 ss.
[61] *Ibid.*, p. 1247.
[62] *Ibid.*, p. 719 ss. Elogio feito igualmente pelo delegado iraniano Karim Nikbin (*Ibid.*, p. 726), que lamentou sua falta de aplicação e a pouca atenção até então recebida.

> social do campesinato oprimido e subjugado contra seus próprios patrões. [...]"[63]

Curiosamente, a única intervenção registrada do delegado brasileiro Canellas trata do informe de Leon Trotsky sobre a "questão francesa", surgida no âmbito dos comunistas da França e relativa a diversas questões organizativas, entre elas as relações com Moscou, lutas fracionais internas, a política sindical e a participação de maçons nos partidos da Comintern.[64] Vasil Kolarov, que presidia a respectiva sessão, pôs em votação uma proposta para que o debate sobre o informe de Trotsky não fosse aberto e perguntou aos presentes se alguém gostaria de comentar sobre a ordem do dia. Canellas então tomou a palavra:

> "Considerando que o debate sobre a questão francesa no congresso foi inadequado;
> "Considerando que o congresso foi informado de um modo unilateral e enviesado;
> "Considerando que alguns delegados que têm um ponto de vista diferente daquele do Executivo [CEIC] não estão conseguindo expressar sua opinião;
> "O delegado brasileiro protesta contra esse procedimento e vota contra a resolução colocada diante do Congresso para aprovação."[65]

De fato, os embates de ideias e as disputas de poder eram acirradas e abertas nos congressos da Comintern, mesmo entre membros de um mesmo partido, mas no quarto encontro poucos ainda criticavam os procedimentos centralizadores e a regência do ritmo das discussões pelos russos. Nos próprios debates sobre a reorganização do Comitê Executivo, a centralização e a fuga de um caráter "confederativo", já priorizadas desde 1920 em contraposição aos partidos social-democratas, emergiam como corolário da acumulação de forças no período dito de "ofensiva capitalista".[66] Mas no ambiente libertário e antiburocrático do qual Canellas saíra antes de ingressar no PCB, era incomum deparar-se com unanimidades como a que logo barraria a iniciativa do brasileiro:

> "**Presidente:** A proposta do camarada do Brasil é um tanto prematura, já que nada foi decidido ainda. Considerarei como uma proposta para abrir o debate e uma objeção à proposta do Presidium [de não abrir o debate].
> "Colocarei a proposta do Presidium para votação.
> "O debate deve ser aberto ou não?

---

[63] *Ibid.*, p. 742 (grifo no original). Naturalmente, no lugar dos príncipes, estão os políticos da Primeira República.
[64] O informe lido por Trotsky está em RIDDELL, John (ed. e trad.). **Toward the United Front...**, *Op. cit.*, p. 963 ss.
[65] *Ibid.*, p. 1009-1010. Mais adiante na sessão, Canellas também votaria contra a adoção final da "Resolução organizativa sobre a questão francesa", que teve apenas outro voto contrário de um francês e uma abstenção. Cf. *Ibid.*, p. 1013-1016.
[66] *Ibid.*, p. 925 ss.

> "Vocês são favoráveis à proposta do Presidium de não abrir um debate? (*Adotada com a oposição de um delegado; todos os outros a favor*)"[67]

Na própria formação do CEIC que dirigiria a Comintern até o V Congresso, além dos nomes de dois estadunidenses como titular e suplente para seu país, aparece apenas o suíço Alfred Stirner (Edgar Woog) representando a América Latina na lista apresentada e aprovada em plenário.[68] Na resolução final "Sobre a tática da Comintern", tanto o nome quanto o contexto do subcontinente passam igualmente anônimos, figurando como exemplos de "*movimentos de libertação nacional*" nos "países coloniais e semicoloniais" as lutas contra o imperialismo europeu na Índia, no Egito, na Irlanda (então em combate pela independência do Reino Unido) e na Turquia.[69] E na redação final das "Teses sobre a questão oriental", a questão colonial (e das "semicolônias", por extensão) submerge dentro da "questão oriental" mais geral.[70]

Para além de sua intervenção frustrada nas peripécias dos comunistas franceses, o delegado brasileiro Antonio Bernardo Canellas fora encarregado pela direção do PCB de solicitar a aceitação do partido recém-criado na Comintern, como condição para representar a revolução bolchevique no país. A escolha do ex-militante anarquista deveu-se ao fato de ele já se encontrar em Paris antes do IV Congresso e contar com recursos financeiros para a viagem, dispensando o custoso envio de um delegado a partir do Brasil. Contudo, diante de sua atuação de confronto aos procedimentos congressuais e à centralização personalista em torno dos líderes russos, somada à defesa do lado acuado no partido comunista francês,[71] os órgãos da Comintern responsáveis pela aceitação de novas seções decidiram aceitar provisoriamente o PCB apenas como "partido simpatizante". O secretariado do CEIC incumbiu Antonio Gramsci (que redigiu o texto), Otto Kuusinen e Alfred Stirner, dentro de discussões mais amplas sobre "questões sul-americanas" que teriam ficado pendentes, de elaborarem uma "Resolução sobre o Partido Comunista do Brasil" a ser discutida e aprovada na próxima reunião do comitê.[72] Segundo o texto, a Internacional encarregava-se de colaborar para que os

---

[67] *Ibid.*, p. 1010 (recursos gráficos no original).
[68] *Ibid.*, p. 1105 e 1109.
[69] *Ibid.*, p. 1151 (grifo no original).
[70] *Ibid.*, p. 1180 ss.
[71] O nome e a sigla PCF (Parti Communiste Français) só seriam adotados em 1943. Desde 1921, ele era chamado PC-SFIC (Partido Comunista-Seção Francesa da Internacional Comunista).
[72] SEKRETARIAT EKKI. An die Genossen Gramsci, Kuusinen und Stirner. Moscou, 30 de dezembro de 1922; Südamerikanische Fragen. Resolution über die kommunistische [*sic*] Partei Brasiliens. Arquivo Estatal de História Social e Política da Rússia (doravante RGASPI). F. (fundo) 495. Op. (dossiê) 29. D. (pasta) 5. L. (folha) 2-3. O acervo da Comintern está disponível em: https://sovdoc.rusarchives.ru/sections/organizations. Acesso em: 6 mar. 2023. Uma tradução da resolução sobre o PCB encontra-se em SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol:** a história do operário que desafiou Moscou e o PCB. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 136-137. O

brasileiros se livrassem dos "resquícios" ideológicos "anarquistas" e da "influência maçom", supostamente personalizados em Canellas, para formarem um "verdadeiro partido comunista".

Descontados os aspectos folclóricos do "caso Canellas" e a grande briga interna que se formou em seu retorno ao Brasil, a reação da Comintern evidencia algumas dificuldades que a organização internacional do movimento enfrentava como um todo. Primeira, as informações sobre países distantes da cultura europeia continuavam muito escassas, o que prejudicava uma análise objetiva das forças revolucionárias que poderiam auxiliar a Rússia soviética e, como dizia Lenin, a "tradução" do comunismo a essas realidades. Segunda, dessa "intradutibilidade" derivava a pouca compreensão que se tinha em outros países sobre o caráter da Revolução de Outubro, a natureza do bolchevismo e o modelo de partido leninista esboçado em *Que fazer?*, levando à atração ao movimento de anarquistas, reformistas, sindicalistas, nacionalistas e outros militantes tão díspares que, não raro, logo deixariam a Comintern. Terceira, a "bolchevização", cuja formulação teórica só apareceria com o V Congresso em 1924, já estava encontrando seus princípios quando, visando à unidade da revolução mundial a todo custo, Moscou intervinha diretamente nas querelas partidárias e na composição das direções nacionais.[73] E quarta, antes e durante a existência de órgãos oficiais de ligação entre os partidos latino-americanos e destes com Moscou, os comunistas argentinos sempre exerceram nesse âmbito um papel dominante, o que ainda em 1921 o próprio CEIC comprovaria, comparando seu êxito de "missionários" no Cone Sul com a inoperância das primeiras iniciativas lançadas a partir do México.[74]

Se no documento "Sobre a revolução na América" de 1921 a Comintern mencionou pela primeira vez os latino-americanos, na resolução "Aos operários e camponeses da América do Sul", que alterna com aparente indistinção os nomes "América Latina" e "América do Sul", o texto é dirigido exclusivamente ao proletariado do subcontinente, sem conexão evidente com os trabalhadores canadenses e estadunidenses. Aprovada no IV

---

trabalho da jornalista (edição mais recente, não consultada: **Um cadáver ao sol.** Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016), munido de farta e complexa pesquisa documental e bibliográfica, continua sendo o mais completo dedicado ao "caso Canellas" e à pouco conhecida biografia do militante, apesar dos erros fatuais esporádicos e de uma preocupação maior em defender a doutrina anarquista.

[73] Um exemplo dessa intervenção formativa, com representantes e líderes indo e vindo entre Moscou e os respectivos países, é o papel do próprio Edgar Woog/Alfred Stirner nos primeiros anos do Partido Comunista Mexicano. Cf. ORTIZ PERALTA, Rina; ARRIOLA WOOG, Enrique. Stirner y México. *In*: MASSÓN, Caridad (ed.). **Las izquierdas latinoamericanas:** multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Santiago: Ariadna, 2017, p. 343-362.

[74] Sobre os primeiros fracassos em unir organicamente os movimentos comunistas latino-americanos e anglo-saxões das Américas e os princípios do deslocamento do centro de gravidade da coordenação latino-americana do México para a Argentina, cf. JEIFETS, V. L.; JEIFETS, L. S. Коминтерн и Латинская Америка: люди, структуры, решения. Moscou: Politicheskaia entsiklopedia, 2019a, p. 160-163, especialmente p. 162.

Congresso da Internacional,[75] a mensagem traz claramente os operários e camponeses como únicas classes latino-americanas revolucionárias, a quem não se recomenda aliança alguma com a burguesia nativa, ela toda submissa à congênere dos EUA e crescentemente reacionária. Ressaltam-se as contradições visíveis entre as potências imperialistas e a suposta derrocada iminente do capitalismo internacional, que não poderia sustentar-se a não ser por meio de novas guerras e da matança incessante do operariado. O chamado é feito para que haja uma organização laboral em torno da Internacional Sindical Vermelha, um dos órgãos da cada vez mais estruturada Comintern, mas o apelo é genérico para que "em toda a América" ("do Norte" também?) as lutas se unam na direção dos comunistas e pela defesa da Revolução Russa.

O V Congresso da Comintern, realizado de 17 de junho a 8 de julho de 1924, foi o primeiro reunido após a morte de Lenin, cuja ausência parece ter deixado os líderes soviéticos um tanto desorientados, como se nota pela escolha definitiva da centralização e da exportação do modelo bolchevique para o resto do mundo e pelo preenchimento de tempo com saudações e mensagens de representantes de fábricas russas. A América Latina sequer apareceu como tema político autônomo, e no final não foi tirada nenhuma resolução sobre as questões nacional e colonial, que imergiram dentro de outras discussões mais amplas. Por outro lado, foram muitas as resoluções sobre questões organizativas (em especial sobre os setores de jovens, mulheres, sindicatos e socorro operário) e sobre querelas em partidos específicos, e foram adotados um novo programa e novos estatutos. 11 dos delegados ao V Congresso eram dos EUA, dois vieram do Canadá e três representavam a Argentina (Miguel Ángel Contreras), o México (Bertram Wolfe, estadunidense radicado no México e membro do Comitê Executivo do PCM) e o Brasil (Rodolfo Coutinho).[76] Da América Latina, apenas o argentino José Penelón foi eleito membro titular do CEIC, e na Comissão Internacional de Controle entraram Astrojildo Pereira pela "América do Sul", Stirner pelo México e Earl Browder pelos EUA.[77] Segundo o documento intitulado "Número de membros nas seções da Comintern", nota-se

[75] A los obreros y campesinos de América del Sur, **La Correspondance Internationale**, n. 2, p. 26-27, 20 janv. 1923 apud LÖWY, Michael. **El marxismo en América Latina...**, *Op. cit.*, p. 88-91. A resolução, porém, não aparece e sequer é mencionada entre os materiais do IV Congresso publicados em RIDDELL, John (ed. e trad.). **Toward the United Front...**, *Op. cit.*

[76] ПЯТЫЙ Всемирный Конгресс Коммунистического Интернационала. 17 июня–8 июля 1924 г. Стенографический отчёт. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1925, p. 235. ("Parte II (anexos)".)

[77] *Ibid.*, p. 237-238. De fato, quando foi anunciada a votação da lista dos membros do CEIC, de seus suplentes e dos membros da Comissão de Controle, Wolfe declarou: "O camarada Penelón está sendo apresentado não somente em nome da Argentina, mas também de toda a América Latina." Isso demonstra como no pensamento europeu, "América Latina" e "América do Sul" pareciam ser conceitos muitas vezes confundidos. Cf. ПЯТЫЙ Всемирный Конгресс..., *Op. cit.*, p. 986. ("Parte I".)

uma tendência geral de queda dos efetivos comunistas no subcontinente, a se crer nos números expostos, comprovando o impacto das repressões políticas: comparadas as épocas do IV e do V Congressos, o PC mexicano passou de 1 500 para 1 000 membros, o PC argentino conservou seus 3 500, o PC chileno manteve-se com 2 000, o PC uruguaio caiu de 1 000 para 600, e o PCB de 500 para 350. Também se indica na lista que durante o IV Congresso, o PCB era legal, e que durante o V Congresso, já caíra na clandestinidade; outra nota diz que "O partido [PCB] deverá ser aceito na Comintern pelo V Congresso".[78]

Durante o debate sobre o informe de Zinoviev tratando da atividade do CEIC, não faltaram observações críticas quanto ao pouco espaço ocupado pela questão colonial e aos territórios mais ou menos concernidos. M. N. Roy postulou que a "frente única" não deveria limitar-se, por exemplo, ao território das ilhas britânicas, mas também ser aplicada a toda a área colonial, pois não teria como o império cair sem a revolução nas colônias, a qual também cortaria a fonte de "suborno" da elite sindical pelo governo em Londres.[79] Em apoio a Roy, o delegado "Nguyen" (provavelmente parte do nome de batismo do vietnamita Ho Chi Minh, pois diz que veio de uma colônia francesa), em meio aos discursos sobre a questão alemã, fustigou os delegados europeus por quererem falar em revolução em seus países sem abordar a insurreição nas colônias, as quais seriam, na verdade, o esteio da reação política. Enquanto na Alemanha e na Itália os reacionários se apoiavam no fascismo, nos países vizinhos as colônias e seus recursos seriam o esteio da reação.[80] Até mesmo o representante estadunidense John Pepper reclamou que o congresso estava muito voltado para problemas europeus, mas ele disse isso no sentido de equiparar os países anglo-saxões à Europa. Mesmo assim, ele menciona as particularidades dessas regiões e destaca os negros dos EUA como massa explorada sobre a qual também se apoiaria a "aristocracia operária".[81] "Dan", outro delegado estadunidense, contrapondo-se em muitos pontos ao próprio Pepper, chamou a atenção, de forma incomum para seus conterrâneos da época, para o esquecimento diante do México e da "América do Sul". Esses territórios seriam a retaguarda do imperialismo de Washington, de forma que os comunistas dos EUA deveriam ajudar os partidos comunistas locais a combater a intromissão imperialista. Porém, o assunto limita-se a apenas um parágrafo.[82]

---

[78] ПЯТЫЙ Всемирный Конгресс..., *Op. cit.*, p. 299. ("Parte II (anexos)".)
[79] ПЯТЫЙ Всемирный Конгресс..., *Op. cit.*, p. 130 ss. ("Parte I".)
[80] *Ibid.*, p. 218-220.
[81] *Ibid.*, p. 290 ss. Pepper era na realidade József Pogány, funcionário da Comintern nascido na Hungria e morto em 1938 nos expurgos de Stalin. O delegado "Jackson", também dos EUA, também menciona em outro momento a necessidade de organizar os trabalhadores negros do país. Cf. *Ibid.*, p. 634 ss.
[82] *Ibid.*, p. 300-301.

Se as questões nacional e colonial parecem ter imergido dentro de outras discussões mais amplas, um "Discurso sobre a questão nacional" (e não informe) de Dmytró Manuilsky, que estava ascendendo como um dos principais líderes da Comintern, trouxe também a imersão da questão colonial dentro da questão nacional. Para o dirigente, a eclosão de revoltas coloniais, especialmente na Índia, comprovaria a justeza da linha do II Congresso da Internacional sobre a questão nacional – o que dá a entender que não se poderiam prever grandes mudanças nesse âmbito no quinto encontro. Não se encontra em sua fala nenhuma menção à América Latina, o que permanece notável mesmo se não se considerar a questão colonial como pertinente à região ou mesmo se a "questão nacional" for entendida como "nacional *e* colonial" ou "nacional *ou* colonial".[83] Porém, como o próprio interessado na Índia, Roy também fez seu "Discurso sobre a questão nacional" (que incluía a colonial) e, como de costume, criticou a falta de atenção da Comintern às colônias e semicolônias, mas destacou o que seriam as imprecisões no discurso de Manuilsky quanto à Índia, como no tocante à força e aos sucessos dos movimentos grevistas. O cerne da crítica foi a aplicação mecânica das teses sobre a questão nacional e colonial aprovadas pelo II Congresso, cuja validade Roy também segue afirmando. Essa aplicação mecânica se daria no apoio a todo movimento burguês de libertação nacional (independência) nas colônias, quando na verdade muitos deles, além de antipopulares e antissoviéticos, também chegavam a frequentes compromissos com as burguesias metropolitanas. Ou seja, seu anti-imperialismo não seria consequente, e as burguesias nativas deveriam ser pressionadas nesse sentido pelos comunistas e pelas forças populares. Roy ressalta também que nas colônias e semicolônias, o campesinato seguiria sendo a classe mais revolucionária, o que não era necessariamente verdade nas metrópoles, onde o papel do proletariado ainda seria primordial. Além disso, ao contrário da Europa, a mesma burguesia colonial nem sempre estaria disposta a atacar o "feudalismo", que se daria muito bem com o capitalismo agrário.[84]

As "Teses sobre as questões de tática" contêm muitas retomadas de palavras de ordem de congressos anteriores, como a que mandava ir "Às massas" e a referente à conquista da maioria da classe operária pelos comunistas para trazer à luta uma parte significativa dela, pois continuariam válidas e precisariam ter seus êxitos concluídos. Como tarefas para os

[83] *Ibid.*, p. 589 ss. Perto do fim do congresso, Manuilsky disse que aproveitaria seu discurso final "para dar um pequeno informe sobre os trabalhos da comissão para as questões nacional e colonial". A comissão, cujos materiais não constam nos volumes consultados para a pesquisa, "dividiu-se em cinco seções, de acordo com o círculo de questões que interessam aos diferentes grupos de países", e uma delas era a "seção negra [*negritianskaia*]". A "questão negra" não foi em nenhum momento discutida no V Congresso levando em conta a realidade da América do Sul, em especial do Brasil, mas apenas dos EUA e da África do Sul. Cf. *Ibid.*, p. 963.

[84] *Ibid.*, p. 606 ss.

"países coloniais e semicoloniais", por exemplo, a Comintern estipulava "criar um núcleo de partidos comunistas que representem os interesses gerais do proletariado" e "apoiar com todas as forças o movimento nacional revolucionário dirigido contra o imperialismo, tornar-se a vanguarda desse movimento e, nos limites do movimento nacional, despertar e reforçar o movimento social".[85] Reafirma-se a tática de "frente única", mas de forma "não oportunista" e sem "aplicação mecânica", sem dar margem à aliança com inimigos de classe e vinda apenas "a partir de baixo", com tratativas simultâneas com as cúpulas somente se a social-democracia for forte em determinado país. O lema do "governo operário-camponês", que na verdade seria a tradução "para as massas", na "língua da revolução", da ditadura do proletariado, não excluiria a atividade parlamentar, que por sua vez não poderia tornar-se um fim em si. O cenário ideal seria o da insurreição armada, pois o lema não poderia ser visto de forma oportunista como um programa de colaboração parlamentar ou governamental. Para a Comintern, "A era da revolução mundial começou", mas como seria impossível prever sua velocidade, os comunistas deveriam estar preparados para os dois cenários de evolução mais ou menos rápida.[86]

Apesar das permanências, a inovação da "*bolchevização*" dos partidos comunistas e a formação de um único partido comunista mundial eram as principais tarefas do momento. A "bolchevização" não seria a transferência mecânica da experiência dos comunistas russos para outros países, mas essencialmente: a transformação dos partidos comunistas em partidos de massa, fossem eles legais ou não; a flexibilidade tática contra o dogmatismo e o sectarismo; a manutenção da essência marxista e revolucionária, não medindo esforços para acelerar a vitória do proletariado sobre a burguesia; uma centralização que suprimisse frações, correntes e agrupamentos; a condução de trabalho organizativo e propagandístico nos exércitos. Esses pontos seriam o que no PC(b)R havia de "internacional" e "de conhecimento geral".[87] Além disso, o V Congresso adotou um Programa da Comintern provisório, que deveria ser substituído por um permanente no próximo congresso. Embora não haja uma explicação muito clara sobre as diferenças entre colônias e semicolônias e não se encaixe a América Latina em nenhuma categoria de países ou territórios, parte do programa reconhece a

[85] ПЯТЫЙ Всемирный Конгресс..., *Op. cit.*, p. 38-39. ("Parte II (anexos)".) Essas duas diretivas, segundo consta no documento, foram reproduzidas tal qual haviam sido aprovadas ainda no IV Congresso da Comintern.

[86] *Ibid.*, p. 42 ss., especialmente p. 44-45 e 47.

[87] *Ibid.*, p. 47 ss. Não se entrará aqui na adequação ou impropriedade do nome "bolchevização", que nesta tese remeterá simplesmente à política que, de forma geral, levou à transposição do modelo partidário russo-soviético para as demais seções da Comintern a partir de 1924-25 e a efeitos opostos às pretensões acima expostas.

longa duração do processo revolucionário mundial, por vezes exigente de concessões e alianças, e a importância do mundo colonial na derrocada do capitalismo internacional:

> "Entre o regime comunista e o regime do imperialismo encontra-se um longo período de lutas do proletariado, de vitórias e derrotas suas; [...] um período de lutas nacionais e de insurreições coloniais que, não sendo por si sós movimentos do proletariado revolucionário, tornam-se objetivamente parte integrante da revolução proletária mundial, pois que elas solapam o domínio do imperialismo [...]".[88]
> "O principal suporte dos gigantes Estados imperialistas eram e são as relações habilmente construídas entre colônias, semicolônias, Estados nacionais e metrópoles imperialistas. Por isso, tanto do ponto de vista da dissolução das relações capitalistas quanto do ponto de vista da edificação socialista, as questões colonial e nacional desempenham um papel completamente excepcional."[89]

Notavelmente, nas "Teses sobre a atividade de propaganda da Comintern e de suas seções", propõe-se como medida de estabelecimento de "funcionários teóricos", pelo menos nos principais partidos, o envio a Moscou de comunistas capacitados, de preferência de origem operária, para dedicarem-se exclusivamente ao "estudo da teoria e prática marxista-leninistas". O objetivo é melhorar o trabalho político por meio da assimilação teórico-ideológica, e também se demonstra o valor ao aprendizado autodidata, particularmente em círculos de estudo.[90] Mas a formação política "diretamente da fonte" e a presença física dos quadros mais destacados na URSS também podem ser vistas como um modo de reforçar o vínculo e o controle dos comunistas estrangeiros a partir da matriz da Comintern, garantindo o mínimo possível de trânsfugas enquanto se buscava consolidar o monolitismo do movimento internacional.

Enquanto as divisões internas no Partido Comunista (bolchevique) da Rússia, o VKP(b), haviam obrigado os congressos da Comintern a se reunirem mais espaçadamente (a cada ano de 1919 a 1922, depois em 1924 e 1928), os plenos do CEIC, destinados originalmente a solucionar questões pontuais, na prática se tornaram "pequenos congressos", mas eles mesmos já estavam ocorrendo cada vez mais raramente. No terceiro desses "plenos ampliados", primeiro a contar com atas publicadas, a América Latina sequer é mencionada como objeto de debate, nem mesmo nas breves alusões ao colonialismo e quando se aborda a "questão nacional", esta limitada aos próprios países da Europa nascidos com o desmonte do Império Austro-Húngaro e as perdas territoriais da Rússia e da Alemanha. A perspectiva é

[88] *Ibid.*, p. 75.
[89] *Ibid.*, p. 82-83.
[90] *Ibid.*, p. 101 e 104-105.

extremamente eurocêntrica em todos os âmbitos, mesmo com a ratificação da política do IV Congresso da Comintern e com as sucessivas menções aos EUA, tomado na verdade como parte da civilização europeia, isto é, capitalista desenvolvida. Curiosamente, é Alexander Trachtenberg, membro estadunidense do CEIC, que criticará como incompleto um informe de Karl Radek por considerar o significado do imperialismo ianque apenas com relação à Europa, enquanto ele estaria se difundindo pelo Oceano Pacífico e pela América Central e do Sul. O imperialismo de Washington seria jovem, mas, "semelhante a tudo o que é americano, cresce rapidamente e é extremamente cruel", em especial na figura do National City Bank de Nova York, representante dos interesses do grande capital financeiro estadunidense e cada vez mais ativo na América do Sul. Embora Trachtenberg afirme que "Deve ser convocada uma conferência dos partidos dos países interessados",[91] não há nas atas nenhuma consequência organizativa que planeje novas estruturas ou que realmente convoque reuniões específicas.

1.2. A criação do PCB e seu lugar no comunismo internacional

O relato sobre a criação do Partido Comunista do Brasil (PCB)[92] pelo I Congresso constituinte em março de 1922 já foi objeto de inúmeras obras, que em grande parte se basearam nos relatos seminais de Astrojildo Pereira, um de seus principais protagonistas, assim como as análises sobre a composição social e a origem ideológica de seus fundadores, às quais não interessam aqui tanto quanto as possíveis ligações internacionais por trás do lançamento da pedra fundamental. Contudo, isso não significa recair em uma antiga polêmica, que alcançou seu apogeu no período em que o bloco soviético estava desagregando-se na Europa Central e Oriental, opondo os partidários das raízes completamente nacionais do comunismo brasileiro e os estudiosos que postulavam uma fundação já por iniciativa da Comintern.[93] Devido à circulação de literatura e de imprensa e aos inúmeros fluxos

[91] РАСШИРЕННЫЙ Пленум Исполительного Комитета Коммунистического Интернационала (12-23 июня 1923 года). Moscou: Krasnaia nov, 1923, p. 134-135. A edição não informa que se trata da terceira reunião.

[92] O nome Partido Comunista do Brasil (PCB) foi mantido até 1961, quando uma das iniciativas visando à legalização da legenda consistiu em sua renomeação para Partido Comunista Brasileiro, sem mudança de sigla. O nome Partido Comunista do Brasil seria retomado pela cisão de 1962, mas com a sigla PC do B. Esta tese, portanto, concerne ao nome e à sigla mantidos até 1961 pelo partido fundado em 1922.

[93] No primeiro campo, situavam-se essencialmente os militantes e historiadores ligados ao PCB, que na década de 1980 e já na esteira do movimento "eurocomunista" da década de 1970, buscavam desvincular-se da imagem de submissão à antiga URSS. Seu principal representante é Michel Zaidan Filho, com suas sínteses baseadas em ampla documentação partidária: *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*; *O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929)*; *Comunistas em céu aberto (1922-1930)* (cf. a seção "Bibliografia"). No segundo campo, achavam-se na dianteira quase sempre jornalistas que acorreram à documentação liberada em Moscou na década de 1990, mas ignoravam as práticas do ofício histórico, como William Waack e seu célebre *Camaradas*. Um representante dessa tendência, mas também seu maior sintetizador, é Marcos Aurelio Guedes de Oliveira, em *Comunismo e stalinismo no Brasil* (cf. a seção "Bibliografia"), cujas tendências unilaterais já se prenunciavam em *O Comintern e a Aliança Nacional Libertadora* (Recife, Bagaço, 1996).

migratórios, o Brasil nunca esteve fechado às influências ideológicas e culturais de outros países, sobretudo da Europa Ocidental, que sempre foi considerada um modelo em termos civilizatórios. Mesmo as camadas operárias, grande parte delas de origem imigrante, engrossavam as fileiras dos movimentos de crítica do poder, sobretudo o anarquismo, o socialismo e o sindicalismo, por isso mesmo associados à "subversão estrangeira". Assim, no tocante à fundação do movimento comunista (isto é, pró-bolchevique) no Brasil, importa antes pontuar *quando* se deram ou primeiros contatos internacionais, *quão forte ou constante* foram esses laços em determinados períodos e quais foram os *obstáculos ou contradições* que por vezes obstaram o controle por parte da Comintern ou a circulação de informações e diretivas.

Por muito tempo, assevera Evaristo de Moraes Filho, as ideias de Marx chegaram ao Brasil por meio de citações em outros autores europeus ou de traduções em outras línguas europeias, sendo a primeira citação diretamente do original em alemão feita por Tobias Barreto apenas perto do fim do século XIX. Tanto que a primeira tradução brasileira de uma obra de Marx, já dentro da perspectiva leninista e soviética, foi feita em 1923 por Octavio Brandão, tratando-se do *Manifesto Comunista*, ainda assim retraduzido a partir de uma edição francesa. Durante o início do século XX, Marx também não foi predominante no movimento operário e entre os intelectuais progressistas no Brasil, no primeiro grupo predominando o anarquismo e o sindicalismo (eles mesmos padecendo das mesmas leituras ecléticas e contraditórias), e no segundo ainda predominando autores europeus reformistas ou filantropos, assim como a Doutrina Social da Igreja. Apenas depois de 1930 as obras de Marx começaram realmente a ser difundidas e traduzidas no Brasil, e somente a partir da década de 1970 surgiram grupos, seminários e cursos acadêmicos dedicados ao estudo aprofundado desses escritos.[94] Percebe-se assim que a adesão de brasileiros à Revolução de Outubro, não apenas em seu período inicial, quando se pensava que ela seria um levante anarquista, mas também quando a perseguição de Lenin a outros partidos e ideologias tornou-se mais aberta e a ruptura ideológica, na Europa e na América, consumou-se, passou por inúmeras *mediações* intelectuais e práticas que não podem ser analisadas em termos de "desvio" ou "má interpretação" da letra dos teóricos. Toda leitura do mundo se dá por meio de "óculos" condicionados por tudo o que se encontra disponível em um lugar ou uma época, e a julgar-se

[94] A proto-história do marxismo no Brasil. *In*: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **História do marxismo no Brasil.** V. 1. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 13-58. Para uma análise das diferentes leituras de Marx e Engels durante a Primeira República brasileira, cf. também BATALHA, Claudio H. M. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. *In:* MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil.** V. 2. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995, p. 9-41.

pela distância geográfica, pelo desconhecimento linguístico, pelos escassos meios de comunicação e, sobretudo, pela própria vivência dentro da turbulência histórica, não se pode fazer nenhuma exigência de assimilação "perfeita" do marxismo ou mesmo do leninismo, nem mesmo em 1922.

Outro aspecto para questionamento a respeito das ligações entre a Comintern e o PCB consiste na seguinte dúvida: os comunistas brasileiros recém-convertidos procuraram a filiação internacional, ou a Comintern tomou a iniciativa na exploração do território? Nos outros países da América do Sul, assim como no Brasil, o impacto da Revolução de Outubro levou parte dos antigos militantes operários a transformarem as organizações partidárias preexistentes em "partidos comunistas" que buscavam imitar o modelo bolchevique da maneira mais fiel possível. Os primeiros laços eram formados pelas visitas presenciais que os líderes de esquerda faziam à Rússia Soviética/URSS em edificação – quando essa liberdade para ingressar no país ainda era bastante grande –, para conhecer o novo experimento social em primeira mão, de modo que durante a década de 1920 o crescimento do número de novos partidos na região foi constante, e a Comintern encontraria aí um terreno razoavelmente estruturado.[95] Apenas no México parece ter havido um esforço ativo por parte da Comintern, ou mesmo do próprio governo russo-soviético, para estabelecer os primeiros enviados e formar vínculos com ativistas locais ou mesmo com o governo revolucionário. A missão do bolchevique Mikhail Gruzenberg, vulgo "Borodin", toda envolta por uma cobertura diplomática, pode ter sido justificada pela não ruptura dos mexicanos com o governo de Lenin, pela presença de um forte movimento socialista no país e pelo forte sentimento anti-imperialista entre os revolucionários de 1910,[96] em todo caso protagonistas de um feito que precedeu à queda do império tsarista.

Aparentemente, não houve empreendimentos similares que levassem diretamente à exploração do Brasil e ao aparelhamento e à instrução dos comunistas brasileiros. Embora um agente estadunidense da Comintern de etnia judaica, Henry Allen (pseudônimo de Maximilian Cohen), tivesse passado pelo Rio de Janeiro e por Pernambuco em 1921, seus

[95] DOMINGUEZ, Francisco. The *sui generis* Impact of the Russian Revolution on Latin America. **Journal of Global Faultlines**, v. 4, n. 2, p. 123-137, 2018; GREZ TOSO, Sergio. La relaciones entre el Komintern y el Partido Comunista de Chile (1922-1941). **Revista Historia Social y de las Mentalidades**, v. 24, n. 1, p. 207-248, 2020. Embora os dois autores destaquem a importância de órgãos intermediários como o Birô Sul-Americano e o Secretariado Latino-Americano, eles não mencionam, contudo, quais teriam sido os mecanismos administrativos usados por Moscou para enviar os primeiros representantes e estruturar os primeiros núcleos.

[96] KHEYFETS, Lazar; KHEYFETS, Victor. Michael Borodin. The First Comintern-emissary to Latin America (Part One). **The International Newsletter of Historical Studies on Comintern, Communism and Stalinism**, v. II, n. 5-6, p. 145-150, 1994-95. M. N. Roy, o grande teórico anticolonial da Comintern, tem aí um papel de destaque, pois que foi um dos militantes operários que recebeu Borodin e com ele atuou no México.

destinos centrais eram a Argentina e o Uruguai, e a organização e interligação dos diversos grupos comunistas no Brasil são posteriores à viagem. De fato, segundo Rodolfo Ghioldi, delegado argentino em Moscou, que escreveu em 4 de agosto de 1921 um relatório ao CEIC sobre "O comunismo na América do Sul", as ideias comunistas ainda encontrariam "resistência" em um Brasil tomado por "inspirações sindical-anarquistas". Mas para a constituição de um verdadeiro partido comunista, os argentinos estariam em contato permanente com "um grupo comunista de São Paulo", "a cidade mais importante do Brasil"; outros grupos não são citados, nem sequer o de Porto Alegre.[97] Mesmo Allen, narrando sua referida viagem, menciona a presença de "agentes" argentinos no Brasil, sem citar regiões específicas, supostamente "para organizar os sindicatos e construir um Partido Comunista", o que só não estaria sendo feito com o devido rigor por causa da "falta de fundos".[98] Essa breve passagem pode estar na origem da lenda do famoso "cometa de Manchester", em que um agente alegadamente inglês teria procurado anarquistas, entre eles Edgard Leuenroth, para fundar o partido comunista. Com detalhes completamente distorcidos, ela alimentou por décadas os relatos anticomunistas de que a criação do PCB teria se devido a uma "intervenção externa".

Segundo Lazar e Víctor Jeifets, a correspondência epistolar mais ou menos regular com os comunistas argentinos e uruguaios, tanto por militantes de São Paulo e do Rio de Janeiro quanto aqueles residentes na região Sul, deu o maior incentivo aos comunistas brasileiros e mostra o quanto Buenos Aires pesou no desenvolvimento futuro do movimento latino-americano. Ainda em 1918, uma cisão do socialismo argentino originara o Partido Socialista Internacional, renomeado Partido Comunista da Argentina (PCA) e aceito ainda no III Congresso da Comintern em 1921. Essa agremiação já exercia uma forte influência sobre os partidos comunistas dos países vizinhos, para não dizer aqueles que ainda seriam fundados, e atuava na prática como uma "Internacional continental" antes de formalizar o elo com Moscou. O país, assim como o Uruguai, também possuía uma considerável imigração russa desde o fim do século XIX, com militantes operários que já partilhavam crenças convergentes

[97] GHIOLDI, Rodolfo J. Le communisme à Sud-Amérique. Moscou, 4 de agosto de 1921. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 2. L. 5-6.

[98] The Situation in South America. Report of Henry Allen, South-American Representative of the Pan-Americ[an] Agency of Comintern. Nova York, 15 de outubro de 1921. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 2. L. 10. Sobre a confusão quanto à passagem de Allen pelo Brasil, cf. também JEIFETS, V. L.; JEIFETS, L. S. Коминтерн и Латинская Америка..., *Op. cit.*, p. 143-144.

com as dos bolcheviques, não perderam de todo os vínculos com a terra natal e serviram de núcleo para as primeiras ligações da Comintern com a América do Sul.[99]

As primeiras ações rumo ao estreitamento dos laços entre os partidos comunistas nascentes da América Latina e ao reforço de sua atuação conjunta foram tateantes, improvisadas e vulneráveis a lutas de poder entre os dirigentes locais. Em 8 de dezembro de 1919, visando aproximar as organizações e grupos comunistas das três Américas, o Comitê Central (CC) do Partido Comunista Mexicano (PCM) fundou na capital federal o *Birô Latino-Americano da Terceira Internacional*, que em 8 de agosto de 1920 começou a publicar o *Boletín Comunista*, jornal que apareceu até novembro. Porém, suas ligações com a Comintern eram indefinidas e escassas. Em 29 de setembro de 1920, o comunista japonês Sen Katayama foi enviado pelo Pequeno Birô do CEIC ao México para criar o *Birô Pan-Americano da Comintern*, que aparece às vezes como *Agência Americana no México* em documentos, posto para funcionar em Nova York junto com Louis Fraina e Charles Phillips em fevereiro de 1921. O objetivo inicial do segundo órgão era contribuir na fundação de novos partidos na América Latina, coordenar o trabalho dos já fundados, financiar essas seções, difundir literatura e editar a versão em espanhol de *A Internacional Comunista*. O projeto de Katayama de unir o movimento em toda a América pereceu diante das rixas entre comunistas americanos e mexicanos quanto a incumbências e direitos, e em reunião de 10 de outubro de 1921, o Presidium do CEIC[100] ordenou a dissolução do Birô Pan-Americano. A terceira tentativa de apoiar o movimento na América Latina consistiu em deixar a organização e a propaganda a cargo do PCA, mais experiente nessas áreas, o qual foi encarregado pelo Departamento Latino-Americano do Secretariado da Comintern, por volta de setembro de 1921, de criar um comitê de propaganda comunista para a América do Sul, onde o movimento seria impulsionado e sustentado. Tendo voltado de Moscou com essa diretiva, o representante Rodolfo Ghioldi abriu em Buenos Aires a sede do *Birô de Propaganda Comunista Sul-Americana*, que trazia os três membros do Comitê Executivo do PCA e dois militantes que representavam o CEIC. Assim, devido a sua experiência organizativa e aos contatos que

[99] JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. La Internacional Comunista y la izquierda argentina: primeros encuentros y desencuentros. **Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda**, Buenos Aires, año III, n. 5, septiembre 2014, p. 74, 78, 82 e 84; JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943:** diccionario biográfico. Santiago do Chile: Ariadna, 2015, p. 150; JEIFETS, L. S.; ANDREIEV, A. S. Латинская Америка во внешней политике СССР в 1920–1930-е годы (по материалам протоколов заседаний Политбюро ЦК ВКП(б)). // Новейшая история России, v. 21, n. 4, p. 59-60, 2017.

[100] Em 26 de agosto de 1921, o Pequeno Birô tornou-se o Presidium do CEIC, decisão ratificada em 14 de setembro. Cf. ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 7-8, 22 e 41. Sobre o fracasso do Birô Pan-Americano, cf. JEIFETS, V. L.; JEIFETS, L. S. Коминтерн и рождение советской школы латиноамериканистики. // Латинская Америка, Moscou, n. 7, p. 91, 2019.

tinham no exterior, os argentinos dirigiram longamente a evolução do comunismo sul-americano.[101]

Contudo, pelo que se depreende das discussões dos cinco primeiros congressos da Internacional Comunista, nem a América Latina, nem, de forma separada, a América do Sul, constituía um foco estratégico para a tática comunista mundial, apesar das declarações esporádicas sobre a importância de o proletariado latino-americano unir sua luta com a dos trabalhadores estadunidenses (e canadenses?) – o que permaneceu apenas nas intenções – ou, pelo menos, impedir que seus países permanecessem na dominação e dependência dos EUA. Ocorre que, entre a esquerda marxista europeia em geral, e entre os bolcheviques em particular, reinava um grande desconhecimento do que havia e ocorria nos países coloniais ou pobres, de forma que qualquer perspectiva revolucionária não poderia partir senão das próprias nações capitalistas desenvolvidas. Além disso, a onda iniciada em 1917 refluíra na própria Europa ainda a partir de 1921, e dificilmente poderia ter um reflexo direto em outras paragens, tanto mais que a convulsão social causada pela guerra mundial fora o gatilho que causou as rebeliões logo sufocadas pelos Estados nacionais. A particularidade do PCB, portanto, assim como a de vários partidos comunistas latino-americanos fundados na década de 1920, foi seu surgimento em um contexto de refluxo da revolução mundial planejada e buscada pela Comintern, o que determinou a relativa independência desfrutada no início.

De tal forma que Abílio de Nequete, imigrante libanês e barbeiro que viria a ser o primeiro secretário-geral do PCB, enviou de Montevidéu diretamente ao CEIC uma interessante carta datada de 1.º de fevereiro, "ano V da Revolução Russa" (isto é, 1922), cuja única menção a um evento internacional além do ocorrido na Rússia concerne à primeira grande pandemia do vírus influenza H1N1, conhecida como "gripe espanhola":

> "Em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, em novembro [de] 1918, um grupo de três companheiros tomou a si o encargo de lançar um manifesto aos trabalhadores, dando como causa da pandemia [...] a organização ultracriminosa do capitalismo e incitava as massas a que se apoderassem de tudo, porque tudo era criado por seu esforço."[102]

---

[101] Sobre as primeiras estruturas da Comintern na região, cf. JEIFETS, L. S.; ANDREIEV, A. S. Латинская Америка во внешней политике СССР..., *Op. cit.*, p. 59; JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*; JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. La Internacional Comunista y la izquierda argentina..., *Op. cit.*; ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 30; CANALE, Dario. **O surgimento da Seção Brasileira da Internacional Comunista (1917-1928).** São Paulo: Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois, 2013, p. 186-187.

[102] NEQUETE, Abílio de. Ao Comitê Executivo da I[nternacional] Comunista. Montevidéu, 1.º de fevereiro ano V [1922]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 5. L. 4. Nas citações literais da carta, datilografada em um português

O manifesto era assinado pela "União Maximalista" de Porto Alegre, que Nequete afirma desde então ter-se considerado "entidade revolucionária" favorável ao bolchevismo russo e que, em 1919, teria testemunhado a adesão massiva de anarquistas gaúchos à ideologia bolchevique. Assim, no mesmo ano, teria aparecido o primeiro "Partido Comunista do Brasil", com manifestações de rua reivindicadas em Porto Alegre, no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas que – no que coincide com o relato clássico de Astrojildo Pereira – não passaria de uma organização de anarquistas entusiasmados.[103] A União Maximalista, que fora rebatizada como "Grupo Comunista" pouco antes da escrita do texto, carecia muito de literatura teórica, o que, segundo o militante, causava a reinante confusão intelectual entre seus companheiros, de forma que alguns dos poucos materiais de estudo disponíveis eram revistas editadas pelos socialistas, depois comunistas, de Buenos Aires e Montevidéu. Isso mostra como o comunismo brasileiro, desde seu início, tinha importantes ligações orgânicas com o movimento nos países platinos. Não está claro o contexto de redação da carta nem se Nequete possuía pretensões meramente informativas ou se havia aí um pedido implícito de ajuda técnica e financeira – de ajuda teórico-ideológica, decerto, mas essa não parecia ser uma prática comum no movimento internacional, ainda mais levando-se em conta o modo peculiar (junção de núcleos dispersos) como o PCB enfim seria fundado. Porém, a missiva traz vários elementos conhecidos que caracterizaram o contexto de surgimento do partido: a retração da ofensiva operária contra o patronato, o papel que a divisão ideológica entre os anarquistas (favoráveis e não favoráveis ao bolchevismo) teve nesse enfraquecimento, o protagonismo assumido pelos gaúchos – favorecido pela proximidade geográfica com a Argentina e o Uruguai – na junção de outros "grupos comunistas" fundados no Rio de Janeiro e em Recife e o desconhecimento geral da doutrina marxista, dado que os recém-convertidos não vieram de partidos socialistas ou social-democratas mais antigos.[104]

A presença de uma tradução em alemão da carta nos arquivos da Comintern sugere a alta consideração demonstrada por seus líderes diante do florescimento militante na América do Sul, em um momento de profundo isolamento dessa Rússia soviética que pouco conhecia outras culturas além da Europa.[105] Porém, um trecho específico de Nequete sintetiza

---

inteligível, mas com os muitos erros de um falante não nativo, nem todas as adaptações ou correções foram indicadas.

[103] *Ibid*.

[104] Para informações adicionais sobre o surgimento do grupo comunista gaúcho, cf. BARTZ, Frederico Duarte. **O horizonte vermelho:** o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920. Porto Alegre: Sulina, 2017.

[105] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 5. L. 9-13. Até o fim da década de 1920, quando Stalin consolidou seu poder sobre a URSS e a Comintern, o alemão era a principal língua de trabalho da organização. Lenin, Trotsky, Zinoviev e outros velhos bolcheviques que passaram pelo exílio euro-ocidental falavam-no fluentemente.

como a Revolução de Outubro foi recebida de modo muito particular no Brasil, e como os anarquistas parecem ter sido seus maiores entusiastas, antes de se tornarem seus maiores inimigos:

> "A reação anárquica ganha terreno assombrosamente e, em março e abril de 1920, nos congressos operários: regional em Porto Alegre e nacional no Rio de Janeiro, os anarquistas formam absoluta maioria e derrotam moção maximalista [i.e. comunista] de adesão à III Internacional, passando a sabotar toda e qualquer propaganda maximalista. O PCB [anarquista de 1919] desaparece sem deixar sinal de sua existência em razão de não ter tido em seu seio a nenhum comunista."[106]

Nesse espírito, após a fundação daquele que, obedecendo às 21 condições de admissão na Comintern, foi chamado "PC-SBIC" (Partido Comunista-Seção Brasileira da Internacional Comunista), Nequete e Astrojildo Pereira, "secretário internacional *par interim*", puderam assinar a credencial para que Antonio Bernardo Canellas e Mario Barrel[107] fossem representar seu país no IV Congresso Mundial. Os signatários aí expressam ao CEIC seu "mais firme e sincero desejo de adesão total à vanguarda revolucionária do proletariado mundial" e anunciam que os delegados também portariam "um relatório sobre os antecedentes e a final realização, nos dias 25, 26 e 27 do corrente [março de 1922], do Congresso de delegados dos Grupos Comunistas do Brasil, de onde surgiu o Partido Comunista, organizado sobre a base das 21 condições de admissão na Internacional Comunista".[108] Esse relatório sintetiza de modo mais claro e organizado as circunstâncias de formação do PCB, já aludidas na carta supracitada de Nequete: a União Maximalista de Porto Alegre, fundada em novembro de 1918, tomara a iniciativa de renomear-se "Grupo Comunista" em 1921 e de entrar em contato com militantes operários "revolucionários" de outras regiões do país, para que formassem outros grupos. As discussões teóricas e até disputas de opiniões que se seguiram ao entusiasmo generalizado com a "Revolução Sovietista" consolidaram o racha diante do anarquismo e levaram à constante troca de cartas entre os novos grupos, especialmente com o do Rio de Janeiro, fundado em 7 de novembro de 1921. Foi deste grupo que surgiu a iniciativa de lançar *Movimento Communista*, publicação mensal de caráter doutrinário e informativo sobre o comunismo no mundo, cujas fontes de conteúdo, porém, não são explicitadas, assim

---

[106] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 5. L. 5. Sempre que possível, a ortografia dos textos de época foi atualizada sem que fossem feitas observações adicionais, exceto no caso de evidentes erros de redação, tipografia ou informação.

[107] Embora Barrel, assim como Canellas, morasse em Paris, fosse membro do PC francês e tivesse assinado em conjunto o informe ao IV Congresso, por alguma razão não participou do evento. Cf. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 75.

[108] PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. SECRETARIA. Credencial. Rio de Janeiro, 29 de março de 1922. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 5. L. 14.

como parece nacional e quase toda espontânea, guiada pelo exemplo, a difusão dessa ideologia dentro da militância operária.[109]

Justamente o único ponto de contato direto com o CEIC antes do ato fundacional, um mencionado encontro de Nequete com Mikhail Aleksandrovski,[110] membro do Birô de Propaganda Comunista Sul-Americana, em Montevidéu traz mais um ambiente de ajuda mútua do que imposições dos famosos "agentes de Moscou", como ocorreu no México. No parágrafo, de válida menção integral, mencionam-se apenas "*instruções*", que poderiam ser muito mais uma assistência requerida, dado o fato de as comunicações entre os grupos comunistas em todo o Brasil já estarem em estágio avançado:

> "Em meados de fevereiro o G[rupo] C[omunista] do Rio recebeu uma importante comunicação do G.C. de Porto Alegre: o secretário deste, o camarada Abílio de Nequete, fora chamado a Montevidéu pelo Comitê Executivo do PC do Uruguai, avistando-se ali com o camarada Aleksandrovski, do Bureau da Internacional Comunista para a propaganda na América do Sul. Dessa entrevista resultou vir o camarada Nequete ao Rio com instruções no sentido de realizar-se, com urgência, um congresso de delegados dos Grupos Comunistas existentes no país para a definitiva constituição do Partido Comunista do Brasil."[111]

Coroando o sucesso da iniciativa, um secretário do CEIC que não assina, mas se apresenta em uma carta como "chefe da Seção da América Latina", saudou o contato do "Grupo Comunista do Brasil" e pediu que os militantes enviassem constantemente notícias sobre o país e informações sobre greves, movimento sindical e condições de vida da população pobre. Era para publicação na revista da Comintern *La Correspondance Internationale*, cuja redação se localizava em Berlim e, ao contrário da publicação mais teórica *L'Internationale Communiste*, focava-se em descrições mais fatuais do movimento operário em vários países e das lutas sociais aí ocorrendo. Junto à carta foram enviados vários exemplares anteriores de *La Correspondance Internationale* para comparação, e não ainda a esperada ajuda para estudar a teoria.[112]

---

[109] NEQUETE, Abílio de; PEREIRA, Astrojildo. Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso Constituinte do Partido Comunista do Brasil. Rio de Janeiro, 29 de março de 1922. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 5. L. 16-18.

[110] KOMIN-ALEXANDROVSKY, Mijail Alexeevich. *In:* JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 326-327; CAMARERO, Hernán. El comunismo argentino y sus primeras relaciones con la Revolución Rusa y la Komintern: militancias locales, emigrados rusos y emisarios. **Historia Mexicana**, v. 72, n. 3 (287), p. 1498-1499, 2023. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/27181083. Acesso em: 7 jun. 2023. No documento também consta a grafia "Alexandrovsky", que não consiste em um padrão para a transliteração de nomes russos.

[111] NEQUETE, Abílio de; PEREIRA, Astrojildo. Relatório dos trabalhos de preparação..., *Op. cit.* RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 5. L. 17.

[112] Carta datada de 19 de abril [de 1922]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 5. L. 23-24.

Os primeiros estatutos aprovados pelo PCB em seu congresso de fundação foram inspirados no documento similar utilizado pelos comunistas argentinos, em um período quando ainda não havia a prática de se fazerem adotar adaptações de modelos criados pela Comintern. Seguindo fórmula exigida pela lei brasileira, o partido era fundado como "sociedade civil, no Rio de Janeiro, ramificando-se por todo o Brasil", intitulada "Centro do Partido Comunista do Brasil", mas a ser chamada "Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista" (ou seja, PC-SBIC). Segundo o artigo 14, o "princípio da centralização democrática" ditava que a Comissão Central Executiva (CCE), seu órgão maior, deveria manter vínculos com os demais partidos comunistas do mundo, com a própria Comintern e "outras instituições proletárias" que não são, porém, especificadas. Segundo o artigo 16, cada membro titular da CCE receberia a seu encargo um determinado ramo de atividade, um deles sendo o "Serviço de secretaria internacional, relações e informações mundiais", cuja atribuição, segundo a alínea b do artigo 17, seria manter relações permanentes com o CEIC e com as seções da Comintern em outros países e organizar metodicamente informações sobre o movimento comunista internacional.[113] Essas eram suas únicas referências a pertencimento e relações internacionais, e aparentemente elas indicam a possibilidade de uma relação direta do PCB com a Comintern – ou pelo menos com o CEIC, subentende-se – sem organismos regionais intermediários, e com outros partidos comunistas sem a intermediação da Comintern.

Mas os inícios do movimento comunista no Brasil foram marcados por inúmeros ruídos, tanto entre os neófitos e a Comintern (mesmo cinco anos após a Revolução de Outubro) quanto entre os líderes operários cujas percepções sobre a nova realidade, por várias razões, parecem ter sido bastante diferentes. Uma comparação de um documento assinado por Canellas e depositado nos arquivos russos, intitulado "Relatório do Partido Comunista do Brasil ao IV Congresso da Internacional Comunista", com o relatório assinado por Nequete e Pereira e dado para que Canellas e Barrel levassem a Moscou revela várias diferenças de pontos de vistas que não podem explicar-se senão pela ampla autonomia a que inadvertidamente o próprio delegado brasileiro permitiu-se. Em seu livro, Iza Salles afirma que Canellas, durante o tempo livre que lhe restava antes de começar o congresso, tentou circular pelas ruas em busca de informações sobre a revolução, mas o governo limitava estritamente a livre movimentação de estrangeiros, de forma que durante o "tédio" gastou a

[113] PARTIDO COMUNISTA (S.B.I.C.). **Estatutos aprovados no Congresso Comunista reunido no Rio de Janeiro a 25, 26 e 27 de março de 1922.** Rio de Janeiro: Edição da Comissão Central Executiva, 1922, p. 3-5 (RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 6. L. 19-21).

energia escrevendo quatro trabalhos que afirma ter entregado (não fica claro como) ao CEIC. Um dos documentos é mencionado como "Relatório do PCB ao Executivo da Internacional Comunista", título não coincidente com o datilografado nas folhas, porém mais próximo do que talvez tivesse sido citado de memória.[114]

Segundo o "relatório" de Canellas, cujo ocasional impacto causado nas lideranças da Comintern segue desconhecido, a união dos grupos comunistas dispersos visando à fundação do PCB consistia em uma decisão de caráter urgente, face a uma suposta ofensiva de propagada dos anarquistas "ortodoxos" contra a Revolução de Outubro. O militante apresenta o decorrer do ano de 1922 como desfavorável à apresentação das ideias comunistas devido ao clima de eleição que tomara conta da população, mas não menciona o estado de sítio decretado após a insurreição militar na cidade do Rio de Janeiro, que levou à primeira cassação do registro legal do partido. Estranhamente, o "PCB" de 1919 é pintado como um antecessor legítimo, e não como uma organização "anarquista", e ele só teria findado devido ao "marasmo" causado pelas greves fracassadas e pela repressão estatal. Em outras palavras, aquele "PCB" que "abarcava muitos elementos que encaravam o comunismo de um ponto de vista sentimental" teria sido "reconstituído" em 1922. No relato de Canellas, a luta ideológica entre anarquistas e comunistas e dentro dos sindicatos parecem ter muito mais espaço do que as lutas operárias gerais exigindo melhores condições de vida e do que a repressão sistemática por parte do Estado, citada sem muita exatidão.[115] Outro relatório assinado por Canellas e Barrel, com título que o designava como destinado ao CEIC, mas com carimbo preenchido com a data de 23 de maio de 1922 – portanto, uma provável etapa prévia no credenciamento para o IV Congresso da Comintern –, traz uma análise social, política e econômica muito mais exaustiva e indicativa da liberdade analítica que precedeu o enquadramento pós-1929. Curiosamente, sugere-se que a ligação com Moscou não se poderia fazer diretamente, e aventa-se a criação de um "secretariado europeu" em Paris (cidade muito familiar a Canellas) com os comunistas franceses servindo de "agentes de ligação", embora não se descreva a natureza desse contato. Também é notável a observação de que "o Brasil sempre ficou separado da organização operária internacional", exceto por "algumas trocas de olhares,

[114] SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol...**, *Op. cit.*, p. 97-99 (o título do documento está na p. 98).

[115] CANELLAS, Antonio Bernardo. Rapport du Parti Communiste du Brésil au IV^{e} Congrès de l'Internationale communiste. Moscou, 12 de outubro de 1922. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 2. L. 4-9. Iza Salles, sempre citando o relatório de viagem de Canellas, afirma que os relatórios teriam sido traduzidos e inclusive seriam republicados em outras línguas europeias, o que, contudo, sem o aporte de mais provas documentais, não altera a ignorância sobre sua importância e impacto. Cf. **Um cadáver ao sol...**, *Op. cit.*, p. 97-99. Porém, o famoso e prolixo "relatório Canellas", que inclui também trechos de resoluções da Comintern e do PCB, foi integralmente transcrito por VINHAS, Moisés. **O Partidão:** a luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Hucitec, 1982, p. 18-62.

superficiais aliás, com a organização operária da Argentina", o que contradiz o conhecido intercâmbio entre os comunistas gaúchos e platinos nos anos anteriores à fundação do PCB.[116]

Sintomaticamente, no congresso internacional em que o PCB pediria sua admissão na Comintern, Canellas não leu nenhum relatório em público – e sua participação visível foi limitada ao já mencionado desafio relativo às questões francesa e maçom –, e a má impressão causada por sua postura de conflito levou os secretários do CEIC a postergarem o pleno ingresso dos brasileiros. Na verdade, os três relatórios que o militante escreveu e enviou ao CEIC[117] revelam uma dessintonia com o verdadeiro processo de fundação do partido e o surgimento do movimento mundial, a leitura nula de Marx, Engels e mesmo Lenin, apesar da longa estadia na França, e a consequente proximidade persistente com o modo anarquista de agir. E mesmo se considerada a revista *Movimento Communista*, seu "excesso de teoria" e o número exagerado de textos traduzidos, sem matérias em linguagem popular que descrevessem os problemas dos trabalhadores, são alguns dos defeitos imputados pelos secretários do CEIC encarregados dos países sul-americanos, em cartas enviadas ao CC do PCB. A correspondência trocada ao longo do ano de 1923 expressa a insistência dos brasileiros pelo ingresso na Comintern – e inclusive a boa-vontade de Moscou em assessorá-los –, a insatisfação com o escasso material informativo vindo do país e a impressão de desordem organizativa da "seção brasileira".[118] Comissões do Comitê Executivo que contavam com os renomados Otto Kuusinen, Alfred Stirner e Andreu Nin parecem ter visto o "caso Canellas"[119] como mero acidente de percurso e recomendavam o envio constante de dados sociais, econômicos e demográficos e uma reforma que fizesse a imprensa partidária sair mais regularmente e com artigos mais ligados à realidade nacional. No processo de diálogos, que incluíram a ida à Rússia de Rodolfo Coutinho (às vezes referido como "Quotio" ou "Quotinho") como delegado brasileiro, não faltaram mais episódios disruptivos, como a renúncia de Abílio de Nequete, que voltou do Rio de Janeiro para Porto Alegre porque,

---

[116] CANELLAS, Antonio Bernardo; BARREL, Mário. Rapport présenté par les délégués des groupes communistes du Brésil à l'Exécutif de l'Internationale communiste à Moscou. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 4. L. 20-37. As observações mencionadas estão entre as folhas 35 e 36.

[117] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 2, 4 e 8. No início de um deles (D. 2. L. 4-5), a noção de o PCB ter sido fundado em 1919 e depois haver "hibernado" sobrepõe-se quase totalmente ao relato da formação e ligação dos núcleos dispersos pelo Brasil, com prévios contatos com elementos ligados à própria Comintern.

[118] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 9 ("Cartas do CEIC ao CC do PC do Brasil e correspondência sobre o PCB"). *Movimento Communista* deixou de circular como órgão central do PCB em 10 de junho de 1923.

[119] Após um longo embate que opôs Canellas à direção do PCB sobre sua malfadada atuação em Moscou, a CCE resolveu suspendê-lo do partido em 16 de setembro de 1923 e finalmente expulsá-lo em 30 de novembro. Cf. Suspensão de Antonio Canellas. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 12. L. 2-3; Uma nota do PC. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 12. L. 1. Mesmo assim, ao longo da primeira metade do ano, Canellas continuou assinando cartas para o CEIC na qualidade de secretário internacional do PCB. Cf. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 11 ("Cartas do CC do PC do Brasil e de suas organizações ao CEIC").

segundo Nin reproduz a Stirner, "o Partido se transformou no último reduto do anarquismo e que ele não pode resistir mais em permanecer nesse ambiente". É o gênero de incidente que fez o catalão concluir que "o PC do Brasil ainda está para ser criado".[120]

Da parte dos brasileiros, não faltaria esforço justamente para convencer o CEIC de que seu julgamento que levou à aceitação do PCB apenas como "partido simpatizante" padecia de unilateralismo, porque embora o comportamento de Canellas e seu relatório sobre a situação nacional não contassem com o respaldo da CCE, os julgamentos sobre as limitações da estrutura partidária e sobre a influência de ideologias não proletárias seriam muito precipitados.[121] Além disso, os arquivos da Comintern estão repletos de materiais que os comunistas esforçavam-se para mandar do Brasil – essa prática era compulsória para todos os partidos da Internacional –, o que incluía panfletos, recortes de jornal, dados estatísticos, brochuras de propaganda leninista e exemplares da imprensa operária controlados pelo PCB ou alinhados à Revolução de Outubro, ou mesmo opostos ao comunismo (anarquistas, sindicalistas e livres-pensadores). Jornais como *Voz Cosmopolita* e *O Alfaiate*, para além do órgão teórico *Movimento Communista*, traziam a um público mais amplo notícias sobre as reviravoltas políticas na Rússia e rudimentos da doutrina marxista.[122] E os próprios membros da embrionária seção (*Referat*, em alemão) da Comintern dedicada à América Latina, como Alfred Stirner, criavam seu próprio material de registro nos idiomas da organização, talvez com base no que recebiam dos delegados nacionais. O suíço deixou uma "Breve história do movimento operário brasileiro" datilografada em alemão, na qual descreve a base econômica agrária do país, a luta entre militares e "cliques de advogados" pelo poder político, a ausência de militância socialista anterior ao PCB e as dificuldades pelas quais passavam os fundadores da "seção brasileira" na construção do partido e em sua inserção no movimento operário.[123]

Por iniciativa do PCB, o envio de correspondência direta ao CEIC, ou antes aos comunistas europeus responsáveis pela América do Sul no comitê, também era frequente, o que mostra não somente que os próprios brasileiros procuravam manter o contato constante

---

[120] Carta de Andrés [Andreu] Nin a [Alfred] Stirner. [Moscou], 14 de julho de 1923. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 9, L. 9 ob. (verso) e 10 ob. O próprio "Centro Comunista n.º 4" (de Porto Alegre) resolveu expulsar Nequete em maio de 1923 ou depois, por suas posturas tanto no Rio de Janeiro quanto na capital gaúcha. Cf. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 11. L. 4.

[121] PEREIRA, Astrojildo. Resolução sobre o relatório do delegado do PCB ao IV Congresso da IC, adotada em sessão [da CCE] de 6.6.[1]923. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 12. L. 27-34. A mesma pasta 12 ("Resoluções do CC do PC do Brasil") contém traduções em francês e alemão da mesma carta.

[122] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 10 ("Informações e mensagens informativas"), 12a ("Manifestos, jornais, panfletos e brochuras do PC do Brasil") e 17 ("Resoluções, apelos, jornais e panfletos do CC do PC do Brasil"). Nessas coleções também se encontram alguns exemplares do jornal anarquista *A Plebe*, muitas vezes com grifos a caneta em partes mencionando a Rússia e os bolcheviques.

[123] STIRNER, Alfred. Kurze Geschichte der Brasilianischen Arbeiterbewegung. Junho de 1923. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 10. L. 3-6.

com o centro – a começar pela obtenção do pleno ingresso na Comintern – como também o partido não se encontrava em total abandono internacional. É verdade que nos primeiros anos, havia uma preocupação por literatura teórica e por assessoria organizativa, e os próprios dirigentes que escreviam, muitas vezes em francês – como Octavio Brandão, que assinava como secretário de cultura –, lamentavam o atraso na comunicação e narravam com sinceridade as insuficiências do trabalho cotidiano.[124] A redação de relatórios sobre diversos aspectos da sociedade brasileira dava o material para que a Comintern tentasse elaborar políticas especiais para o país, textos enviados diretamente do Brasil e traduzidos para as línguas de trabalho da matriz.[125] Nesses escritos, descobre-se que embora o PCB combatesse as políticas do presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), ele se recusou a aderir à revolta militar no Rio de Janeiro em 5 de julho de 1922, "dirigida por políticos burgueses liberalistas [*sic*]". Em carta datada de 6 de julho de 1923 não assinada, mas escrita por Astrojildo Pereira e aparentemente dirigida a Zinoviev, lê-se que "Tendo constatado a falta de firmeza moral dos dirigentes desse levante militar, assim como o espírito reacionário escondido sob uma máscara democrática, o partido comunista não quis participar desse movimento."[126] Todavia, o PCB foi duramente atingido pela repressão que se seguiu e pelo estado de sítio que durava até então, mesmo após a posse do novo presidente Artur Bernardes (1922-1926), seus principais líderes foram presos, a sede e a editora fechadas, e as atividades de propaganda suspensas. A CCE fazia saber ao CEIC que o envio de informações, nesse contexto de cerco, também sofreria restrições.[127] Começara o primeiro período ilegal do Partido Comunista do Brasil, poucos meses após a fundação e vigente durante toda a década.

Na primeira metade de 1924, o CEIC analisou o dossiê do PCB e finalmente decidiu aceitá-lo como membro permanente da Comintern no IV Congresso que ocorreria no verão. O dirigente argentino Rodolfo Ghioldi, já empenhado nas ligações entre os comunistas de toda a América do Sul, teve um importante papel nesse processo, escrevendo que os brasileiros tinham total alinhamento com Moscou na organização, ideologia e orientações; que o "caso Canellas" fora um simples incidente infeliz; que havia poucas arestas a aparar, como o abstencionismo eleitoral persistente; e que acreditava nos esforços do PCB em se

[124] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 11 ("Cartas do CC do PC do Brasil e de suas organizações ao CEIC").
[125] PARTIDO COMUNISTA (S.B.I.C.). Relatório geral sobre as condições econômicas, políticas e sociais do Brasil e sobre a situação do PC Brasileiro. Rio de Janeiro, 1.º de outubro de 1923. Ass. Astrojildo Pereira. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 11. L. 64-83 (tradução francesa: L. 47-65).
[126] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 11. L. 28-29.
[127] *Ibid.*; RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 11. L. 6, 15, 74 e 77.

tornar uma "patente e digna seção da Internacional Comunista".[128] Outras cartas do CEIC aos brasileiros reafirmam a visão positiva sobre seu ingresso definitivo como "seção nacional", e eles recebem inclusive o esboço de um programa para o partido, ao qual eles se permitem propor pequenas alterações nas partes concernentes às instituições do clero e da escravidão.[129] Contudo, relatórios periódicos que o secretário internacional, Octavio Brandão, ainda mandava em 1924 direto para o CEIC, alguns com recortes de jornal da imprensa partidária, davam conta de uma situação cada vez mais difícil durante a sucessão de estados de sítio decretados pelo presidente Bernardes, de forma que assim ele justificava o fato de muitas cartas terem sido escritas à mão em português (e não em francês, língua que Brandão dominava) e chegarem a Moscou com bastante atraso. Da mesma forma, Pereira assinou muitas descrições detalhadas com dados econômicos, políticos e demográficos durante a primeira metade de 1924, antes que o novo 5 de Julho impelisse a CCE à fuga das autoridades, cujo impacto é de difícil avaliação, mas que recebiam inclusive traduções para o russo e o alemão.[130] Essa correspondência prova que, mesmo naquela década, o Brasil não era de todo abandonado pelo topo da Comintern, que prestava razoável atenção ao material enviado – sobretudo na figura de Alfred Stirner –, embora oficialmente a América do Sul não integrasse a tática revolucionária imediata da Internacional.[131]

Ainda mais reveladora é a posição do PCB diante da nova revolta militar de 5 de julho de 1924, que desta vez explodiria em São Paulo, sem qualquer participação comunista. Chamada de "revolta pequeno-burguesa",[132] seus maiores prejudicados, contudo, foram o movimento operário organizado, os políticos de oposição e o partido comunista, que se já estava em situação "semilegal" (termo usado nas cartas), passara agora à clandestinidade total e tinha seus líderes fortemente escondidos ou mesmo presos:

---

[128] GHIOLDI, R. Declaração do delegado da IC sobre o PCB. Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1924. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 13. L. 11 (em espanhol).

[129] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 13. L. 6-10 e 12; DIE EXEKUTIVE der KI. Skizze zu einem Aktionsprogramm für die Kommunistische Partei Brasiliens. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 13. L. 21 ss.; ANNEXE (Altérations proposées). RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 14. L. 5.

[130] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 15 ("Material informativo sobre a situação política no Brasil"). Há informações de que o PCB estaria construindo com sucesso uma "frente única" com outras organizações operárias e, apesar da feroz repressão policial, tentando organizar uma representação do Socorro Operário Internacional (órgão auxiliar da Comintern) no Brasil. Cf. L. 2-11 (março de 1924).

[131] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 14 ("Cartas do CC do PC do Brasil e de seus delegados ao CEIC e ao PC dos EUA"), esp. L. 52 ss. (Carta de Octavio Brandão a Béla Kun, Seção de Agitação e Propaganda da IC, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1924). Como destacam G. M. Adibekov, E. N. Shakhnazarova e K. K. Shirinia, as constantes trocas de cartas entre o CEIC e a direção de um partido também podiam ter por tema a composição dos órgãos dirigentes partidários e as escolhas pessoais para o Politburo de seu CC, em intervenção do Presidium do CEIC que refletia a tendência à centralização após o IV Congresso. Cf. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 65.

[132] Carta de Octavio Brandão a Béla Kun, Seção de Agitação e Propaganda da IC. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1924. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 14. L. 55.

> "Foram presos os comunistas Paulo de Lacerda, secretário do Comitê Nacional do Socorro Operário Internacional, Everardo Dias, tipógrafo, Belisário Prado, padeiro, José Elias, agitador conhecido, [Antônio?] Silva, carpinteiro, Manoel Abril, sapateiro e Valentim Argollo, cozinheiro. No dia em que o antigo parlamentar, hoje jornalista, Maurício de Lacerda, irmão de Paulo, fez declaração de comunista,[133] foi preso. Este e seu irmão estão na Casa de Correção, no meio dos criminosos comuns, desde 5 de julho. Maurício quase morre com um acesso de derrame cerebral. Em Santos foi preso [César?] Leitão, barbeiro. E, em S. Paulo, os *leaders* comunistas estão escondidos. [...]"[134]

Na mesma carta a Stirner, Brandão avisa sobre o envio anexo de "um longo estudo" por ele feito a respeito da insurreição de 5 de julho de 1924 e no qual buscou aplicar "nosso ponto de vista marxista". Afirmando ser "ainda aprendizes no assunto", o brasileiro diz não ter certeza de seu sucesso e pediu que o correspondente expressasse sua opinião e apontasse erros eventuais em futura carta.[135] Não podia tratar-se senão de *Agrarismo e industrialismo*, ensaio ainda em rascunho e que só viria a público em 1926 (assinado por Fritz Mayer e com Buenos Aires notada como origem), após acréscimos e com o subtítulo *Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*. Lê-se aí que as derrotas militares seriam devidas à confusão e à fraqueza teóricas das oposições sustentadas pela burguesia industrial e comercial e pela brutal perseguição da presidência da República escorada no "agrarismo feudal" do latifúndio. Em sua concepção dualista, os cafeicultores teriam suporte britânico para bancar empresas e institutos cafeeiros, enquanto os industriais seriam apoiados pelos EUA, que faziam boicote ao café brasileiro e, sendo seus maiores adquiridores, forjavam uma crise iminente. Os "tenentes" apareceriam como uma pequena burguesia radical e em armas, unida aos industriais brasileiros (chamados de "burguesia nacional") e com financiamento estadunidense por seu suposto combate à política oligárquica, esteio de um Reino Unido que buscaria opor-se às inversões de Washington. Para Brandão, as revoltas "tenentistas" fariam crer que era a pequena burguesia urbana quem devia encabeçar a etapa *democrático-pequeno-burguesa* da revolução, apoiada pelo proletariado, o qual levaria então essa revolução às últimas consequências, rumo à revolução comunista operária. Os dois "5 de Julho" são vistos como "etapas de uma revolução em curso", aos

---

[133] Brandão talvez esteja se referindo ao fato de Maurício de Lacerda ter chamado o segundo 5 de Julho de "motim fascista" e dito que apoiaria apenas uma "revolução social". Lacerda sempre atuou em proximidade com os comunistas e pelas causas populares, mas nunca foi formalmente filiado ao PCB. Cf. PECHMAN, Robert. LACERDA, Maurício de. **FGV CPDOC.** Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mauricio-paiva-de-lacerda. Acesso em: 18 ago. 2022.

[134] Carta de [Octavio] Brandão a [Alfred] Stirner. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1924. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 14. L. 14-15.

[135] *Ibid.*

moldes da que estaria sendo feita na China pelo Guomindang (Partido Nacional Popular), que liderado por Jiang Jieshi[136] buscava unificar o país contra o domínio dos senhores da guerra locais. Portanto, Brandão parecia pensar que qualquer explosão militar ou tentativa de golpe de Estado inflamaria os trabalhadores.[137]

O livro teria forte impacto na análise teórica do PCB sobre o país durante a década de 1920 e finalmente seria condenado pela cúpula pró-Stalin que se formaria a nível regional e internacional por volta de 1929-30.[138] Contudo, é notável que Brandão, revelado por sua farta correspondência com o CEIC e por sua atuação teórica (realizou a primeira tradução brasileira do *Manifesto comunista* a partir do francês) como uma liderança intelectual de proa entre os pioneiros, valeu-se do termo "marxista-leninista" antes mesmo que, junto da forma substantiva "marxismo-leninismo", passasse a ser canonizado na URSS. Não há registros sobre a recepção imediata do estudo pelos secretários do CEIC, nem mesmo por Stirner, mas cabe observar essa iniciativa como ilustração de um momento em que, antes da burocratização extrema do movimento internacional, as relações permitiam-se ser mais diretas, e em que, antes de sua "stalinização", não havia o radicalismo analítico, a linguagem estereotipada e o ritualismo dirigido a Moscou e seus governantes. Nos fatos, entretanto, parecia haver um descompasso entre as elaborações teóricas de Brandão e o modo como os dirigentes europeus da Comintern liam os problemas sociais latino-americanos, em especial na América do Sul. Um manifesto provavelmente não divulgado nem publicado, mas que sintetiza as tendências de pensamento dentro da cúpula internacional, colocava o imperialismo estadunidense como único grande mal assolando a soberania e a economia da América Latina: bancos, ditadores, líderes sindicais reformistas e a grande imprensa estariam em conluio para manter proletários e camponeses em total submissão política e aceitação passiva da dominação dos EUA. Sua expansão imperialista não estaria se limitando apenas à famosa máxima da "doutrina Monroe" ("a América para os americanos"), pois até mesmo a Europa – e, portanto, o Reino Unido – em reconstrução após a guerra estaria sob seus tentáculos econômicos, o que relativiza bastante a teoria de Brandão sobre os dois

[136] Mais conhecido na literatura ocidental pela transliteração Chiang Kai-shek.
[137] BRANDÃO, Octavio. **Agrarismo e industrialismo:** ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.
[138] BUONICORE, Augusto. Agrarismo e industrialismo: o primeiro encontro do marxismo com o Brasil. **Vermelho**, 27 jun. 2006. Disponível em: https://vermelho.org.br/coluna/agrarismo-e-industrialismo-o-primeiro-encontro-do-marxismo-com-o-brasil. Acesso em: 18 ago. 2022.

imperialismos em concorrência no Brasil.[139] Além disso, em nenhum momento a Comintern enxergou qualquer potencial revolucionário nos militares ou na pequena burguesia.

Várias iniciativas importantes marcaram o PCB no ano de 1925. A primeira delas foi uma conferência dos delegados de células e de núcleos comunistas do Rio de Janeiro e de Niterói, reunida juntamente com a CCE em 22 de fevereiro e cujo principal objetivo era lançar a reestruturação do partido em células de fábrica, empresa ou local de trabalho, conforme fora decidido no V Congresso da Comintern. Sua adição aos critérios geográficos na organização poderia facilitar o recrutamento de reais proletários ao comunismo, pois com três militantes em uma unidade já se poderia formar uma célula, que trataria de fazer a agitação, a propaganda e a difusão de literatura.[140] A segunda iniciativa foi o lançamento do semanário *A Classe Operaria*, que segundo o planejamento do PCB, sairia todos os sábados em tiragem popular a partir de 1.º de maio com críticas sociais, informações sobre o movimento operário, textos sobre a URSS e formação teórica. Foram constantes os apelos em folhetos para a obtenção de fundos, mas por volta de julho o partido já estava com dificuldades para mantê-lo, inclusive devido à repressão, e avisou várias vezes, também em panfletos, sobre a suspensão temporária de sua circulação.[141]

E finalmente, de 16 a 18 de maio, reuniu-se no Rio de Janeiro o II Congresso do PCB, quando além das teses e resoluções, foram aprovados todos os relatórios de trabalho e adotados novos estatutos. A análise de Brandão em *Agrarismo e industrialismo* foi consagrada na caracterização da política nacional, vista essencialmente como uma disputa entre os latifundiários "feudais" apoiados pelos britânicos e os incipientes industriais secundados pelos estadunidenses, ambos responsáveis pela exploração dos trabalhadores brasileiros e pela rapina realizada pelos dois imperialismos. Curiosamente, o Exército é chamado de democrata e liberal por supostamente combater as "oligarquias agrárias", embora objetivamente, por isso, apoie os industriais, apesar de sua composição pequeno-burguesa; pequena burguesia que, para o PCB, poderia ser atraída à luta, ainda que devesse manter-se sob a liderança dos comunistas. Quanto à situação internacional, resume-se à luta entre as "forças da burguesia" reacionária e as "forças da revolução" proletária – apesar dos muitos exemplos geográficos

[139] COMITÊ EXECUTIVO DA INTERNACIONAL COMUNISTA. La III Internacional Comunista a los obreros y campesinos de las repúblicas de la América Latina. Moscou, outubro de 1924. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 6. L. 1-19. A possível não publicação ou difusão é indicada pela anotação "*Proyecto*" e por um papel escrito em alemão "*wurde nicht abgesandt*" (não foi enviado) que acompanha a primeira cópia e pela anotação "*nicht abgesandt*" sobre a segunda cópia. Notavelmente, o Brasil é listado entre as "nações de melhor organização", em que a conquista de empresários e políticos locais poderia substituir as intervenções armadas.

[140] Teses e resoluções adotadas na conferência dos delegados de células e de núcleos do Rio e Niterói realizada em conjunto com [a] CCE em 22-2-25. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 21 (contém tradução para o alemão).

[141] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 21a. L. 39-54; RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 21. L. 1.

citados –, contra o crescente armamentismo e a intrusão do imperialismo anglo-americano na América do Sul. Os estatutos adotados em 1922 foram substituídos por um "estatuto-tipo" para seções da Comintern, com algumas emendas adaptativas à situação brasileira e cuja versão definitiva seria ratificada no III Congresso. Desde já se destacavam as células como organismos básicos da vida partidária, a previsão de realização, todos os anos, de um congresso, a mais alta instância do PCB, e de duas conferências, o Comitê Central como instância máxima no intervalo entre os congressos e a submissão total à Comintern e a todas as suas deliberações.[142]

Após a derrota de 5 de julho de 1924, os militares insurretos, liderados pelo então major da Força Pública paulista Miguel Costa, fugiram para o interior de São Paulo, e em 1925, na foz do rio Iguaçu, encontraram-se com outra coluna que vinha do Rio Grande do Sul e que também se rebelara em outubro do ano anterior. Juntos, os dois grupos formaram o que se convencionou chamar de "Coluna Miguel Costa-Prestes", "Coluna Invicta" ou simplesmente "Coluna Prestes" – em referência a Luiz Carlos Prestes, capitão do Exército que comandou o levante e as tropas gaúchas –, movimento militar que percorreria a maior parte dos estados do Brasil em manobras cujo objetivo final era derrubar o governo federal. Após mais de dois anos em contato com a população mais pobre do interior – o que forneceu à Coluna Prestes uma aura de movimento social salvacionista – e conseguindo não ser capturada pelos governistas, a maior parte dos rebeldes, incluindo o próprio Prestes, exilou-se na Bolívia, mas deixou o saldo de um crescente enfraquecimento da República.[143] O esforço do PCB por tentar ganhar os "tenentes" para sua causa possibilitou os primeiros contatos com Prestes, durante seu desterro boliviano, a remessa de variada literatura marxista ao capitão e o atrelamento da ação comunista à expectativa da irrupção de um "terceiro 5 de Julho", cujo incentivo coabitava com as primeiras tentativas de ingressar na arena eleitoral, também previstas na tática da Comintern.[144] Quando o "tenentismo" irrompeu na política brasileira, o PCB buscou compreendê-lo por uma chave classista, ao mesmo tempo em que na Comintern se debatia sobre o papel da pequena burguesia nos movimentos nacional-libertadores dos países "coloniais, semicoloniais e dependentes".

---

[142] II CONGRESSO DO P.C.B. (Seção Brasileira da Internacional Comunista): Teses e Resoluções. Rio de Janeiro, 1925. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 21a. L. 26-36 ob.

[143] Entre a vasta bibliografia sobre a "Coluna Prestes" e seu impacto na história social do período, cf. SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes.** São Paulo: Círculo do Livro, 1981; *Id.* A Coluna Prestes: análise e depoimentos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985; PRESTES, Anita Leocadia. **A Coluna Prestes.** São Paulo: Brasiliense, 1990; *Id.* **Uma epopeia brasileira:** a Coluna Prestes. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

[144] Sobre a tentativa inicial de criar um "Bloco Operário" para as eleições legislativas federais de fevereiro de 1924, cf. KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento:** o Bloco Operário e Camponês do Brasil. São Paulo: Alameda, 2006, p. 36-39.

1.3. As mudanças trazidas pelo Secretariado Sul-Americano (SSA/IC)

Desejando melhorar a comunicação e a organização dos partidos comunistas da América Latina e alinhá-los à política da Comintern, e inovando em relação aos birôs e agências improvisados, lançou-se no V Congresso mundial a ideia de um *Secretariado Sul-Americano* (SSA/IC) para que o PCA não servisse sozinho como elo entre Moscou e o comunismo regional, decisão ratificada pelo Presidium do CEIC em fevereiro de 1925. Contudo, manteve-se a influência argentina nas disputas e no debate político desses partidos comunistas, inclusive na América Central, bem como na organização mesma do SSA/IC, situado em Buenos Aires. No início de 1922, os representantes dos partidos no Comitê Executivo também haviam começado a unir-se informalmente por critério linguístico, agilizando seu contato mútuo e a elaboração de documentos sobre seus países e partidos para a cúpula. Alguns textos chamam essas agrupações de secretariados e secretários de grupos linguísticos, que aparentemente lançaram a discussão de tópicos relacionados a essas regiões e podem ser considerados como o protótipo dos futuros *secretariados regionais* (em alemão, *Ländersekretariate*), efetivados em 1927. Devendo seguir de perto e investigar sistematicamente a vida política dos referidos países, manter as ligações mais sólidas e constantes do CEIC com as "seções nacionais" e redirecionar as questões delas a Moscou, que responderia com decisões a serem praticadas e observadas em cada agremiação pelos secretariados, efetuou-se sua criação prática. 11 deles, surgidos em decisão do Presidium do CEIC de 24 de março de 1926, tornaram-se mais tarde os secretariados regionais. Formou-se primeiro um secretariado reservado à Espanha, Portugal, México, Argentina, Brasil, Chile, Uruguai, Paraguai e Cuba, mas em 8 de julho de 1927, o Secretariado Político do CEIC resolveu cortar para seis o número de secretariados regionais e dar maior volume a cada um, unificando França, Bélgica, Suíça, Espanha, Portugal, Itália, América do Sul e Central, colônias francesas e belgas em um Secretariado Latino. Nova reorganização dos *Ländersekretariate* aprovada em 28 de setembro de 1928 levou a seu desmembramento no Secretariado Românico (países latinos da Europa) e no Secretariado Latino-Americano (SLA/IC), ao qual se submetia o SSA/IC.[145]

[145] No âmbito desta tese, será usada a sigla SL/IC como referência ao Secretariado Latino do CEIC. Sobre a existência e críticas aos secretariados regionais, cf. HUBER, Peter. L'appareil du Komintern, 1926-1935 : premier aperçu. **Communisme**, Paris, n. 40-41, p. 9-14 e 18-27, 4e trimestre 1994-1er trimestre 1995; ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 51-52, 105-107, 110, 112, 152-155; PINHEIRO, Paulo Sérgio.

Na prática, para a preparação de materiais analítico-informativos e políticos sobre regiões e países, os grupos/secretariados linguísticos haviam sido substituídos por consultores (em russo, *referenty*), estabelecidos pelo IV Congresso, para cada um dos partidos comunistas dos maiores países, e depois para regiões inteiras. Via de regra, esses consultores eram membros do CEIC e, se possível, de seu Presidium, mas as mudanças no quadro de consultores eram constantes e não havia estabilidade. Em 10 de novembro de 1923, o Birô de Organização do CEIC nomeara, entre outras regiões e consultores, Alfred Stirner precisamente como consultor para Espanha, Portugal, México e América Latina. Posteriormente, certas incumbências que antes recaíam sobre os departamentos do Executivo (agitação e propaganda, informação, edições etc.) foram sendo aos poucos repassadas para os secretariados regionais.[146] Enquanto o novo organismo não saía do papel, o PCB ainda mantinha contato com o Birô de Propaganda Comunista Sul-Americana, fundado em 1921 e que logo seria substituído. Ainda em fins de 1923, os registros de uma sessão ampliada da CCE listavam as tarefas do órgão até a reunião do II Congresso partidário – provavelmente estorvada com a eclosão do segundo 5 de Julho –, e entre elas, um parágrafo sobre "Relações internacionais" previa a comunicação contínua com Buenos Aires e a prestação de contas a Moscou:

> "1 Manter assídua correspondência com o Bureau Sul Americano.
> 2 Até fins de Fevereiro enviar uma carta semanal ao Delegado em Moscou [Rodolfo Coutinho].
> 3 Em começo [*sic*] de Abril, enviar para o Executivo [o CEIC] o relatório trimestral sobre a situação e as atividades do Partido nos meses de Janeiro a Março, segundo os modelos dos dois já enviados. Uma cópia desse relatório deverá ser enviada a cada centro, bem como ao Bureau Sul Americano."[147]

Uma carta enviada de Moscou pelo suíço Jules Humbert-Droz, secretário do CEIC, aos Comitês Centrais dos "Partidos Comunistas da América do Sul" em fevereiro de 1925 fez saber da decisão oficial de criar o SSA/IC, que sob a coordenação de José Penelón, não devia, porém, substituir a ligação direta dos partidos com a Comintern, e sim servir de intensificador dessa ligação, além de incrementar o trabalho doutrinário, propagandístico e informativo. Os comunistas deviam enviar a Buenos Aires o máximo possível de dados sobre

---

Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. 2. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 147-151.

[146] ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 83-84, nota 50 (p. 89), e p. 107.

[147] ANEXO Nº 11. As tarefas da CCE até ao 2º congresso do PCB. S/d. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 17. L. 6 (a numeração não é separada do texto no original). A alusão à futura comemoração do quinto aniversário da Comintern permite estabelecer uma data aproximada, enquanto a cronologia leva a associar o "Bureau Sul Americano" ao referido Birô de Propaganda.

seus países, que então os repassaria a Moscou para que daí viessem as melhores diretivas para cada caso. O trabalho de coordenação das "seções nacionais", de promoção da "bolchevização" e de melhora na ainda fraca ligação com o centro mundial não dariam nenhum papel de decisão política ao SSA/IC, cujas ações estariam todas subordinadas ao CEIC. Humbert-Droz também anunciou a futura publicação de uma revista em espanhol – talvez *La Correspondencia Sudamericana* – para auxiliar a educação teórica e os vínculos entre os comunistas da região.[148] Um relatório do CEIC, anotado a lápis com o ano de 1925, informa que o SSA/IC entrara em operação em junho daquele ano, após pedido feito pelos próprios delegados sul-americanos no V Congresso da Comintern, que pensavam, porém, em uma *federação partidária regional*, algo na verdade nunca concretizado. O tom geral do texto é muito otimista, e diz-se no começo que por suas agudas lutas sociais e pela exploração do capital externo, a América "Central e do Sul" (na época tratadas sob o mesmo estratagema e incluindo o México) era um terreno fértil para as ideias comunistas. Prova disso seria o ganho constante de operários à causa bolchevista e a perda de terreno das ideias anarquistas, inclusive no campo editorial, embora em muitos países, como o Paraguai e a Bolívia, ainda estivesse para ser fundado na prática o partido comunista como tal. Pinta-se um quadro bastante positivo da evolução do SSA/IC, com anunciados 3 mil exemplares de *La Correspondencia Sudamericana*[149] e o lançamento de outra publicação, nomeada em francês como *Revue Sud-Américaine*, com o reforço das estruturas partidárias no bojo da "bolchevização" e com o aumento da influência sobre o movimento sindical, notadamente no Brasil, a cuja análise é dedicada uma página. No país, à fuga da repressão estatal se somaria o desafio de anular os restos "anarcossindicalistas" da ideologia partidária, mas a imprensa do PCB, por exemplo, estaria ganhando a simpatia das massas, e o domínio dos sindicatos, onde "não há reformismo", seria promissor.[150]

E a "bolchevização" de todos os partidos ou grupos comunistas já existentes no mundo foi a obsessão do V Pleno Ampliado do CEIC, reunido de 21 de março a 6 de abril de

[148] HUMBERT-DROZ, Jules. Aux Comités Centraux des partis communistes de l'Amérique du Sud. /Argentine, Brésil, Chili, Uruguay, Pérou, Paraguay, Colombie, Bolivie/. Moscou, 18 de fevereiro de 1925. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 8. L. 1-2. Certamente, a direção da Comintern não ignorava o fato de o Brasil ser um país lusófono, mas talvez visse mais sentido em usar apenas a língua que tinha maior abrangência na América Latina.

[149] Apesar da ausência de datação e da marcação a lápis, o relatório provavelmente deve ser posterior a abril de 1926, quando saiu o primeiro número desta revista.

[150] Die Gründung des Sekretariats der Südamerikanischen Parteifederation und die Kommunistischen Parteien des lateinischen Amerika. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 1. L. 20-50 (sem data nem assinatura; o Brasil é mencionado na L. 37). Os relatórios do CEIC, sobretudo quando superestimam as expectativas e são baseados em informações passadas pelos delegados sul-americanos e não verificadas *in loco*, devem ser lidos com alguma precaução.

1925. Em seu informe introdutório e principal, Zinoviev, presidente da Comintern, insiste que o ritmo da revolução mundial desacelerava, mas que a "estabilização relativa" do capitalismo, visível no progresso econômico das potências ocidentais, escondia o aumento das contradições interimperialistas, sobretudo entre os EUA e o Reino Unido, e a ameaça causada pelo suposto reforço da economia soviética. A tática do V Congresso, totalmente corroborada no encontro, seguiria válida porque "a situação *mundial* geral continua objetivamente revolucionária" e, portanto, a "bolchevização" não deveria ser apenas organizativa (reordenação em células de empresa), como muitos pensaram, mas, sobretudo, política, a qual, em todo caso, só poderia decorrer da reorganização. Zinoviev afirma que se devem evitar tanto os desvios "de direita" (reformismo) quanto os "de esquerda" (insurreição a todo custo), sobretudo quando a revolução mundial estava "desacelerando".[151] Sua definição lapidar de "bolchevização" merece menção à parte: "A bolchevização consiste em aprender a extrair da experiência da Rússia, da mesma maneira que da experiência de lutas em outros países, as lições mais essenciais e combiná-las com as condições e exigências concretas deste ou daquele país." Por essa razão, não existiria um bolchevique em abstrato, mas aquele "sob a situação concreta do corrente período de desaceleração do ritmo da revolução mundial".[152] Por sua vez, Bukharin leu um informe sobre "as discussões dentro do RKP(b)" e sua influência sobre a Comintern: tratava-se do começo da desgraça de Trotsky, que discordava dos rumos da NEP e para cujo lado, segundo o texto, teriam passado os expulsos ou trânsfugas, quaisquer que fossem os motivos, da Internacional.[153] Em breve discurso, Roy, sem a mesma proeminência do passado, disse que os países coloniais e semicoloniais concluiriam a obra começada pelos russos,[154] mas nas atas não há menção alguma à América Latina nem a seus presentes e futuros birôs regionais. Por outro lado, em nome da "América do Sul", o argentino Victorio Codovilla, cuja estrela ascendia dentro do aparelho internacional, integrou no evento a comissão política, as comissões "checa" e "italiana" e as comissões sobre a unidade do movimento sindical e sobre a questão camponesa – as duas últimas junto com Manuel Almanza, do México, que integrou também a comissão colonial.[155]

---

[151] Международные перспективы и большевизация компартий [As perspectivas internacionais e a bolchevização dos partidos comunistas]. *In:* РАСШИРЕННЫЙ Пленум Исполкома Коммунистического Интернационала (21 марта – 6 апреля 1925 г.): стенографический отчёт. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1925, p. 54 (grifo no original), 62 e 65.

[152] РАСШИРЕННЫЙ Пленум Исполкома..., *Op. cit.*, p. 65-66.

[153] *Ibid.*, p. 364 ss.

[154] *Ibid.*, p. 443-444.

[155] *Ibid.*, p. 26-27. Sobre a ascensão de Codovilla nas instâncias superiores da Comintern em detrimento de José Penelón, cf. a correspondência entre os secretários do SL/IC e entre o SL/IC e o SSA/IC, bem como JEIFETS, V. L.; JEIFETS, L. S. Коминтерн и Латинская Америка..., *Op. cit.*, p. 232-233. Sobre Manuel Almanza

Como lembram Lazar Jeifets e Anton Andreiev, os órgãos regionais da Comintern tinham como objetivo ajudar os comunistas novatos a fundarem os partidos latino-americanos, organizarem seu trabalho e contatarem os líderes em Moscou. Os representantes daí enviados faziam relatórios sobre o trabalho dos partidos comunistas e a situação socioeconômica dos países, pensando inclusive na criação de laços diplomáticos, e esses partidos também eram vistos como meio de influência social pelos bolcheviques. A partir de 1924, sobretudo, a URSS começou a tentar estabelecer laços com os países da América Latina, em especial os da América do Sul, por meio de instituições comerciais geridas pelos ministérios do Exterior e do Comércio Exterior. Era uma prioridade, porque assim podiam estabelecer alguma forma de laço que fosse além da política e da ideologia (em que a URSS estava desfavorável face à maioria dos governos) e negociar alimentos contra a crise por que a Rússia passava. Dessa forma, para a URSS das décadas de 1920 e 1930, a América Latina não era um campo diplomático prioritário, mas no caso do estabelecimento de laços comerciais para resolver os próprios problemas econômicos, era importante. A postura parecia ser a mesma da parte dos próprios governos latino-americanos, que não eram entusiasmados por retomar relações com os soviéticos, mas ainda se interessavam pelos lucros dos negócios, que não foram interrompidos de todo.[156]

A própria estrutura organizativa da Comintern[157] permaneceu quase totalmente desconhecida até seus arquivos começarem a abrir-se, em 1992, permitindo reafirmar algo já sabido ou suspeitado no tocante a seu desenvolvimento até 1924: o incipiente domínio dos russos e, em consequência, da máquina do Partido Bolchevique tornou-se permanente; mesmo com a centralização avançando, nos primeiros anos os órgãos dirigentes reuniam-se com mais frequência e lidavam com uma variedade maior de questões; as principais resoluções válidas para todos foram resolvendo-se por grupos cada vez mais estreitos, dos quais raríssimos eleitos sobressaíam-se, conforme os conflitos cupulares, em última instância, no governo da URSS. O sistema nervoso efetivo da Comintern, por exemplo, era o OMS (sigla russa para Departamento de Ligações Internacionais), que quase não se mencionava em público, mas comandava a atividade ilegal da Comintern pelo mundo e os vínculos secretos entre o CEIC e os partidos e efetuava as transferências financeiras ocultas às "seções nacionais". Em 8 de agosto de 1920, uma "Comissão Especial de Ligações do CEIC", formada após o I Congresso

---

García, cf. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 49.

[156] JEIFETS, Lazar Solomonovich; ANDREIEV, Anton Sergeievich. Латинская Америка во внешней политике СССР..., *Op. cit.*, p. 59-64.

[157] O mapeamento mais detalhado é o de ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*

da Comintern, foi transformada por decisão do Pequeno Birô em uma "Seção Secreta", reformulada em 11 de novembro de 1920 como uma "Seção Clandestina". A partir de junho de 1921, a seção começou a chamar-se "OMS", com as subseções de ligação, financiamento, literatura e criptografia. Ele também expedia documentos, dinheiro, material de propaganda, informações e diretivas, deslocava pessoal entre países, armava operações de espionagem e falsificava passaportes e documentos de identidade para agentes internacionais. A atividade conspirativa do OMS possibilitou-lhe estreitar ligações com a GPU, polícia secreta soviética, em muitas nações, fazendo trocas que abarcavam, durante a chegada de militantes à URSS, dados sobre os filiados dos partidos comunistas (pela OMS) e dados confidenciais em geral (pela GPU). Já de início, os responsáveis por esse canal secreto solicitaram diretamente ao governo soviético que lhes fosse permitido apontar responsáveis para participar das atividades oficiais de comércio exterior e relações internacionais, o que também era desejo dos líderes comunistas. Todavia, os oficiais de cada setor nem sempre consentiam com essa interação ou mesmo intromissão, e as disputas quanto às competências da Comintern e da diplomacia profissional continuariam ao longo da década de 1920.[158]

José Penelón deixou a secretaria do PCA por volta de setembro de 1925 para se dedicar totalmente ao trabalho no SSA/IC, e como conhecedor da língua francesa, trocou farta correspondência com o CEIC, sobretudo com o secretário Jules Humbert-Droz, em linguagem formal, administrativa e sem hermetismos. Em geral, o material era traduzido para o alemão, às vezes de forma resumida, para ser utilizado pelos outros membros do Secretariado do CEIC. O conteúdo geralmente versa sobre pedidos de resolução de problemas por parte da Comintern, relatos da situação política em cada país, nos partidos comunistas da região e entre as correntes políticas rivais, a aplicação da "bolchevização" e da reorganização partidária por células de fábrica ou empresa e o intercâmbio de periódicos. Contudo, também apareceram as primeiras dificuldades, como eventuais comunicações da Comintern com outros partidos comunistas por cima do SSA/IC, o atraso da correspondência (sobre a qual Penelón chega a pedir a estimativa de dois meses e meio antes do envio), as repressões estatais que impediam a chegada de dados sobre cada país, como estaria acontecendo no Brasil, a falta de firmeza de Moscou ante os "fracionistas"[159] do PCA e a sobrecarga de

[158] McDERMOTT, Kevin; AGNEW, Jeremy. **The Comintern:** a history of International Communism from Lenin to Stalin. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Macmillan, 1996, p. 22; ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 25-26, 49, 75 e 115-116. A GPU mudaria de nome logo depois, passando a portar a sigla OGPU.

[159] Provavelmente ele se refere à cisão "chispista" de 1924-25, a segunda das três principais no PCA da década de 1920. Como argumenta Victor Augusto Piemonte, este foi um dos muitos casos em que os comunistas pediriam o arbítrio da Comintern em prol de uma ou outra facção, sem que a própria Comintern decidisse antes

trabalho na pessoa de Penelón. Da parte do SL/IC, faz-se a crítica de que a educação ideológica importava mais do que os problemas de reorganização e que não se deveria sobrepor a abordagem da Rússia e de outros lugares do mundo à análise dos problemas locais.[160] As principais queixas de Penelón a Humbert-Droz e a Stirner remetem à estruturação ainda débil dos partidos sul-americanos e à suposta falta de clareza das diretivas da Internacional, das quais ele não conseguiria deduzir muito bem como agir. Chega mesmo a pedir o envio de delegados para resolver os problemas de comunicação entre os partidos e de responsáveis a Buenos Aires que, pelo menos, ajudassem em tarefas cotidianas.[161] Em nome do SSA/IC, Penelón enviou em setembro de 1925 uma carta a todos os partidos comunistas concernidos, explicando sobre a decisão da Comintern de criar o órgão, pedindo que fosse enviado o máximo possível de literatura, dados estatísticos e outros informes, dizendo para lhe enviarem uma cópia de qualquer informe que quisessem remeter ao CEIC e anunciando para outubro o lançamento daquela que seria a revista *La Correspondencia Sudamericana*, à qual já solicitava contribuições textuais. Contudo, como se sabe, a publicação só começaria a aparecer em abril de 1926.[162]

Entre as funções exercidas pelo SSA/IC – basicamente por Penelón – estavam a produção de relatórios sobre a situação dos partidos comunistas latino-americanos ao CEIC, a listagem de diretivas sobre eventos e manifestações que eles deveriam organizar e o envio de informações sobre o comunismo e o movimento social na região, sempre escritas em espanhol, para que fossem republicadas nas imprensas operárias locais.[163] Em um dos relatórios enviados ao CEIC, discute-se o processo de "bolchevização" do PCA, e logo no início pontuam-se como principais problemas de todos os partidos na América do Sul a falta de preparação teórica – por consequência do próprio descuido com a teoria – e a necessidade de depurá-los de alas radicais ou mesmo "anarquistas".[164] Em uma carta circular confidencial

---

intervir à força na questão. Seria parte do caminho na perda progressiva de autonomia face a Moscou, enfim completada por volta de 1930. Cf. Comunistas oficiales y extraoficiales en competencia: el rol asignado a la Internacional ante el surgimiento de la facción "chispista" en el PC de la Argentina. **Archivos de Historia del Movimiento Obrero y la Izquierda**, Buenos Aires, año III, n. 5, p. 93-112, sept. 2014.

[160] RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 1. L. 1-3, 8-11 e 15-18 (setembro a novembro de 1925).

[161] Ver notadamente: carta de José Penelón a Stirner, Buenos Aires, setembro de 1925 (dia ilegível). RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 1. L. 1-3; carta de José Penelón ao "CC da IC", Buenos Aires, 5 de outubro de 1925. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 1. L. 8; carta de José Penelón a Jules Humbert-Droz, Buenos Aires, 3 de novembro de 1925. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 1. L. 10-11; Carta de José Penelón a Stirner, Buenos Aires, 20 de novembro de 1925. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 1. L. 16.

[162] PENELÓN, José. Al Partido Comunista de... Buenos Aires, setembro de 1925 (o dia foi deixado em branco). RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 2. L. 1-2.

[163] RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 2. L. 3 ss.; La labor del Secretariado. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 10. L. 32-34 (sem autor – provavelmente Penelón –, local ou data; marcado a lápis "Fines de 1925").

[164] Rapport sur la bolchévisation du Parti communiste de l'Argentine. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 2. L. 7 (com carimbo indicando a data de 3 de dezembro de 1925).

aos CC dos partidos, chama-se a organizar atos e comemorações por ocasião do segundo aniversário da morte de Lenin e usar a ocasião para chamar outras organizações operárias, sindicais e estudantis, mesmo socialistas, sindicalistas e anarquistas, para uma "frente única" de protesto contra a reação política nos países da América Latina. Esses grupos, se possível, também deveriam estar nas celebrações por Lenin para que se aproveitasse e atraísse mais gente que por acaso simpatizasse de alguma forma com os comunistas.[165] No caso brasileiro, é pouco provável que essas instruções tenham sido seguidas à risca, pois além do estado de sítio que perdurou durante todo o ano de 1926, tornando complicado o funcionamento clandestino do PCB, anarquistas e comunistas jamais se reconciliaram, tanto menos para realizar as ações de "frente única pela base" que a Comintern, pelo menos com os socialistas europeus, já recomendava há alguns anos.

Essa fragilidade foi percebida pelos responsáveis do SL/IC em Moscou, que não enxergavam progressos visíveis na frágil estrutura do PCB, apesar dos relatórios otimistas, em geral redigidos em francês, produzidos pelos delegados brasileiros em Moscou – eles mesmos munidos das informações igualmente escassas em posse da cúpula da Comintern.[166] Textos sem assinatura, mas produzidos em nome do partido, insistiam na tese do "agrarismo" pró-britânico contra o "industrialismo" pró-EUA como chave explicativa da opressão imperialista e acusam a consequente reação política pelos poucos avanços obtidos pelos comunistas, mas afirmavam que a reorganização em células, sobretudo, avançava rapidamente, em cidades como Recife e Rio de Janeiro.[167] Contudo, análises produzidas dentro do SL/IC, algumas delas assinadas por Maksim Genkin, membro do Partido Bolchevique, destacam o número ínfimo de membros do PCB, que no país todo girava em torno de 700, a quase ausência de mulheres, o fraco trabalho entre a juventude e os camponeses e a organização ainda bastante inconsistente, com a formação de células em estado ainda incipiente.[168] Várias recomendações

---

[165] Buenos Aires, 7 de dezembro de 1925. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 2. L. 3-5. Mais materiais e documentos sobre a Semana Lenin, organizada no início de 1926 e que consistem essencialmente em traduções em espanhol de trechos de suas obras, estão em RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 3 L. 1.

[166] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 22 ("Documentos do CEIC e do Secretariado Latino-Americano do CEIC").

[167] Rapport sur le Brésil. [*S. l.*], [1926]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 22. L. 2-12; Sur le PC du Brésil. [*S. l.*], [1926]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 22. L. 54-57. Brésil. [*S. l.*], [1926]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 22. L. 58.

[168] GENKIN, M. О положении партийной работы в Бразилии [Sobre a situação do trabalho partidário no Brasil]. 20 de julho de 1926. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 22. L. 50-53. Segundo Lazar e Víctor Jeifets, Maksim Isaievich Genkin (1886-1938?) ocupou vários altos cargos representando o Partido Comunista soviético em cidades por todo o país, foi instrutor da Seção de Organização da Comintern na França (1925) e assessor para a América Latina e a França (1926) – embora não esteja claro o que o ligava a essas regiões –, tendo também em 1926 participado das reuniões do SL/IC. Cf. GENKIN, Maksim (Moisei) Isaevich (Shaevich). *In:* **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 243-244. Às vezes eram enviadas cartas diretamente do SL/IC ao (agora assim mencionado) CC do PCB, talvez por intermédio do SSA/IC, apontando os mesmos erros. Cf. ERCOLI (Palmiro Togliatti), assinando como "secretário da IC para

individuais, todas voltadas aos problemas organizativos, versavam exatamente sobre a construção de tipos diversos de células nos mais variados de locais de trabalho, ampliar a atuação junto ao campesinato feminino e continuar a formação de frações comunistas nos sindicatos.[169] Não por menos, uma das ações realizadas por José Penelón, em nome do SSA/IC, foi enviar uma carta aos partidos comunistas da região condenando a crescente reação política no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo, e pedindo que fossem mandadas mensagens de solidariedade e conforto aos perseguidos por intermédio do secretariado.[170]

Porém, entre os próprios secretários do CEIC alocados no SL/IC e que de alguma forma recebiam a correspondência entre Penelón e Jules Humbert-Droz ou o italiano Palmiro Togliatti (que assinava com o pseudônimo "Ercoli") e os informes sobre a situação na América Latina, traduzidos ou não, predominava em 1926 a impressão de que o SSA/IC ainda padecia de muitos problemas e não cumpria com suas funções originais. Em carta enviada a "Michel" (Stoian Minev) por "Raymond" (Boris Mikhailov), o bolchevique russo afirma que o órgão não existia de fato e resumia-se ao trabalho de Penelón, limitado à atuação informativa e à ligação, aliás ineficiente, com e entre os partidos comunistas latino-americanos. O secretário reconhece a importância da revista *La Correspondencia Sudamericana*, mas critica o pouco espaço dado a questões de tática, a ausência de colaboradores e a afluência suficiente de artigos apenas do Uruguai. As informações obtidas diretamente dos partidos seriam muito escassas, seja devido a razões técnicas, como no Brasil – onde se alega que toda a correspondência é censurada – ou no Chile – onde o inverno praticamente pararia o correio –, seja por rebeldia política, como no Uruguai, apesar da fácil comunicação. Mesmo assim, dado o papel ofensivo que o capitalismo estadunidense estaria exercendo na região – nenhuma menção é feita aos britânicos da teoria de Brandão –, muitas oportunidades se abriam, sobretudo nos fracos sindicatos, à ação comunista, mas as "seções nacionais" ainda precisariam resolver sua confusão ideológica e organizativa. Entre as medidas sugeridas por "Raymond" estão convocar uma conferência dos partidos "sul-americanos" (a confusão entre América Latina e do Sul ainda é frequente) após o VI Congresso da Comintern (antes marcado para 1926 e depois postergado), reforçar a estrutura

os países de língua espanhola [*sic*]". Au CC du PC du Brésil. Moscou, 12 de julho de 1926 (data anotada a lápis). RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 23. L. 9-17.

[169] GENKIN. Предложить Компартии Бразилии [Propor ao Partido Comunista do Brasil]. [*S. l.*], [1926]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 22. L. 60.

[170] PENELÓN, José. Contra la reacción en el Brasil. [Buenos Aires], antes de outubro de 1926. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 22. L. 1.

e o pessoal do SSA/IC e fortalecer a redação de *La Correspondencia Sudamericana*.[171] Com efeito, a troca profícua de cartas entre Penelón e os secretários Humbert-Droz, Togliatti e Stirner revela muita ocupação com lutas fracionais no PCA, sobrecarga de trabalho em Buenos Aires, informações lacunares vindas dos partidos – isso quando vinham – e constantes atrasos de correspondência entre Europa e América.[172]

Por outro lado, o argentino Victorio Codovilla foi um dos latino-americanos que, dentro do aparelho do CEIC, ajudou a moldar a visão da Comintern sobre o subcontinente. Em seção da comissão colonial de 9 de novembro de 1926, ele fez um relatório com detalhadas análises sobre vários países da região, descrevendo suas estruturas socioeconômicas e prevendo altas expectativas revolucionárias na região, desde que os partidos comunistas soubessem, sobretudo, liderar as lutas operárias e atrair o campesinato e a pequena burguesia, especialmente os estudantes e intelectuais.[173] De certa forma, Codovilla retoma a tese de Octavio Brandão sobre a luta entre os imperialismos britânico e estadunidense, que apoiariam respectivamente os latifundiários "feudais" e as indústrias nacionais nascentes, embora acrescente detalhes mais finos: por exemplo, os proprietários agrários – sempre associando poderes político e econômico – poderiam recorrer a ditaduras e a uma reação brutal para manter seu domínio, cada vez mais ameaçado pelo capital dos EUA, o qual, porém, adentraria de modo mais sub-reptício, usando os bancos e mesmo os intelectuais e a pequena burguesia. O argentino distingue quatro tipos de países na América Latina, de acordo com seu grau de independência econômica e política: os que não teriam nenhum tipo de independência e seriam verdadeiras colônias dos EUA (América Central); os que seriam governados pelos fazendeiros e teriam ampla dependência do capital estrangeiro, ou seja, verdadeiras "semicolônias" (Venezuela, Paraguai, Colômbia, Bolívia e Peru); os com indústria razoável e dependência econômica, mas não política, do capital externo (Argentina, Brasil e Chile); e o México, desde a revolução de 1910 já governado pela pequena burguesia e que "tenta construir sua economia nacional independente com alguma base socialista,

---

[171] [*S. l.*], 28 de agosto de 1926. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 11. L. 9-14. A provável identificação com o búlgaro Stoian Minev e o russo Boris Mikhailov se deve ao fato de terem participado de sessões do SL/IC e lidado em geral com questões latino-americanas no CEIC. Cf. MIJAILOV, Boris Danilovich; MINEV, Stoian. *In:* JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 420-421 e 424-426.

[172] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 10 ("Correspondência do SLA/IC [*sic*] com o SSA/IC").

[173] CODOVILLA. Commission coloniale (Séance du 9 novembre 1926). RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 12. L. 1-34. A mesma análise sobre a América Latina e o Brasil, neste caso destacando-se o reduzido número de operários industriais do país em comparação com a massa camponesa, já aparecia em registros da Seção de Informações do CEIC. Cf. Die Länder des lateinischen Amerika. [Primeiro semestre de 1926]. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 13. L. 16-48, especialmente L. 35-36 ("Brasilien").

buscando assim esquivar-se do controle dos países imperialistas".[174] Quanto ao levante militar de 1924 em São Paulo, ele é mecanicamente vinculado a um "financiamento" estadunidense à pequena burguesia e à burguesia industrial contra um "financiamento" britânico ao Exército legalista, e as primeiras forças estariam fatalmente destinadas à vitória (o que de fato aconteceria em 1930).[175]

Curiosamente, e antes mesmo da exploração massiva no Oriente Médio, Codovilla parece prever as guerras internacionais pelo domínio das jazidas de petróleo no final do século, pois assevera que o México e a Venezuela estariam na mira dos EUA, sobretudo, por estarem entre os maiores detentores do produto no mundo.[176] Referindo-se à conquista dos camponeses na Argentina, o dirigente também faz uma das primeiras alusões à ideia de "Bloco Operário e Camponês" na região, que seria, em sua visão, "algo que não tenha a aparência de estar sob a influência direta dos comunistas". Porém, ao contrário de sua conversão em partido político que serviria de fachada legal ao PCB, não há qualquer menção a seu uso eleitoral, e sim, aparentemente, à tática de "frente única" aplicada ao campesinato, o que talvez se aplicaria também ao Brasil, já que este só se distinguiria do vizinho meridional pela industrialização menor.[177] Também em consonância com a linha de "governos operários e camponeses" postulada no V Congresso da Comintern, Codovilla afirma que é possível aproveitar a luta anti-imperialista na América Latina para a tomada do poder por tais governos – não há menção a revoluções "socialistas" – liderados pelos comunistas, mas não compostos apenas por eles:

> "[...] Podemos na América Latina mobilizar as massas nessa luta contra o imperialismo e podemos conduzi-las à conquista do poder e ao estabelecimento de um governo operário e camponês? Acredito que sim. O caso do México, que já assinalamos, mostra que isso é possível. O espírito das massas é revolucionário; o que falta é a vanguarda, o Partido Comunista que pode guiá-las na luta. O reforço do movimento revolucionário e de nosso Partido Comunista no México é uma das condições primordiais para o desenvolvimento do movimento revolucionário nos países da América Latina. Devemos fazer desse país o centro de atividade contra os governos reacionários dos grandes proprietários fundiários e contra o imperialismo, em particular o norte-americano. [...]"[178]

Desta forma, o México passava a ser um paradigma para todo o subcontinente, e todas as outras experiências nacionais, a despeito de suas muitas particularidades, passavam

[174] *Ibid.* RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 12. L. 5-8.
[175] *Ibid.* RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 12. L. 4.
[176] *Ibid.* RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 12. L. 10-12.
[177] *Ibid.* RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 12. L. 26.
[178] *Ibid.* RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 12. L. 18-19.

pelo metro mexicano na verificação de sua correção e eficácia. Para os comunistas da América Latina, apoiar a Revolução Mexicana passava a ser uma tarefa tão obrigatória quanto defender a Revolução de Outubro e divulgar suas conquistas na URSS.

Com data de 15 de abril de 1926, a revista *La Correspondencia Sudamericana* teve em seu primeiro número de 32 páginas a declaração de pretender sair quinzenalmente para suprir as lacunas teóricas e informativas dos comunistas da região e destacou as más condições das mulheres trabalhadoras na indústria e no campo, cuja festa fora celebrada no mês anterior. Em todos os artigos, revelam-se a disparidade salarial diante dos homens e a dificuldade para manter o emprego e o salário em situação de gravidez, um deles assinado por Astrojildo Pereira, que também lamenta o baixo número de mulheres no PCB e a ausência feminina entre figuras de destaque.[179] Octavio Brandão também assina algumas observações sobre o partido brasileiro e destaca a antiga predominância dos anarquistas no movimento operário e as dificuldades que advêm do estado de sítio e de "nossa pobreza" (de recursos, supõe-se). Apesar dos avanços em diversas grandes cidades do Brasil e do lançamento de farta literatura comunista, ele lamenta o fechamento de *Movimento Communista* e de *A Classe Operaria*, que saiu até o número 12, pela repressão governamental.[180] Há diversas traduções de trechos isolados de Lenin, de relatos que buscam mostrar as conquistas e vantagens da URSS em relação ao mundo capitalista, como no caso dos direitos das mulheres, e de documentos oficiais da Comintern, publicadas em equilíbrio com descrições de outros movimentos sociais e corporativos na América do Sul mais ou menos associados aos comunistas. Tudo em espanhol, sem trechos em português. Ao longo de 1926, primeiro ano de existência de *La Correspondencia Sudamericana*, esse foi o teor geral do conteúdo, com descrições detalhadas das lutas regionais e textos institucionais e teóricos enfim disponíveis ao público latino-americano. Dignas de nota são as aparições iniciais de citações de Trotsky, ainda reputado como líder relevante, o surgimento gradual de trechos assinados por Stalin, cujo destaque é cada vez maior, e a importância dada justamente a expor e explicar as lutas internas que irromperiam no VKP(b) envolvendo Trotsky e Zinoviev, que em 22 de novembro seria forçado a deixar a presidência da Comintern.[181]

Enquanto isso, formava-se a versão canônica da interpretação bolchevique sobre a América Latina como um todo, em especial a América do Sul, com toda sua riqueza

---

[179] PEREIRA, Astrogildo [*sic*]. Breves notas sobre la mujer proletaria en el Brasil (Rio de Janeiro, 10 de março de 1926). **La Correspondencia Sudamericana**, Buenos Aires, año I, n. 1, p. 8-9, 15 de abril de 1926.
[180] BRANDÃO, Octavio. El Partido Comunista del Brasil. **La Correspondencia Sudamericana**, Buenos Aires, año I, n. 1, p. 21-22, 15 de abril de 1926.
[181] **La Correspondencia Sudamericana**, Buenos Aires, año I, n. 1-18, 1926.

econômica, natural e humana. Um relatório do CEIC sobre diversos partidos comunistas e conjunturas regionais publicado em 1926 figura para o Cone Sul um cenário descrito antes com os termos "domínio" e "controle" da parte dos EUA, enquanto a América Central seria uma real "colônia" estadunidense pura e simplesmente. A intromissão imperialista de Washington é considerada como fator político-econômico determinante no subcontinente, portanto as tarefas imediatas dos comunistas, que deveriam ter a ajuda dos camponeses e dos intelectuais revolucionários "pequeno-burgueses", seriam combater o imperialismo estrangeiro, sobretudo o dos EUA, e derrubar as ditaduras que serviriam de marionetes desses imperialismos. Como parte do cenário mais amplo, as revoltas militares no Brasil aparecem como ataques da burguesia industrial sob os auspícios dos EUA contra a burguesia agrária. Há também uma descrição sobre como estava transcorrendo o trabalho do SSA/IC em seus princípios, sobretudo em 1925, e parece um pouco exagerado o balanço positivo do que já teria conseguido, tendo em vista as dificuldades narradas nas cartas entre os dirigentes, hoje depositadas nos arquivos. A política brasileira é descrita como basicamente dominada pelos latifundiários que contariam com apoio britânico, inclusive na implantação de medidas ainda mais repressivas (o que é chamado de "legalização da ditadura"), contra os quais estariam lutando "a burguesia industrial liberal e a pequena burguesia" apoiadas pelos EUA, mas não se fala em confronto interimperialista direto entre EUA e Reino Unido.[182] Já em artigo de Victorio Codovilla em *La Correspondencia Sudamericana* totalmente alinhado com essa interpretação, a luta entre os imperialismos britânico e estadunidense é apresentada como direta, embora materializada na instigação de disputas políticas internas aos países sul-americanos. Porém, o dirigente argentino fala genericamente de "imperialismo" ao escrever que este "favorece ou impede o desenvolvimento da indústria nacional, favorece ou impede a industrialização de um país qualquer, tudo isso com o propósito de satisfazer seus próprios interesses". Codovilla reitera o esquema do Brasil como um bastião do imperialismo britânico, em que os EUA estariam tendo dificuldades para introduzir-se, em uma disputa com reflexos até mesmo na Liga das Nações, onde o Reino Unido apoiava a concessão ao Brasil de um assento permanente em seu Conselho em nome de toda a América Latina, enquanto Washington apoiava a Argentina por ser mais industrializada.[183] No país platino, esse processo de intrusão estadunidense já estaria mais avançado, pois com a 1.ª Guerra Mundial os

[182] Центральная и Южная Америка [América Central e do Sul]. *In:* ОТЧЁТ Исполкома Коминтерна (Апрель 1925 г.–Январь 1926 г.). Составлён Секретариатом ИККИ. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1926, p. 308 ss. (p. 317-318 para o SSA/IC, p. 321-323 para o Brasil).

[183] Em 10 de junho de 1926, o Brasil pediria seu desligamento da Liga das Nações.

britânicos passaram a importar menos matérias-primas, e então Buenos Aires redirecionou-as aos EUA e também desenvolveu uma indústria nacional.[184]

1.4. O fim do período pré-stalinista na Comintern e no PCB

Em 1.º de março de 1926, Washington Luís, ex-presidente do estado de São Paulo, venceu as eleições para a presidência do Brasil, cargo assumido em 15 de novembro do mesmo ano, mas sua ascensão não arrefeceu a insatisfação dos opositores do regime, concentrados e organizados principalmente naquele mesmo estado. Ainda assim, o PCB sentiu-se mais livre para determinar as tarefas para 1927, pois o novo governo comprometeu-se a suspender o estado de sítio, tantas vezes prorrogado sob Arthur Bernardes, no começo do novo ano. Seguindo a palavra de ordem de "frente única do proletariado" lançada pela Comintern, os comunistas visavam criar um ambiente propício para que uma Confederação Geral do Trabalho (CGT) fosse fundada no país e o movimento sindical, antes escorado em sindicatos de ofício, passasse para os sindicatos de indústria, que por sua vez integrariam federações de indústria nacionais ou locais enfim afiliadas à CGT.[185] Um dos primeiros sucessos relevantes da política sindical reformada foi conquistar ao PCB, nas eleições de dezembro de 1926, a diretoria da União dos Operários em Fábricas de Tecidos do Rio de Janeiro. Em *La Correspondencia Sudamericana*, os autores de artigos insistem em que o PCB permaneça nos esforços pela organização sindical não mais por ofícios, mas por indústrias, e pela federação desses sindicatos a nível nacional, conforme a linha estipulada pela Internacional Sindical Vermelha (Profintern) e como escreve Victorio Codovilla por volta de setembro de 1927:

> No Brasil há muitos organismos [sindicais] autônomos e não há nenhum nacional. Dirigidos por comunistas e anarquistas, crescem com o rápido desenvolvimento da indústria, em particular a têxtil, do calçado e metalúrgica.
> [...]
> No Brasil as tarefas imediatas dos militantes comunistas consistem em acelerar o trabalho para a constituição de uma organização sindical nacional. Nosso Partido [i.e. o PCB] aplicou uma tática justa ao constituir Federações de Indústria e começar a unificação pelas organizações locais e regionais.

[184] CODOVILLA, Victorio. La penetración del imperialismo en la América del Sud. **La Correspondencia Sudamericana**, Buenos Aires, año I, n. 18, p. 11-16, 31 de diciembre de 1926.

[185] Por una Confederación General del Trabajo. *In:* Informaciones para la prensa obrera y revolucionaria (Del Secretariado Sudamericano de la Internacional Comunista). Informaciones sudamericanas. Brasil. [Buenos Aires], 1.º de abril de 1927 (data carimbada). RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 25. L. 2.

> Deve-se evitar, porém, que isso possa atrasar a constituição do organismo central. [...][186]

Outro fato importante para os comunistas em 1926 foi a concessão, por volta do último trimestre, do jornal diário *A Nação* pelo jornalista Leônidas de Rezende, que em tempos de menor repressão ajudaria o partido a fazer propaganda de suas ideias. Em carta de setembro de 1926 a Victorio Codovilla, Astrojildo Pereira dá detalhes e ressalta a "grande importância" dessa concessão de um "burguês da oposição, que esteve preso e foragido durante estes quatro últimos anos, desde a revolta de 1922". Rezende teria se declarado comunista "através de estudos sistemáticos da questão social, que fez durante os ócios forçados destes 4 anos", e embora o futuro "semanário ou diário da manhã" não aparecesse abertamente como ligado ao PCB, "será um jornal substancialmente comunista, politicamente controlado pelo PC". Descrito como "homem moço (40 anos no máximo), culto, especialista em assuntos financeiros", o dono manteria a propriedade e a direção de seus "5 linotipos e uma grande rotativa moderna", que já servia a seu antigo diário da tarde, *A Nação*, publicado antes do primeiro 5 de Julho. Ainda em processo de negociação, a concessão também disponibilizaria "as máquinas para o resto", e Pereira comprometia-se a escrever à Comintern quando o acordo estivesse fechado.[187]

O controle de *A Nação* foi essencial na participação dos comunistas nas eleições para o Congresso Federal, marcadas para 24 de fevereiro de 1927 e à qual eles decidiram concorrer usando a fachada legal de Bloco Operário (BO), interpretação peculiar da política de "frente única" que, na verdade, chancelou o lançamento de candidatos não comunistas e não operários. Um dos convites aceitos foi feito ao já deputado João Batista de Azevedo Lima, e em carta aberta publicada em *A Nação* fez-se o apelo para que outros políticos socialistas também aderissem ao bloco. O linotipista João da Costa Pimenta, membro-fundador do PCB, foi outro candidato do BO para o Congresso. Após uma campanha acirrada e com tensões entre os próprios concorrentes pró-operários, somente Azevedo Lima obteve uma cadeira, embora o trabalho de propaganda conduzido em *A Nação* tenha conseguido atrair novos interessados para a órbita de influência dos comunistas.[188]

---

[186] CODOVILLA, V. El movimiento obrero en la A. Latina. **La Correspondencia Sudamericana**, Buenos Aires, año II, n. 30-31, p. 11-12, 15 de septiembre de 1927 (grifos no original).

[187] Carta de Astrojildo [Pereira] a Codo [Victorio Codovilla]. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1926. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 23 L. 8-8 ob.

[188] Parte desses êxitos é sugerida por um texto anônimo na revista em espanhol do SSA/IC, "Progresos del movimiento comunista brasileño". Cf. **La Correspondencia Sudamericana**, Buenos Aires, año I, n. 25, p. 26-27, 15 de junio de 1927. Astrojildo Pereira, escrevendo em nome do CC para Andreu Nin, compartilha do mesmo otimismo: "Foi esta a primeira campanha el[e]itoral de envergadura feita pelo Partido. Seus resultados,

Enquanto isso, reuniões eram feitas no seio do SSA/IC entre os líderes comunistas sul-americanos, sobretudo na primeira metade de 1927, discutindo problemas da maior parte da América Latina, fossem de natureza social ou partidária.[189] Na época, aludia-se à possibilidade de o VI Congresso da Comintern reunir-se em 7 de novembro de 1927, décimo aniversário da Revolução Bolchevique, e o secretariado pedia que cada partido comunista sob sua influência fizesse de tudo para enviar pelo menos um delegado, porque se tentaria realizar em Moscou, ao mesmo tempo, a tão esperada "I Conferência Comunista Latino-Americana".[190] Contudo, em carta direta aos Comitês Centrais, traduzida para o espanhol, o Secretariado do CEIC já falava em uma nova data para o VI Congresso, adiado aproximadamente para fins de maio de 1928.[191] Membro do Comitê Executivo desde 1924,[192] Codovilla repetira a visão oficial sobre o aumento da presença imperialista estadunidense na América Latina, sobretudo em forma de inversões financeiras e de apoio político à burguesia industrial e à pequena burguesia radical, no VII Pleno Ampliado do CEIC (22 de novembro a 16 de dezembro de 1926), primeira vez em que um sul-americano intervinha em semelhante evento.[193] O V (21 de março a 6 de abril de 1925), o VI (17 de fevereiro a 15 de março de 1926)[194] e o VII plenos ampliados basicamente reafirmaram as linhas estabelecidas no V Congresso da Comintern, mas essa última edição distinguiu-se por algumas inovações que apontariam para redirecionamentos no movimento mundial. Antes de tudo, a ascensão revolucionária na China e a greve geral no Reino Unido no início de maio de 1926 tomaram a maior parte das atenções, no primeiro caso sinalizando a virada para o Extremo Oriente como possível novo foco da revolução mundial. Além disso, Iosif Stalin, secretário-geral do VKP(b), pela primeira vez leu um discurso próprio em uma das altas instâncias da Comintern, exatamente sobre a situação interna do partido soviético, então às voltas com a oposição

---

como facilmente verificareis, foram dos mais fecundos". Cf. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 26. L. 5 (Rio de Janeiro, 12 de março de 1927).

[189] RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 16 ("Atas das reuniões do Birô [*sic*] Sul-Americano do CEIC").

[190] PENELÓN, José. Circular reservada. Buenos Aires, 21 de março de 1927 (aos CC dos partidos da região). RGASPI. F. 503 Op. 1. D. 18. L. 34.

[191] Al Comité Central del PC. Moscou, 6 de dezembro de 1927. RGASPI. F. 503 Op. 1. D. 18. L. 41. A ausência do nome de um país em cartas semelhantes indicava que o destinatário deveria ser indicado em cada cópia.

[192] CODOVILLA FERRANDI, Victorio (Vittorio). *In:* JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 146.

[193] ПУТИ мировой революции: Седьмой Расширенный Пленум Исполнительного Комитета Коммунистического Интернационала, 22 ноября–16 декабря 1926. Стенографический отчёт. Т. 2. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1927, p. 247-251.

[194] РАСШИРЕННЫЙ Пленум Исполкома Коммунистического Интернационала (21 марта–6 апреля 1925 г.): стенографический отчёт. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1925; ШЕСТОЙ Расширенный Пленум Исполкома Коминтерна (17 февраля–15 марта 1926 г.). Стенографический отчёт. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1927.

chefiada por Trotsky.[195] E na mesma ocasião, foi exatamente a demissão de Zinoviev da presidência da Comintern, por seu alinhamento com o antigo rival Trotsky, que levou o colegiado plenário a extinguir o posto de presidente da Internacional e pedir que o CEIC se reorganizasse e criasse um "secretariado político" para si próprio, deixando a confirmação daquela extinção para o futuro Congresso Mundial.[196]

Se na China o movimento comunista parecia progredir, no Brasil as coisas não iam tão bem, a julgar pelos relatos redigidos em 1927. Um informe manuscrito, anônimo e sem data sobre a organização do PCB, provavelmente escrito por um brasileiro – cujos erros peculiares transparecem no texto em espanhol – em meados do segundo semestre de 1927, talvez fosse destinado ao SSA/IC, mas pode também ter circulado dentro do SL/IC em Moscou.[197] Lê-se que com o fim do estado de sítio no começo do ano, o partido pôde atuar em situação semilegal, mas que em agosto de 1927 uma nova onda de repressão jogou-o em nova ilegalidade total; o autor não menciona, mas a chamada "Lei Celerada", assinada em 12 de agosto, limitara os direitos de greve, reunião e manifestação, visando à proteção do trabalho e da ordem social, mas implicitamente perseguindo os "tenentes", os sindicatos e os comunistas. O militante conta que o PCB ficou sem nenhum periódico, nem mesmo com *A Nação*, e que o total de membros giraria em torno de 1 200 pessoas, mas a formação de células, descritas como muito ativas, estaria prosseguindo; na organização partidária, o CC subordinava os Comitês Regionais, que subordinavam os Zonais, que subordinavam as células de empresa ou local de residência. O trabalho com os jovens parecia refletir esse recuo, pois no próprio SSA/IC Penelón escreveu a Moscou que ele próprio, na mesma época, não possuía nenhuma informação sobre a juventude comunista do PCB, o que foi anotado em relatório do SL/IC mostrando como esse setor do movimento estava fraco, sobretudo em comparação com os equivalentes burgueses (escoteiros, cristãos etc.).[198]

---

[195] Внутрипартийные вопросы ВКП(б) (доклад тов. Сталина по русскому вопросу) [Questões intrapartidárias do VKP(b) (informe do camarada Stalin sobre a questão russa)]. *In*: ПУТИ мировой революции..., *Op. cit.*, p. 1 ss. Após o V Congresso, aprofundou-se a reestruturação do aparelho do CEIC, que no rastro da "bolchevização" visava ajudar os partidos comunistas a formarem em seu interior um núcleo duro dirigente, todo alinhado à Comintern. Em 1926 e 1927, isso levou na prática à remoção dos apoiadores do chamado "bloco trotskista-zinovievista" de oposição (a tal "questão russa") das direções nacionais e da estrutura do CEIC. Cf. ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 103.

[196] Постановление относительно упразднения института председателей Коминтерна [Resolução concernente à supressão do cargo de presidente da Comintern]. *In*: ПУТИ мировой революции..., *Op. cit.*, p. 468.

[197] Informe sobre la questión [*sic*] de organización del PC del Brasil. [*S. l.*], [*s. d.*]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 25. L. 65-71. A letra não é de Astrojildo Pereira nem de Heitor Ferreira Lima, nem talvez de Octavio Brandão.

[198] Carta de José Penelón a Jules Humbert-Droz. Buenos Aires, 27 de abril de 1927. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 25. L. 21; Rapport sur le mouvement des jeunesses dans l'Amérique latine. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 26. L.

Não é coincidência que em determinado momento, Astrojildo Pereira escreve para Victorio Codovilla anunciando a ida do jovem militante Heitor Ferreira Lima (que tinha em torno de 22 anos) à URSS para assistir às comemorações da primeira década do 7 de Novembro e para estudar na Escola Leninista Internacional (ELI), ocupando uma das duas vagas oferecidas ao PCB;[199] mais tarde, tendo partido do Rio, Mário Pedrosa ficaria com a segunda vaga.[200] Após alojar-se em Moscou, Ferreira Lima já obteve intercurso entre as principais organizações da Comintern, e uma de suas primeiras informações trata exatamente dos êxitos que os comunistas estavam alcançando na aplicação de sua linha sindical:

> "De 26 de abril a 1.º de maio do corrente ano [1927] teve lugar na Capital da República (Rio de Janeiro) um Congresso Regional com participacação [*sic*] de 35 a 38 sindicatos do Distrito Federal e Niterói, e da qual saiu a atual Federação Sindical Regional do Rio. Foram representados neste Congresso, aproximadamente 80.000 mil [*sic*] trabalhadores. Este é o primeiro passo para a fundação da CGT (Confederação Geral do Trabalho) que se praneja [*sic*], e cujas bases já foram deitadas por este Congresso."[201]

Um mês depois, em outro informe para as altas instâncias da Comintern – não há indicação de contexto ou de um organismo específico –, Ferreira Lima ataca Washington Luís e seu governo, que se apresentavam como salvadores da economia, mas cujas práticas de endividamento ainda maior não poderiam resolver nenhum problema.[202] Percebe-se, assim, que o PCB não nutria ilusões quanto à mudança de governo e ao fim do estado de sítio vigente por quase todo o governo Arthur Bernardes, mas as esperanças de alguma brecha de liberdade para atuar e publicar jornais desfizeram-se completamente menos de um ano após a transição, com o aparecimento da legislação ainda mais favorável à reprodução do capital.

A "Lei Celerada" imobilizou ainda mais o PCB, que, visando enganar a repressão, deu mais substância ao Bloco Operário e o renomeou BOC, para incluir os camponeses ao menos nas intenções. Na reunião da CCE partidária em outubro de 1927 – que em retrospecto também se considera como o "I Pleno do CC" –, resolveu-se mandar Astrojildo Pereira à Bolívia para iniciar tratativas com o capitão Luiz Carlos Prestes, e entre os dirigentes que rejeitaram esse alargamento de acordos estavam Rodolfo Coutinho e Joaquim Barbosa. Ao

---

35-38 (sem assinatura ou data, mas surgiu em algum momento após a decretação, em agosto de 1927, da "Lei Celerada" no Brasil).

[199] Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1927. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 25. L. 46.

[200] Carta de Astrojildo Pereira sem menção de destinatário (provavelmente Codovilla). Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1927. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 26. L. 19.

[201] LIMA, Heitor Ferreira. Aos camaradas da ISV [Profintern]. Moscou, 19 de novembro de 1927 (manuscrito de um discurso). RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 26. L. 7-8.

[202] *Id.* Relatório apresentado pelo delegado do Brasil à Internacional Comunista. Moscou, 11 de dezembro de 1927. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 25. L. 60-62 (igualmente manuscrito em forma de discurso).

terminar o ano, Pereira viajou, sugeriu a Prestes a união política entre operários radicais, que estariam com o PCB à frente, e grandes porções do povo, sobretudo o campesinato que presumidamente era atraído pela Coluna e "seu comandante", e deu-lhe variada bibliografia marxista, a qual o militar estudou longamente em seu exílio. Desde 1928, Prestes e a Coluna foram ganhando aura mítica e despertando esperanças entre diferentes setores, todos contrários ao presidente Washington Luís e desejosos de uma "revolução" qualquer.[203]

Na Conferência de Organização da Região do Rio, convocada pela CCE para 19 e 21 de fevereiro de 1928, lançou-se o debate preparatório para o III Congresso do PCB, mas se agravaram também as contradições latentes na sessão da CCE de outubro de 1927. A fim de acumular materiais para o congresso e encerrar as divisões internas pela via do debate, Pereira pôs em circulação a revista *Auto-Critica* em meados de 1928, e uma das discórdias envolvia Joaquim Barbosa, secretário sindical do PCB, e João da Costa Pimenta, que criticavam um suposto uso indevido dos sindicatos pela cúpula partidária em prol de sua própria política. Barbosa anunciou em carta aberta à CCE sua demissão do cargo de secretário sindical, chefiou uma reduzida dissidência conhecida como Oposição Sindical e em maio deixou o PCB, levando junto a célula 4R (quase todos gráficos do jornal *O Paiz*), enquanto Pimenta, apesar de apoiá-lo, evitou fazer oposição frontal e permaneceu no partido por mais algum tempo; mais tarde, alguns dos dissidentes solicitariam reingresso. Alguns intelectuais também se desfiliaram e se uniram às cisões pioneiras contra Stalin sediadas na França e solidárias à batalha de Trotsky, fenômenos que revelam não a cópia acrítica das disputas dentro da Comintern ou do VKP(b), mas a coincidência de brasileiros incomodados, embaraçados diante do padrão bolchevique de partido, com ideologias de vanguarda em ascensão na Europa Ocidental e na própria URSS.[204] Ocorria um choque entre a militância tradicional, que separava assuntos estritamente políticos dos laborais, e o novo modelo, dirigido a uma visão

[203] PEREIRA, Astrojildo. A situação política; Síntese da política atual; A situação atual do partido. *In*: **La Correspondencia Sudamericana**, Buenos Aires, 15 y 30 de septiembre de 1928 apud CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982a, p. 44-55; RUY, José Carlos; BUONICORE, Augusto (org.). **Contribuição à história do Partido Comunista do Brasil.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2010, p. 47-48.

[204] Em vários âmbitos, a Oposição Sindical e a Oposição de Esquerda dos trotskistas brasileiros mantinham tal entrecruzamento que não raro pareciam ser o mesmo movimento. Para a descrição da trajetória desses dois grupos, cf. DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935.** Tradução César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 282 e 285-288; ABRAMO, Fulvio. A Oposição de Esquerda no Brasil. *In*: ABRAMO, Fulvio; KAREPOVS, Dainis (org.). **Na contracorrente da história:** documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933). São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 23-38; SANTANA, Marco. Moscow in the Tropics: The Third Period, Brazilian Style. *In*: WORLEY, Matthew (red.). **In Search of Revolution:** International Communist Parties in the Third Period. Londres; Nova York: I. B. Tauris, 2004, p. 363-364; AMARAL, Roberto Mansilla. Astrojildo Pereira e Octávio Brandão: os precursores do comunismo nacional. *In*: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **As esquerdas no Brasil.** V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 256; DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista (1919-29). *In*: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **As esquerdas no Brasil.** V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 240.

holística da vida operária (na verdade, a um olhar tido como operário do mundo em geral) e à preferência pela organização desembocada no partido, no aparelho e na unidade doutrinária como bens permanentes, e não desaparecidos após esgotada cada greve ou rol de exigências.

Os quadros de explicação da América Latina adotados pelos comunistas europeus e russos, que a rigor pouco ou nada conheciam sobre a região (embora os próprios camaradas latino-americanos auxiliassem na formação de enquadramentos arquetípicos, todavia aprovados e finalizados em última instância pelo CEIC), basearam-se primeiramente no cenário da China. Utilizando como parâmetro as ligações entre a Comintern e o Guomindang, aplicava-se a teoria do "bloco das quatro classes" – operários, camponeses, intelectuais e pequena burguesia progressista – e instava-se a criar, suportar ou ao menos não combater movimentos nacionalistas considerados "pequeno-burgueses", nem sempre de extração operária ("novos Guomindang"). Stalin e Bukharin pressionaram para que essa tática seguisse em vigor mesmo após Jiang Jieshi ordenar a prisão dos comissários políticos comunistas em março de 1926 e, enfim, seu massacre em 12 de abril de 1927. Em grandes linhas, a América Latina aparecia como principal espaço do confronto entre os imperialismos britânico e estadunidense, o qual se encontraria, a seu turno, na raiz de futuras contendas internacionais pela hegemonia global. Aos poucos os EUA estariam colonizando-a, mas devido ao caráter desse domínio, à irrupção evitável das mazelas que atingiam o povo e à debilidade dos partidos comunistas locais, ainda não seria o momento da revolução social. Nesse esquema interpretativo, uma das principais questões versava sobre o *caráter da revolução*, cuja importância correspondia ao quanto definia muitos problemas políticos basilares, como meios de luta, alianças de classe e fases do processo revolucionário. Embora tivesse havido incipientes esforços nativos para explicar cada realidade sob a ótica de um marxismo original, os comunistas latino-americanos assimilaram após 1930 a "teoria da revolução por etapas", que chamava de "antifeudal" e "nacional-democrática" a vigente etapa revolucionária, pois o subcontinente ainda não teria "amadurecido" seus requisitos sociais e econômicos necessários a uma revolução socialista. Para alguns, a *questão indígena* abrangia um duplo jugo etnocultural ("nacional") e socioeconômico sanável com ações anticapitalistas, mas predominou a linha de pensamento que a incluiu na luta camponesa mais vasta e em suas missões "burguesas e democráticas" imediatas. Victorio Codovilla subscreveu essa doutrina também em artigo da revista *Internacional Comunista* em 1926, no qual repete a visão atribuída a esses países quanto ao impacto da rivalidade anglo-estadunidense sobre seus organismos econômicos e políticos, à eventual função progressista das burguesias nacionais e das pequenas burguesias e às essências "colonial" da opressão econômica estrangeira e

"feudal" do latifúndio monocultor. O argentino não usa o termo "luta de classes", mas assevera que os países latino-americanos teriam pela frente uma luta *anti-imperialista* central no curso da revolução, à qual deveria ser atraída a pequena burguesia para juntar-se aos trabalhadores.[205]

Ao longo de 1928, as publicações revelariam que a Comintern seguia enxergando a América Latina como um conjunto de sociedades agrárias com industrialização incipiente, política dominada pelas oligarquias latifundiárias, radicalização da pequena burguesia e do proletariado urbano e rural e economias dependentes dos EUA e do Reino Unido, que lutariam entre si na região como parte do embate maior pela hegemonia global e tornariam as independências nacionais meramente decorativas. A função do subcontinente na revolução mundial dependeria de como ela seria impelida à inevitável guerra mundial interimperialista, portanto os comunistas deveriam expulsá-los o quanto antes do território e, após sucessivas etapas, estabelecer os pré-requisitos materiais e culturais para uma revolução socialista ainda longínqua. Cada pensador divergia com relação ao caráter socialista do movimento popular, ao papel da pequena burguesia e ao nível de dependência externa e de obsolescência nas relações trabalhistas e na tecnologia produtiva, mas anti-imperialismo, atraso, latifúndio e dependência (ou "colonialismo") davam os traços gerais de como a Comintern entendia a América Latina.[206]

Como preparação para a agenda eleitoral durante o ano de 1928, foram publicados o programa e os estatutos do BOC, com textos datados de 1927 que se assemelhavam aos de qualquer partido progressista moderno, mas seguiam essencialmente a linha do PCB e exigiam a realização de reformas sociais e a satisfação de demandas imediatas.[207] No estado de São Paulo, o BOC planejou participar das eleições legislativas marcadas para 24 de fevereiro, mas alegando poucas chances de vitória e aparentemente sem o consenso da direção nacional do PCB, surgiram panfletos sobre o eventual apoio a candidatos do Partido

---

[205] CODOVILLA, V. Империалистический гнёт в латинской Америке и его последствия [O jugo imperialista na América Latina e suas consequências]. Коммунистический интернационал, Moscou, ano 8, n. 14, p. 38-53, 17 de dezembro de 1926.

[206] HUMBERT-DROZ, G. Quelques problèmes du mouvement révolutionnaire de l'Amérique latine (première partie). **L'Internationale Communiste**, n. 16, p. 1198-1211, 1er aout 1928; *Id*. Quelques problèmes du mouvement révolutionnaire de l'Amérique latine (deuxième partie). **L'Internationale Communiste**, n. 17, p. 1351-1367, 15 aout 1928; TRAVINE, S. Des mouvements révolutionnaires en Amérique latine (Thèses). **L'Internationale Communiste**, n. 17, p. 1343-1350, 15 aout 1928; DUBOIS, G. Le danger de guerre en Amérique du Sud : Le conflit entre la Bolivie et le Paraguay. **La Correspondance Internationale**, n. 152, année 8, p. 1777, 19 décembre 1928; FRALKIN; HARVEY. Les États-Unis et la Grande-Bretagne en Amérique latine. **La Correspondance Internationale**, n. 152, année 8, p. 1778-1779, 19 décembre 1928. Agradeço ao professor Michael Hall por ter emprestado as xerocópias dos três primeiros artigos.

[207] BLOCO OPERÁRIO E CAMPONÊS. Programa e estatutos. Rio de Janeiro: Edição do Comitê Central, 1928. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 30. L. 32-39 ob.

Democrático (PD, dissidência do Partido Republicano Paulista – PRP surgida em 1926 e que se fundiria em novo partido com outra ala do PRP em 1934). Como se lê nos textos, os candidatos "democráticos" não representariam o "reacionarismo" explícito dos partidos republicanos estaduais e fariam contraponto a políticos do que é chamado de "pequena burguesia confusionista", na qual se incluiriam, por exemplo, Maurício de Lacerda e Irineu Machado.[208] Em contrapartida, após o pleito para a Intendência Municipal (câmara de vereadores) do Rio de Janeiro em 28 de outubro, o BOC finalmente conseguiu eleger os primeiros parlamentares de origem comunista da história do Brasil, nas pessoas de Octavio Brandão e do marmorista Minervino de Oliveira, que foram amplamente estorvados pela polícia em suas campanhas e o seriam igualmente pelos outros intendentes durante suas atuações.[209] Porém, atas de reuniões da CCE de setembro a novembro de 1928 assinadas por Fernando de Lacerda comprovam que a retirada da candidatura pelos paulistas não fora autorizada e mostram como o BOC passava por dificuldades e acossamentos e sofria críticas até mesmo de políticos progressistas burgueses, cenário agravado pela cisão de Joaquim Barbosa por que o PCB então passava.[210] Além disso, ao escrever em maio sobre a situação no Brasil para Humbert-Droz, Codovilla expressa o temor de uma substituição do verdadeiro PCB pelo BOC, sobretudo mediante a candidatura de políticos não comunistas e pequeno-burgueses, bem como a convicção de que a oposição trotskista brasileira, liderada por Rodolfo Coutinho, não poderia constituir um perigo para o partido.[211] Percebe-se que havia um receio de transformação da tática do "bloco operário e camponês" no pretexto para a construção de uma fachada legal para os partidos comunistas – ao menos no Brasil –, geralmente lançados à clandestinidade e passíveis de submersão nessa fachada, e que esse receio tornou-se realidade no caso do BOC brasileiro.

Essa aparente "deriva parlamentarista" ocorria ao mesmo tempo em que uma crise de liderança dividia o PCA, com o secretário Penelón entrando em rota de colisão com a maioria do CC argentino. Em relatório escrito em dezembro à Comintern (em última instância, ao CEIC), Rodolfo Ghioldi lamenta que o SSA/IC esteja paralisado, porque Penelón simplesmente o teria abandonado para dedicar-se integralmente a seu cargo eletivo de conselheiro municipal (vereador; de Buenos Aires, precisão não dada no documento) e

---

[208] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 30. L. 17 ss. O próprio PRP, fundado em 1873 ainda sob o Império, seria dissolvido somente em 1937 pela ditadura do Estado Novo.
[209] KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento...**, *Op. cit.*, p. 90-92.
[210] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 30. L. 3-15.
[211] Carta de "Codovilla" a "Droz" (traduzida do espanhol para o alemão, anotada a lápis na primeira folha "Stepanov" – um dos pseudônimos de Stoian Minev –, a quem a tradução provavelmente se destinava). Buenos Aires, 26 de maio de 1928. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 19. L. 13-15.

sequer teria ficado sabendo do período em que o PCB pôde atuar em relativa legalidade (Ghioldi fala em "legal", mas o registro não fora restituído) e de sua nova queda na clandestinidade. Nos fatos, o SSA/IC "era Penelón", e mesmo assim Penelón resistia em realizar reformas em sua estrutura, simplesmente não queria ocupar-se dos problemas do secretariado porque "não tinha tempo".[212] Em março de 1928, como reconhecem os próprios líderes do PCA, a cisão de Penelón, que terminou em minoria no partido, já estava consolidada, tornando-se o terceiro racha no comunismo argentino somente naquela década, após as saídas dos "frentistas" em 1922 e dos "chispistas" em 1925.[213] Diante dessa crise no PCA, uma sessão do birô do SL/IC de 15 de março de 1928, que na ocasião também estava tratando de questões dos países latinos europeus e em que estavam presentes Humbert-Droz e Codovilla, entre outros, decidiu destituir definitivamente Penelón do SSA/IC, dissolver esse secretariado, encarregar o CC do partido argentino de dar cabo das tarefas nele pendentes, deixar sua organização definitiva para após o congresso do PCA (nesse caso o VIII, não citado, naquele ano) e o VI Congresso da Comintern e deixar que a comissão argentina decidisse por uma organização provisória a partir do retorno da delegação argentina ao país.[214] E a sessão do mesmo birô em 11 de abril de 1928, também com Humbert-Droz, Codovilla e outros presentes, estabeleceu que ao voltar ao país, a delegação argentina deveria retomar o trabalho político e organizativo normal do SSA/IC, o que abrangia revista, boletim de imprensa, ligação com os partidos, informação à Comintern sobre a situação deles e outros assuntos. Seu funcionamento deveria ser coletivo e incluía o envio de relatórios mensais de atividades e o envio regular de cópias das atas de suas sessões ao Secretariado do CEIC. Finalmente, para além do Cone Sul, sua ação deveria estender-se a toda a América Latina, com reforço da ligação com a América Central.[215]

Finalmente, escrevendo para Moscou em julho de 1928, Codovilla pôde afirmar que o SSA/IC fora reorganizado com ele como secretário, e com Astrojildo Pereira, Eugenio Gómez (Uruguai), Rufino Rosas (Chile), Rodolfo Ghioldi e ele mesmo compondo o

---

[212] Rapport du camarade Ghioldi. Moscou, 16 de dezembro de 1927. RGASPI. F. 495. Op. 19. D. 33a. L. 116-118.

[213] Circulaire du Comité Exécutif du PC Argentin. RGASPI. F. 495. Op. 19. D. 33a. L. 145-156 (tradução que circulou no CEIC em Moscou, data datilografada de 6 de março de 1928; assinam os membros do CE Ampliado do PCA).

[214] Séance du Bureau du Secrétariat Latin (15.III.1928). RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 35. L. 5. Mais tarde, Humbert-Droz confirmaria em carta a suspensão da intenção de realizar o Congresso Latino-Americano no âmbito do VI Congresso da Comintern. Cf. HUMBERT-DROZ, Jules. Secrétariat Sud-Américain. Buenos-Ayres. Moscou, 30 de abril de 1928 (em nome do SL/IC). RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 19. L. 2-3.

[215] Bureau du Secrétariat Latin (séance du 11 avril 1928). RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 35. L. 11-12. Cf. também os mesmos tópicos e argumentos nos artigos na versão relançada (e com menos páginas) da revista do SSA/IC: Dos palabras; La 1ª Sesión del Secretariado Sudamericano de la Internacional Comunista. **La Correspondencia Sudamericana (2.ª época)**, Buenos Aires, n. 1, p. 1-2 e 4-5, 1.º de agosto de 1928.

organismo. O dirigente argentino também sugere enviar membros do SSA/IC para os partidos comunistas da Bolívia, do Paraguai e do Peru para estruturá-los do ponto de vista ideológico e organizativo, e em carta parecida, sugeriu mandar Pereira para cumprir essa função no Paraguai.[216] Inclusive, lê-se nas atas da reunião que reconstituiu o secretariado uma solicitação de "Ledo" (Pereira) para que também fossem lançadas revistas e publicações em português, mas Codovilla arguiu que o orçamento para edições em espanhol já era deficitário e que, em seu entendimento, "cada operário brasileiro pode perfeitamente ler e compreender bem espanhol".[217] Uma das iniciativas do SSA/IC após sua reorganização foi relançar um boletim informativo quinzenal sobre o movimento operário e social na América Latina e sobre os partidos comunistas da região, que em tese deveria chegar a todas as seções da Comintern concernidas.[218] Sem Penelón, o SSA/IC ganhou novo impulso em sua atividade: já na segunda reunião em 5 de julho, Pereira ("delegado do PCB", cuja assinatura não consta) trouxe um longo relatório sobre o agravamento da situação no Brasil,[219] e Codovilla confirmou que Humbert-Droz achara melhor o Congresso Comunista Latino-Americano não se realizar em Moscou, e sim em algum país latino-americano.[220] Sobre a operação do SSA/IC, Codovilla afirma que ele "deverá funcionar coletivamente" e propõe que um pleno realize-se a cada dois meses, no intervalo dos quais o mesmo pleno tomaria a direção coletiva com os membros que estivessem em Buenos Aires. Diz também que a atividade de Penelón foi totalmente fracionista, que ele estaria trocando cartas com a oposição no Brasil (provavelmente a de Joaquim Barbosa) e que o ex-secretário levou consigo todos os arquivos e recursos materiais e financeiros do SSA/IC e de *La Correspondencia Sudamericana*.[221] Nessa nova fase, Octavio Brandão ("Octave Brandon") assinou alguns relatórios para o secretariado, nos quais repetia sua tese da "revolução democrática pequeno-burguesa" (em última instância, apoio à pequena burguesia insurreta, com a qual "o proletariado" deveria aliar-se), passava a negar o modelo do Guomindang devido às trágicas consequências da aliança com Jiang Jieshi (embora

[216] CODOVILLA, Victorio (Sécretaire [*sic*] du SSA de l'IC). Au Secrétariat Latin du Comintern. Buenos Aires, 6 de julho de 1928. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 19. L. 23 (destinada a Humbert-Droz); *Id.* Au Sécrétariat [*sic*] Latin du Comintern. Buenos Aires, 5 de julho de 1928. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 19. L. 22.

[217] SECRETARIADO SUD AMERICANO DE LA I.C. Acta numero [*sic*] 1. Reunión de constitución del Secretariado S. A. de la I. C. – Realizada en los días 29 y 30 de Junio y 1 y 2 de Julio de 1928. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 21. L. 9-30 (o diálogo em questão encontra-se na L. 14).

[218] Como exemplo, cf. Boletín editado por el Secretariado Sud Americano de la Internacional Comunista. Año 2, n. 1. Buenos Aires, 15 de julio de 1928. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 24. L. 1 ss.

[219] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 28. L. 1-20 (atas assinadas por Codovilla).

[220] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 28. L. 22-23

[221] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 28. L. 34-36.

guardasse a ideia de um "aparelho" de ligação com essa pequena burguesia) e reiterava a visão da luta entre os dois imperialismos "colonizadores".[222]

A geração fundadora do PCB, enfim, escolheu tentar contatos crescentes com Luiz Carlos Prestes visando atraí-lo ao comunismo, o que resultou na viagem de Astrojildo Pereira para a Bolívia, mas nem todos os militantes concordavam com essa aproximação, e alguns deles alegavam justamente que a Coluna Invicta fora uma realização "pequeno-burguesa". Ao entrar em contato com o marxismo entre 1927 e 1928, Prestes reformulou suas convicções e refletiu longamente sobre como proceder para com o domínio oligárquico para transformar a sociedade, mas a lenda em torno de sua personalidade, fora de seu controle, espalhou-se rapidamente pelo Brasil e foi apropriado por tendências políticas e ideológicas muito diferentes entre si. Ele se transferiu em fevereiro de 1928 para Buenos Aires, onde trabalhava e dava entrevistas com declarações assumindo ideias cada vez mais inconformistas, sugerindo mudanças políticas fora dos quadros legais ou mesmo uma nova ordem em que as massas tocariam sozinhas o projeto dos militares radicais. Apesar do contato com políticos legalistas que batalhavam no Brasil pela anistia dos exilados, Prestes dizia-lhes abertamente que a luta armada seria a única alternativa possível no lugar de qualquer perdão, e ao mesmo tempo estreitava os laços com o PC argentino e fortalecia seus estudos do marxismo.[223]

De 17 de julho a 1.º de setembro de 1928, após considerável atraso causado pelas disputas de poder dentro do governo soviético, realizou-se enfim o VI Congresso da Comintern, com número recorde de delegados e de organizações representadas. Embora, na verdade, após as decepções com as perspectivas revolucionárias na Europa e na China, a virada em direção à América Latina não tivesse sido brusca, como se percebe pelas inúmeras tentativas anteriores de contato e de organização local do movimento comunista, Bukharin deu a entender em seu discurso introdutório que só então a Comintern estava "descobrindo a América Latina". Enfim, ela estava tornando-se relevante para a estratégia revolucionária mundial:

> "Camaradas! Nos anos transcorridos desde o V Congresso, nosso movimento avançou em amplitude e em profundidade. Pela primeira vez a palavra

[222] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 28. L. 59 ss.

[223] Cf. especialmente os primeiros capítulos destas biografias de Prestes: REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes:** um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014; PRESTES, Anita Leocadia. **Luiz Carlos Prestes:** um comunista brasileiro. São Paulo: Boitempo, 2015. Sobre o apoio do PCB ao movimento "tenentista" (chamado de "militares revolucionários"), cf. também PEREIRA, Astrojildo. Brasil. La situación política. **La Correspondencia Sudamericana (2.ª época)**, Buenos Aires, n. 4, p. 11-15, 15 de septiembre de 1928 (especialmente p. 14-15).

> ‘comunismo’, pela primeira vez os princípios organizativos do movimento comunista, as claras e límpidas palavras de Lenin adentraram enormes territórios, novos continentes, novos povos, novas camadas da classe operária. A América do Sul está amplamente entrando pela primeira vez na órbita de influência da Internacional Comunista. O partido [comunista] chinês está se consolidando como um verdadeiro partido revolucionário combativo, marchando sob a bandeira do marxismo e do leninismo revolucionários.”[224]

Ao ler seu informe sobre a atividade do CEIC no período transcorrido desde o V Congresso da Comintern, Bukharin afirma que se estaria passando por um período de aumento das forças de oposição ao capitalismo e da evolução das contradições internas desse sistema, e entre aquelas forças se destacariam o crescimento da URSS, a revolução na China e as revoltas na Índia. A constatação da crise do capitalismo não se daria mais por meio da análise estatística de cada situação concreta, mas da verificação de que os países estariam promovendo “mudanças estruturais” em toda a economia mundial que levariam a seu fim inevitável: as instabilidades políticas citadas, a tentativa da Europa de ser menos dependente dos EUA, a contração dos mercados internos das metrópoles, a falência e pauperização das colônias, as disputas entre os Estados, sobretudo pela partição das colônias, e, portanto, as guerras. Um alegado conflito entre o Reino Unido e os EUA seria central nessas contradições, e a América do Sul estaria sendo seu palco privilegiado. A tática de “frente única” com a social-democracia permanecia válida, mas deveria realizar-se apenas “a partir de baixo”, ou seja, o apelo às lideranças reformistas só se permitiria em casos muitos excepcionais. No momento, o desvio mais perigoso na Comintern seria o “de direita”, por causa da “estabilização” capitalista (que Bukharin já não adjetiva como “relativa”), dos resquícios parlamentaristas e da influência social-democrata – estes últimos dois com relação aos militantes comunistas.[225] Nas teses sobre esse informe, aprovadas perto do fim do encontro, os partidos comunistas da América Latina ainda são vistos como devendo reforçarem-se (estrutura e ideologia) e realmente se tornarem partidos de massa, no caso dos maiores, e em outros países os partidos de fato ainda restariam por fundar-se ou aproximar-se de algo parecido com um partido. A preocupação maior não deveria ser com a revolução, mas, entre outras coisas, com a resolução de questões agrário-camponesas, a relação dos partidos com

[224] VI КОНГРЕСС Коминтерна: стенографический отчёт. Fasc. 1. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929, p. 2.

[225] Доклад тов. Бухарина о деятельности Исполнительного комитета Коммунистического интернационала [Informe de Bukharin sobre a atividade do Comitê Executivo da Internacional Comunista] (p. 26 ss.). *In*: VI КОНГРЕСС Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 28, 33-34, 36-37, 51-52 e 58-59.

organizações não partidárias (sindicatos, associações), o trabalho entre as massas, a luta contra o imperialismo estadunidense, o reforço dos sindicatos e a centralização sindical.[226]

Durante o debate sobre o informe de Bukharin e as teses relacionadas, Paulo de Lacerda, um dos delegados do PCB, comentou que o "movimento comunista" chegou antes da própria Comintern na América Latina, ao contrário do que afirmava o líder russo, para quem o movimento só estaria chegando então. Lacerda também pede que os dirigentes deem atenção maior aos partidos comunista da região, para que eles se tornem realmente partidos de massa, pois a relevância da América Latina estaria em constituir a retaguarda dos EUA, o imperialismo mais poderoso, que já teria passado da influência pacífica às intervenções armadas. Segundo números apresentados pelo brasileiro, o subcontinente representaria 46% de todo investimento externo estadunidense, mas na América do Sul ele ainda enfrentaria resistência do imperialismo britânico, e a disputa entre ambos estaria se acirrando. De forma genérica, Lacerda diz que "Na América do Sul, estamos às vésperas de revoluções agrárias", sem caracterizar essas revoluções nem aludir à divisa de "governo operário e camponês" ou à noção de "revolução democrática pequeno-burguesa" de Brandão, mas falando apenas em combate ao "jugo capitalista" e ao imperialismo. A "burguesia pátria, exploradora da massa operário-camponesa em acordo com os imperialistas", deveria ser combatida em conjunto – não se encontra no discurso a menção a uma ocasional "burguesia nacional" –, e em uma eventual guerra capitalista contra a URSS, os comunistas e o proletariado deveriam impedir que a América Latina fornecesse matérias-primas para os exércitos interventores.[227]

Ao tecer as considerações finais sobre as muitas respostas a seu informe inicial, Bukharin notavelmente dedicou uma pequena parte à "América do Sul" – ao menos na redação dada às atas –, na verdade a América Latina, porque de forma geral, como já dito acima, os russos enxergavam apenas uma "América do Norte" (EUA e Canadá) e uma "América do Sul" (o resto), incluindo nesta última o México. O líder enxerga um potencial de transformação da "revolução agrária" e de outras contradições em "revolução socialista" – ignorando qualquer presença de um proletariado industrial em alguns países sul-americanos –, e nessa "revolução agrária" e no combate ao "feudalismo" vê o esteio da resistência ao imperialismo estadunidense, função básica para a qual a URSS via alguma utilidade na

---

[226] О международном положении и задачах Коммунистического Интернационала (Тезисы по докладу т. Н. И. Бухарина) [Sobre a situação internacional e as tarefas da Internacional Comunista (Teses sobre o informe do cam. N. I. Bukharin)] (p. 56 ss.). *In*: VI КОНГРЕСС Коминтерна: стенографический отчёт. Fasc. 6. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929, p. 78.

[227] VI КОНГРЕСС Коминтерна: стенографический отчёt. Fasc. 1, p. 228-229. Identificado apenas como "Lacerda", Lazar e Víctor Jeifets permitem distingui-lo dos outros dois irmãos políticos, Fernando e Maurício. Cf. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 339.

América Latina/do Sul. O mais intrigante é que logo depois Bukharin menciona a "questão negra (*negritianski*)", mas apenas da perspectiva dos EUA e da África do Sul, sem nenhuma alusão à América Latina, o que parece refletir o próprio discurso hegemônico assimilado por alguns comunistas, como os brasileiros, de que em seus países não haveria conflitos raciais. Porém, ele não assimila o problema dos negros com a autodeterminação nacional, e sim com o que hoje se chamaria de racismo.[228]

O mexicano Manuel Díaz Ramírez e o brasileiro José Lago Molares ("González") também aparecem comentando o informe do britânico Thomas Bell "Sobre as medidas de combate às guerras imperialistas", e então ressaltam o papel da América Latina (assim chamada por eles) como possível fornecedora de matérias-primas aos países capitalistas ricos em uma ocasional guerra vindoura contra a URSS. Reiteram, pois, as ideias correntes na Comintern – e no referido informe – de que estaria crescendo o perigo de uma guerra imperialista contra o país e que o regime capitalista só poderia mitigar suas contradições por meio de novas guerras. Molares explicitou apenas no final o lema de "Formação do governo operário-camponês", mas o tom das duas falas era de prioridade à "revolução agrária" e ao combate anti-imperialista.[229]

Otto Kuusinen leu o informe principal sobre os "países coloniais e semicoloniais" tratados como uma mesma problemática, cujo protótipo era a Índia, país colonial por excelência sob o jugo do Império Britânico, e Jules Humbert-Droz leu um "coinforme" focado na situação latino-americana. Segundo o suíço, sem entrar em mais detalhes, "países semicoloniais" seriam os que mantêm sua independência política formal, mas sofreriam forte dependência econômica do exterior. A América Central, exceto o México, já teria voltado a ter colônias, mas dos EUA, porque até mesmo sua soberania política os países teriam perdido, enquanto a América do Sul estaria em avançado processo de "colonização" estadunidense, mais acelerado na porção norte do que na porção sul mais industrializada. Essa dominação econômica também estaria levando a uma forte intromissão na política, sobretudo no sentido de mandar os governos sufocarem revoltas populares, e por isso, mesmo que Washington estivesse ajudando a industrializar e a formar uma classe operária nesses países, essa iniciativa teria um paradoxal caráter reacionário, e não progressista. Assim, as "burguesias

---

[228] VI КОНГРЕСС Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 507-508. O substantivo russo "*negr*" e o correspondente adjetivo "*negritianski*" eram correntemente usados na URSS daquele tempo, mas atualmente têm a mesma conotação arcaica ou pejorativa de "*Negro*" em inglês, sendo preteridos por "*chorny*" e "*chernokozhi*" (literalmente "preto" e "de pele preta/negra").

[229] VI КОНГРЕСС Коминтерна: стенографический отчёт. Fasc. 2. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929, p. 141-144. O informe de Bell está na p. 7 ss. Para a identificação dos pseudônimos, cf. BELL, Thomas; DÍAZ RAMÍREZ, Manuel; LAGO MOLARES, José. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 84-85, 179-180 e 343.

nacionais" latino-americanas já surgiriam ligadas umbilicalmente ao imperialismo estrangeiro, e por vezes elas mesmas podiam ser proprietárias de terras, portanto jamais poderiam ser uma classe revolucionária. Além disso, os latifundiários – classe que controlava, por exemplo, a política brasileira – e os industriais não poderiam lutar entre si, já que ambos fariam parte dessa mesma "burguesia nacional" ligada ao imperialismo. Na maior parte da América Latina, a classe operária ainda seria bastante débil, portanto, a "pequena burguesia", cujos interesses seriam contrapostos aos do imperialismo, atuaria como a maior força para combatê-lo, enquanto os povos originários e os camponeses pobres teriam enorme potencial no combate ao latifúndio. Isso leva Humbert-Droz a caracterizar o movimento revolucionário na América Latina como "de tipo democrático-burguês" e principalmente anti-imperialista, em que predominaria não a luta da burguesia nacional pelo desenvolvimento independente, mas a luta dos camponeses por uma "revolução agrária" contra os proprietários latifundiários. Embora todos os setores revolucionários devessem compor juntos uma frente revolucionária, os comunistas deveriam lutar pela *independência de seu partido* nessa frente e pela *hegemonia* proletária no processo. Os revolucionários não deveriam apoiar nem seguir os golpes militares pequeno-burgueses, mas criar, no curso do eventual processo golpista, seus próprios órgãos paralelos que se tornariam o embrião do "poder operário-camponês". Nesse estágio, ainda longe do "socialismo" propriamente dito, o programa revolucionário conteria um caráter essencialmente nacionalista e anti-imperialista, incluindo confisco e partilha de terras, nacionalização de empresas estrangeiras, anulação da dívida externa, condições de trabalho decentes, armamento dos trabalhadores e sua reunião em um "poder de conselhos (sovietes)". Humbert-Droz distingue claramente o "bloco" do "partido operário-camponês", apresentando o "bloco operário-camponês" como uma união temporária de forças visando realizar uma dada etapa do processo revolucionário, na qual o partido comunista deveria impreterivelmente ter a hegemonia. O "partido operário-camponês", no contexto latino-americano, é exatamente não recomendado, porque poderia sobrepor-se ao partido comunista e porque seus membros não comunistas poderiam ganhar mais relevância.[230]

Nas teses aprovadas sobre o informe de Kuusinen, não se faz uma clara diferença entre as colônias e as "semicolônias", sendo a América Latina no todo associada ao segundo grupo e subentendendo-se que semicolônias, também vulneráveis a um processo de colonização (neste caso, pelos EUA), eram países com independência formal, mas de

[230] Содоклад т. Эмбер-Дро о революционном движении в колониальных и полуколониальных странах [Coinforme do cam. Humbert-Droz sobre o movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais] (p. 106 ss.). *In*: VI КОНГРЕСС Коминтерна: стенографический отчёт. Fasc. 4. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929, p. 106 ss.

economia atrelada às grandes potências. A China, por exemplo, não é incluída explicitamente em nenhuma das categorias, sendo lembrada apenas pela insurreição militar revolucionária no interior. Mantêm-se a palavra de ordem do "governo operário e camponês" que realizaria tarefas democráticas (mais exatamente, "democrático-burguesas") e anti-imperialistas básicas, e aceita-se a aliança temporária, sem submissão ou fusão, com as insurreições "pequeno-burguesas", que não são, porém, consideradas revoluções, e sim meros golpes militares.[231] Conforme as cifras absolutas relativas à participação de delegados ao VI Congresso da Comintern e à eleição de militantes para seus órgãos diretivos, os EUA parecem estar super-representados, por se considerarem um país industrial por excelência, comparável à Europa Ocidental, mas a América Latina também recebeu considerável atenção, em alinhamento à "descoberta" evocada por Bukharin, mesmo tendo em conta que os comunistas russos passaram a ocupar praticamente todo o aparelho. Os delegados enviados pelo PCB foram apenas Paulo de Lacerda e José Lago Molares, mas ambos com direito a voto deliberativo, enquanto os EUA mandaram 25 representantes, a Argentina, o Canadá e o México quatro cada um, o Uruguai um, o Chile um e o Equador um com voto consultivo. Entre os 59 membros titulares eleitos no congresso para o novo CEIC estavam "Américo Ledo" (Astrojildo Pereira), o argentino Rodolfo Ghioldi, um uruguaio, um mexicano e um chileno, além de dois estadunidenses e um canadense. Dos 43 novos suplentes no CEIC, um era cubano, um representava a Colômbia e o Equador e dois eram estadunidenses.[232]

Aprovados durante o VI Congresso, os novos Estatutos da Comintern (os terceiros desde 1920), em comparação com o texto adotado no V Congresso em 1924, prenunciam uma concentração decisória em ainda menos órgãos, maior vigilância dos Partidos Comunistas a partir de Moscou, adaptação à probabilidade ainda menor de eclodir uma revolução mundial e à preferência pelos canais diplomáticos da URSS nas condições do "socialismo em um só país" e maior realce aos deveres do que aos direitos de cada seção ante o CEIC.[233] Após os

---

[231] О революционном движении в колониальных и полуколониальных странах (Тезисы по докладу т. О. В. Куусинена) [Sobre o movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais (Teses sobre o informe do cam. O. V. Kuusinen)]. *In*: VI КОНГРЕСС Коминтерна: стенографический отчёт. Fasc. 6. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929, p. 123 ss.

[232] VI КОНГРЕСС Коминтерна: стенографический отчёt. Fasc. 6. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929, p. 139-140, 151 e 158-159.

[233] ПЯТЫЙ Всемирный Конгресс..., *Op. cit.*, p. 87-93. ("Parte II (anexos)".); VI КОНГРЕСС Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 162-167; ПРОГРАММА и Устав Коммунистического Интернационала. 2. ed. Moscou: Partizdat, 1932, p. 177-195. Também disponível em: http://www.agitclub.ru/front/com/congress068.htm. Acesso em: 12 nov. 2022; ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 94; VENTURA, Maria Isabel Pinto (ed.). **Programa e Estatutos da Internacional Comunista.** Tradução e notas José Leite Pereira. [Lisboa]: Maria da Fonte, 1975. Para uma comparação entre os textos dos estatutos aprovados no II, no V e no VI Congressos, cf. OLIVEIRA, Érick F. de. Os estatutos da Internacional Comunista: comparação entre os textos aprovados nos

arquivos virem a público, tornou-se claro que as lutas faccionais e a busca pelo controle mais estrito do comunismo mundial levaram entre 1926 e 1928 à proliferação de comissões restritas *ad hoc* que visavam conflitos pontuais, à imposição da figura do "enviado plenipotenciário" do CEIC junto às direções nacionais para garantir a execução da linha em vigor, à recorrência crescente aos secretariados regionais no Executivo para a lida eficaz com grupos de países e ao maior entrecruzamento entre o OMS da Comintern e a polícia política soviética.[234] A partir de então, as "seções nacionais da Internacional" ao redor do mundo evoluíram em sua centralização e burocratização, aversão ao reformismo político e militarização da linguagem e das atividades na expectativa de outra guerra pela divisão colonial do planeta, seguida por um suposto ataque capitalista final contra os soviéticos, cuja prevenção a qualquer preço estaria por conta de cada partido-membro da Comintern e de seus "soldados revolucionários". Com o aparente adiamento da revolução na Europa, as regiões socialmente periféricas seriam o novo terreno fértil, pois se levantavam contra o colonialismo e o jugo econômico externo, possibilitando que para além de suas fronteiras o Poder Soviético dispusesse de meios de pressão contra sua prostração. Dessa conciliação entre uma tática ofensiva e o cuidado com o *status quo*, modelaram-se o movimento comunista latino-americano e o papel que o Kremlin lhe reservava no concerto global.

Na revista do SSA/IC *La Correspondencia Sudamericana*, que após a restauração do órgão entrou em sua "2.ª época", informava-se que finalmente a I Conferência Comunista Latino-Americana fora convocada para maio de 1929, de acordo com resolução da Comintern cujo contexto de produção não está mencionado.[235] Em 1928, o Brasil apareceu muito mais na revista do Secretariado por meio das análises conjunturais de Astrojildo Pereira, embora o líder muitas vezes parecesse otimista demais quanto ao humor revolucionário das massas populares, sobretudo no campo. Como escreve Marcos Del Roio, o PCB manteria a linha de união entre operários e pequena burguesia, mas de modo autônomo, conforme estipulado no VI Congresso da Comintern, rumo à derrubada do regime oligárquico e à conquista da democracia, mesmo sob um formato liberal-burguês, enquanto no comunismo internacional predominavam uma ascensão radical e o isolamento face aos demais grupos políticos. No Brasil, a guinada que ampliou o relevo da questão agrária e do combate ao imperialismo impelia a colocar a luta pela libertação nacional, antes decorrente da oposição às oligarquias e

---

Congressos Mundiais de 1920, 1924 e 1928. **Revista Angelus Novus**, [*s. l.*], v. 16, n. 16, p. 133-154, 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/172156. Acesso em: 12 nov. 2022.

[234] ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 101-103, 105-110, 112, 116-117, 125-126, 144-146, 152-155 e 164.

[235] La I Conferencia Comunista Latinoamericana. **La Correspondencia Sudamericana (2.ª época)**, Buenos Aires, n. 6, p. 45, 18 de diciembre de 1928.

a seu Estado liberal, bem no cerne da ação política do PCB, com o pensamento menos direcionado à própria natureza da revolução na América Latina do que à sua utilidade nas contendas que a URSS travava com outros países.[236]

Em relatório enviado à Comintern, Astrojildo Pereira reconhece que muitas questões, em vista de sua complexidade, foram pouco ou mal debatidas, mas orgulha-se do que considera a dimensão inédita do congresso, em vista da profundidade das discussões sobre o Brasil e de vários problemas estruturais resolvidos, como a adoção dos Estatutos baseados no modelo fornecido por Moscou e a expulsão da dissidência "esquerdista". Toda a análise que o VI Congresso da Comintern fez da estrutura socioeconômica e das principais tarefas nos países latino-americanos foi reproduzida pelo III Congresso: o caráter agrário e "semicolonial" (no sentido dado por Humbert-Droz) da economia brasileira, a prioridade da luta anti-imperialista naquela etapa "democrático-burguesa" do processo revolucionário, a passagem da "burguesia nacional" para junto da reação dos latifundiários – apesar dela inicialmente ter apoiado as revoltas de 1922 e 1924 – e a necessidade urgente de resolver o problema da terra, sobretudo da grande massa camponesa pobre. A pequena burguesia ainda é vista como um fator revolucionário, especialmente na medida em que tem algumas de suas camadas empobrecendo e, portanto, potencialmente apoiando o proletariado. Os avanços na conquista dos sindicatos teriam sido significativos, mas ainda faltava fortalecer a conexão com outras instituições da sociedade para que se efetivasse a conquista dos trabalhadores pobres. O BOC ainda é considerado como a maior realização política do PCB e não se cogita dissolvê-lo, mas admite-se que não deveria substituir o partido comunista como o único partido do proletariado, e sim que o partido é que deveria ser a força motora por trás do BOC, em especial por meio da atração de cada vez mais membros e candidatos operários. Por fim, Pereira considera o novo CC eleito no III Congresso como uma "verdadeira direção nacional", pois incluía "numerosos militantes da província".[237]

Curiosamente, o Programa da Comintern aprovado em seu VI Congresso trazia a menção a uma categoria de países denominados "dependentes" (*zavisimye*), ao lado dos já conhecidos países "coloniais e semicoloniais" ("China, Índia etc." mencionados ao mesmo tempo), e citam-se nominalmente o Brasil e a Argentina como exemplos. Em comum, todos eles teriam como características básicas a "predominância de relações feudal-medievais" em sua economia e estrutura política e o domínio estrangeiro das principais infraestruturas e

[236] A gênese do Partido Comunista (1919-29), *Op. cit.*, p. 241-242.

[237] O CC do PCB. O III Congresso do PC do Brasil. Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1929 (assina "Am. Lêdo"). RGASPI. F. 495. Op. 19. D. 38. L. 17-21 (também disponível em CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943)...**, *Op. cit.*, p. 70-77). Tradução francesa: RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 38. L. 1-12.

meios de produção, ocupando a luta "pela independência nacional" um lugar central – mas ignorava-se a centenária independência política, por formal que fosse, dos países sul-americanos. Neles, a ditadura do proletariado não seria possível sem uma "série de etapas preparatórias", sem "todo um período de evolução da revolução democrático-burguesa em revolução socialista", e nenhuma outra grande distinção é feita entre os três tipos citados, que abrangem, contudo, uma enorme massa territorial e populacional. Caio Prado Jr. menciona exatamente esse Programa em seu famoso livro *A revolução brasileira* para criticar a análise socioeconômica do Brasil que o PCB ainda fazia nas décadas de 1950 e 1960, incluindo o conceito de "restos feudais" a se combaterem na agricultura.[238] Contudo, como se pode perceber após a leitura de ampla massa documental que registra as discussões e decisões no seio do SSA/IC e do SLA/IC, a categoria de "países dependentes" quase nunca aparece, e o próprio Brasil e países vizinhos são amiúde classificados como "semicoloniais", junto da mesma China.

Reunida em outubro de 1928, a CCE do PCB recebeu das mãos de Paulo de Lacerda as diretivas com que a Comintern desejava influir na reelaboração das teses para o III Congresso partidário e que, aprovadas e devolvidas pelo SSA/IC, foram discutidas entre os militantes até o início do encontro, ocorrido de 29 de dezembro de 1928 a 4 de janeiro de 1929. O principal documento político, "A situação política nacional e a posição do Partido Comunista", repete a mesma análise do relatório de Pereira a Moscou, descrevendo o Brasil como "semicolonial" e "semifeudal", de economia agrária e disputada pelos imperialismos britânico e estadunidense, com uma indústria incipiente cujo desenvolvimento, porém, só minaria a soberania nacional. A "Coluna Prestes" teria sido a continuação dos levantes de 1922 e 1924, e à espera da "terceira revolta" (havendo a partir daí anotações de estranhamento na versão datilografada em francês), o PCB, como "vanguarda revolucionária da pequena burguesia", deveria unir-se com "outras forças revolucionárias" à Coluna. Além do controle total do BOC, os comunistas deveriam dar mais atenção a outras organizações de massa auxiliares, como uma liga anti-imperialista, uma liga antifascista, a promoção do esporte operário etc.[239]

Notavelmente, os arquivos guardam relatórios datilografados de Comitês Regionais ou Zonais ou de células isoladas que, apresentados ao III Congresso, descrevem o

---

[238] VI КОНГРЕСС Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 37-38; PRADO JUNIOR, Caio. **A revolução brasileira.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 36-38 e 65-67.

[239] PARTIDO COMMUNISTA DO BRASIL (Secção Brasileira da Internacional Communista). **Theses & Resoluções adoptadas pelo III Congresso do Partido Communista do Brasil.** [*S. l.*]: [*s. n.*], [1929]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 52 ob.-55. As referidas anotações dos leitores em Moscou encontram-se em RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 38. L. 76.

trabalho, as realizações e as dificuldades dos comunistas em diversos pontos do Brasil. Várias das críticas referem-se ao papel de *A Nação* na propagação das ideias do PCB e em sua consequente função "desmobilizadora", pois seu dono, Leônidas de Rezende professaria uma ideologia "confusa", não teria havido preocupação em usar o jornal para mobilização geral e os responsáveis estariam mais preocupados em "encher as páginas" do que com a qualidade do conteúdo.[240] Em geral, o esquema dos textos é o mesmo, herdado dos relatórios modelares da Comintern: narração da situação política local, muitas vezes acompanhada de dados estatísticos, balanço da atuação do partido, apontamento de acertos e erros (autocrítica) e listagem das tarefas a serem realizadas. De modo geral, felicita-se pelo avanço do PCB em várias regiões e entre várias camadas de trabalhadores, mas lamentam-se a insuficiência estrutural e a intensidade da repressão estatal, que muitas vezes, sobretudo após 1927, tornava o trabalho quase impossível. Haveria muita dificuldade em realizar-se o BOC da maneira que a Comintern determinava como ideal, sem que fosse um segundo partido proletário, sobretudo porque o trabalho com os camponeses seria o mais árduo, mas as maiores dificuldades estariam na organização das mulheres e dos jovens. A variedade de situações e a densidade do conteúdo apresentado já são em si um indicador positivo da expansão do PCB e mostram como havia nas bases um esforço sincero e dedicado de expandir e organizar o partido e sua ideologia entre as camadas pobres.

Entre as diversas teses e resoluções adotadas, as diretivas de organização sindical apontam para o sindicato de indústria ou de empresa em detrimento do sindicato de ofício, para as federações sindicais em vários níveis geográficos tendo uma CGT (Confederação Geral do Trabalho) como objetivo maior e para os comitês de empresa, fábrica e oficina. As arbitragens estatais, a Federação Sindical de Amsterdã e a Confederação Operária Pan-Americana deveriam ser combatidas em prol da adesão à Profintern, cujo espírito exigia remover as "raízes do anarcossindicalismo", como o "espírito corporativo, localista, autonomista". O programa para o campo, cujo sistema latifundiário é assimilado ao e mesmo chamado de "sistema feudal", é essencialmente de distribuição das terras e de melhoria das condições de vida e trabalho dos camponeses, em uma etapa chamada de "anti-imperialista, agrária e antifeudal" na revolução. Quanto à organização, o PCB não corresponderia a sua suposta influência, considerada ampla, pois poucos dos recém-recrutados só adeririam por afinidades pessoais, e não ideológicas, e logo se desfiliariam, enquanto a atividade das células

[240] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 38. L. 22-60. As críticas mais longas e acerbas vêm de Manoel Karacik, que se apresenta como "membro da juventude". Cf. Para o III Congresso do Partido. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 38. L. 23-26.

estaria burocratizada e incapaz de integrar novos membros ao partido. O BOC tem sua atuação estigmatizada como mera fachada eleitoral do PCB, levando a situações como o apoio não autorizado do BOC de São Paulo aos candidatos do Partido Democrático, e estipula-se que o PCB deveria ampliar seu controle sobre ele (e o BOC, ampliar o seu sobre os eleitos) e que a ação do bloco entre as massas não deveria cessar. Foram também aprovadas teses "sobre o fascismo e os meios de combatê-lo", reconhecendo-o como uma reação política da burguesia contra a revolta operária.[241]

Os novos e definitivos Estatutos aprovados pelo III Congresso não sofreram grande mudança textual, mas agora previam mais centralismo e encargos bem definidos aos órgãos. O nome do partido fixa-se como Partido Comunista do Brasil, Seção da Internacional Comunista (e não mais o antigo PC-SBIC), e a ligação com a Comintern é indicada pela obrigatoriedade de cada membro aceitar o programa, os estatutos e todas as decisões do PCB e da Internacional, pelo controle dos dirigentes sobre o deslocamento habitacional dos membros e pela estrutura que obedece ao "centralismo democrático" adotado na Comintern. Por fim, a Comissão Central Executiva (CCE) também se renomeou como Comitê Central (CC).[242]

Os anos iniciais do Partido Comunista do Brasil, como se pôde concluir, não foram fruto de uma implantação planejada e imediatamente operacionalizada, e sim de diálogos com grupos políticos de outros países que ajudaram a resolver os dilemas do movimento operário nacional durante um momento de turbulências econômicas e políticas. O gradual acúmulo de forças e de experiência deu-se muitas vezes sem o apoio material direto ou explícito da URSS, que por meio da Internacional Comunista demorou anos para encontrar soluções mais eficazes no controle das "seções nacionais" e na transmissão de sua linha política, diante das situações discrepantes na América Latina. Foram inúmeros os momentos de ruptura, em que o trabalho era quase todo recomeçado do zero, como a sucessiva extinção de órgãos intermediários, as brigas internas e os rachas nos partidos, as muitas viradas em meio às lutas de poder em Moscou e a dificuldade que os comunistas encontravam para atuar

[241] A totalidade dos documentos encontra-se em PARTIDO COMMUNISTA DO BRASIL (Secção Brasileira da Internacional Communista). **Theses & Resoluções**..., *Op. cit*. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 115-126. Existem duas cópias datilografadas em francês, talvez para leitura pelos membros do CEIC, uma das quais se encontra em PARTI COMMUNISTE DU BRÉSIL. Thèses et Résolutions adoptées par le III^{e} Congrès, janvier 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 38. L. 61-150.

[242] PARTIDO COMMUNISTA DO BRASIL (Secção Brasileira da Internacional Communista). Estatutos do Partido Communista do Brasil. *In*: **Theses & Resoluções**..., *Op. cit.* RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 60 ob.-61 ob.; PARTI COMMUNISTE DU BRÉSIL. Statuts du Parti communiste du Brésil. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 38. L. 115-126.

sob regimes políticos dissemelhantes do que se considera hoje uma democracia estável. O controle ideológico não foi garantido logo de início, tanto que o próprio Bukharin ainda falava em “descoberta da América do Sul” em 1928, mas cada mudança no conceito de organização predominante no CEIC levava a reflexões sobre os critérios para abordar determinados grupos de países (idioma, geografia, progresso econômico etc.), sem uma conclusão definitiva. O desconhecimento do subcontinente latino-americano levou a uma assimilação apressada com as conjunturas da Índia e da China, levando à criação da categoria analítica de “países coloniais e semicoloniais”, que no contexto político geral, porém, teve o mérito de sublinhar a determinação da dependência econômica sobre o papel do Brasil na cena mundial. Por fim, a existência de canais pelos quais, de alguma forma, os próprios protagonistas puderam ser ouvidos levou à confirmação de que a revolução mundial, cuja aparente iminência era a razão última da criação da Comintern, passava a ser questão de anos, durante os quais etapas intermediárias de preparação política e de reformas sociais dariam as condições para que os trabalhadores tomassem seus destinos nas próprias mãos.

CAPÍTULO 2
A URSS e o movimento comunista internacional sob controle total de Stalin

A partir de 1929, a maior crise que o capitalismo internacional conhecera até então mudou a face política e econômica dos países capitalistas na Europa e na América e facilitou a chegada ao poder de vários partidos ou personalidades no Velho Continente inspirados pela experiência fascista que Benito Mussolini construía na Itália desde 1922. Esses governos consolidaram o domínio do grande capital privado por meio de ditaduras homogeneizantes e repressivas, apesar de sua retórica anticosmopolita e anticomunista, em um momento em que a URSS sob Stalin terminava de instaurar a coletivização estatal da agricultura e se industrializava em velocidade frenética. Ao iniciar a década de 1930, o secretário-geral do VKP(b) tinha as mãos livres para pôr fim à NEP de Lenin e executar novas políticas após haver tirado de seu caminho os maiores opositores, em especial Trotsky, cujo "trotskismo" era demonizado em escala internacional como o maior inimigo do movimento comunista. A principal característica do período que se estende até 1935 foi a transformação da Comintern em um apêndice da diplomacia soviética e os partidos comunistas, em agências de propaganda dirigidas por Moscou, por isso sem espaço para debates. O PCB passou então por diversos traumatismos que levaram a uma duradoura debilidade orgânica: a criminalização pelo regime instaurado após o golpe de Getúlio Vargas em 1930, a queda dos dirigentes fundadores e as incontáveis intromissões do CEIC na composição do CC, as cisões e a sede por insurreições imediatas. A filiação e o gradual domínio de Luiz Carlos Prestes, a submersão nos movimentos de "frente popular" e o combate ao integralismo como versão brasileira do fascismo selaram a "stalinização" total do partido.

2.1. Os novos rumos do SSA/IC em uma América Latina em crise

No ano crucial de 1929, Iosif Stalin, que fora indicado secretário-geral do VKP(b) por Vladimir Lenin, mas na prática influía mais do que os chefes de Estado e de governo nominais,[1] conseguiria impor suas políticas de industrialização acelerada e de coletivização completa da agricultura e alijar dos círculos do poder seu último oponente de peso, Nikolai Bukharin. Defensor da NEP que estava sendo desmantelada, ele deixaria a secretaria-geral do CEIC e a chefia da redação do jornal *Pravda* em abril e perderia sua condição de membro

[1] Respectivamente, Mikhail Kalinin – representante russo da presidência coletiva do Comitê Executivo Central do Congresso dos Sovietes e, a partir de 1938, presidente do Presidium do Soviete Supremo –; Aleksei Rykov (1924-1930), Viacheslav Molotov (1930-1941) e o próprio Stalin (1941 até sua morte) – presidentes do Conselho de Comissários do Povo/Ministros.

pleno do Politburo do partido comunista em novembro. Dentro de uma lógica de combate às camadas da população que resistiam à revolução econômica, em especial os *kulaks* (camponeses mais abastados), a virada isolacionista e antiocidental de Stalin diminuiu ainda mais o alcance e a operacionalidade das organizações auxiliares da Comintern, já escanteadas em algum grau por Moscou, como a Profintern e o *Internationale Arbeiterhilfe* (Socorro Operário Internacional). Fundado pelo alemão Willi Münzenberg em agosto de 1921 a partir do comitê de ajuda aos famintos da Rússia, o SOI confrontou-se com as ambiguidades de Lenin, que recebia o aporte ocidental sem deixar de vê-lo como portador de um interesse em desmontar o regime, e teve Clara Zetkin como presidente de honra até a dissolução do órgão, em 1933.[2]

Contudo, dentro do aparelho da Comintern, a América Latina continuaria sendo objeto de discussões e alvo de rearranjos, na incessante busca sobre a melhor maneira de alcançar cada região do mundo. Por exemplo, na sessão de 4 de janeiro de 1929, o Secretariado Político do CEIC decidiu nomear Jules Humbert-Droz como responsável pelo SLA/IC, desmembrado do Secretariado Latino, que se transformou no "Secretariado da Europa Latina" (ou Secretariado Românico, relativo aos países latinos da Europa). Esperava-se que com isso o trabalho do SLA/IC, cujo birô acolheria "Travin" (Sergei Gusev) e "Petrovski" (David Petrovski),[3] se reorganizasse e se dinamizasse. Nesse movimento, *La Correspondencia Internacional* deveria informar em espanhol aos comunistas da região sobre o movimento operário nos países vizinhos e no resto do mundo, publicar "as decisões e atos oficiais da IC, os documentos mais importantes sobre a URSS etc." A "revista do SSA/IC" (*La Correspondencia Sudamericana*, subentende-se) deveria ampliar seu papel como órgão teórico do movimento na América Latina, mas o SSA/IC também deveria enviar o quanto pudesse de documentos à outra revista citada. Humbert-Droz deplora a escassez de contatos mútuos, por falha de ambas as partes, e promete enviar a cada 15 dias informes sobre as ações e resoluções do SLA/IC, mas pede que o SSA/IC faça regularmente o mesmo, incluindo

[2] McMEEKIN, Sean. Le secours ouvrier international: histoire d'une légende. Tradução e adaptação do inglês americano Sylvain Boulouque. **Communisme**, Paris, n. 65/66, p. 117-131, 1er et 2e trimestres 2001; GOMOLINSKI, Olivia. Le Profintern: organisation internationale et administration soviétique. Première approche. **Communisme**, Paris, n. 70/71, p. 131-158, 2e et 3e trimestres 2002; DUGRAND, Alain; LAURENT, Frédéric. **Willi Münzenberg:** artiste en révolution (1889-1940). Paris: Fayard, 2008, p. 208-210.

[3] Cujos nomes verdadeiros eram, respectivamente, Iakov Davidovich Drabkin e David Lipetz. Cf. GUSEV, Serguei Ivanovich; PETROVSKI, David Alexandrovich. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943:** diccionario biográfico. Santiago do Chile: Ariadna, 2015, p. 289 e 488-489.

também recortes de jornal, sobretudo tendo em vista, por exemplo, que o suíço não tinha informações sobre a preparação do III Congresso do PCB, findo havia poucos dias.[4]

Uma das bandeiras de que os militares "tenentistas" e o PCB partilhavam era a luta armada como meio de transformar o Brasil, tornando possível entre as décadas de 1920 e 1930 o estreitamento dos vínculos entre os comunistas e parte dos militares insurgentes e a criação, em 1929, de um Comitê Militar Revolucionário no seio do partido para permanecer ligado a grupos "progressistas" nas Forças Armadas que auxiliassem na "terceira revolta" como prelúdio à revolução proletária. Separado do aparelho partidário por razões de segurança, esse comitê sobreviveu aos conflitos intestinos e permitiu que a infiltração comunista no espaço militar ultrapassasse a dimensão real da influência política do PCB. O jornal *A Nação*, enquanto fora veículo de propaganda comunista, documentou a gradual aproximação entre a esquerda militar e o partido. Octavio Brandão foi o teórico da aproximação com os "tenentes" e a Coluna Prestes, e Pereira seu executor, ao procurar o capitão na Bolívia. Apenas Rodolfo Coutinho e Joaquim Barbosa opuseram-se.[5] As fortes mobilizações operárias na primeira metade de 1929 também marcaram a história do PCB no domínio sindical, pois o concorrido 1.º de Maio propiciou a fundação da Confederação Geral do Trabalho do Brasil (CGTB), entidade abrangente que dava vida à concepção organizativa da Profintern e era basicamente controlada por comunistas. Eles também buscaram levar até as últimas consequências a greve dos trabalhadores gráficos de São Paulo capital, eclodida em 23 de março e prolongada por 72 dias, no lado mais explícito da inspiração na política de "classe contra classe". Esse esforço do PCB para não ceder foi visto por seus dirigentes como a garantia das vitórias conquistadas, mas os opositores atribuíram ao extremismo político a brutal resposta policial e os ganhos julgados insuficientes e com escassa compensação.

O congresso de fundação da CGTB (26 de abril a 1.º de maio), da qual Minervino de Oliveira, então intendente no Distrito Federal, foi eleito secretário-geral, só seria possível depois que vários congressos estaduais reunidos pelo PCB, com mobilização e organização intensas, formaram Federações Sindicais Regionais que finalmente convergiriam na central

---

[4] Carta de Jules Humbert-Droz em nome do SLA/IC ao SSA/IC. Moscou, 8 de janeiro de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 68. L. 1-6.

[5] MORAES, João Quartim de. **A esquerda militar no Brasil.** V. II. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 35-40 (esp. 35) e 40-45. Uma condensação em espanhol da mesma coletânea pode ser encontrada em MORAES, João Quartim de. **Izquierda militar y tenientismo en Brasil.** Traducción Claudia Solans. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2010. Sobre o "tenentismo", sua gênese e suas propostas políticas, cf. também CARONE, Edgard. **Revoluções do Brasil contemporâneo, 1922/1938.** São Paulo: DESA, 1965; FAUSTO, Boris. Conclusão: a crise dos anos vinte e a revolução de 1930. *In*: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira:** tomo III – O Brasil Republicano. V. 2. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 401-426; DORIA, Pedro. **Tenentes:** a guerra civil brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2016; a bibliografia já citada sobre a "Coluna Miguel Costa-Prestes".

única. Segundo Dainis Karepovs, a greve dos gráficos teria sido um divisor de águas na atitude do governo federal para com o movimento sindical e operário, sobretudo contra o comunista, pois se antes ele tentava concorrer dentro dos sindicatos, depois ele recorreu à repressão pura e simples, dissolvendo passeatas, fechando sedes e prendendo militantes. Muitas dessas greves eram instigadas pelo PCB, o qual viria nessa onda, porém, um indício de "crise revolucionária", consoante à linha do "terceiro período" da Comintern. Como no caso dos gráficos, o partido teria exagerado seu caráter político, em detrimento das demandas econômicas e corporativas.[6]

Victorio Codovilla, à frente do SSA/IC, procurou avançar iniciativas no sentido de fortalecer e unificar o movimento comunista não apenas na América Latina, mas também em todo o continente americano. Em carta enviada aos comunistas dos EUA, ele chegou a aludir ao planejamento de uma "Conferência Comunista Continental", que ocorreria em meados de 1929 e na qual ele esperava a participação dos estadunidenses, e fez menção a uma proposta destes, não chegada a tempo a Buenos Aires, de que a conferência ocorresse em março, no México. Codovilla argumentou que a data proposta deixaria pouco tempo para a preparação política e que escolher aquele local geraria gastos não arcáveis pelos dirigentes sul-americanos.[7] Ainda na reunião do SSA/IC de 13 de março, à qual também compareceram Egidio Gennari ("Rossi"), Zakhari Rabinovich ("Pierre") e Rodolfo Ghioldi,[8] estavam na ordem do dia a "Conferência Comunista Continental" e a atividade do secretariado. Codovilla disse que o SSA/IC começava "a ter relações normais e a contar com a colaboração" do SLA/IC, o qual estaria estudando as questões relativas ao movimento comunista latino-americano, e informou que, segundo o SLA/IC, a Comintern decidira criar um subsecretariado no México visando manter relações entre os partidos comunistas centro-americanos e do norte da América do Sul. Pessoalmente, ele via o órgão como necessário, exceto para o norte da América do Sul, porque esta parte teria problemas políticos estreitamente ligados ao resto do subcontinente, que também se ligaria mais facilmente a Buenos Aires do que ao México. Essa subdivisão acabou não se concretizando no futuro, mas à época, mesmo que Codovilla se queixasse de uma verdadeira ausência de ligação do SSA/IC com o México, ele se

---

[6] KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento:** o Bloco Operário e Camponês do Brasil. São Paulo: Alameda, 2006, p. 129-130.

[7] Carta de Victorio Codovilla, em nome do SSA/IC, ao Comitê Executivo do Workers' (Communist) Party of America, New York. Buenos Aires, 10 de janeiro de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 2-3.

[8] GENNARI, Egidio; RABINOVICH, Zacharij Mijailovich. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 244 e 511.

questionava se criar outro organismo não poderia gerar uma disputa de "poderes" (aspas suas) que gerasse novos problemas a resolver.[9]

Contudo, pequenos detalhes também deixavam entrever que a transição entre as direções dos "fundadores" e as dos *apparachiks* à moda de Stalin não se tratava apenas de uma submissão voluntária a Moscou, mas também da autêntica busca por criar um movimento comunista nativamente latino-americano, mesmo que isso implicasse lidar com problemas de inteligibilidade. Por exemplo, enquanto Astrojildo Pereira e José Penelón, intelectuais eruditos saídos da antiga militância europeizada, sempre escreveram à Comintern em francês, apesar dos erros de redação, Codovilla asseverou em carta a Humbert-Droz: "De hoje em diante utilizaremos o idioma castelhano – mais fácil para nós –, já que vocês dispõem dos elementos políticos e técnicos para poder ler e traduzir nossos documentos. Nesse sentido, nossa tarefa será facilitada." O argentino também afirmou que o SSA/IC estava buscando "desargentinizar" *La Correspondencia Sudamericana*, pois segundo ele, exceto o PCB, os outros partidos da região não contribuíam com conteúdo. Embora Codovilla, no mesmo texto, já passe a referir-se à preparação da "Conferência dos partidos da América Latina", ele também julga importante, em carta a Jay Lovestone, que haja uma delegação estadunidense no "Congresso Comunista Latino-Americano", pois o movimento operário dos países imperialistas deveria ajudar o dos países oprimidos.[10]

E na qualidade de maior país da América Latina, o Brasil constantemente estaria no centro das discussões dentro do SLA/IC e do SSA/IC ou entre esses dois órgãos, a ponto de ir-se formando ao longo de 1929 toda uma "questão brasileira" a ser resolvida, na qual se incluíam organização do PCB, reorientação ideológica e atitude perante a crise política e econômica que assolava o país. Servindo em Moscou em março de 1929, o "camarada Silva", provavelmente Heitor Ferreira Lima, leu em reunião ampliada do SLA/IC um relatório sobre o III Congresso do PCB, cujas teses e resoluções seriam traduzidas e distribuídas aos membros do secretariado. Humbert-Droz coordenou a reunião e assinou o documento, mas decidiu-se esperar a chegada de Astrojildo Pereira à URSS "para discutir toda a questão brasileira".[11] Enquanto isso, os comunistas brasileiros começaram a sofrer os primeiros

[9] Reunión del Secretariado Sudamericano realizada el día 13 de marzo de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 27, especialmente L. 16-18.

[10] Carta de Victorio Codovilla, em nome do SSA/IC, a Jules Humbert-Droz, em nome do SLA/IC. Buenos Aires, 18 de março de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 6-7; Carta de Victorio Codovilla, em nome do SSA/IC, a Jay Lovestone, em nome do Workers' (Communist) Party of America. Buenos Aires, 29 de março de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 18.

[11] 8ème réunion – Secrétariat élargi de l'Amérique Latine le 7 Mars 1929. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 51. L. 8 (resumo do que foi discutido e decidido na reunião). "Mario Silva" era um dos codinomes usados por Ferreira Lima.

reveses de sua estratégia eleitoral, pois o deputado Azevedo Lima, não comunista eleito pela sigla do BOC, via seu mandato como uma propriedade pessoal. Para Dainis Karepovs, essa postura individualista presente até hoje na política nacional "cristalizou" a sobreposição, que se procurava evitar, entre o BOC e o PCB, o primeiro na prática se tornando uma fachada legal do segundo. Apesar das críticas que a CCE fizera a Azevedo Lima ao longo de 1928, foi em março de 1929 que toda acomodação tornou-se impossível, quando ele deu uma entrevista a *A Ordem*, jornal do PD, manifestando apoio a Júlio Prestes, candidato à sucessão designado por Washington Luís em quebra do acordo com Minas Gerais. Em 5 de abril de 1929, sua expulsão do BOC foi anunciada publicamente, mas como planejara, Azevedo Lima conseguiu manter seu mandato pela reeleição em 1.º de março de 1930, perdendo-o justamente com o golpe de Vargas, ao qual se opusera, em outubro. Contudo, a eleição de Octavio Brandão e Minervino de Oliveira como intendentes no Rio de Janeiro animara o PCB a expandir a estrutura do BOC para outros estados ao longo de 1929, e além das seções estaduais tentou-se também criar comitês nos locais de trabalho, como um decalque da estrutura de células comunistas, o que terminou aumentando a sobreposição de atribuições entre o bloco e o partido.[12]

Em 14 de maio, sob o codinome "Ledo", Astrojildo Pereira já estava em Moscou participando de uma reunião no SLA/IC, na qual ele foi encarregado de propor ao organismo medidas a fim de dotá-lo de "uma direção política e técnica efetiva" e escrever e ler na próxima reunião um relatório sobre a situação do SSA/IC e com "propostas de ligação e de trabalho entre esses dois secretariados (Moscou e Buenos Aires)" a se enviarem ao Secretariado Político do CEIC.[13] Na reunião de 8 de junho do SLA/IC, Pereira foi incumbido de redigir uma resolução sobre a decisão, tomada pelo secretariado e "a princípio" aprovada pelo Secretariado Político do CEIC, de se criarem um "Secretariado da América do Sul" sediado em Buenos Aires e um "Secretariado da América Central para o México, os países da América Central, bem como a Venezuela, o Equador e a Colômbia" (sem indicação de sede), ambos com funções políticas, autônomos entre si, mas interligados para a execução dos trabalhos, e diretamente subordinados ao CEIC.[14] Aparentemente, essa proposta não saiu do papel, mas outra vez demonstra como não somente na Argentina, mas na própria URSS, tinha-se consciência de que as especificidades do movimento comunista no Caribe e sua distância física dos centros mais industrializados do Cone Sul tornavam difícil sua administração

[12] KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento...**, *Op. cit.*, p. 98-100 e 127.
[13] Ata/resumo da reunião de 14 de maio do SLA/IC. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 51. L. 11-12.
[14] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 51. L. 17.

exclusivamente pelo SSA/IC. Ao mesmo tempo, percebe-se como Pereira sempre participava muito ativamente nas reuniões do SLA/IC em 1929 e incumbia-se de tarefas importantes, algo raramente mencionado na bibliografia tradicional.

Evidentemente, a necessidade de uma representação física na Comintern, dada a ausência de meios tecnológicos adequados, também mexia com a vida orgânica do PCB. Em ata do Presidium reunido em 26 de fevereiro de 1929, consta que se decidiu empossar "Saulo" (Paulo de Lacerda) como secretário-geral provisório enquanto "Américo" (Pereira) estivesse na URSS.[15] Em carta enviada de Moscou em 18 de abril para "Saulo", "Américo Ledo" escreve já haver chegado à cidade no dia 15, após uma estadia de uma semana em Berlim.[16] Em resposta mandada do Rio no mesmo 18 de abril a outra carta anterior, "Saulo" inquieta-se com a postura de indecisão de Prestes e narra o agravamento das lutas operárias no Brasil, sobretudo em São Paulo.[17] Durante o período em que esteve em Moscou, Pereira (assinando como "Ledo" ou "Américo Ledo") manteve contato epistolar com o Presidium do PCB e frequentemente opinava sobre as últimas atividades informadas, o conteúdo repassado de *A Classe Operaria* e a atuação dos dois intendentes no Rio de Janeiro, e sugeria diretivas para as próximas políticas a executar. Além de inquietar-se e desconfiar cada vez mais da indecisão de Prestes e seus companheiros, ataca as tendências centrífugas que estavam se tornando frações dentro do PCB. Embora, por exemplo, fizesse ressalvas quanto à forma de Brandão exprimir-se, aprovava no geral o trabalho parlamentar e a atividade dos comunistas, escrevendo de forma clara e amigável, mas parecia exagerar um pouco os êxitos e o potencial do partido, algo talvez recorrente entre quem, brasileiro ou não, observasse a situação a partir de Moscou. A última carta de Pereira data de 25 de outubro, mas talvez devido à prisão de Paulo de Lacerda em abril, algumas respostas, depois cessadas, foram assinadas por um "Salviano" cuja identidade não se pôde verificar.[18]

Quanto à atuação de Codovilla em Buenos Aires, Pereira parece ter uma percepção positiva, pois escreveu que após a reorganização do SSA/IC em julho de 1928, teriam sido possíveis muitas realizações positivas, como a organização da conferência latino-americana, agora prevista para junho de 1929. Porém, algumas falhas ainda seriam perceptíveis, como a atenção maior que o conjunto da Comintern deveria prestar ao SSA/IC e a definição exata da finalidade e das competências desse órgão:

---

[15] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 51. L. 22-23; LACERDA, Paulo de. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 339.
[16] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 36. L. 21.
[17] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 36. L. 22-23.
[18] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 36. L. 21-43. Sobre a prisão de Paulo de Lacerda, cf. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 339.

> "Ele deve ser somente um órgão de coordenação ou também de direção da atividade dos diferentes partidos sul-americanos? Em minha opinião, ele deve ser ambas as coisas, isto é, um órgão eminentemente político, e não somente um aparelho técnico de ligação com a Comintern."[19]

Em meados de abril de 1929, o movimento revolucionário na América Latina foi objeto de um projeto de resolução preparado pela Comissão Latino-Americana ainda no VI Congresso da Comintern, visando iniciar uma discussão sobre seus principais problemas. No texto, Brasil, Argentina e Chile se distinguiriam dos países vizinhos por contarem com uma "burguesia nacional industrial numericamente débil, que se diferencia da classe de grandes proprietários agrários", enquanto nos outros "a burguesia nacional, como classe distinta, é quase inexistente e as empresas industriais aí se encontram quase exclusivamente nas mãos do capital estrangeiro ou dos grandes latifundiários [*terratenientes*] nacionais". Mas em todo caso, as economias sempre seriam umbilicalmente ligadas ao capitalismo britânico ou estadunidense (países semicoloniais), e o poder político, controlado pelos donos do latifúndio. As mudanças políticas no Chile com Ibáñez e com Yrigoyen na Argentina (e no Brasil, como se veria em 1930) indicariam a chegada da burguesia industrial ao poder. A rápida industrialização desses países não estaria rompendo sua dependência externa, pois estaria ocorrendo apenas em alguns setores que permitiriam manter o controle externo, e em alguns países, como o México e o Equador, o proletariado seria tão fracamente organizado que a pequena burguesia insurgente estaria exercendo a função de liderá-lo e fingindo ser uma classe "revolucionária". O caráter da revolução na região seria, pois, democrático-burguês com predominância das questões agrária e anti-imperialista, e quando as tarefas dessa "etapa" fossem cumpridas, a hegemonia da revolução passaria da pequena burguesia ao proletariado ("governo operário e camponês"), e então se tornaria uma "revolução proletária". No processo, as populações negras e nativas que formassem maioria em certas regiões dos países e quisessem dispor de seu próprio destino deveriam receber o direito à "autodeterminação". As tarefas imediatas dos comunistas seriam reforçar seus partidos, sobretudo porque com o impacto da Revolução Russa, a adesão à Comintern teria sido "em parte sentimental", e ampliar as ligações com os camponeses, evitando submergir-se no movimento pequeno-burguês e apenas se aliar a ele para fins pontuais, e não em uma "frente única" permanente.[20]

---

[19] Américo Ledo, "Sur le Secrétariat Sud-américain de l'IC". [*S. l.*], 20 de maio de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 142-146 (grifos no original). Não está claro, mas parece tratar-se de um relatório destinado ao SLA/IC.

[20] Proyecto de tesis sobre el movimiento revolucionario de la América Latina. **La Correspondencia Internacional.** Número especial. Año II, n. 16, 15 de abril de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 75. L. 53-56 ob. A pasta também tem traduções datilografadas, incluindo das revisões aportadas, em inglês, francês, alemão

Finalmente, com o apelido "Luis", Jules Humbert-Droz organizou de 1.º a 12 de junho de 1929 a I Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina e do Caribe, ou I Conferência Comunista Latino-Americana, em Buenos Aires, tendo por objetivo adaptar as conclusões do VI Congresso da Comintern ao subcontinente e aí solidificar o enraizamento da Internacional. Pela primeira vez os 38 representantes dos partidos comunistas de 14 nações[21] debatiam em conjunto seus próprios dilemas regionais, ligando-os ao contexto mundial e à política internacional soviética, em vista da gravidade que a estratégia da Comintern começava a reservar à América Latina. Como membro da delegação do SSA/IC, Codovilla leu na primeira sessão um informe sobre a situação internacional e a corrida militarista, conforme às teses do VI Congresso sobre o "terceiro período", a disputa supostamente agravada entre o Reino Unido e os EUA para dominar o mundo e escapar à penúria de consumidores externos e internos e a "racionalização" industrial como geradora de pobreza e, assim, de radicalidade, revoluções e combates. Em um cenário de governos e burguesias locais pró-imperialistas, o desenvolvimento capitalista e a influência externa não teriam função progressista, mas tornariam cada vez mais a América Latina uma "colônia" estadunidense. Portanto, o progresso autônomo não poderia advir senão com a *revolução democrático-burguesa*, contra a grande burguesia nacional, o latifúndio e o imperialismo, com operários e camponeses na liderança e, ocasionalmente, com suporte da pequena burguesia e da incipiente burguesia industrial. Fortalecidos "orgânica e ideologicamente", cabia aos partidos comunistas efetivar as exigências operárias e camponesas para bloquear a venda de mercadorias às potências beligerantes, apoiar a URSS e os povos subjugados, transformar as guerras imperialistas em guerras civis antiburguesas e, em especial, construir um *governo operário e camponês* no curso da *revolução democrático-burguesa*.[22]

Em seu informe, Humbert-Droz tipificou a economia latino-americana como ancorada no "grande latifúndio feudal", a indústria como majoritariamente extrativista, gerida por uma "burguesia nacional" atrelada ao e subvencionada pelo capital estrangeiro, e a infraestrutura, controlada por empresas norte-americanas ou britânicas. A desordem socioeconômica estaria impelindo as classes possuidoras a valerem-se de força, golpes de

---

e russo. A primeira página da tradução russa (L. 32) tem uma anotação indicando que o projeto foi adotado pelo Secretariado Político – segundo o jornal, pelo Presidium (do CEIC, presume-se) – em 1.º de março de 1929.

[21] Dos palabras (prefácio). *In*: AA. VV. **El movimiento revolucionario latino americano:** versiones de la Primera Conferencia Comunista Latino Americana, Junio de 1929. Buenos Aires: La Correspondencia Sudamericana, [ca. 1929], p. 3. Cumpre notar que, conforme se lê na própria introdução, os próprios delegados revisaram e o SSA/IC "controlou" as redações finais.

[22] La situación internacional, de América Latina y los peligros de guerra. In: AA. VV., **El movimiento revolucionario...**, *Op. cit.*, p. 8-34.

Estado e "fascismo", podendo principiar rapidamente, em vários países, um cenário "objetivamente revolucionário" contra as firmas estrangeiras e os "proprietários feudais". O fato de a revolução latino-americana estar na etapa democrático-burguesa não exigiria comando burguês, e sim destronar o feudalismo, a Igreja, os latifundiários e o imperialismo, proibir os negócios imperialistas, fundar um governo operário e camponês escorado em sovietes de operários, camponeses e soldados, entre outras divisas.[23]

Após assistirem à criação da Confederação Sindical Latino-Americana (CSLA) em Montevidéu, os dirigentes Paulo de Lacerda, Leôncio Basbaum, Mário Grazini e Danton Jobim foram para Buenos Aires participar da conferência comunista latino-americana. A delegação brasileira ouviu de Humbert-Droz[24] que o PCB não aproveitara o clima então favorável no país a golpes armados pequeno-burgueses e as greves de 1929 para reunir as massas, em especial no campo, e atacar o reformismo. Apesar dos avanços organizativos e ideológicos, os comunistas não teriam entendido a essência da linha do "bloco operário e camponês", feito "degeneração parlamentarista" por eles, estariam infensos às concepções "pequeno-burguesas" de camadas trabalhadoras não operárias que começavam a filiar-se e, atados demais à atuação política da pequena burguesia, esperavam muito o que Prestes dizia sobre qualquer tema. Lê-se no informe sobre choques de raças,[25] do qual um dos redatores foi Basbaum, que não haveria em princípio um "problema racial" na América Latina, pois, inserindo-se a opressão aos povos originários na "questão agrária" devido ao assalto de suas terras pelos colonizadores, o preconceito contra o negro, considerado "menor" no subcontinente do que nos EUA, era sobreposto pelas disputas de classe, em que se envolviam proletários de qualquer raça.[26] Contudo, o racismo ocasional também exigiria combate pelos comunistas, porque o negro quase sempre exerceria as funções mais braçais. A questão racial fez os delegados dividirem-se, pois alguns enxergaram a questão agrária como algo à parte, e a questão indígena vinculada à luta *nacional*, por abranger também cultura, a história do jugo colonial etc., enquanto o caráter "nacional" não necessariamente levaria à forma estatal para

---

[23] La lucha antiimperialista y los problemas de táctica de los Partidos Comunistas de la América Latina. *In*: AA. VV. **El movimiento revolucionario...**, *Op. cit.*, p. 79-108. Para Rodolfo Cerdas Cruz, o envio de Humbert-Droz a Buenos Aires em 1929 para coordenar o trabalho dos comunistas latino-americanos teria se devido a uma espécie de "exílio político" tácito, no período das lutas do núcleo de Stalin contra Bukharin e seus adeptos, dos quais o suíço era muito amigo. Cf. **La hoz y el machete:** la Internacional Comunista, América Latina y la revolución en Centroamérica. San José, Costa Rica: EUNED, 1986, p. 378.

[24] Cf. o informe de Humbert-Droz em AA. VV. **El movimiento revolucionario...**, *Op. cit.*, p. 79-108.

[25] El problema de las razas en América Latina. *In*: AA. VV. **El movimiento revolucionario...**, *Op. cit.*, p. 269-272 e 294-297.

[26] O PC cubano, por sua vez, tinha um setor especial dedicado ao problema do negro. Cf. CARR, Barry. Identity, Class, and Nation: Black Immigrant Workers, Cuban Communism, and the Sugar Insurgency, 1925-1934. **The Hispanic American Historical Review**, v. 78, n. 1, p. 83-116, Feb. 1998.

organizar-se nem às atuais fronteiras entre nações, tudo isso passível de reforma quando as revoluções se espalhassem pela região.[27]

Alguns dos materiais remetidos pelos delegados e as teses e resoluções ratificadas saíram em um número especial da revista em espanhol do SSA/IC, mas há também traduções para o francês nos arquivos da Comintern. Incorporam-se as teses do VI Congresso da Comintern sobre a situação mundial, o risco de uma guerra imperialista, as "colônias" e "semicolônias", o "terceiro período" e a América Latina, mencionada no debate sobre esse "período" devido à colonização galopante a que Washington estaria submetendo-a e à possibilidade desses países fornecerem produtos e retaguarda aos imperialistas, caso eles decidissem invadir a URSS. A questão camponesa na região seria indissociável da "política proletária e da luta do proletariado pela hegemonia no movimento revolucionário", e como os investimentos do imperialismo no campo e na cidade não teriam extinguido as antigas normas "feudais" de trabalho, mas de fato se adequado a elas, aquela questão estaria no centro das lutas de classe regionais e imporia uma substância agrária preponderante na "revolução democrático-burguesa".[28]

Várias resoluções foram tiradas com base no trabalho realizado por comissões que se debruçaram sobre temas específicos vinculados à América Latina. Sobre o "problema racial", o SSA/IC fez uma crítica a vários partidos da região que negavam existir "o problema das raças oprimidas como tal" ou o consideravam apenas "uma questão agrícola-econômica". Além disso, via um grande potencial revolucionário nos países em que o problema das "raças oprimidas" também se manifestava como o de "nacionalidades oprimidas". Não são mencionados os povos nativos do Brasil, mas o país é mencionado por sua grande população negra, que ocupa, assim como os "mestiços e mulatos", a base da produção agrícola. Sem menção à fonte da ideia, lê-se que o sentimento de exclusão social e econômica "pode cristalizar-se em regiões densamente povoadas por negros – em alguns estados do Brasil –, em aspirações de autonomia nacional".[29] As conclusões do VI Congresso da Comintern, levadas ainda mais longe pelo futuro X Pleno do CEIC, sobre as contradições da estabilização capitalista que, pelas insurreições locais, levariam à aceleração da revolução mundial, são completamente reiteradas para serem aplicadas à situação latino-americana. As disputas entre

---

[27] Intervenção de "Peters" (IJC). *In*: AA. VV. **El movimiento revolucionario...**, *Op. cit.*, p. 297-301.

[28] **La Correspondencia Sudamericana (2.ª época)**, Buenos Aires, n. 15, agosto de 1929. ("S.S.A. de la I.C. La importancia de la Primera Conferencia Comunista Latino-Americana; Resoluciones adoptadas por la misma"); RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 73 ("Documentos da I Conferência dos PC dos países da América Latina (1.º exemplar)").

[29] Mayoría Comisión del Problema Racial: J. Jolles, S. Junco, R. A. Martínez. Resolución sobre el problema racial en la América Latina. Buenos Aires, 12 de junho de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 73. L. 3-5.

os imperialismos britânico e estadunidense na região poderiam levar a tensões internas em cada país, como golpes militares reacionários, ou a guerras entre os países em que cada potência apoia um lado, guerras que o SSA/IC reprova aos partidos de não terem levado em conta ou subestimado seu perigo. A "racionalização do capitalismo" se aplicaria ao latifúndio, onde as contradições levariam a uma opressão crescente do campesinato e à adaptação dos métodos "feudais" ao capitalismo, também impostos pela repressão comum ou ditaduras abertas. Por isso, o proletariado deveria evitar e sabotar uma possível guerra futura de escala maior, e se não conseguisse, deveria engajar-se em armas para transformá-la em guerra revolucionária para a implantação do *governo operário e camponês* (isto é, os países "coloniais e semicoloniais" ainda não estariam maduros para o socialismo).[30]

Todavia, tão importantes quanto as críticas abertas ao PCB, em especial às teorias de Octavio Brandão, durante as sessões da conferência de Buenos Aires, já muito mencionadas em pesquisas sobre o partido e textos memoriais, eram as chamadas "reuniões preparatórias", quando os principais dirigentes da Comintern ouviam privadamente as opiniões e notícias dos enviados nacionais sobre a situação em seus países, e comentavam eles mesmos o que ouviam, às vezes confrontando com informações de que já dispunham. Nos dias 12 e 15 de junho – ou seja, tanto durante quanto depois do encontro, mostrando a necessidade de reforçar as diretivas e a complexidade que essa tarefa podia envolver –, a primeira reunião contou com Gennari, Rabinovich, Codovilla, Humbert-Droz e os brasileiros "Costa"[31] e Mário Grazini, codinome "Gubinelli",[32] e na segunda, sem Humbert-Droz e "Costa", também estiveram José Casini[33] e Leoncio Basbaum.[34] Basicamente, Codovilla atacou três pontos da atuação política do PCB naquele período: a ocultação do partido sob o

---

[30] Résolution de la Première Conférence communiste latino-américaine sur la situation internationale de l'Amérique latine et les dangers de guerre. [*S. l.*], [*s. d.*]. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 73. L. 30-44.

[31] Segundo Lazar e Víctor Jeifets, que citam exatamente as atas da reunião do dia 12, seria um codinome de João da Costa Pimenta. Cf. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 157.

[32] GRAZINI, Mario. *In*: *Ibid.*, p. 274.

[33] Curiosamente, embora Lazar e Víctor Jeifets refiram-se a Casini apenas por seu sobrenome e não consigam nenhuma outra indicação biográfica a não ser exatamente sua participação nessa reunião, vários outros trabalhos citam José Casini como um operário metalúrgico que fora eleito para o CC no III Congresso do PCB. Cf. *Ibid.*, p. 138; ABREU, Alzira Alves de. Partido Comunista Brasileiro (PCB). *In*: **Atlas Histórico do Brasil (FGV CPDOC).** Disponível em: https://atlas.fgv.br/verbete/6069. Acesso em: 30 set. 2023; SILVA, Carine Neves Alves da. **Secretariado Sul Americano e Partido Comunista do Brasil (1926-1930).** Rio de Janeiro: [*s. n.*], 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, p. 113-114, 148 e 196; OLIVER, Camila Leite. **A voz em disputa:** antagonismos e hegemonia no jornal *Voz da Unidade*. São Paulo: [*s. n.*], 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

[34] Reuniões preparatórias para a conferência latino-americana entre o SSA/IC e a delegação brasileira. Buenos Aires, 12 e 15 de junho de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 37; Conversación con los delegados del Brasil sobre el problema de táctica. [Buenos Aires], 12 de junho de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 73. L. 79-81; Reunión del día 15 de junio de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 27. L. 29-33.

rótulo do BOC, o privilégio do BOC como base organizativa em detrimento do partido e o seguidismo com relação a Prestes. Nos dois primeiros casos, o argentino instou a que os comunistas aparecessem com sua própria fisionomia, e no terceiro condenou uma escolha acrítica de Prestes como candidato à presidência da República pelo BOC e pediu que obtivessem dele sua opinião definitiva sobre os pontos questionados pelo PCB: se ele recusasse, também não deveria ser o candidato dos comunistas. Os brasileiros dizem que, com a situação econômica declinante, a pequena burguesia brasileira, empobrecida, estaria radicalizando-se, boa parte dela passando para o lado comunista, e deveria ser bem recebida. Argumentam ainda que se o partido aparecesse com sua fisionomia original, seria um alvo muito fácil da repressão, mas Codovilla replica mostrando que até 1929 a repressão fora muito dura, mesmo com todas as tentativas de disfarce, pois a burguesia, em todo caso, saberia sua verdadeira essência. Para ele, a "revolução" de 1924, realmente social, deveria ter continuidade, e embora a questão da revolta armada não fosse diretamente posta, toda atuação política deveria visar à "revolução democrático-burguesa" pela instalação de um "governo operário e camponês". Codovilla sugere que o PCB lance candidato próprio em 1930 e compara Prestes com Maurício de Lacerda, outro "pequeno-burguês" que tinha a vaidade como único guia, mudava de posição quando lhe convinha e fazia demagogia com os operários, mas a delegação insiste que Prestes ainda era uma solução revolucionária, pois atrairia a pequena burguesia radicalizada. A impressão de um leitor externo das atas é a de que o SSA/IC criticava as ideias expostas e quase sempre os brasileiros aparentemente assentiam e reconheciam que estariam errados.

Curiosamente, em sessão do Presidium do PCB de 16 de janeiro de 1929, Astrojildo Pereira sugerira que seria interessante os comunistas definirem sua atitude para com as eleições presidenciais do ano seguinte, e resolvera-se participar da campanha em torno de três pontos básicos: centrar fogo contra o Partido Democrático; apoiar um candidato da pequena burguesia "revolucionária" caso ele apresentasse "um programa revolucionário, de combate às classes dominantes e ao imperialismo" e explicar às massas a razão desse apoio; manter o programa e a fisionomia próprios do PCB durante a campanha.[35] Segundo Edgard Carone, baseado nos relatos escritos deixados por Astrojildo Pereira, o problema do contato com Luiz Carlos Prestes surgiu em 1927 após o fechamento do partido e do jornal *A Nação*, pensando-se na condução das massas e na ligação com líderes populares e pequeno-burgueses. No III Congresso, o PCB marcou suas teses políticas com a expectativa da

[35] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 40. L. 5.

"terceira revolta", que seria a continuação das quarteladas de 1922 e 1924 e da Coluna Miguel Costa-Prestes, mas não de extração pequeno-burguesa, como estas, e sim proletária e sob a liderança comunista. Finalmente, em julho de 1929, Leôncio Basbaum encontrou Luiz Carlos Prestes, Siqueira Campos e Juarez Távora em Buenos Aires, sugeriu uma frente única entre os comunistas e a antiga Coluna visando eleger Prestes presidente da República em 1930 e apresentou-lhes o programa da frente. Como Prestes recusasse a candidatura e os três comandantes repelissem como radical a proposta comunista, sugerindo outra mais moderada e breve, Basbaum voltou decepcionado ao Brasil e expressou sua contrariedade à cúpula partidária.[36] Enquanto os "tenentes" começavam a aproximar-se do PD e da Aliança Liberal e o PCB repelia-os cada vez mais devido à linha de radicalização, Prestes demonstrava aproximar-se do comunismo e a Aliança pôde neutralizá-lo até as eleições. Isso privou os comunistas dos canais de expressão alternativos na imprensa oposicionista brasileira e, portanto, do alcance a outras camadas da sociedade, o que se tornou tanto mais grave quanto *A Classe Operaria* era alvo de constantes perseguições.[37]

Também se discutiu muito na I Conferência Comunista Latino-Americana sobre os "perigos de direita" a que os partidos comunistas da América Latina estariam sujeitos, como parte do combate a possíveis simpatizantes de Bukharin e de suas críticas à gestão econômica soviética e à hipertrofia do centralismo na Comintern. Nesse sentido, o SSA/IC publicou em setembro de 1929 uma carta aberta aos comunistas latino-americanos alertando que tais "riscos" exigiam sofrer maior contestação teórica e expurgo de quadros, pois os partidos, ainda presos a um "provincianismo" isolado dos debates sobre a conjuntura internacional, mal teriam debatido as resoluções do VI Congresso da Internacional. Os "conciliadores oportunistas" na militância deveriam ser impelidos a desligar-se da social-democracia e lutar contra os "perigos de direita", alguns deles sendo a perda da direção das massas, a rejeição da aparência comunista, o exagero do potencial revolucionário de certos setores burgueses, a ignorância do que ocorria ao redor do mundo e as fracas alianças sindicais. Eram "riscos", segundo o SSA/IC, aumentados menos pelo "baixo nível ideológico" ou pela recente criação das "seções" do que pela escassa filiação de proletários e pelo influxo da burguesia tanto no aparelho quanto entre os militantes, cujas raízes de classe aportariam

[36] CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937).** 3. ed. São Paulo: Difel, 1982b, p. 232-233; REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes:** um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 119-126.

[37] KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento...**, *Op. cit.*, p. 128-129.

ideias contrárias ao bolchevismo.[38] Desde então, as frações mais radicais (ou "mais à esquerda") e mais alinhadas a Stalin, antes marginais em alguns partidos, partiram para a ofensiva e fortificaram as propensões ao isolamento.

Por sua vez, quando o PCB parecia inflar os números em seus relatos, os dirigentes da Comintern não se preocupavam em verificar a fiabilidade das fontes, tanto mais que os meios de comunicação ainda disponíveis tornavam a própria correspondência corrente bastante lenta. Em carta de junho de 1929, provavelmente enviada pelo SLA/IC, os responsáveis confirmam ter recebido o material do III Congresso do partido, enviado ainda no começo do ano, o qual ainda estariam analisando, e enquanto isso teriam ouvido "um relatório de seu representante" (Astrojildo Pereira) sobre os movimentos grevistas em todo o Brasil, apresentado como forte e muito expandido. Os autores da carta aceitam o relato triunfalista e parabenizam o PCB pela relatada participação nos movimentos, mas criticam-no por não ter aproveitado a oportunidade para avançar *a organização e as demandas políticas*, o que implicaria reforçar a organicidade do próprio partido e assim tornar mais fácil e efetiva a *atração* da classe operária, não havendo qualquer menção a revolução ou mesmo tomada do poder. O texto demonstra não somente a vulnerabilidade dos observadores externos a relatos ocasionalmente imprecisos e exagerados, mas também a insistência em aproveitar eventos menores ou tematicamente mais restritos como um trampolim para avanços contra a classe governante.[39] Um desses informes triunfalistas vindos dos próprios brasileiros exaltava exatamente os "ganhos políticos" da greve dos gráficos de março a junho de 1929: "Politicamente, nossa vitória é ainda mais considerável. Os 72 dias de uma resistência heroica deram uma grande autoridade a nossa organização e à direção comunista."[40] E se um dos documentos deixados nos arquivos acerta quanto a um crescimento vagaroso dos filiados e sua forte concentração na capital federal, em junho de 1928, seu total seria de 550, em dezembro 800, e em 1.º de março de 1929, 700 no Rio de Janeiro. A estimativa em 31 de maio de 1929 seria de 1 200, e sempre dois terços ou um pouco mais estavam na cidade do Rio. Em dezembro de 1928, as células organizadas somavam 50 no Rio de Janeiro, metade delas células de fábrica, e apenas 20 a 30 em outros estados, apenas algumas sendo de fábrica. A

[38] Carta abierta a los Partidos Comunistas de la América Latina sobre los peligros de derecha. **La Correspondencia Sudamericana (2.ª época)**, n. 18, p. 1-4, 20 de septiembre de 1929. Existe também uma tradução russa do texto, destinada a Manuilsky, em RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 29. L. 28-33.

[39] Au C.C. du P.C. du Brésil, 13 de junho de 1929 (sem assinatura; provavelmente do SLA/IC). RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 35. L. 81-84 (tradução alemã: L. 86-91; tradução inglesa: L. 92-96; tradução russa: L. 97-101 e 102-106).

[40] Informations sur le Brésil. 29 de julho de 1929 (sem local nem assinatura). RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 55-62 (frase citada na L. 57).

composição social (na verdade, profissional) aproximada calculava-se em 80% de operários da indústria, 10% de funcionários, apenas 5% de camponeses e 5% de outros ramos.[41]

2.2. O X Pleno do CEIC e o início da radicalização do PCB

No contexto das disputas de poder internas no VKP(b) e das transformações radicais na sociedade soviética, insere-se o X Pleno do CEIC, reunido em Moscou de 3 a 19 de julho de 1929. O objetivo era suprimir dúvidas quanto à viragem fixada no VI Congresso da Comintern, calibrar a linha então adotada no sentido de uma radicalização e uma separação de outras forças políticas ainda maiores e, sobretudo, ratificar a rejeição dos "desvios de direita", isto é, expelir da estrutura central e das lideranças partidárias os aliados de Bukharin. Otto Kuusinen leu o informe principal, intitulado "Sobre a situação internacional e as tarefas da Comintern",[42] cujo resumo segue adiante. As decisões do VI Congresso da Comintern não deveriam ser retificadas, mas aplicadas à luz de novas condições e acontecimentos que teriam se desenvolvido desde então. Ao contrário do que diriam outros comunistas (opõe-se, sobretudo, a Varga e Heinrich Brandler, ex-dirigente do KPD expulso em 1928) e os sociais-democratas em geral, Kuusinen não pensa que a racionalização da produção capitalista estaria levando à estabilização do regime e ao aumento da produção, e sim ao aumento dos lucros do patronato às expensas da piora no nível de vida dos trabalhadores e, portanto, ao recrudescimento das lutas operárias no mundo todo. Os conflitos não resolvidos com a 1.ª Guerra Mundial estariam levando ao acirramento das tensões entre as potências imperialistas, à fascistização de seus governos, ao crescimento dos movimentos fascistas e ao risco de uma nova grande guerra, à qual os comunistas se oporiam a todo custo. Kuusinen não prega abertamente a via insurrecional de tomada do poder nem apresenta um exemplo modelar de revolução, mas apenas diz que os partidos comunistas deveriam ser reforçados, pois as lutas estariam se agravando em todo o mundo. Ele não cita a América Latina, mas fala das revoltas anticoloniais (Índia e China, por exemplo), das rebeliões dos negros e das greves na Europa, e afirma que o desenvolvimento da construção socialista na URSS seria um fator a pesar contra a estabilidade do capitalismo, pois apenas aí a produção industrial estaria aumentando sem prejudicar o nível de vida dos trabalhadores. Sua crítica da social-democracia não faz referência às bases, e sim às lideranças "traidoras", com as quais não deveria haver tratativas,

[41] Effectifs du Parti communiste du Brésil. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 41. L. 46 (meados de 1929; documento datilografado não assinado nem datado).

[42] О международном положении и задачах Коминтерна. *In*: X ПЛЕНУМ Исполкома Коминтерна. Fasc. 1. Moscou: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929, p. 3 ss.

e considera que no momento os "desvios de direita" seriam os mais perigosos dentro do movimento comunista e deveriam ser combatidos em primeiro lugar.

Com relação a outros temas, Kuusinen critica acerbamente M. N. Roy – que caíra em desgraça durante o ano de 1928 por ter-se aliado a Bukharin e seria expulso da Comintern em dezembro de 1929 – justamente por aquilo de que Brandão e Pereira seriam acusados no PCB: um apoio à burguesia nacional "revolucionária" e à pequena burguesia que Moscou já não aceitava mais. Kuusinen não rejeita o apoio de parte desses setores que professem uma política anti-imperialista, mas ataca o que chama de "seguidismo" ou "reboquismo" (*khvostizm*, do russo *khvost*, cauda), isto é, manter os comunistas "a reboque" dessas classes.[43] Quanto à definição de "fascismo", escora-se menos na forma organizativa do que no caráter de classe:

> "no atual período, as formas anteriores de democracia burguesa são cada vez menos capazes de satisfazer a burguesia dominante. Dentro do domínio classista burguês realiza-se um deslocamento, uma passagem dos métodos parlamentares aos métodos de um regime de violência e terror abertos, aos métodos da guerra civil. É verdade que esses métodos, antes também adaptados frequentemente aos quadros da democracia burguesa, começam a desempenhar no atual período um papel dominante no poder estatal dos países capitalistas e, em geral, no domínio de classe da burguesia."[44]

Isso lhe permite estender o conceito de fascismo para além dos meros partidos ao estilo de Mussolini e Hitler ou de seu controle do poder: "Atualmente, o fascismo britânico manifesta-se em parte no regime colonial britânico, em parte nas organizações fascistas da própria Inglaterra, e em parte na incipiente fascistização do Partido Trabalhista e do governo de [Ramsay] MacDonald [primeiro-ministro britânico em 1924 e de 1929 a 1935]."[45]

Kuusinen define basicamente o "social-fascismo" como a servidão dos governos e partidos social-democratas ou socialistas ao fortalecimento da dominação burguesa e ao combate ao movimento operário:

> "Eles [os reformistas] votam a favor de leis de exceção contra o movimento revolucionário, participam ativamente da preparação da guerra. Eles efetuam milhares de pequenas e grandes missões punitivas do imperialismo em postos administrativos tanto na metrópole quanto nas colônias. Essa prática por acaso não é fascista? Sem dúvida é fascista."[46]

---

[43] *Ibid.*, p. 28.
[44] *Ibid.*, p. 30.
[45] *Ibid.*
[46] *Ibid.*, p. 31-32.

Mas ao contrário do fascismo comum, nacionalista, imperialista, antissocialista, antidemocrático e assassino dos operários e de sua autonomia organizativa, os sociais-fascistas "realizam suas ações fascistas [...] por trás de uma cortina de fumaça", executam

> "uma política imperialista sob a bandeira do internacionalismo, uma política capitalista sob a bandeira do socialismo, a abolição dos direitos democráticos dos trabalhadores sob a bandeira da democracia, a abolição das reformas sob a bandeira o reformismo, o assassinato de operários sob a bandeira da política operária etc. [...] Os objetivos dos fascistas e dos sociais-fascistas são os mesmos, a diferença está nas palavras de ordem e, parcialmente, nos métodos."[47]

Dmytró Manuilsky leu um informe de mesmo nome[48] e corroborou as ideias gerais da análise de Kuusinen, adicionando que, além das contradições entre as classes, também se ampliariam as contradições entre as potências imperialistas e entre os países colonizadores e os colonizados. Falando da América Latina como um todo, colocada no grande balaio dos "países coloniais e semicoloniais", ele aponta as crises econômica e política, inclusive no Brasil (que levaria, em retrospecto, ao golpe de Estado em 1930), e a crescente repressão dos governos para justificar o incremento da organização e influência dos partidos comunistas. No atual período, no mundo todo, os comunistas não deveriam pensar em como conquistar *o poder* por meio de golpes de força, mas justamente atrair *a maioria da classe operária* e influenciar organizações de massa para facilitar o processo revolucionário. Isso era ainda mais verdadeiro junto aos latino-americanos, pois em geral seus partidos ainda não haviam se formado, e se estavam formados, ainda estavam muito fracos, e a primeira tarefa, então, era o reforço organizativo:

> "Para os países da *América Latina* [...] os jovens Partidos Comunistas devem por toda a parte, do modo mais decidido, romper com a ideologia e as tradições do radicalismo pequeno-burguês por vezes vestido com o manto do anarquismo 'terrivelmente esquerdista', expulsar do partido todos os elementos liberais e semiliberais, construir um partido comunista sobre a base social da classe operária, influenciando e atraindo as massas camponesas por intermédio das organizações que se encontram sob a influência do partido, reforçar ideologicamente o partido comunista sobre as bases do marxismo e do leninismo, seguindo a rica experiência do PC(b)R e dos partidos comunistas da Europa."[49]

---

[47] *Ibid.*, p. 32.
[48] О международном положении и задачах Коминтерна. *In*: X ПЛЕНУМ Исполкома..., *Op. cit.*, p. 41 ss.
[49] *Ibid.*, p. 57 (grifo no original).

"Américo Ledo" (Astrojildo Pereira), em nome da "América Latina", compareceu e fez um discurso comentando os dois informes.[50] Diz basicamente que a situação na região, com o agravamento da crise econômica, dos males sociais e da disputa entre os imperialismos britânico e estadunidense, apenas comprovaria as conclusões do VI Congresso da Comintern. Ele não fala em uma "situação" revolucionária, mas apenas que se consolidaria a "fascistização" dos governos regionais e cresceriam as greves e outras demonstrações de insatisfação, as quais os partidos deveriam aproveitar para fazer crescer seu tamanho relativamente pequeno. Porém, Pereira diz que a influência dos comunistas entre os trabalhadores estaria crescendo e que os partidos de países "imperialistas" como os EUA e o Reino Unido deveriam dedicar mais ajuda aos camaradas das "colônias e semicolônias". A conferência de Buenos Aires é chamada de "indicativo de desenvolvimento político e organizativo", apesar do abalo que ela causou nas direções. Embora Pereira diga que a Comintern devesse apoiar a América Latina – cujos países são postos no rol dos "coloniais e semicoloniais" – não mais apenas em palavras (a "descoberta" no VI Congresso), mas também em ações, não há uma discussão especial sobre a região nem nos informes de Kuusinen e Manuilsky, nem em seus comentários finais às observações dos vários delegados.

No X Pleno do CEIC foram aprovadas teses políticas que consolidaram a ideia de que os eventos internacionais desde o VI Congresso da Comintern teriam legitimado as análises que anteviam, com o freio na estabilização capitalista e o acirramento da crise, o início de um "terceiro período" de ebulição revolucionária, expansão da luta de classes, levantes coloniais e guerras imperialistas. A contradição fundamental entre os países capitalistas e a URSS na via do socialismo poderia instigar à invasão desta para conquistar recursos naturais e mercados, com o açodamento dos pequenos países fronteiriços, movidos pelo Reino Unido e pela França. Mas tal guerra não poderia ocultar no Ocidente a queda do nível de vida, a "fascistização" dos Estados e o esmagamento das revoltas sociais, nem impediria o operariado de mobilizar-se, organizar-se e lutar contra a opressão, o colonialismo, a miséria e o jugo imperialista em países independentes, como os latino-americanos. A linha "classe contra classe" seria correta enquanto socialistas e comunistas combatessem, a "ala esquerda" social-democrata iludisse o povo e a precariedade operária fraquejasse os militantes moderados, que desde 1928 estariam pendendo à "esquerdização", à influência comunista e ao avanço dos revolucionários.[51]

---

[50] *In*: X ПЛЕНУМ Исполкома..., *Op. cit.*, p. 359-362.

[51] О международном положении и задачах Коминтерна (тезисы) [Sobre a situação internacional e as tarefas da Comintern (teses)]. *In*: КОММУНИСТИЧЕСКИЙ Интернационал в документах: решения, тезисы и

Durante o ano de 1929, a linha de progressiva radicalização (ou "virada à esquerda", como é comum dizer) legitimada pela análise de uma iminente crise capitalista e do acirramento dos movimentos sociais ao redor do mundo feita no X Pleno do CEIC e passada ao I Congresso Comunista Latino-Americano foi sendo incorporada pela imprensa e outros veículos menores comunistas, tanto a nível nacional quanto a nível regional, que a repassavam à militância de base e a um público mais amplo e orientavam a aplicação nos diversos domínios (sindicatos, jovens, mulheres etc.).[52] O Boletim do Comitê Regional do Rio, por exemplo, reproduziu as análises da Comintern sobre a situação internacional, tentou aplicá-las à crise econômica e política que estava se delineando no Brasil e trouxe um plano de organização que reiterava a criação e reforço das células de empresa como forma de ampliar o ainda fraco contato com as massas operárias.[53] No jornal principal, *A Classe Operaria*, a busca por popularizar a evolução da URSS é constante, e a vida e as dificuldades dos trabalhadores ocupam grande parte das matérias, mas também fica evidente como, consoante à tática "classe contra classe", o cargo de intendente de Brandão e Oliveira parece excessivamente usado para a agitação ideológica e o avanço de questões internacionais não concernentes diretamente à realidade municipal. E também foi em uma edição de novembro de 1929 que o PCB anunciou candidaturas próprias a vários cargos eletivos para as eleições nacionais de março de 1930: Minervino de Oliveira para presidente da República, Gastão Valentim Antunes para vice-presidente, Paulo de Lacerda e Mário Grazini para deputados e Fenelon José Ribeiro para senador, estes três pelo Distrito Federal.[54] Uma postura ousada, levando-se em conta a repressão policial implacável contra o movimento operário, mas alinhada com a almejada "independência de classe" e o abandono das esperanças na pequena burguesia encarnada na liderança de Prestes.

Por outro lado, alguns documentos do PCB, como um apelo à classe operária brasileira lançado pelo CC logo após seu III Congresso, também eram publicados em *Internationale Presse-Korrespondenz* e *La Correspondance Internationale*, respectivamente as versões alemã e francesa da revista com informações sobre o movimento operário de vários países, para demonstrar a universalidade do alinhamento às posições do CEIC.[55] Em 1929 a

воззвания конгрессов Коминтерна и пленумов ИККИ (1919-1932). Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1933, p. 876-888.

[52] Entre eles *Extrema-Esquerda*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, 12 de novembro de 1929; *Voz Proletaria*, Fortaleza, ano 1, n. 6, 21 de dezembro de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a.

[53] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 1-11, 41-43b e 49-50 ob.

[54] *A Classe Operaria*. Segunda Phase, Rio de Janeiro, n. 60, 15 de junho de 1929; *A Classe Operaria*. Segunda Phase, Rio de Janeiro, n. 81, 14 de novembro de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 15-17 ob. e 44-45 ob.

[55] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 13-16.

revista *Auto-Critica*, entre cujos textos figurava "Leoncio" como autor, continuava estimulando o debate nas fileiras partidárias com traduções de documentos do CEIC e do SSA/IC, análises da conjuntura nacional – em especial a respeito da sucessão presidencial –, análises críticas de greves e manifestações, reflexões teóricas e organizativas e a insistência da condenação, com os respectivos argumentos, dos dissidentes da célula 4R.[56] Órgãos de célula também difundiam a linha nacional do PCB, convocavam para atos em datas comemorativas, estimulavam à compra do principal jornal *A Classe Operaria* e faziam propaganda pelo voto no BOC.[57]

Foi também em *Auto-Critica* que, em meio à análise contínua da conjuntura brasileira sob as lentes da Comintern, a preocupação deslocou-se para o combate aos "perigos de direita" no PCB, sempre conforme a linha do X Pleno do CEIC, motivando inclusive o envio de uma carta nesse sentido aos comunistas da América Latina pelo SSA/IC, aí publicada. Apesar dos materiais sobre a situação internacional publicados na imprensa do PCB, o órgão afirma que os partidos latino-americanos não teriam se livrado de certo "provincialismo" que os alhearia das questões internacionais e estaria impedindo a discussão das decisões do VI Congresso da Comintern. São listadas novamente as principais análises desse encontro, quais sejam o "terceiro período" de aumento das contradições classistas e da luta revolucionária, a transformação da social-democracia em "social-fascismo" por seu auxílio na conservação capitalista e o menosprezo da força do movimento de massas, do qual, quando ele ascende, os comunistas acabam ficando caudatários ("reboquismo"). Nos países "semicoloniais" como os latino-americanos, o "perigo de direita" teria como formas principais a recaída no reformismo, com o alinhamento a partidos socialistas e pequeno-burgueses, e a tendência a esconder o partido comunista atrás de outros grupos eleitorais, como o BOC brasileiro. O consequente risco maior seria os comunistas se deixarem levar pelos acontecimentos revolucionários e não assumirem sua liderança nem manterem independência das massas.[58]

Como se nota pelos arquivos, o SSA/IC também se preocupava com cada partido comunista especificamente, e em carta enviada ao PCB, por exemplo, afirma-se que ele já teria superado a fase de um "grupo de propaganda" e estaria a caminho de tornar-se "um organismo de ação" liderando as massas proletárias. Rejeita-se qualquer conciliação com o

[56] *Auto-Critica*, n. 7, [*s. l.*], [*s. n.*], p. 7-10, [set./1929?]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 20-31 ob.
[57] Entre eles *A Verdade* (Segunda phase), "Orgão da Cellula 6-R", ano 1, n. 1, [Rio de Janeiro?], novembro de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 36. L. 47-48 ob.
[58] SSA da IC. Carta aberta do secretariado sul-americano da Internacional Comunista aos partidos comunistas da América Latina. *Auto-Critica*, n. 8, [*s. l.*], [*s. n.*], p. 9-12, [out./1929?]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 79-80 ob. (L. 75-86 ob. para a revista inteira).

PD, conforme estava latente entre alguns comunistas, pois o secretariado considera que ele é um "instrumento reacionário" da burguesia visando enganar as massas. Mesmo com a "Coluna Prestes" seria necessário cautela, pois alguns de seus elementos estariam propensos a passar para o lado do PD, mas outros não, e apenas os elementos "saudáveis" seriam passíveis de atração pelo PCB. O BOC deveria participar com candidatos próprios nas eleições de 1930, com seu programa "revolucionário" original e possivelmente apoiando candidatos da "Coluna" que aceitassem esse programa. Novamente se criticam a submersão do partido no BOC, que acabou crescendo mais do que o próprio PCB em cidades como o Rio de Janeiro e Santos, e o hábito de "esconder" a alcunha de comunista das grandes massas; pelo contrário, o SSA/IC julga que o momento de crise exige exatamente a aparição do PCB com sua feição original aos trabalhadores, e o uso do BOC apenas como *fachada legal eleitoral*. Porém, a crítica de que a greve de São Paulo, para além do "mero" caráter econômico, deveria ter sido levada às últimas consequências políticas revela um SSA/IC radicalizado, à espreita de qualquer mobilização de massa.[59] Outro documento sem assinatura traz um balanço da greve dos gráficos em São Paulo: fazendo um relato detalhado da resistência operária, das concessões econômicas e da dimensão da repressão, lê-se como o PCB foi duramente afetado pela repressão à greve e como se desmontaram as perspectivas de distensão vislumbradas com o início do governo Washington Luís.[60]

O próprio Brasil tornava-se crescentemente assunto de discussão no SLA/IC, com base no material que os dirigentes em Moscou conseguiam reunir ou produzir. Em um dos textos deixados, afirma-se que a cisão dentro das classes dominantes estaria cada vez maior, com parte delas usando o antes derrogado termo "revolução", e que justamente a ocasional vitória de uma "revolução liberal" (Aliança Liberal) apenas trocaria a dominação do imperialismo britânico pela do estadunidense, que teria dado provas de ser ainda pior em países vizinhos. O lema a ser usado pelo PCB deveria ser "Nem Getúlio, nem Júlio Prestes!", e contra as falsas revoluções da elite, prega-se

> "uma luta política independente, realmente anti-imperialista, contra os grandes proprietários de terras, lacaios do imperialismo inglês, e contra os grandes tubarões da indústria, lacaios do imperialismo americano [...] uma luta revolucionária, realmente revolucionária das mais vastas massas trabalhadoras da cidade e do campo, por uma verdadeira emancipação

[59] SSA de la IC. Al Comité Central del Partido Comunista del Brasil. Buenos Aires, julho de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 36. L. 2-5 (trad. francesa: L. 10-19; trad. brasileira: O Secretariado Sul-Americano da IC. Carta do Secretariado Sul-Americ[a]no ao Comitê Central do PCB. *Auto-Critica*, n. 7, [*s. l.*], [*s. n.*], p. 7-10, [out./1929?]. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 43a. L. 23-24 ob.).

[60] Informations sur le Brésil. [*S. l.*], 35 [25] de julho de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 34. L. 26-33.

> econômica e política dessas massas e do país da tutela escravista dos imperialistas, quaisquer que sejam.
> "Uma revolução dessa natureza só pode ser conduzida até o fim pelo proletariado *unido aos elementos sinceramente revolucionários da pequena burguesia*, sob a orientação do único partido realmente revolucionário, o Partido Comunista. E para seguir o caminho que conduz a esse resultado, não há outro meio senão o apoio mais decidido das grandes massas do campo e das cidades *ao programa revolucionário com o qual o Bloco Operário e Camponês se apresentará à luta pela sucessão presidencial*."[61]

Um documento de caráter parecido descreve as mobilizações planejadas para a chamada "jornada mundial contra o imperialismo e a guerra", convocada pela Comintern e por organizações simpatizantes para o dia 1.º de agosto de 1929. Afora alguns artigos na imprensa operária e intervenções dos intendentes no Rio, o PCB não realizou nenhuma manifestação de rua. O autor ressalta o papel da feroz repressão policial então em curso e fala duas vezes de espírito de "passividade", mas não menciona se seria da parte do partido ou do operariado.[62] Um registro sobre dados gerais revela que o semanário *A Classe Operaria* foi fundado em 1.º de maio de 1925 e, após fechamento pela "censura", reapareceu em 1.º de maio de 1928. Não é considerado o órgão "oficial" do PCB (é chamado de órgão de "todo o proletariado"), mas o seria na prática, sobretudo por publicar os documentos dos partidos e da Comintern. No começo de 1929, os comunistas brasileiros fundaram a Liga Anti-Imperialista, em que também haveria muitos intelectuais e estudantes, mas o Socorro Vermelho Internacional[63] praticamente não existiria mais no país, "após algum tempo de atividade". O trabalho no campo continuaria sendo a principal deficiência, mas ela poderia ser sanada,

---

[61] Matériaux sur le Brésil. 10 de agosto de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 34. L. 20-25 (sem assinatura, indicado apenas em cirílico, no topo da primeira página, "cam. Stepanov" – deve ser a cópia para ele, ou é de sua alçada –; trecho citado da L. 25, grifos adicionados). Inevitavelmente, embora a maioria dos líderes comunistas sul-americanos lesse francês, os documentos nessa língua foram produzidos no seio do SLA/IC e circulavam lá mesmo ou eram expedidos para o exterior, ou eram a ele destinados a partir de outros países. As traduções ou produções nessa língua serviam exatamente para a parte francófona do aparelho burocrático da Comintern.

[62] Matériel sur le Ier aout. Brésil. Moscou, 11 de setembro de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 34. L. 7-8.

[63] É preciso fazer a devida distinção entre o Socorro Vermelho Internacional (SVI) e o Socorro Operário Internacional (SOI), surgidos em contextos diferentes. O primeiro, também conhecido pela sigla em russo *MOPR*, foi fundado pelo 4.º Congresso da Comintern (1922) com o objetivo de ser um equivalente comunista da Cruz Vermelha, prestando ajuda moral, material e financeira aos combatentes do movimento operário e a suas famílias em greves, detenções, guerras civis e catástrofes naturais. Sediado na URSS (e, portanto, talvez financiado primariamente por ela), existiu até 1947 e era mais vinculado orgânica e politicamente com o PC soviético, mas tinha seções em diversos países. O segundo, também conhecido pelo acrônimo em russo *Mezhrabpom*, foi fundado em 1921 pelo empresário e político alemão Willi Münzenberg, primariamente para arrecadar fundos internacionais em ajuda às vítimas da primeira grande fome na Rússia soviética. Sediado em Berlim e, mais tarde, em Paris, era politicamente mais próximo do KPD, dependia essencialmente de doações e também promovia várias ações de propaganda, inclusive cinematográfica, uma das especialidades de Münzenberg. Gradualmente, com a estabilização econômica da URSS, suas funções confluíram com as do SVI e geraram disputa de competências, até que em 1935, com a extinção do SOI por ordem do CEIC, parte de suas funções foi absorvida pelo SVI.

segundo o autor do texto, pelo BOC, pela CGT (operários agrícolas de São Paulo) ou pela difusão de *A Classe Operaria*.[64] Além disso, em reunião do SSA/IC (26 de setembro de 1929) e em cuja ata falta a primeira página, Codovilla e Rabinovich/"Pierre" voltam a criticar as elaborações teóricas e a suposta simpatia de Octavio Brandão para com Maurício de Lacerda, além de "desvios oportunistas" como o excessivo legalismo da direção do PCB e a sobrevalorização do BOC. Nesse sentido, o argentino sugere uma redução da dependência para com a pequena burguesia e "Pierre" já propõe o que seria um "projeto de carta" abordando esses problemas do partido no Brasil "para logo ser discutida no Secretariado [Sul-Americano] e enviada o quanto antes aos companheiros do Brasil".[65]

Grande quantidade de material jornalístico da imprensa dominante, além de alguns artigos de *A Classe Operaria*, eram traduzidos em francês para o conhecimento dos dirigentes da Comintern (SLA/IC, em última instância).[66] Mas em 1929, quando Codovilla liderou o SSA/IC, o contato epistolar com os Comitês Centrais dos vários partidos da região também foi intenso, e em grande parte se tratava de diretivas da Comintern que ele repassava quanto a datas comemorativas, atos de conscientização, causas por que protestar, manifestações contra alguma repressão de repercussão internacional ao movimento operário etc. Outro tema recorrente era a cobrança pela aplicação das linhas políticas do X Pleno do CEIC e da I Conferência Comunista Latino-Americana, sobretudo na atenção às alianças classistas, e também havia cartas dirigidas nominalmente a certos partidos, referentes a questões pontuais que eles enfrentavam. Apesar do secretariado se chamar "sul-americano", esperava-se que ele também cuidasse de questões mexicanas e caribenhas, e de fato Codovilla se rejubila das ligações com o México estarem se fortalecendo, especialmente por meio de "novas tecnologias" como o correio aéreo. Pedia-se que várias das resoluções e consignas, sempre que possível, fossem publicadas na imprensa operária, contanto que não comprometessem os comunistas perante a repressão.[67]

Apesar da autossatisfação de Codovilla pelo reforço nas ligações com o México, Charles Phillips (pseudônimo Ramírez[68]), um dos fundadores do Partido Comunista Mexicano e um dos líderes do W(C)PA (Workers' (Communist) Party of America), enviou uma carta ao Birô Político do CEIC interpelando sobre a necessidade da fundação de um

[64] Matériaux sur le Brésil. L'organisation et les forces du Parti. Moscou, 3 de outubro de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 34. L. 1-6 (relatório datilografado sem assinatura; está manuscrito no topo da primeira página "J. Humbert-Droz" em cirílico, mas o francês não é de um nativo).
[65] RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 27. L. 43-44 e 48.
[66] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 34 ("Informações e mensagens da imprensa sobre a situação no Brasil").
[67] RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 29 ("Cartas abertas, apelos e circulares do birô [SSA/IC]").
[68] PHILLIPS, Charles Francis. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 489-490.

segundo organismo de ligação com a Comintern, unindo os países do norte da América do Sul, da América Central, do Caribe e o México, em cuja capital estaria sua sede. Ele tenta avançar mais os argumentos políticos do que os técnicos, ou seja, não teria a ver com problemas na ligação com Moscou ou Buenos Aires, e sim com o alheamento dos comunistas sul-americanos, sobretudo os uruguaios e os argentinos, quanto às realidades dos países mais ao norte. Não bastariam, segundo Phillips, o mero fato de os partidos mais ao sul serem mais "desenvolvidos" e o simples envio de um emissário mexicano para representação junto ao SSA/IC. Ele argumenta inclusive que um birô não excluiria o outro nem tomaria decisões sozinho de forma que os dois trabalhos se tornassem redundantes, e sim que ambos deveriam trabalhar em conjunto e se informando mutuamente, para que as lutas operárias se vinculassem em toda a América Latina.[69] Ao que parece, essa proposta não foi para frente, pois nos arquivos não há registros da criação ou da atividade dessa nova entidade pleiteada por Phillips.

2.3. Quando os brasileiros se tornaram uma "questão" para a Comintern

Aparentemente, o que se chamaria na década de 2020 de "Sul Global" não serviria para a URSS a partir de 1928-29, do ponto de vista geoestratégico, senão como uma base de retaguarda para a proteção do regime (da "Revolução Bolchevique", dir-se-ia no jargão). Por isso, a "revolução socialista" não seria uma dignidade a considerar-se realizável nos países "coloniais, semicoloniais e dependentes" antes da passagem por várias "etapas preparatórias", uma delas a "revolução democrático-burguesa", como era o caso da América Latina. Mesmo assim, a preocupação com os rumos do movimento revolucionário no Brasil, um dos gigantes populacionais e territoriais dessa parte do mundo, parecia sincera na linguagem dos dirigentes da Comintern que se preocupavam com a América Latina ou a América do Sul (tratadas quase sempre de forma indistinta), em especial Jules Humbert-Droz, um simpatizante de Bukharin há algum tempo caído na antipatia de Stalin. Sessões ampliadas se deram no seio do SLA/IC em Moscou, por exemplo, discutindo apenas a "questão brasileira" nos dias 21, 24 e 27 de outubro, 5 e 14 de novembro de 1929, com "Américo Ledo" lendo um relatório sobre a situação brasileira e respondendo às perguntas dos secretários, como Abram Kheifets ("Guralski") e Humbert-Droz. Pereira avançou as mesmas posições e fatos que expressou em outras cartas e relatórios, enfatizando as greves que estariam se alastrando pelo país, inclusive em estados que não costumavam vivê-las, as expectativas do diálogo com um indeciso Prestes

[69] Ramírez [Charles Phillips]. To the Commission of the Latin American Question of the Comintern Polbureau [*sic*]. Moscou, 21 de agosto de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 64. L. 15-18.

e as "contradições" entre os imperialismos britânico e estadunidense a influírem no cenário político e eleitoral do Brasil. E o SLA/IC, sobretudo na figura de Guralski, expressou as mesmas críticas escritas em documentos que circulavam em Moscou: não usar o BOC como um "substituto legal" do PCB e da filiação de membros por meio de suas células de empresa, entender corretamente o conceito de "revolução democrático-burguesa" não como um golpe armado feito pela burguesia e depois seguido pelos comunistas, e romper as conversações com Prestes, pois ele estaria "três quartos" propenso à burguesia e somente "um quarto" ao proletariado. Sobre a "revolução democrático-burguesa", ressalta-se que, apesar do nome, ela deveria ser liderada e ter a hegemonia proletária; os camponeses não teriam a liderança ou a hegemonia, mas seriam levados ao lado dos operários (nos quais se incluem os "operários agrícolas"). Guralski, porém, ressalta claramente que a questão da insurreição imediata ou da tomada do poder como um todo não estaria posta no Brasil, revelando como a Comintern não agia somente para a eclosão de revoltas, mas também para a preparação de longa duração de cenários mais propícios.[70]

Humbert-Droz critica as análises do PCB por supostamente não terem levado em conta a influência dos combates interimperialistas (EUA contra Reino Unido) na política e na economia brasileiras e o fato de até então estarem "a reboque" de Prestes e de seu movimento, ainda tendo esperança de que ele apresentasse sua candidatura à presidência em 1930. Na sequência, "Silva" (Ferreira Lima) tentaria rebater parte dessas críticas, alegando uma leitura parcial ou incompleta da documentação partidária. Humbert-Droz parece ter previsto o golpe de Estado que ficou conhecido como "Revolução de 30":

> "Não devemos nos iludir quanto às forças, nem considerar todo 'movimento revolucionário', todo golpe de Estado no Brasil, toda formação de complôs no Exército etc. como a eclosão da revolução democrático-burguesa, tenho a impressão, ao contrário, que aquilo a que estamos indo no Brasil é muito mais um prononciamento [*sic*] e um movimento 'revolucionário' organizado pelo imperialismo norte-americano que utilizará para seus fins imperialistas,

[70] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 55-58; RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 27. L. 43-44 e 48 (nota em francês anunciando a realização de uma reunião do SLA/IC ampliada na sede da Comintern em 5 de novembro de 1929, que teria como única ordem do dia a "Continuação da discussão sobre o Brasil"). Cf. também KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento...**, *Op. cit.*, p. 147-148 e 154-155. Conhecido por muitos outros pseudônimos, os mais conhecidos sendo "(August) Kleine" e "Rústico", Guralski destacou-se por sua proximidade com os dirigentes brasileiros que trabalharam em Moscou, especialmente Luiz Carlos Prestes. Cf. GURALSKY, August. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 287-288. Segundo Ferreira Lima, também teriam participado das reuniões Russildo Magalhães e Carlos Augusto da Silva, embora nos documentos não haja pistas para sua identificação. E talvez por lapso de memória, ele se engana na data dos encontros, mencionando-os como tendo ocorrido entre novembro e dezembro de 1929. Cf. **Caminhos percorridos:** memórias de militância. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 102 ss.

> de um modo muito demagógico, o sentimento das massas hostis aos grandes proprietários fundiários."[71]

"Stepanov" (Stoian Minev) faria a dura crítica definitiva à política do PCB em prol da colaboração com a pequena burguesia e da união com Prestes e seus seguidores, ainda sob o trauma do esmagamento dos comunistas chineses pelos nacionalistas do Guomindang. O receio de uma possível traição desses "revolucionários" em favor dos interesses estadunidenses põe-se com meridiana clareza; o "Cavaleiro da Esperança" seria o "Jiang Jieshi brasileiro", e a criação de um "Guomindang brasileiro" está fora de questão:

> "Que garantia vocês têm que o imperialismo norte-americano não tentará exatamente utilizar essa vanguarda revolucionária de Prestes para fazer com que essa TERCEIRA INSURREIÇÃO que vocês querem apoiar não se transforme em uma 'revolução' de opereta? Há muitos sintomas que indicam que será assim, e será uma edição brasileira da 'revolução' de Chang Kai Shek [*sic*]. Conversações serão conduzidas pelo Partido Comunista do Brasil com Prestes, sua candidatura será apresentada às eleições, ele a 'repelirá' demagogicamente, e enquanto isso ele vai parlamentar também com o imperialismo norte-americano e, finalmente, quando a situação estiver madura, o Chang Kai Shek brasileiro Prestes, com a investidura e a autoridade moral do partido comunista brasileiro [*sic*], fará a terceira insurreição que não será uma revolução democrática pequeno-burguesa, mas uma 'revolução de opereta' norte-americana, contra o verdadeiro movimento revolucionário de massa e para quebrar esse movimento."[72]

Na sessão de 27 de outubro, embora nem sempre concordassem, Pereira e Ferreira Lima receberam de Guralski, Stepanov e outros inúmeras críticas sobre o modo como estava sendo conduzida a "política do bloco operário e camponês" (que teria sido substituído por um BOC como "segundo partido", a ser liquidado porque estaria cheio de elementos pequeno-burgueses), a desatenção à questão racial e a ignorância do campesinato, apesar do nome titular do "BOC".[73] Nota-se que, na prática, toda a política que o PCB estava seguindo foi renegada – junto com sua antiga direção, inclusive – após a virada radical marcada pelo X Pleno do CEIC, e os comunistas encontrariam grandes problemas referentes ao que o SLA/IC ordenava-lhes mudar. A crescente repressão promovida no final do governo Washington Luís não daria brecha alguma nem à atuação legal ou semilegal – já que o próprio BOC, por exemplo, foi totalmente paralisado na Câmara do Rio de Janeiro e não conseguiria fazer uma campanha contínua à presidência –, muito menos à apresentação do PCB enquanto tal. Pode-se pensar se os líderes em Moscou, sobretudo os não latino-americanos, subestimavam o

[71] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 56, L. 6-7.
[72] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 56. L. 53-54 (destaque no original).
[73] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 58. L. 1-36.

alcance e a brutalidade dessa repressão ou simplesmente as desconheciam, dado que viviam outra realidade. Do ponto de vista do abandono da ação parlamentar e dos contatos com os líderes "pequeno-burgueses", isso significava renunciar aos dois únicos magros avanços práticos que o PCB conseguira: um lugar no Poder Legislativo e a ampliação de alianças que facilitariam a realização de sua política. Era o começo do combate ao que se chamaria de "prestismo".

Um documento intitulado "Propostas sobre a questão da tática e das tarefas do PC do Brasil", que circulou no início de novembro de 1929 entre os membros do SLA/IC, embora não assinado, pode ter sido uma elaboração final das ideias que Codovilla já vinha expressando desde meados de junho, concentradas em torno de três pontos: a fisionomia do PCB, o papel do BOC e a relação com as forças políticas "pequeno-burguesas". Sobre o primeiro ponto, não é dada grande ênfase à disputa eleitoral, mas pede-se que o partido esteja presente e tente obter a liderança em todo o lugar em que existir um "movimento de massas": protestos, associações, greves, sindicatos etc. Esse movimento seria o ponto nodal da preparação para a "revolução democrático-burguesa" visando a um "governo operário e camponês", portanto rejeita-se tanto o "golpismo" sedento de insurreições armadas quanto o "oportunismo" que tornava o PCB caudatário do calendário parlamentar e dos líderes pequeno-burgueses. As massas deveriam ser *esclarecidas* sobre a natureza da política comunista, o papel da URSS na política mundial, as possibilidades abertas pela mobilização e o engodo reservado pelos demagogos que quisessem guiá-las com fins pessoais. Sobre o BOC, não há uma diretiva clara quanto a sua extinção, mas na prática o PCB deveria reelaborá-lo todo, assim como sua ação, ou seja, deixaria de ser a fachada legal sem operários nem camponeses que estava sendo usada pelos comunistas. E sobre a pequena burguesia, o documento é ainda mais enfático do que Codovilla, pois obriga a romper quaisquer conversações, a "desmascarar" seus líderes diante das massas e a não a seguir em nenhuma matéria de política. Qualquer política de conciliação de classe ficava proibida, e o operariado deveria ser o único alvo da atividade comunista.[74]

Ao contrário do que se pode pensar, a discussão não se concluía em Moscou e era então transmitida pronta para a América do Sul, mas *também continuava simultaneamente em Buenos Aires*, como se percebe em uma reunião do SSA/IC ocorrida em 6 de novembro. Com a participação de Rossi, Ghioldi, Codovilla e "Saulo" (Paulo de Lacerda), Codovilla começou dizendo que a questão brasileira deveria ser o único assunto a tratar-se, mas lançou críticas às

[74] Предложения по вопросу о тактике и задачах Компартии Бразилии [Propostas sobre a questão da tática e das tarefas do PC do Brasil]. [Moscou], 1.º de novembro de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 27. L. 50-55.

decisões políticas dos partidos equatoriano, chileno, mexicano e paraguaio, os dois primeiros atacados por não quererem aplicar as diretivas do secretariado e o terceiro apenas corrigido pontualmente, pois teria recebido mais materiais e enfim estabelecido ligações contínuas com o México. Isso pode mostrar que a incipiente "stalinização" do comunismo latino-americano, da qual Codovilla seria a ponta de lança, estava encontrando resistências na maioria dos casos. Mesmo assim, o argentino fez então aprovar uma carta ao Secretariado Político da Comintern chamando-lhe a atenção para a "desvinculação" entre o SSA/IC e o SLA/IC, por culpa deste último, alega ele. Codovilla ainda não descarta continuar as conversas com Prestes, mas sugeriu a Lacerda que o partido parecia esperar que a "Coluna Prestes" (ele quis dizer, as forças dela remanescentes) "realizasse" a revolução para que só então ele aderisse, e o brasileiro não replica diretamente, mas diz que os comunistas tentavam cuidar da propaganda e organização entre operários e camponeses, enquanto a "Coluna" teria núcleos liderados por militares. Ao narrar a situação de crise social e econômica no Brasil e os supostos avanços da agitação comunista, Lacerda chegou a criticar os intendentes cariocas (Brandão e Minervino de Oliveira) por aterem-se às "regras" da câmara, em claro "desvio parlamentarista"; ele revela, assim, a tendência do PCB a que mesmo essa tribuna, embora nem sempre de forma oportuna, fosse usada como mero palanque de agitação, contra reivindicações "mesquinhas" de melhorias estruturais nos bairros operários.[75] Entre as resoluções tiradas dessa reunião, decidiu-se autorizar Codovilla e Lacerda a seguirem falando com a "Coluna Prestes" (de fato, o próprio Prestes achava-se então em Buenos Aires) para que ela explicitasse publicamente sua adesão à "política revolucionária" do PCB e do BOC e convidar o partido a continuar sua política sem depender da "Coluna".[76]

Codovilla fala em carta, mas para o SLA/IC, da tentativa de "G." (talvez Guralski, de quem diz trabalhar junto ao SLA/IC), cheia de "boas intenções", de aproximar "P." (Luiz Carlos Prestes, provavelmente) do movimento comunista, criticando as atitudes vacilantes de "P." ao não dar informações claras sobre a situação no Brasil nem se apressar em dizer suas posições pessoais a respeito. Codovilla chega à conclusão de que "P." seria representante do pensamento danoso da "pequena burguesia" e alerta para que tomem cuidado para ele não usar "G." para manipular os comunistas, em vez de "G." ser usado para trazer "P." à causa comunista. A política "revolucionária" dos comunistas deveria prevalecer sobre as indecisões

[75] Reunión del Secretariado Sudamericano realizada el 6 de noviembre de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 27. L. 57-69.
[76] RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 27. L. 68.

de “P.”, e não ficar a reboque delas.[77] Em outra carta de mesma data e destinatário, dirigida pessoalmente a “P.” (que não deve ser Prestes), Codovilla reitera as mesmas ideias e acrescenta a “C. P.” (provavelmente Coluna Prestes) como um grupo que também não teria futuro revolucionário e em que o PCB também não deveria confiar, já que “P.” sempre diz ter de consultar o resto da direção da “C. P.” para externar qualquer opinião e acaba deixando tudo para mais tarde. Codovilla insiste em que se lance o “combate político” contra a “C. P.” devido a suas vacilações “pequeno-burguesas”, porque sua própria direção também não se definia de vez.[78] Finalmente, o próprio dirigente argentino proclamou consumada a ruptura com os “prestistas”.

Fiel na execução da linha, Codovilla, porém, constantemente reclama da falta de ligação entre o SLA/IC e o SSA/IC “há alguns meses”, ainda em carta de 1.º de novembro. Ele exige ligação maior porque as questões cotidianas de caráter político seriam volumosas e envolveriam grandes responsabilidades. A decisão acabaria sendo imediata e o SSA/IC não conseguiria consultar a Comintern. Codovilla também reclama por ainda não ter recebido a opinião deles sobre a conferência comunista latino-americana de junho e não receber nada “há pelo menos seis meses” direto da cúpula da Comintern, nem o que costumavam receber antes daí. Mesma reclamação em 20 de dezembro: “Não podemos conceber as razões pelas quais o SLA não pode responder regularmente a nossas comunicações, e dar-nos opiniões ou resolver os problemas que apresentamos.” Último dia de 1929, a mesma queixa do argentino às seções de organização, agit-prop e informação do CEIC, já generalizando para “há muito tempo” a ausência de informações recebidas, sobretudo sobre outros partidos comunistas.[79] Não se pode deixar de atribuir parte da responsabilidade por esses cortes à turbulenta situação na URSS, em que o combate aos “bukharinistas” também respingava sobre a Comintern e cuja dimensão os comunistas ainda não conseguiam apreender.

Um dos exemplos dessa constante descoordenação e da incapacidade de o PCB cumprir à letra as determinações da Comintern sobre diversos tipos de mobilização operária foi a convocatória feita em todo o mundo para a “jornada anti-imperialista” de 1.º de agosto de 1929. Em muitos países, sobretudo naqueles com governos muito repressivos e já flertando

[77] Victorio Codovilla. Para el SLA IC. Buenos Aires, 12 de novembro de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 117.

[78] Victorio Codovilla. Para el SLA IC. Buenos Aires, 12 de novembro de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 118.

[79] Victorio Codovilla. Al Secretariado Latinoamericano de la Internacional Comunista. Buenos Aires, 1.º de novembro de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 108-109 (tradução em francês: L. 110-113; resumo em russo: L. 114; essas traduções indicam que ao menos as cartas eram lidas e as questões, ponderadas); *Id.* Al SLA de la IC. Buenos Aires, 20 de dezembro de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 130 (grifo no original); *Id.* Carta datada de Buenos Aires, 31 de dezembro de 1929. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 25. L. 138.

com o fascismo, as manifestações de rua foram violentamente dispersas e os comunistas não conseguiram levar suas reivindicações a termo. O SSA/IC não poderia ficar à margem e recebeu cartas do SLA/IC com instruções sobre como os partidos latino-americanos deveriam agir nesse dia, mas relatórios sugerem que no Brasil, por exemplo, os próprios comunistas reconheceram que não conseguiram reunir grandes manifestações de rua devido à violência policial e que a "agitação" teria se dado apenas "pelas páginas dos jornais".[80] Fica-se pensando como isso poderia mobilizar uma população operária em grande parte imigrante ou analfabeta. Enfim, tendo debatido sobre a "questão brasileira", o SLA/IC decidiu propor em meados de novembro o envio de Astrojildo Pereira ao Brasil para ajudar o PCB na "preparação da campanha eleitoral" e chamar Brandão, então membro do Birô Político (BP), a Moscou na qualidade de "*pratiquant*" (prático?) junto ao SLA/IC.[81]

Filho de imigrantes judeus da Bessarábia, Leoncio Basbaum foi um dos militantes históricos do PCB que deixou um extenso relato memorialístico sobre os primeiros anos da organização e a gradual submissão total à política de Stalin. Ainda muito jovem, tendo ajudado a fundar e sido o primeiro líder da Juventude Comunista (JC), defendeu inicialmente a linha de "proletarização" do partido, chegando a criticar no III Congresso o trabalho de Octavio Brandão e de Minervino de Oliveira na Câmara do Rio como focado demais em coisas "miúdas" da cidade. Devido a esse ataque, segundo o próprio Basbaum, Brandão foi reeleito para o CC, mas foi retirado do Birô Político, enquanto ele estreou no CC, agora como membro eleito, e não como representante cooptado da JC no comitê.[82] Comprovando as indicações deixadas nos arquivos, Basbaum narra que logo após o III Congresso do PCB, o SSA/IC convocou Brandão para ir a Buenos Aires, em uma reunião na qual *Agrarismo e industrialismo* foi severamente criticado e condenado, e as críticas ao alagoano no congresso, legitimadas. Pouco depois de Brandão voltar ao Brasil, Pereira recebeu um convite da Comintern para estudar em Moscou o "problema brasileiro", ou do "caráter da revolução brasileira", em uma preocupação aparente súbita, já que a direção internacional parecia mais focada na Argentina. Pereira deveria ficar apenas três meses na URSS, mas terminou ficando todo o ano de 1929, o que já trouxe o problema de encontrar um secretário-geral substituto, com poucos se mostrando aptos para o cargo.[83]

---

[80] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 68. L. (especialmente) 54-55, 57-60 e 70-71.
[81] Carta de Garlandi à Pequena Comissão [do CEIC]. Moscou, 16 de novembro de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 35. L. 38.
[82] BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos:** memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 63-65.
[83] *Ibid.*, p. 66-67.

Com pouco tempo para respirar enquanto o Brasil e o mundo se transformavam e a URSS realizava bruscas mudanças, o CC do PCB realizou em julho de 1929 seu II Pleno com uma avaliação das primeiras iniciativas após o III Congresso, das conferências regionais em Buenos Aires e Montevidéu e das possíveis alianças para as eleições presidenciais. Conservou-se a política que já se seguia, mas as determinações do X Pleno do CEIC naquele mês tiraram o sentido essencial da aproximação com Prestes e a pequena burguesia que era então buscada. E em meio às discussões sobre o Brasil no âmbito do SLA/IC, abalado pela carta do SSA/IC sobre os "perigos de direita", o PCB reuniu de 29 a 31 de outubro de 1929 o III Pleno de seu CC, conhecido pela ratificação definitiva da linha imposta por Stalin. Apesar dos sucessos do BOC repercutirem também em Moscou, decidiu-se pelo lançamento de candidatos próprios à presidência e vice-presidência da República – embora o desmonte desse organismo fosse questão de tempo –, descreveu-se como "revolucionária" a situação no país, definiram-se as células de empresa como obrigatórias para a organização e aprovaram-se as teses do X Pleno do CEIC e da I Conferência Comunista Latino-Americana. Na prática, anularam-se as linhas do II e do III Congressos do PCB e estigmatizaram-se os supostos "desvios de direita" de Astrojildo Pereira e de Octavio Brandão, seguindo os expurgos na Comintern e em suas seções. O novo programa adotado pelo BOC, renomeado BOCB ("do Brasil") em seu I Congresso (3 a 5 de novembro de 1929), trazia pontos muito avançados para a época, mas pouca evolução na compreensão de algumas questões, como no caso dos indígenas, analisados pela mesma chave do que os povos da URSS.[84] Pouco depois, em reunião do CC restrito do PCB, demonstrou-se uma grande preocupação quanto ao agravamento da crise econômica e política, reflexo de uma luta mal disfarçada entre os imperialismos britânico e estadunidense, o primeiro perdendo cada vez mais para o segundo o controle dos mecanismos que regiam a economia do café. Dessa crise derivariam as posições cada vez menos neutras quanto à repressão aos trabalhadores, pondo-se os políticos poderosos, sobretudo os "liberais" e os "democráticos", do lado da reação, enquanto Maurício de Lacerda e a "Coluna Prestes", por exemplo, oscilariam ou se calariam, e parte da pequena burguesia empobrecida passaria para o lado dos trabalhadores, de cujas lutas o PCB deveria tomar a direção antes que outras classes a tomassem. A partir daí, conclui-se a diretiva central:

[84] **La Correspondencia Sudamericana**, n. 21, 20 de novembro de 1929 apud CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982a, p. 78-83 (o autor do texto é Paulo de Lacerda); KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento...**, *Op. cit.*, p. 119, 140-145 e 147. Sobre o III Pleno do CEIC, cf. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 49 ("Nota sobre o Pleno do CC do PC do Brasil").

"Pela mobilização de todo o Partido, pela sua consolidação orgânica e política, em torno da conquista da maioria da classe proletária: tal deve ser a nossa tarefa principal."[85]

2.4. Crise econômica no mundo, crise política no Brasil

A quebra da Bolsa de Nova York (24 de outubro de 1929), a piora da recessão econômica global já em curso e a consequente pobreza, desemprego e deficiências nos países desenvolvidos, mas, sobretudo, nas nações dependentes, pareciam ratificar os prognósticos da Comintern sobre a ruína do sistema capitalista, embora os prejuízos tenham ultrapassado qualquer expectativa. De modo geral, o liberalismo econômico perderia credibilidade por quase 50 anos, cedendo lugar às noções de planejamento produtivo, intromissão do Estado na economia e reforço da proteção social à velhice, pobreza, desemprego e invalidez. Contudo, as reações políticas foram muito diversas, pois se o *New Deal* estadunidense parecia uma guinada à esquerda, como se deu no Canadá, no México e em poucos países europeus, a tendência mais geral na Europa e no Japão foi virar à direita e abrir o caminho ao fascismo. Embora a URSS se isolasse cada vez mais diplomaticamente e os partidos comunistas no exterior se pusessem à margem do mundo político, levados pelo radicalismo e acossados por governos autoritários, a razoável autossuficiência obtida pelo novo país fazia do comunismo marxista, às vistas de muitos europeus, uma das saídas ao liberalismo decadente, além do capitalismo dirigista e do fascismo. Realmente, mesmo que fossem poucos os reflexos diretos no incremento da vida da população, a União Soviética era a única nação onde, ao longo da crise global, a produção e a indústria evoluíam a altos níveis e a única a ganhar uma fatia maior na exportação mundial de alguns produtos e a prevenir o desemprego.

Como a propaganda capitalista ocidental, especialmente por parte das ditaduras fascistas, fazia todo o possível para passar uma imagem muito negativa do regime soviético e dissuadir as pessoas de simpatizarem com o bolchevismo, o Kremlin deveria empreender um esforço no sentido de gerar a sensação contrária, isto é, engrandecer as conquistas da revolução e refutar o que chamava de "mentiras imperialistas". Durante toda sua existência, a URSS deu a essa atividade um estatuto diferenciado, pois sabia que de uma forma ou de outra, o resultado de seus excessos autoritários chegaria ao conhecimento público na Europa e nas Américas, e não havia melhor instituição do que a Comintern, com a capilaridade dos partidos comunistas entre camadas diversas da população, para auxiliar na empresa. Parte

[85] O Secretariado Político do PCB. Relatório do Presidium ao CC Restrito. A situação nacional e o trabalho executado pelo Partido depois do 3.º Pleno. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1929. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 40. L. 40-41. Sobre as críticas à linha até então conduzida pelo PCB, cf. também: Telegrama de Garlandi ao SSA/IC (Buenos Aires). RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 35. L. 85 e 107 (o segundo exemplar está datado a lápis de 11 de novembro de 1929).

desse esforço de controlar a imagem sobre a URSS no Brasil, em um momento de poucos recursos tecnológicos e quando o jornalismo hegemônico já era execrado pelo PCB por sua visão negativa sobre o leninismo, traduz-se em uma série de cinco textos escritos por Astrojildo Pereira, intitulados genericamente "Carta de Moscou (Especial para 'A Classe Operaria')", datados de maio e junho de 1929 e abordando diferentes temas: "1.º de maio de 1929" (título e data), "A bandeira da paz é a bandeira dos sovietes" (15 de junho de 1929), "O V Congresso dos Sovietes" (27 de maio de 1929), "O que é o plano econômico de 5 anos" (10 de junho de 1929) e "A agravação da luta de classes" (30 de junho de 1929).[86]

Willi Münzenberg, empresário alemão que também era militante do KPD e tinha trânsito livre entre a alta sociedade e os principais intelectuais de seu país, utilizou sua fortuna e seu talento de propagandista em prol da causa comunista no Ocidente, aparente contradição que lhe rendeu o apelido de "bilionário vermelho". Com a guerra civil, as secas e as violentas políticas de requisição agrícola dos bolcheviques, a Rússia passara no início da década de 1920 pela pior fome de sua história até então, obrigando Lenin a aceitar a ajuda das associações caritativas e dos governos ocidentais que pouco antes tanto demonizava. Também contou com o apoio de Münzenberg para reunir dinheiro e mantimentos ao redor do mundo, sobretudo nos meios burgueses, intelectuais e empresariais, dando origem ao Socorro Operário Internacional. Sua habilidade em criar e manter contatos para além dos meios comunistas garantiu-lhe suporte infalível da Comintern e a simpatia de outras organizações sindicais e partidos de esquerda na Europa, inclusive social-democratas. Além de conseguir declarações favoráveis de todo tipo de personalidades pela ajuda à Rússia (os primeiros "companheiros de viagem"), ele criou no seio do SOI a revista trilíngue e fartamente ilustrada *La Russie soviétique en images*, que dois anos depois se tornaria o semanário *Arbeiter Illustrierte Zeitung*, cuja tiragem de meio milhão de exemplares o tornaria o jornal mais popular da imprensa comunista alemã. Reforçando uma crença e um combate anticolonialistas, Münzenberg organizou em Bruxelas o congresso que fundou a Liga Anti-Imperialista (10 a 15 de fevereiro de 1927), com representantes das mais diversas entidades políticas, sindicais e confessionais vindos de 37 países. A primeira sessão da Liga ocorreu em Amsterdã (29 e 30 de março de 1927), quando a Comintern percebeu o êxito da iniciativa e deu passos maiores no sentido de controlá-la, tanto mais que estiveram presentes futuros

[86] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 35. L. 18-31 (essa é a ordem em que foram classificadas no arquivo). Sobre os chamados "relatos de viagem" à União Soviética feitos por intelectuais convidados, geralmente para redigirem relatos positivos, ou por comunistas que buscavam mais bases fatuais, entre outros trabalhos da autora, cf. TÔRRES, Raquel Mundim. A dimensão política dos relatos de viagem no século XX: considerações a partir do estudo de relatos de viagem de brasileiros à URSS. **História Social**, n. 22/23, p. 307-329, primeiro e segundo semestres de 2012.

chefes de Estado de antigas colônias tornadas países não alinhados, como Mohammad Hatta, primeiro-ministro e vice-presidente indonésio, e Javāharlāl Nehrū, primeiro-ministro indiano. Houve um segundo congresso em Frankfurt, em junho de 1929, e uma conferência em Berlim, em 1930, mas a Comintern impôs à Liga o radicalismo do "terceiro período" e as figuras mais conhecidas foram se afastando ou sendo afastadas. Após a desagregação, Münzenberg pediu demissão de suas funções na Comintern, a qual a ratificou no fim de setembro de 1933, e em pouco tempo a Liga sumiria naturalmente.[87]

Rodolfo Cerdas Cruz sugere que a analogia das situações latino-americanas com a Revolução de Outubro foi feita de maneira meramente formal, e não estrutural, pois tanto Lenin quanto Stalin e Trotsky, antes por razões políticas do que técnicas, terminaram transformando sua vitória isolada em um dogma que servia de metro para comparar outras situações: as classes, as etapas, os procedimentos. E nas discussões dentro da Comintern, com uma ausência inicial de representantes locais na direção e uma indisposição em estudar as situações concretas, isso foi exatamente verdade com o caso dos países "coloniais, semicoloniais e dependentes", mesmo que houvesse alertas no sentido contrário. Essa teria sido, segundo Cerdas Cruz, uma das razões para as derrotas dos comunistas na América Latina. O caso da luta armada na China acabou tornando-se o paradigma para quase todo o subcontinente, e a tentativa de transpor seu modelo teria trazido prejuízos para regiões que nesse âmbito seriam promissoras, como El Salvador e a Nicarágua. O caso deste país mostraria como sua total dependência econômica das potências estrangeiras, sobretudo dos EUA, fazia com que este, por exemplo, interviesse ocasionalmente, de modo mais ou menos direto ou violento, para pôr ou tirar os governantes da hora. Empresas estadunidenses, por exemplo, eram donas da exploração de produtos primários, como café, cacau e banana, e interessava-lhes a repressão violenta a contestações operárias.[88] Os partidos comunistas latino-americanos teriam se configurado gradualmente como partidos da pequena burguesia urbana, embora formalmente professassem o caráter operário. Eivada de preconceitos e de receios contra os "blocos operários e camponeses", essa ânsia por manter uma suposta pureza classista teria prejudicado o contato com os camponeses, que na América Latina, porém, eram

[87] DUGRAND, Alain; LAURENT, Frédéric. **Willi Münzenberg:** artiste en révolution (1889-1940). Paris: Fayard, 2008, p. 204-211, 262-263, 265-266 e 270-272. Anos depois, Babette Gross, viúva de Münzenberg, afirmaria que essas iniciativas unitárias antifascistas e anti-imperialistas teriam sido a "primeira pedra da Frente Popular" que tomaria corpo em meados da década de 1930. Apud DESANTI, Dominique. **L'Internationale communiste.** Paris: Payot, 1970, p. 194. Para uma abordagem dos diversos aspectos de suas adesões ideológicas e de sua atuação política, cf. WILLI Münzenberg, un homme contre: actes, colloque international, 26-29 mars 1992, Aix-en-Provence. [Montreuil]: Le Temps des Cerises, 1993.

[88] Via de regra, essa era a situação geral da América Central, de forma que a Comintern já considerava todos os países da região como "colônias" dos EUA.

um fator incontornável para o sucesso de qualquer revolução. A questão camponesa, que era a pedra de toque da estratégia comunista na região, acabou sem solução, como se pode notar pelo peso de Wang Ming,[89] mais alinhado às posições oficiais, na análise da "questão chinesa", rivalizando com Mao Zedong, que buscava não romper abertamente com Stalin ou a Comintern, mas fez um trabalho todo centrado no campesinato.[90]

Octavio Brandão foi uma das vítimas da linha do "terceiro período" que não chegou a ser expulsa do PCB, mas até o fim da vida remoeu as críticas pesadas, geralmente beirando o tom pessoal, contra sua teoria da "revolução democrático-pequeno-burguesa". Ainda na década de 1970, Brandão execrava Leôncio Basbaum por ser extremamente sectário e um dos culpados pela linha radical imposta em 1929-1930, sublinhando que ele nunca teria nada a perder por ser "filho de burguês", não ter contato com as massas operárias e, sempre que possível, recusar todo trabalho braçal. Sua compreensão do materialismo dialético não seria profunda, portanto, suas obras de história (a mais famosa delas sendo a coletânea *História Sincera da República*) seriam "subjetivistas".[91] Curiosamente, Brandão comentava em retrospecto os primeiros anos do PCB, sua formação e funcionamento na década de 1920 mencionando suas ligações com a Comintern como um dado natural. Nenhuma observação é feita sobre a natureza dessas relações, o trabalho do SSA/IC – ele abstrai as lutas políticas dentro dos partidos da região – e os departamentos em Moscou que se ocupavam das regiões do mundo. Brandão cita a conferência latino-americana que ocorreria em 1930 – mas não menciona a mais célebre, de 1929 – e na qual diz ter sido alvo de muitos ataques, "até pessoais", mas não detalha os mecanismos de controle irradiados da Comintern. Apenas diz de passagem que Astrojildo Pereira "capitulou" face aos "injustificados" ataques e teria deixado o PCB ser "destruído" a partir de 1930. Ele sequer relaciona as políticas impostas em cada congresso da Comintern à conjuntura mundial e à atuação do PCB, embora os eventos sejam lembrados de passagem (quase sempre o IV Congresso, com relação ao "caso Canellas" e à não admissão imediata do PCB). Quando a Comintern aparece, dá-se a impressão de que sua história foi triunfante, que seu desenvolvimento foi retilíneo e que tudo o que fazia equivalia ao que pregava, sem os vários dissensos dentro dos partidos e do próprio CEIC.[92]

---

[89] Cujo nome ao nascer era Chen Shaoyu, foi um dos rivais precoces do futuro presidente da China socialista. Embora viesse a integrar o governo revolucionário, mudou-se definitivamente para a URSS em 1956.

[90] CERDAS CRUZ, Rodolfo. **La hoz y el machete...**, *Op. cit.*, p. 37-39, 176-179, 378 e 380-381.

[91] Carta de Octavio Brandão a John W. F. Dulles, que algumas semanas antes lhe enviara um exemplar de *Anarchists and Communists in Brazil*. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1974. BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.04 s.02 ss.01 Doc.0217, P.245. O texto contém respostas a trechos de um livro de Dulles cujo original em inglês trazia posições de Basbaum atacando Brandão.

[92] **Combates e batalhas:** memórias. V. 1. São Paulo: Alfa-Omega, 1978, p. 215-262.

Deve-se refletir se quando Brandão discorre mais detidamente sobre a "Conferência de Buenos Aires" (latino-americana, de 1930) para atacar a deriva radical dos comunistas – sem visar diretamente, todavia, as pedras de toque da URSS e da liderança de Stalin –, ele não estaria na verdade referindo-se à edição de 1929. A continuidade de procedimentos é clara, mas longe de recursos documentais e bibliográficos, abundavam os lapsos de memória, entre os militantes que ajudaram a escrever a história do PCB, no tocante a datas, nomes e lugares. Neste caso, o importante é reter seu ressentimento pelo fato de o SSA/IC e da nova cúpula partidária, "Em nome da absurda Revolução Soviética imediata para o Brasil", terem-no culpado pelo que agora chamavam de erros "de direita": "preconizara a aliança do proletariado e do seu PCB com os revoltosos de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes-Miguel Costa", "considerara esta Coluna um movimento progressista", "achava que a burguesia de um país semicolonial como o Brasil não era a mesma cousa que a burguesia dos países imperialistas e, portanto, era conivente fazer aliança com aquela burguesia, contra o imperialismo" e outras "atitudes semelhantes". Ele diz ter resistido à referida linha de revolução imediata, mas "Tive de aceitar e defender a linha de Revolução Soviétiva [*sic*] imediata, por disciplina, para não ser expulso do PCB". "Em vez de fazer a autocrítica dos erros reais, fui obrigado a fazer 'autocrítica' de erros imaginários, por não ter lutado pela fantástica Revolução Soviética imediata." Com efeito, era um tema de discussão dentro do próprio SLA/IC se a tomada do poder pela força – este sim, talvez, o real incômodo de Brandão – deveria culminar em um "governo operário e camponês" ou, posição minoritária, na formação de sovietes de trabalhadores. De qualquer modo, nota-se a distinção entre os dois intelectuais na reação a desafios político-ideológicos quando Brandão escreve que, na referida conferência, "Astrojildo Pereira tratou de escapar às responsabilidades. Capitulou, facilmente, sem luta."[93]

Apesar do cenário constrangedor que Brandão pinta, parecia não haver acordo sobre como lidar com o PCB mesmo dentro do SLA/IC, em vista das opiniões divergentes exibidas nas reuniões de outubro e novembro de 1929 quanto ao BOC, que iam desde o puro e simples fechamento até sua refiguração, passando pela alteração de seus papéis. A força da divergência pode ser medida pelo tempo levado para que viessem a público os frutos do debate. Somente em fevereiro de 1930 o Secretariado Político do CEIC aprovou uma resolução sobre a crise econômica no Brasil, o agravamento de uma suposta ascensão revolucionária, o caráter dessa revolução, a relevância da independência do partido, seus laços

[93] *Ibid.*, p. 379-380.

com o BOC e as organizações de massa e as missões urgentes. Ainda se vê o caráter da revolução como democrático-burguês e a parceria operário-camponesa como o recurso central da luta "antifeudal" e anti-imperialista, nela devendo o PCB ser hegemônico a todo custo, com anulação prévia dos "perigos de direita", a saber, o uso do BOC como disfarce, a rejeição da hegemonia proletária na revolução, a aliança com grupos pequeno-burgueses e a perda do controle sobre as massas. A meta atual consistiria em erigir uma "ditadura democrática revolucionária" proletária e camponesa de "sovietes", que evoluiria para uma "revolução socialista", bandeira que mostra a cópia permanente do modelo russo na América Latina. Mas o principal recado do debate de outubro, quando a aplicação na América Latina da política do VI Congresso da Comintern e do X Pleno do CEIC era reforçada, versava sobre o anseio de "proletarizar" as lideranças partidárias, mantendo apenas proletários "autênticos". Tal deliberação, além de selar a ruptura final com a "geração dos fundadores", iniciou no PCB a permanente intromissão da Comintern, o desmonte organizativo e um caricato "obreirismo" em que se difamavam os não proletários e os partidários do BOC e da aliança com os "tenentes", todos taxados como "direitistas".[94]

Durante o ano de 1930, os representantes do PCB que ficaram em Moscou, entre eles Heitor Ferreira Lima (que assinava cartas como "M. Silva" ou "Mario Silva"[95]) e José Lago Molares (que quase sempre assinava como "José/J. Gonçalves"), correspondiam-se com o CC no Brasil ou seu Presidium e atualizavam-nos sobre eventuais reparos na linha política, davam notícias sobre a própria estadia e muitas vezes reclamavam da ausência de respostas vindas dos dirigentes. Muito provavelmente, na tormenta das agitações políticas e de sua marginalização gradual pelo SSA/IC, Astrojildo Pereira, um desses destinatários, não tinha muitas condições de responder, fosse por vontade própria ou dos camaradas da direção. Outra reclamação comum era o não recebimento dos exemplares de *A Classe Operaria*, cuja impressão, de fato, a partir de 1930 até o fim do Estado Novo se tornaria completamente irregular e imprevisível, algo que os enviados brasileiros talvez não estivessem pressentindo. O próprio tom das cartas assemelha-se muito ao das que o SLA/IC também enviava a partir de Moscou, demonstrando alheamento com relação à realidade nativa e pouca compreensão das dificuldades trazidas pela ilegalidade, como se as lacunas fossem culpa de falhas "subjetivas". A resolução de fevereiro sobre o PCB ainda estava sendo "discutida" entre os militantes,

---

[94] Resolução da Internacional Comunista sobre a questão brasileira. **A Classe Operaria**, 2.ª fase, Rio de Janeiro, n. 89, p. 3, 17 de abril de 1930. O texto também está reproduzido em CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943)...**, *Op. cit.*, p. 96-102; LIMA, Heitor Ferreira. **Caminhos percorridos...**, *Op. cit.*, p. 107-113.

[95] FERREIRA LIMA, Heitor. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 212-213.

discussão que, a julgar-se pelas ideias postas nas cartas, parecia mais o "reconhecimento dos próprios erros" e o esforço para assimilar as diretivas políticas da Comintern, enumeradas à exaustão.[96] Cartas entre os próprios secretários do SLA/IC mostravam sua insatisfação com o rumo que o partido estava tomando no Brasil: a postura indecisa de Luiz Carlos Prestes, as disputas internas, sobretudo após a expulsão da célula "direitista" 4R, a desordem orgânica, a pouca adesão dos camponeses e uma demora ou mesmo ausência de debates, que eles percebiam, da resolução sobre o Brasil. Esses temas eram motivo de preocupação também entre os brasileiros, os quais, porém, pareciam desorientados, desamparados ou simplesmente não entendiam a nova dinâmica do movimento internacional.[97]

A partir de 1929, o PCB foi assentindo em ser diretamente manejado pelo SSA/IC ou pelo CEIC, os quais, entre outros procedimentos, enviavam representantes plenipotenciários, em sua maioria ex-membros do CEIC ou líderes comunistas europeus rebaixados após reparos na linha da Comintern ou atuações fracassadas em crises pontuais. Paradoxalmente, esforçar-se para aplicar a "linha correta" ou consegui-lo foi o que mais prejudicou e isolou os partidos comunistas, provocando resistências e inclusive levando ao envio de quadros internacionais para o Brasil visando corrigir disputas internas ou desvios da política geral. Como destacam os autores do livro *A estrutura organizativa da Comintern*, o instituto dos plenipotenciários que o CEIC enviaria aos partidos em casos especiais foi oficializado pelo IV Congresso da Comintern, e uma de suas principais tarefas era fazer efetivarem-se as "21 condições de admissão" e outras decisões de cada congresso mundial. No caso da Europa, essa prática foi ampliada de 1924 a 1928, sobretudo após o aparelho do CEIC passar por uma reorganização, e os enviados traziam comandos rigidamente definidos para se realizarem em um prazo relativamente curto. Algumas vezes também acabavam longamente dirigindo os partidos por decisão especial do CEIC, assim passando a compor seu CC e, via de regra, seu Politburo.[98] Quanto às reuniões com delegações nacionais feitas nos bastidores dos grandes congressos e conferências, Serge Wolikow lembra que em geral elas também serviam para atender a pedidos abertos dos líderes da Comintern para dar satisfações ou ao menos reconhecer falhas ou erros de organização. À frente dos grupos dirigentes iam a rigor quadros experientes que receberiam mais reforço de Moscou, o que não impedia as

[96] Um desses textos é de autoria de Ferreira Lima. Cf. M. SILVA. Contribuição à discussão. Moscou, junho de 1930. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 47. L. 1-7.

[97] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 47 ("Correspondência do CEIC com o CC do PC do Brasil e outras organizações"). Por vezes o SSA/IC também é referido pela sigla "SESA". A mensagem oficial do Secretariado Político do PCB ao SLA/IC (L. 67a) enviando uma cópia da tradução brasileira da resolução e outra da resolução do Presidium do CC sobre ela, por exemplo, é datada de 25 de março de 1930.

[98] ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна. 1919–1943. Moscou: ROSSPEN, 1997, p. 64 e 125.

reuniões de serem inquisitórias, com questões precisas minuciosamente respondidas e posterior exposição de como eles enxergavam os companheiros de partido.[99]

A eleição presidencial prevista para março de 1930, assunto mais tratado no Brasil em 1929, também ocupou o PCB. Mesmo após o Dia do Trabalho, o partido continuou sendo perseguido durante o ano, com militantes detidos, comícios dispersos e os intendentes Brandão e Oliveira tendo sua ação sabotada na Câmara do Rio de Janeiro. Com efeito, do final de 1929 até junho de 1930, um processo interno censurou a difusão de suas ideias, impediu vários de seus discursos e enfim proibiu o registro de suas intervenções em documentos oficiais, o que, junto à clandestinidade e inúmeras prisões, infringindo a imunidade parlamentar, gerou uma situação de "cassação branca", assevera Dainis Karepovs.[100] No segundo semestre de 1929, Prestes gradualmente radicalizava no exílio suas opiniões políticas e decepcionava-se sempre mais com os políticos de profissão e os que conspiravam para derrubar o regime, mas a direção comunista era ambígua face ao chefe da Coluna, de quem elogiavam a sensibilidade social, mas não toleravam a passividade para com certos grupos oficialistas, entre os quais o PD, porquanto seriam todo vinculados ao imperialismo em algum grau. De fato, Prestes acedeu a chamados para conversar em Porto Alegre com Getúlio Vargas, governador gaúcho, e Osvaldo Aranha, seu secretário da Justiça, que lhe doou 800 contos de réis à guisa de auxílio, mas sua inquietação maior era a abrangência da Aliança Liberal, que trazia velhos desafetos dos "tenentes" e velhos verdugos políticos. Os ex-camaradas lamentavam que ele estaria tornando-se arredio, enquanto eles, majoritariamente em solo brasileiro, combinavam uma chapa opositora ao redor de Vargas. A insurreição, caso a oposição perdesse, revelava-se cada vez mais provável, e os "tenentes" dissidentes foram convergindo rumo ao plano de Vargas até a fundação oficial da AL, enquanto Prestes a rejeitava e desconfiava das eleições em geral, o que lhe privou da maioria dos aliados e quase o isolou no exterior. As insistentes ofertas em dinheiro e convites de Vargas para juntar-se a eles recebiam indignação e rispidez como única resposta.[101]

Nas eleições presidenciais de 1930, a rejeição a Prestes e às oligarquias dissidentes isolou o PCB na corrida eleitoral e levou-o a não apresentar a candidatura do ex-oficial, deixando a tarefa para Minervino de Oliveira. "Votar em Minervino de Oliveira, significa votar pela revolução. [...] Tudo pela vitória dos candidatos dos trabalhadores!",

---

[99] Internationalistes et internationalismes communistes. *In*: DREYFUS, Michel et al. (dir.). **Le siècle des communismes.** 2. éd. augmentée et mise à jour. Paris: Les Éditions de l'Atelier: Éditions Ouvrières, 2004, p. 534.
[100] **A classe operária vai ao parlamento...**, *Op. cit.*, capítulos 2 a 5.
[101] REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes...**, *Op. cit.*, p. 119-126.

dizia-se então.[102] A decorrente fraqueza do partido e o sistema corrompido da Primeira República levaram à ínfima votação do marmorista. O encontro de Basbaum com Prestes acabou não dando em nada, mas o combate ao "prestismo" emergiu quando em seu "Manifesto de Maio" em 1930, o ex-capitão oficializou sua adesão ao comunismo e rompeu com os antigos companheiros passados à Aliança Liberal, mas fundou em julho a própria "Liga de Ação Revolucionária", tornando-se para o PCB, pois, "sinônimo de liderança da pequena burguesia sobre o operariado e todo movimento revolucionário". O referido manifesto, com a expressão de opiniões próximas às então adotadas pelo PCB, saiu em 29 de maio no jornal *Diário da Noite*,[103] antes do que se previa, e seu impacto consumou a ruptura de muitos dos antigos aliados, que se acharam impelidos a juntar-se à AL e inclusive demonstraram clara desconfiança em uma revolução conduzida pelas próprias massas. O "prestismo" era um temor real para os comunistas, porque por volta de 1930 alguns militantes estavam realmente deixando o partido para seguir Prestes e ingressando na incipiente LAR.[104] Em julho, os comunistas posicionaram-se contra o manifesto e repeliram-no como uma tentativa da pequena burguesia de liderar a revolução proletária, enquanto apenas o proletariado, guiado pelo partido comunista, poderia levá-la a cabo. Expressando a linha oficial, a mesma posição foi reiterada em setembro, quando a natimorta Liga foi chamada de "Guomindang brasileiro" e apareceu a referência a uma "Coluna Távora", imputada "órgão do imperialismo", em alusão ao oficial do Exército Juarez Távora e à qual Prestes também estaria pendendo.[105] Participante de todos os levantes "tenentistas" da década de 1920, Távora seria o líder militar que consolidaria o golpe varguista de 1930 no Norte e no Nordeste. Embora os entusiastas do "terceiro período", congregados em 1928, não lograssem dominar no 3.º Congresso do PCB, em agosto de 1930 emergiu à "esquerda" uma nova maioria composta por José Caetano Machado, Alcides Adett Brazil de Mattos, José Vilar, Fernando de Lacerda e outros, tirando a liderança partidária do "núcleo fundador".

---

[102] A significação das eleições para o proletariado. *A Classe Operaria*, 15 de fevereiro de 1930 apud CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943)...**, *Op. cit.*, p. 83-96.

[103] **Diário da Noite**, São Paulo, 2.ª edição, 29 de maio de 1930 apud BASTOS, Abguar. **Prestes e a Revolução Social.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 197-200. Também disponível em: http://www.marxists.org/portugues/prestes/1930/05/manifesto.htm. Acesso em: 27 nov. 2023. Sobre a transição de Prestes para o comunismo, cf. também MORAES, João Quartim de. **A esquerda militar no Brasil...**, *Op. cit.*, p. 45-54 e início do capítulo 6.

[104] CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)...**, *Op. cit.*, p. 233-234 e 236.

[105] O PRESIDIUM do Partido Comunista do Brasil. O Partido Comunista perante o manifesto de Luís Carlos Prestes. *A Classe Operaria*, 8 jul. 1930; O movimento revolucionário do Brasil e a Liga Revolucionária de Prestes. *Revista Comunista*, Buenos Aires, año 1, n. 1, septiembre de 1930 apud CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943)...**, *Op. cit.*, p. 83-96.

Confirmando os debates ocorridos nos últimos meses de 1929 e afirmando a linha advogada, sobretudo, por Codovilla em Buenos Aires e Humbert-Droz em Moscou, o SSA/IC lançou uma resolução acusando o PCB de não ter deixado suas "tradições pequeno-burguesas que o transformam em uma ala de extrema-esquerda da pequena burguesia revolucionária" (percebe-se a alusão velada a Brandão e seus escritos, mas nem seu nome nem seus textos são citados) e não ter conseguido, por isso, transformar-se em um "verdadeiro partido do proletariado". A "Coluna Prestes", atrás da qual os comunistas quiseram permanecer o tempo todo, é chamada de ala "mais demagógica da Aliança Liberal", portanto, eles deveriam romper definitivamente com a pequena burguesia e sua ideologia "oscilante". Entre as principais críticas dirigidas ao PCB estão a perda recente de sindicatos importantes pela CGT, a falta de acompanhamento e de tentativa de liderar a luta revolucionária que estaria avizinhando-se e a falta de preparação para a atuação ilegal, sobretudo no tocante à imprensa, pois a vida militante deveria centrar-se em torno das células de empresa, e no seio delas também deveriam lançar-se os jornais, mesmo das formas mais primitivas. O SSA/IC fala em trazer à direção líderes operários experimentados nas lutas grevistas, mas nada fala de expulsar os intelectuais.[106] Por volta de setembro de 1930, ao menos na teoria, a direção do PCB já aceitara o que chamou de "vira-volta" ideológica, utilizando os termos "proletarização" e "bolchevização" e atacando centralmente a influência "pequeno-burguesa" sobre a organização.[107]

De certa forma, o SSA/IC atuava de forma dúbia, especialmente por influência de August Guralski a partir do SLA/IC, pois recebia em seu seio Luiz Carlos Prestes, a despeito da oposição do próprio PCB, e trabalhava para que o partido escolhesse uma direção com feição isolacionista, embora ela rejeitasse ainda mais o membro pretendente. Contrário ao lançamento da luta armada imediata pelos comunistas no Brasil, Guralski cultivará uma relação próxima com Prestes e tentará incluí-lo de todas as formas no partido comunista, mesmo que isso não fizesse unanimidade nem mesmo no SLA/IC. Assim, quando o SSA/IC saiu de Buenos Aires em outubro de 1930 devido ao golpe de Estado do general José Félix

---

[106] Le Secrétariat sud-américain de l'Internationale Communiste. Résolution du Secrétariat sud-américain de l'IC sur le stage du PCB. [*S. l.*], [*s. d.*]. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 6. L. 24-35. Embora o *site* dos arquivos indique que a pasta tenha documentos relativos a 1924, este documento parece datado entre maio e outubro de 1930, pois menciona as eleições presidenciais e o "fracasso" do 1.º de Maio, mas não o golpe de Vargas.

[107] Pela bolchevização do partido: partido de classe, partido de massas, partido que se orienta para a revolução; O SECRETARIADO da Internacional Comunista para a América Latina. Resolução-Comentário do Secretariado da IC para a América Latina à Resolução do Secretariado Político da IC sobre o Brasil. *A Classe Operaria*, [Rio de Janeiro], p. 1-12, setembro de 1930. Agradeço a Dainis Karepovs pela doação de fotocópia do documento. O próprio Leôncio Basbaum afirmou que em 1930 (sem informar o mês), seguindo a "proletarização" caricatural, uma reunião do CC decidiu que ele, Paulo e Fernando de Lacerda deveriam afastar-se do Birô Político e ser substituídos por operários. Cf. **Uma vida em seis tempos...**, *Op. cit.*, p. 237.

Uriburu contra Hipólito Yrigoyen, presidente constitucional, e deslocou-se para Montevidéu, Prestes acompanhou os funcionários, abandonou seu projeto da LAR em novembro e, nas novas falas públicas, passou a recomendar a filiação, o financiamento e o apoio ao PCB ou a organizações de massa a ele vinculadas. No Uruguai, ele criou vínculos com os comunistas do país e com o secretário-geral do partido, esteve em protestos de massa convocados por eles, continuou escrevendo e enviando ao Brasil textos contra Vargas e aproximou-se ainda mais do SSA/IC, que em sua nova sede foi reestruturado e renomeado "Birô Sul-Americano" (BSA/IC).[108]

Em 1930, as chamadas à ordem junto aos partidos comunistas em seu cotidiano ficaram mais frequentes, iniciando com um pleno ampliado do SSA/IC[109] reunido em Buenos Aires, em abril e maio desse ano, antes da transferência para o Uruguai, e depois com o que os documentos denominam "2.ª Conferência Comunista Latino-Americana", realizada de 2 a 10 de outubro em Moscou e promovida pelo próprio SLA/IC.[110] Segundo as atas da sessão do Birô do SLA/IC de 5 de setembro de 1930, a "conferência comunista" fora marcada para começar em 28 de setembro e visava-se reservar os dois dias posteriores ao final para conversas com as delegações, enquanto na sessão de 11 de outubro afirma-se haver discutido as conclusões práticas da "conferência latino-americana".[111] Contudo, demonstrando as falhas comunicativas ainda existentes entre continentes bastante distantes e os comuns problemas técnicos e políticos, I. P. Stepanov (Stoian Minev) menciona na sessão do Birô do SLA/IC a 9 de novembro de 1930 que a "conferência latino-americana" fora marcada para o começo de setembro, mas atrasou-se em um mês. Além disso, lamenta que mesmo então, "em meados de novembro", o secretariado não mandara nem uma carta para informar o SSA/IC sobre a

---

[108] Na documentação primária, frequentemente as nomenclaturas se intercambiam, o que era de se esperar diante de estruturas em constante mutação, mas também pode causar confusão entre os pesquisadores. Assim, por exemplo, por vezes o SSA/IC já era chamado antes de "Birô", ou o BSA/IC continuou sendo chamado de "Secretariado", e o mesmo se passa entre os secretariados regionais dentro do CEIC em Moscou.

[109] Sobre o referido pleno do SSA/IC e para alguns materiais que entraram então em discussão, cf. **La Correspondencia Sudamericana (2.ª época)**, Buenos Aires, n. 26, 1.º de mayo de 1930; **La Correspondencia Sudamericana (2.ª época)**, Buenos Aires, n. 27, 25 de junio de 1930.

[110] Para um artigo totalmente dedicado ao evento, cf. IANCHUK, I. I. Вторая конференция коммунистических партий Латинской Америки, Москва, 2-10 октября 1930 г. // Латиноамериканский исторический альманах, Moscou, n. 6, p. 85-157, 2005. Em parte da bibliografia tradicional também se menciona a conferência, mas confundindo-a com o referido pleno ampliado do SSA/IC e datando-a do mesmo dia. Cf. DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 340-341; ZAIDAN FILHO, Michel. **O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929).** São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 72; DEL ROIO, Marcos. O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. *In*: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **História do marxismo no Brasil.** V. 1. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 101-102; AMARAL, Roberto Mansilla. Astrojildo Pereira e Octávio Brandão: os precursores do comunismo nacional. *In*: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **As esquerdas no Brasil.** V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 265.

[111] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 91. L. 13-15.

discussão de certos problemas, a tomada de certas decisões e outras coisas.[112] Em todo caso, os debates foram bem mais longos na "2.ª Conferência Comunista Latino-Americana", a julgar-se pelo volume da documentação.

Os próprios delegados criticam ou reclamam da frouxa estruturação dos partidos, das tendências autoritárias e burocráticas, da ajuda insuficiente dedicada pela Comintern, do escasso controle sobre as ações de massas, os camponeses, as greves e os golpes e quarteladas da pequena burguesia urbana, e do fracasso em manter uma imprensa regular. As lideranças digladiam-se em lutas ideológicas ou fracionais, a militância entra e sai dos partidos e as cúpulas ignoram suas bases. Finalmente, os informantes pedem que a Comintern e o BSA/IC os ajudem nos âmbitos ideológico e teórico, com diretrizes sobre organização, estratégias de propaganda e estabelecimento de uma ligação mais durável com Moscou e a obtenção de respostas rápidas. Os secretários do SLA/IC, especialmente Humbert-Droz, Stepanov e Manuilsky, atacam ainda mais duramente as lacunas teóricas (entre elas, ignorar categorias como "feudal", "escravista" e "semicolonial"), o desconhecimento de diversas contradições (entre classes, entre elites, entre imperialismos, entre trustes e mesmo entre províncias), o reducionismo analítico e a agitação ausente entre as massas. Se nem os partidos comunistas ainda existem, muito menos a América Latina estará pronta para a revolução proletária ou socialista, apenas para a "democrático-burguesa", durante a qual se instauraria uma *ditadura democrática* (ou revolucionária) *dos operários revolucionários, dos operários e dos camponeses*, estando a pequena burguesia "proletarizada" apta para colaborar, mas não liderar. A ameaça fascista deveria despertar atenção, e as multidões pobres e pequeno-burguesas deveriam ser atraídas para o PCB a fim de não se juntarem à direita radical, enquanto a perspectiva de revolução proletária exigiria superar a confusão ideológica, atrair os camponeses, combater o "chauvinismo branco" e fortalecer o trabalho ilegal e nas células. Resumindo, o "grande dia" ainda tardaria para os latino-americanos, e até aí restavam a lenta preparação do cenário e, antes de tudo, o serviço fiel à URSS.[113]

Na "2.ª Conferência Comunista Latino-Americana" Heitor Ferreira Lima e Mário Grazini são listados como oradores, junto com José Lago Molares e Gersh Berezin, nascido na Ucrânia de pais judeus e residente no Brasil desde 1921.[114] Grazini é o delegado que

[112] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 91. L. 33 e 37.
[113] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 121-124 (documentos das sessões da conferência), 125 (transcrição do discurso de Manuilsky), 127-128, 131, 134-135 (transcrições em geral), 133, 136 (discursos dos delegados) e 137 (projetos de resolução).
[114] Sobre Berezin e Molares, cf. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 87 ss. e 343.

menos descreve êxitos,[115] e além de citar o presidente Washington Luís como amostra suficiente da repressão estatal, põe-se entre os que solicitam ajuda à Comintern para ao menos seguirem mais tempo em contato e receberem respostas rápidas, pois não raro os brasileiros simplesmente "não sabem o que fazer". Replicando ao PCB, Humbert-Droz centrou as críticas no BOC, uma "caricatura" da tática do bloco operário e camponês, privada de camponeses ou organismos camponeses, uma máscara eleitoral para encobrir alguns líderes pequeno-burgueses. O partido teria se limitado a criticar a LAR ("uma espécie de Guomindang") sem buscar ao mesmo tempo a hegemonia do movimento operário e tentar tirá-la da pequena burguesia usando a mobilização verdadeira das massas. O suíço também os mandou organizarem ou juntarem-se aos operários das maiores indústrias do capital imperialista em São Paulo e Rio de Janeiro capitais, onde os comunistas filiados atuariam apenas em empresas ou negócios pequenos.[116] Dmytró Manuilsky também mencionou o BOC como exemplo de execução "pequeno-burguesa" e "oportunista" da tática de "frente única" e atacou a "proletarização" traduzida em expulsão mecânica dos intelectuais do CC, vários deles combatentes provados.[117] Nos dois textos à guisa de projeto de resolução da conferência, sobre as tarefas partidárias no cenário de golpes e guerras, o PCB e o BOC novamente sofrem censura por supostamente, mais do que em outras nações, terem levado ao máximo sua imbricação à pequena burguesia, cedendo ao carisma de Prestes, poupando a LAR e esperando uma "terceira revolta" "tenentista" como via à revolução proletária.[118]

Nas resoluções de seus órgãos superiores (CC, Presidium e Birô Político), o PCB demonstrava sua insatisfação com os rumos políticos do Brasil ao longo de 1930, sobretudo com a agitação após as eleições presidenciais de março e a consumação, em novembro, do golpe de Estado armado que pôs fim à Primeira República. Documentos originais ou traduzidos que circulavam entre os secretários do SLA/IC, vários deles dirigidos a "todos os membros" do partido, cuidavam de aplicar a linha em voga na Comintern, especialmente a referente aos países "coloniais, semicoloniais e dependentes", e desacreditavam todo o processo político liderado pela pequena burguesia – a qual, pouco tempo atrás, o PCB apoiava para formar uma aliança antioligárquica –, tanto a "Coluna Prestes" quanto o "golpe fascista" que estaria se delineando. Permanece a análise de um *caráter democrático-burguês da revolução brasileira*, que deveria culminar numa *revolução agrária e anti-imperialista,*

[115] O informe de "Gubinelli" (Mário Grazini) está em RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 121. L. 3-34.
[116] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 123. L. 28-31 e 39-40.
[117] A resposta integral de Manuilsky em francês está em RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 124. L. 1-42.
[118] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 137. L. 40-56 (com data de 6 de novembro e a anotação manual "Projet Humbert-Droz") e L. 57-77 (com data de 14 de novembro e a anotação manual "Camarada Manuilsky" em russo). As duas cópias foram datilografadas em francês.

visando a instalar um governo operário-camponês baseado nos sovietes de trabalhadores com divisão das terras, anulação das dívidas externas e expulsão das empresas imperialistas; percebe-se que, com ou sem influência das alas mais radicais do SLA/IC, a "linha soviética" acabou predominando. As edições de *A Classe Operaria* e vários panfletos grevistas de organizações ligadas aos comunistas traduziam a linha radical e, por vezes, insurrecional, revelando como o cenário econômico estava realmente grave e como, ao mesmo tempo, o PCB buscava ampliar o caráter político de cada mobilização em busca da derrubada do governo.[119] Certamente com essa situação em vista, o Birô do SLA/IC decidiu, em reunião de 11 de outubro de 1930, propor à Pequena Comissão do CEIC mandar Silva (Heitor Ferreira Lima) de volta ao Brasil e deixá-lo "à disposição de seu partido",[120] em um momento no qual o militante fazia estudos na URSS e era visto como um quadro promissor.

Pode-se considerar basicamente o golpe de força dado por Getúlio Vargas e aliados da Aliança Liberal que depôs o presidente Washington Luís e impediu a posse do sucessor eleito Júlio Prestes, passado à história oficial sob o nome "Revolução de 30", como um rearranjo entre as elites econômicas insatisfeitas e uma explosão da insatisfação dos militares, como mais um dos muitos capítulos da participação do Exército na política institucional. A convergência entre as demandas dos militares e as de certos setores das elites dissidentes encontrou um cenário favorável na fragilidade dos arranjos e dos acordos tradicionais para que elas tomassem o centro das atenções e buscassem realizar-se pela força, em uma luta armada que se iniciou com o controle militar de Porto Alegre (3 de outubro) e culminou na passagem do poder a Vargas pela junta provisória que exercia o governo desde o dia 24.[121] Vários textos que Octavio Brandão escreveria décadas depois dos acontecimentos contêm apontamentos sobre o "obreirismo" no PCB,[122] e um deles, intitulado "A Revolução de 30" e datado de 19 de maio de 1966, consiste em 167 páginas de um verdadeiro requisitório contra Prestes, o "prestismo" e as políticas oscilantes do partido. Em certo momento, escreve ter sido vítima da "linha de revolução soviética imediata" imposta em 1930, chamando o "Manifesto de Maio" de 1930 de Prestes, as insurreições militares de 1935 e o "Manifesto de Agosto" de 1950 de "desvios esquerdistas e golpistas". Em carta datada de 12 de outubro de 1930 e datilografada em russo – portanto, de circulação restrita ao CEIC –,

[119] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 50 ("Programa, atas e resoluções do Politburo e do CC do PC do Brasil").
[120] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 91. L. 17.
[121] FAUSTO, Boris. Conclusão: a crise dos anos vinte e a revolução de 1930. *In*: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira:** tomo III – O Brasil Republicano. V. 2. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 401-426.
[122] A pasta com esses textos ("A Revolução de 30" é o último deles) encontra-se em BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.01 s.03 ss.01 Pm.6, P.33.

sem indicação clara de autor e destinatário (neste caso, coletivo), mas provavelmente escrita por Guralski, que assina com um aparente R. (provável alusão a um de seus codinomes, "Rústico"), ao SLA/IC, faz-se estado do agravamento da situação política no Brasil após as eleições. Greves e rebeliões multiplicavam-se, estaria sendo preparado um golpe de Estado "da parte da Coluna Távora" e, por isso, o missivista pede que seja enviado pelo menos um representante permanente no país, mesmo sabendo que fosse algo difícil. Logo depois, e o que torna mais provável tratar-se de Guralski, propõe seus serviços aos SSA/IC, mas pede o auxílio de "um representante da Argentina, um do Uruguai, um do Brasil", contanto que as coisas não continuem como estão, deixando as tarefas incompletas.[123]

Parte das atas de uma sessão do "Birô Latino-Americano" (na verdade, o BSA/IC, tanto mais que foram escritas em espanhol) de 5 de dezembro de 1930, na qual se dizia estar continuando uma discussão sobre o Brasil, revela parte da indecisão dos quadros superiores sobre Prestes e sua existência como fenômeno social. Brandão estava presente, e pode ser um desses casos em que lamenta ter suas ideias atacadas pelos representantes da Comintern, mas o tom da conversa não parece justificar a descrição como uma desqualificação total de sua ação e uma saraivada de ataques pessoais. Importa reter aqui as diferenças entre Inês Guralski, esposa de August, o argentino Rodolfo Ghioldi e outros delegados, de um lado, e Brandão e Rústico (Guralski), do outro, os primeiros defendendo uma total ruptura e denúncia de Prestes, visto que teria passado para o lado da Aliança Liberal e nada significaria para os trabalhadores, e os segundos reconhecendo a persistente influência do ex-capitão e mantendo a esperança em "convertê-lo". Então em Buenos Aires, o casal exerceria grande influência sobre o PCB, e a postura ambígua defendida por Inês e outros talvez tenha colaborado para a militância errática: eles não queriam encerrar totalmente as tratativas com Prestes, mas ordenavam explicitamente que o partido seguisse combatendo Prestes e o "prestismo", em especial as bases em contato com o operariado.[124]

Em Moscou, o SLA/IC demonstra abertamente sua insatisfação com o trabalho e as opiniões de Guralski, discordância que pode ter colaborado para o afastamento de "Rústico" do aparelho central e seu envio para a Argentina. Em carta datilografada em francês, sem assinatura nem indicação de remetente e datada de 15 de novembro de 1930, um

[123] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 47. L. 45-46 (a carta começa com uma saudação aos "Дорогие товарищи" i.e. "Caros camaradas"). Embora o nome "Coluna Távora" não apareça na historiografia brasileira tradicional, interessa lembrar que a imprensa apelidou o oficial de "Vice-Rei do Norte" por seu papel militar na região. Sobre a insatisfação do SLA/IC quanto à má organização do PCB ao longo de 1930 e a descrença na "Revolução de 30" como um golpe reacionário, cf. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 48 ("Informes do Secretariado Latino-Americano sobre o Brasil").

[124] RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 34. L. 37-43 e 49-53. Tem-se aqui mais uma amostra da frequente confusão entre nomenclaturas dos birôs e secretariados.

dos secretários do SLA/IC critica as últimas cartas recebidas do destinatário por sua ausência de uma linha política clara e pela insistência na aproximação com Prestes – ponto que, além do idioma de redação, faz pensar que Guralski pudesse ser o destinatário. O BSA/IC deveria continuar as reformas em seu modo de operar e aumentar a atenção para com a situação premente em vários países, nos quais as ações do birô ainda seriam insuficientes.[125] Naquela época, Ruggiero Grieco ("Garlandi")[126] e Georgi Skalov ("Sinani") eram duas das figuras que começavam a ter mais proeminência no SLA/IC do que, por exemplo, Jules Humbert-Droz, a julgar pelo número decrescente de vezes em que o suíço assina as cartas do organismo, embora ainda pertencesse a ele. Sinani, por exemplo, foi uma das figuras que, trabalhando mormente com as questões da América Latina, ajudou o PCB a assimilar a linha do "terceiro período" e orientou Prestes na inculcação do marxismo de Stalin, ao mesmo em que dizia estar combatendo o "prestismo". E finalmente, ao terminar o ano de 1930, após uma Conferência Nacional ampliada do CC do PCB, foram demitidos do comitê todos os intelectuais, sendo Astrojildo Pereira acusado de resistir à "proletarização".[127]

O destino do casal Guralski não foge à regra descrita por David P. Hornstein, para quem o envio de comunistas para missões da Comintern em países distantes significava muitas vezes tirá-los temporariamente dos próprios partidos após perderem alguma luta fracional ou serem punidos pela direção nacional, respondendo diretamente a ordens de Moscou e fora do âmbito do partido em si. Mesmo que parecesse um rebaixamento, dado que muitas vezes o país nada tinha a ver com a origem do militante, podia ser uma chance de abrigar-se nas "asas" da Comintern enquanto as lutas internas dilaceravam os partidos. Foi o caso do KPD, quando em 1924 e 1925, Arthur Ewert foi marginalizado pelos radicais Ruth Fischer e Arkadi Maslow, que gradualmente, porém, entrariam em rota de colisão com Moscou e novamente dariam espaço a elementos mais moderados, porém fiéis a Stalin.[128] Pode-se supor que os Guralski, em especial August, expiavam seu contato passado com as oposições e eram mantidos longe dos debates de pontos específicos sobre a América Latina no seio do SLA/IC. O próprio instituto dos enviados, continua Hornstein, tinha por objetivo reforçar a linha stalinista da Comintern, em um momento em que Stalin também decidira extirpar qualquer traço de oposição nos partidos do mundo todo. Ewert – e não Guralski,

[125] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 110. L. 177-181.
[126] GRIECO, Ruggiero. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 276-277.
[127] CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)...**, *Op. cit.*, p. 238.
[128] Tanto é que em um documento não datado (c. 1935), mas ao qual Hornstein não cita nenhuma referência, Ewert criticaria a atitude combativa dos comunistas de São Paulo contra os socialistas, o que, segundo ele, enfraqueceria a ANL, enquanto estivesse talvez se lembrando da revolução abortada do KPD em 1923. Cf. **Arthur Ewert:** a Life for the Comintern. Lanham, MD: University Press of America, 1993, p. 227.

como sugerem outros autores – é quem teria contatado Prestes no exílio em nome da Comintern, "em algum momento de 1930", e proposto a possibilidade de conhecer a URSS, trabalhar e, no momento certo, discutir os planos para uma ocasional revolução no Brasil. Segundo o autor, também Prestes teria imposto a condição de não ser obrigado a filiar-se previamente ao PCB nem se submeter a sua disciplina.[129] Em todo caso, alocado no BSA/IC, Ewert mandou diversas cartas para o SLA/IC durante o ano de 1931 com informações sobre o movimento social e a situação econômica nos países da América do Sul.[130]

No começo de 1931, o "Cavaleiro da Esperança" rejeitava os esforços do Governo Provisório de perdoá-lo ou atraí-lo, e em 12 de março fez lançar outra carta aberta analisando longamente o cenário brasileiro, atacando o novo governo e alguns ex-aliados seus, condenando o trotskismo e o "prestismo", lamentando a iniciativa jamais realizada da LAR e reafirmando a passagem ao comunismo e seu alinhamento ao PCB. O discurso é bem mais desenvolvido em relação ao de maio de 1930, porque já aparecem os primeiros impactos do golpe de Vargas, e Prestes condena os velhos companheiros de luta "vendidos" ao Governo Provisório e muitos políticos e pessoas públicas que usariam seu nome com fins demagógicos. Prestes também se revela mais hábil em utilizar as categorias criadas na Comintern para enquadrar a conjuntura internacional e equipara os problemas das grandes potências às deficiências estruturais do Brasil. Embora se refira aos "conselhos de operários, camponeses, soldados e marinheiros", e não mais aos genéricos "trabalhadores da cidade e do campo" de 1930, apenas ao terminar tece curtas diretrizes programáticas aos camponeses, limitando-se a recordar seu contato com o povo sertanejo despossuído no interior brasileiro. Prestes prega a libertação nacional anti-imperialista e a derrota dos demagogos que serviriam ao exterior, e finaliza citando o perigo de intervenção capitalista contra a URSS, a qual deveria ser freada pelo proletariado de todo o mundo.[131]

Testemunha e vítima do que chamava de "obreirismo caricato", Leôncio Basbaum afirma em suas memórias que essa "Conferência Nacional", na verdade, foi uma mera reunião ampliada do CC, sobre a qual ele soube após sair de uma de suas prisões e voltar ao Rio de Janeiro, em meados de janeiro de 1931, por meio de Artur Karacik, outro membro de destaque da Juventude Comunista. No final daquele mês, Heitor Ferreira Lima retornou de seus estudos

---

[129] *Ibid.*, p. 61-62, 122 e 129-130. O grande problema do livro é que, embora a bibliografia e a documentação sejam listadas no fim, não há qualquer nota de rodapé no texto.

[130] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 151 ("Cartas de Berger a partir do BSA/IC"). "Harry Berger" era um dos codinomes do alemão, cujas cartas em sua língua materna eram frequentemente traduzidas para o russo e o francês.

[131] Carta aberta de L. C. Prestes. Buenos Aires, 12 de março de 1931. **Diário da Noite**, São Paulo, 24 de março de 1931 apud BASTOS, Abguar. **Prestes e a Revolução Social...**, *Op. cit.*, p. 220-231.

na Escola Leninista Internacional e foi aclamado secretário-geral por dirigentes reunidos na capital federal. O próprio Basbaum, como os outros intelectuais, foi expulso do CC, e Astrojildo Pereira e Paulo Lacerda foram privados de todos os seus cargos; Basbaum atribui seu destino a uma provável "conivência" com Pereira, ou seja, a simples amizade que mantinha com ele. Devendo agora os intelectuais "receber ordens dos operários", Pereira e Lacerda foram enviados a São Paulo para se "reabilitarem" militando no CR (Comitê Regional, em outras palavras, um trabalho "braçal" entre as bases). Basbaum considera que o "obreirismo" triunfou sob a passividade de Pereira, sendo um "desvio" do que ele considera a verdadeira política de "proletarização" imposta pela Comintern. Para piorar, vários dos membros da "velha guarda", como Brandão, Fernando de Lacerda, João da Costa Pimenta, Mário Grazini (fora do país por ser membro da Profintern e da CSLA), José Casini e José Lago Molares, estavam presos, em missões distantes, afastados ou haviam deixado o PCB, cabendo, pois, a Basbaum e outros que ficaram aplicar a famigerada "proletarização". Durante sua ausência, Ferreira Lima voltara de Moscou e Basbaum esperava que ele usasse os conhecimentos lá adquiridos, mas o próprio Basbaum aceitava todas as tarefas puramente burocráticas que lhe eram indicadas. Em fevereiro de 1931, Inês Guralski chegou de Montevidéu em nome do BSA/IC para saber o ponto de vista do PCB sobre a "Revolução de 30".[132] Em documento manuscrito de nove páginas e sem data, Brandão critica a interferência direta do SSA/IC na vida do PCB e no desmonte do BOC e os estragos causados pela linha radicalista. Ele afirma que tentou várias vezes alertar o partido quanto aos excessos, mas esquiva-se da culpa por sua implementação. Um dos aspectos lamentados é justamente o trabalho de anos do bloco, em suas palavras, haver sido desmontado em poucos minutos pelos líderes em Moscou.[133] Na prática, Inês, tomou o controle efetivo do PCB, removeu Ferreira Lima da secretaria-geral em junho de 1931 e despachou-o para militar no Nordeste.[134] Fernando de Lacerda se tornaria o novo secretário-geral e levaria a política "obreirista" ao extremo, negando aos intelectuais o direito de voto nas reuniões de cúpula.

---

[132] **Uma vida em seis tempos...**, *Op. cit.*, p. 93-95. Curiosamente, como se lê em vários escritos deixados por Octavio Brandão, ele acusa o próprio Basbaum de ter sido um dos promotores da "proletarização", sobretudo ao rejeitar a linha de aliança com a pequena burguesia que o alagoano defendia.

[133] BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.01 s.03 ss.01 Pm.187, P.81. Não é possível saber se o texto se destina à leitura de outra pessoa ou se foi escrito como material pessoal de apoio.

[134] O verdadeiro nome de Inês era Nadezhda Iakovlevna Tulchinskaia, e em 1933 já estaria de volta a Moscou como vice-chefe da seção latino-americana da Profintern. Cf. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 609-610. O episódio é relatado por Ferreira Lima em **Caminhos percorridos...**, *Op. cit.*, p. 146-148. Embora a viagem tivesse como razão alegada reforçar a presença na região, o autor reconhece que na verdade "o seu objetivo foi o de se livrar de mim". Parece uma contradição também que Lacerda, médico e filho de famoso jurista, fosse mais "proletarista" do que o alfaiate Ferreira Lima.

Claude Pennetier e Bernard Pudal podem fornecer pistas sobre o modo "obreirista" de pensar ao sublinharem que na URSS da década de 1930, começava a surgir uma espécie de "mito proletário" na propaganda, nas artes e na literatura, uma busca por "heróis" do ofício no exército, no partido único, nas fábricas, entre os operários de choque e em outros ambientes. Tal mito, baseado no binômio "classe/partido", exigia fazer da "pulsão primordial", do "instinto de classe" no proletário nato, a "consciência de classe", um "segundo nascimento" que passasse a extinguir os "resquícios" do ideário burguês dominante e inclulcava no iniciado a altivez por sua nova condição. Os diários privados de comunistas estrangeiros, depositados nos arquivos soviéticos, revelam uma "escrita de si" que molda a aura do "homem novo comunista", com a convicção sincera de atuarem em um grande projeto de reforma nacional e de transformação na humanidade e com o medo de não se porem à altura de sua época.[135] Embora alguns autores atribuíssem um modelo tirânico ao processo, Ronald Chilcote argui que integrar um partido comunista implicava não somente adesão formal, mas também fusão da vida privada e pessoal ao âmbito militante compartilhado e a assimilação de uma visão de mundo totalizante, que supririam o insucesso em adentrar o universo dos valores dominantes ou obter vantagens dele e seriam abandonados (defecção) quando também não dessem mais frutos.[136]

No XI Pleno do CEIC, reunido de 26 de março a 11 de abril de 1931, quando essas reuniões terminaram substituindo os verdadeiros congressos mundiais, confirmou-se a linha do pleno anterior em 1929, a julgar-se pelo informe do Presidium do Executivo lido por Dmytró Manuilsky, intitulado "Sobre o trabalho realizado e as tarefas das seções da IC e da IJC com relação ao aprofundamento da crise econômica mundial e sua transformação em crise política em vários países". Segundo o ucraniano, a própria existência da URSS e o desenvolvimento de sua economia já seriam em si um fator de desestabilização do capitalismo mundial no início da década de 1930, pois privados de um gigantesco mercado, os capitalistas ocidentais sonhariam em restaurar o antigo regime na Rússia de qualquer maneira. Naquele momento, portanto, a correlação de forças seria favorável ao "movimento revolucionário mundial" em detrimento de um capitalismo que cada vez mais agudizava as contradições de classe e precarizava a vida dos trabalhadores. A análise geopolítica segue igual: a crise estaria se acelerando no mundo inteiro, a social-democracia teria passado para o lado da defesa do capitalismo, portanto "fascistizando-se", e os partidos comunistas da América Latina e das

[135] Stalinisme, culte ouvrier et culte des dirigeants. *In*: DREYFUS, Michel et al. (dir.). **Le siècle des communismes**, *Op. cit.*, p. 554-557.
[136] **O Partido Comunista Brasileiro:** Conflito e integração – 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 206.

colônias inglesas e francesas e das "semicolônias" dos EUA poderiam ter acelerado o curso da revolução, face às boas "condições objetivas", se estivessem preparados e totalmente desenvolvidos. Manuilsky cita nominalmente o Brasil e a Argentina como exemplos de países dominados economicamente pelo Reino Unido, cuja posição seria disputada pelos EUA, que teriam financiado as "revoluções" (entre aspas no original, pois alude aos golpes de 1930 de Vargas e Uriburu) nos dois países para tentar torná-los novos "*dominions*" seus.[137]

Ao comentar o informe de Manuilsky, Jenő Varga também cita a "América Latina" como um lugar em que a burguesia "conseguiu fazer com que a insatisfação do campesinato encontrasse sua expressão em diferentes golpes [de Estado] políticos" e usa o fato para provar como os camponeses são totalmente desmunidos, enganados e mal instruídos, constituindo, portanto, um campo fértil para a mobilização pelos comunistas.[138] Por sua vez, Victorio Codovilla confirma as análises anteriores e adiciona como fatores da radicalização da situação na América Latina, incluindo o Brasil: a desvalorização dos produtos primários de exportação, a redução das importações de produtos latino-americanos pelos EUA, que elevaram o protecionismo após o *crash* de 1929, as revoltas camponesas, o aumento das dívidas públicas, a expansão das greves e a fome. O cenário de crise geral daria o pretexto para os citados golpes "da burguesia nacional, dos feudais e do imperialismo" contra "as massas trabalhadoras desses países com o objetivo de jogar sobre elas as consequências da crise", golpes que pegaram os comunistas desarmados e a reboque dos quais as seções da Comintern permaneceram.[139] Com o informe do francês Marcel Cachin sobre o "perigo da guerra" e sobre a possibilidade de uma intervenção estrangeira contra a URSS, além da resolução sobre esse informe, percebe-se como a possibilidade de uma intervenção estrangeira contra a URSS era uma possibilidade levada em conta pela política externa soviética – portanto, também pela Comintern – e como os partidos comunistas ao redor do mundo deveriam mobilizar-se e estar preparados para defendê-la.[140] Apesar de Codovilla ter feito ouvir sua voz, mas com uma análise já enquadrada no esquema prévio do "terceiro período", nenhum brasileiro ou latino-americano foi eleito para o Presidium do CEIC, nem mesmo como membro candidato, indicando nova desatenção à região.[141]

---

[137] XI ПЛЕНУМ ИККИ: стенографический отчёт. Fasc. 1. Moscou: Partizdat, 1932, p. 4 ss. (menção ao Brasil e à Argentina na p. 31).
[138] *Ibid.*, p. 272.
[139] *Ibid.*, p. 543 ss.
[140] XI ПЛЕНУМ ИККИ: стенографический отчёt. Fasc. 2. Moscou: Gosudarstvennoie sotsialno-ekonomicheskoie izdatelstvo, 1931, p. 3 ss. e 239 ss.
[141] *Ibid.*, p. 236.

Com a confirmação das resoluções do X Pleno do CEIC em 1930 e 1931, os EUA e a Europa, especialmente Alemanha, Áustria, Checoslováquia, França e Polônia, e em grau um pouco menor a Itália, o Reino Unido e a Europa Oriental, seguiam prioritários na estratégia da Comintern. O bloco "colonial e dependente" limitava-se à China, à Índia, à Indochina e às vezes a uma "África" genérica,[142] a "América do Sul" aparecendo geralmente imersa nos "coloniais e dependentes", cujos partidos comunistas eram vistos como débeis e de organização incipiente, ainda presos ao predomínio de "elementos pequeno-burgueses". Na região, o desenvolvimento capitalista estaria estagnado dado o agravamento incessante da crise econômica, a presumida colonização crescente por parte dos EUA, que estariam visando as possessões britânicas, e o desemprego geral e crônico em toda a América Latina. O Brasil exemplificaria a piora da crise ao bloquear a exportação de semimanufaturados e matérias-primas para Washington, neste caso o café. Vendo uma retração da onda revolucionária, a Comintern centrou-se em formar quadros estrangeiros,[143] que eram enviados à Escola Leninista Internacional, caso viessem da Europa ou da América, para que surgissem novos chefes partidários. A meta era criar uma nova geração de militantes "bolchevizados", sem passagem pela social-democracia, impregnada pelo ideal comunista e pela propaganda massiva das conquistas alcançadas sob Stalin.

Ilustrativo da geração de comunistas seguinte à dos fundadores, Gregório Bezerra narra no capítulo 9 da primeira parte de seu livro de memórias sua aproximação com o comunismo, iniciada em 1927 e continuada por contatos políticos e leituras pessoais, até janeiro de 1930, quando se filiou ao PCB. Em nenhum momento do livro ele cita a Comintern, seus dirigentes máximos ou seus enviados ao Brasil, talvez porque ou o essencial de seu engajamento deu-se após a "hibernação" da Comintern (1935), ou sua atuação estava longe da direção central geral. Embora ele fosse militar do Exército, seu processo é muito semelhante ao dos operários e outras classes empobrecidas, que buscavam informar-se sobre a URSS pelas poucas fontes escritas disponíveis (ele cita os livros que lhe ajudaram a moldar suas opiniões) e eram muito mais movidos pela exploração vivida e verbalizada com

---

[142] Отчёт делегации ВКП(б) в ИККИ [Relatório da delegação do VKP(b) no CEIC]. *In*: XVI СЪЕЗД Всесоюзной коммунистической партии (б[ольшевиков]): стенографический отчёт. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1930, p. 407-428. Também disponível em: http://www.agitclub.ru/front/com/stal/party16.htm. Acesso em: 27 nov. 2023; Назревающий мировой экономический кризис, массовая безработица и статечная борьба (Расширенный президиум Исполительного комитета Коммунистического Интернационала, 8–28 февраля 1930 г.) [O amadurecimento da crise econômica mundial, o desemprego massivo e a luta grevista (Presidium Ampliado do Comitê Executivo da Internacional Comunista, 8-28 de fevereiro de 1930)]. *In*: КОММУНИСТИЧЕСКИЙ Интернационал в документах..., *Op. cit.*, p. 915-925.

[143] Sobre os estrangeiros que vinham estudar, cf. DESANTI, Dominique. **L'Internationale communiste**, *Op. cit.*, capítulo XII (p. 338 ss.); WOLIKOW, Serge. Internationalistes et internationalismes communistes. *In*: DREYFUS, Michel et al. (dir.). **Le siècle des communismes**, *Op. cit.*, p. 524-526.

admirável articulação, mesmo sem embasamento teórico, do que por afinidade intelectual. Aliás, Bezerra critica exatamente o extremismo tático e o radicalismo verbal das direções "pequeno-burguesas" locais do Nordeste (que correspondiam à linha "classe contra classe" de princípios da década de 1930) que muitas vezes produziam efeitos contrários aos esperados, seja afastando as massas, seja instigando sem necessidade a reação policial. Nem por isso ele deixava de fazer a defesa acrítica da URSS e de Stalin, face a opositores como Trotsky, a qual ele via como "necessária" devido ao isolamento e às rápidas conquistas daquele país.[144]

Não por menos, o próprio CEIC e, em seu âmbito, o SLA/IC começaram a enviar cartas ao BSA/IC criticando a linha "esquerdista" que o birô estaria impondo aos partidos sob sua responsabilidade e uma suposta divergência entre o que relatavam para Moscou e o que terminava registrado em suas reuniões. Durante o primeiro semestre de 1931, a correspondência entre Moscou e Montevidéu foi intensa, com direito a traduções arquivadas dos textos russos para o francês e o alemão, e nela criticam-se a diretiva de "tomada imediata do poder", análises falhas e reducionistas quanto à natureza das classes em luta, a ruptura total com a pequena burguesia, inclusive a parte mais empobrecida que podia juntar-se aos comunistas, e a extrema politização de qualquer evento reivindicativo, como greves e passeatas. Curiosamente, a tática do "terceiro período" não admitia exagerar a situação revolucionária dos países da América Latina, como indicam o CEIC e o SLA/IC, os quais recomendam que se prossiga com o reforço dos partidos comunistas, a conquista da maioria da classe operária e a direção de outras classes que possam combater as elites industriais e agrárias. A possível contradição entre figuras como Guralski, de um lado, e Sinani e Garlandi, de outro (as cartas não têm assinaturas pessoais), aparece na lida com o "prestismo": se os organismos centrais criticavam os brasileiros por não se livrarem do "oportunismo de direita" nem atacarem consequentemente ou romperem de vez com Prestes, percebe-se a proteção que o ex-militar estava recebendo dentro do BSA/IC.[145] Todavia, a despeito do próprio PCB, foi o próprio birô que conseguiu mostrar-se mais coerente e enfim convencer seus superiores a aceitar Prestes como um quadro de liderança a ser formado, ainda que recebido sem qualquer tapete vermelho, conforme carta de junho. O SLA/IC informa sobre o acolhimento da família e a concessão de um cargo de engenheiro, sem convite especial, tendo de seguir o "caminho comum" de recebimento de visa em Berlim e sob a condição de publicar uma declaração em

[144] **Memórias (primeira parte: 1900-1945).** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 204 ss.

[145] Para algumas das cartas mais ilustrativas, todas traduzidas do original russo, cf. [A Comissão Política do CEIC]. Télégramme au Bureau sud-américain. [Moscou], 20 de fevereiro de 1931. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 41. L. 19-22; A Comissão Política [do CEIC]. Au Bureau sud-américain du CE de l'IC. [Moscou], 21 de fevereiro de 1931. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 41. L. 14-15; [SLA/IC]. Au Bureau sud-américain. 20 de maio de 1931. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 41. L. 119-140.

que Prestes assuma a primazia do partido na revolução, reconheça seus erros ideológicos anteriores e comprometa-se a voltar para seguir o projeto revolucionário no Brasil. O "consentimento" à "tentativa de fazer dele nosso verdadeiro amigo" obrigava o PCB a não mais atacar Prestes pessoalmente, muito menos chamá-lo de "Jiang Jieshi brasileiro", mas derrotar o "prestismo" como "uma das formas de influência pequeno-burguesa sobre a classe operária e o partido".[146]

Em abril-maio de 1931, avesso ao "desvio obreirista", o próprio Astrojildo Pereira deixou uma carta ao CC "pedindo afastamento" do partido, mas afirmando a vontade de seguir acompanhando suas atividades. Por essa época, em que a repressão policial se agravou ainda mais, toda a velha guarda comunista estava fora da direção, pois ou foram presos, exilados ou afastaram-se voluntariamente, e em 1930 e 1931 parte dela também foi expulsa ou rebaixada pela própria direção nova.[147] As memórias de Octavio Brandão sobre as barreiras para imprimir e distribuir a imprensa comunista e o encalço policial permanente favorecido por ocasionais delações de membros subornados ou antigos membros do PCB, tanto antes quanto, e sobretudo, depois da "Revolução de 30", são tão ricas e reveladoras que merecem uma longa citação:

> "O jornal *A Classe Operária*, ilegal desde as perseguições de 1929, não aparecia há muito. Por decisão do PCB, fui encarregado de fazê-lo aparecer, dirigi-lo e administrá-lo. Tudo, então, era muito difícil. Os obstáculos, enormes. Apesar de tudo, obtive algum dinheiro com os operários, tostão por tostão. Organizei uma rede ilegal de pacoteiros nas fábricas e uma rede de correspondentes operários. Mais uma vez, fui às grandes empresas. Mas os espiões e informantes (alcaguetes) pululavam por toda parte.
> [...]
> "A 11 de abril de 1931, apareceu ilegal o n.º 111 de *A Classe Operária*. Publiquei, nele, uma citação de Lênin, uma ideia de Danton e informações sobre a União Soviética. Ataquei o imperialismo e a Standard Oil. Defendi as operárias têxteis e os índios.
> "Saíram uns três números do jornal.
> [...]
> "Às 10 da noite de 23 de abril de 1931, no Rio de Janeiro, segui pela rua São José e entrei no dédalo de travessas. Todas, desertas, silenciosas. Tudo parecia normal. Subi a escada da casa do Beco da Fidalga 20, sobrado. Nisto, de surpresa, vi que vários revólveres estavam apontados para mim. Os policiais disseram-me: – Suba! Voltei-me. A porta também estava ocupada e mais um revólver apontando. Fui preso pela 15.ª vez na vida [...].
> [...]
> "A polícia, informada por João Domingos [ajudante na distribuição do jornal que decidiu delatá-lo à polícia em troca de 600 mil-réis], deu mais de 30 buscas e batidas em Niterói. No final, encontrou a tipografia em que era

[146] Carta do Secretariado Latino-Americano do CEIC para o Birô Sul-Americano do CEIC. [Moscou], 26 de junho de 1931. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 41. L. 183 (tradução francesa do original russo).
[147] CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)...**, *Op. cit.*, p. 238.

> impresso o jornal. Prendeu o operário gráfico Ferreira da Silva e outros companheiros. [...]"[148]

Finalmente, Brandão terminaria preso em abril de 1931 e seria deportado em 18 de junho, com sua esposa e suas três filhas pequenas, para a Alemanha, de onde partiriam para a URSS, a nova pátria da família pelos próximos 15 anos. Em seus primeiros meses, ele manteve correspondência com o Birô Político do PCB, por vezes assinando como "Salomão" e sempre pedindo informações sobre a situação no Brasil (jornais, revistas, documentos, relatórios etc.). Notável é uma carta sua ao BP de 21 de outubro, relatando haver chegado a Moscou em 15 de julho e "começado a trabalhar" em 7 de agosto, desde então ocupado com várias viagens de exploração do país, a realização de conferências sobre o Brasil, o envio de cartas e cartões postais para conhecidos, o estudo da língua russa e a tradução, a partir do francês, do livro *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, de Lenin.[149]

2.5. O "terceiro período" no PCB sob a ditadura de Vargas

O governo de Getúlio Vargas começava desafiado por óbices à exportação agrícola, desemprego e baixa na receita das importações. Entre outras medidas, buscou enfrentá-las por meio da centralização política com redução dos poderes estaduais, da centralização econômica dirigista, sobretudo na cafeicultura e suas medidas emergenciais, e da criação do aparelho sindical vinculado ao novo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e sua proteção trabalhista inovadora, que também visava controlar o movimento operário autônomo. Para angariar maior base de apoio, Vargas aproximou o Estado da Igreja Católica e, para educar novas e melhores elites técnicas e pensantes, iniciou uma reforma total do ensino, de caráter igualmente centralista, especialmente na escola básica, inaugurou universidades e equilibrou ideias católicas e liberais para a instrução infanto-juvenil, tendendo à rigidez pró-católica. Após o golpe, os "tenentes" ingressaram no governo e Vargas usou-os como contraponto às elites regionais, com sucesso matizado, pois o frequente pacto dos "revolucionários" com as mesmas elites tornou inoperantes muitas das transformações que haviam planejado.

Quanto a Luiz Carlos Prestes, sua incorporação ao aparelho da Comintern iniciou a história do único exemplo, em todo o comunismo na América, em que uma figura de alcance popular imbricava-se aos acasos e ao aparelho do partido comunista, neste caso o brasileiro, sob a influência de uma sociedade moldada pela ação do Exército como vigia

---

[148] BRANDÃO, Octavio. **Combates e batalhas...**, *Op. cit.*, p. 401-403.
[149] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 55. L. 81-82.

autoproclamado da "pureza democrática e republicana", pelo personalismo carismático sobrepujando ideologias partidárias, pelo alheamento eleitoral da maioria do povo e pela pobreza cultural e material do país em geral. O ex-capitão era o chefe apartidário, com alguma consciência social e prestígio entre as massas, de que o PCB precisava para realizar a tão planejada imersão no proletariado e no campesinato. Sua vida coincide com a história do Brasil na maior parte do século XX, da mesma forma que não se pode separar a existência do PCB das reviravoltas políticas nacionais. Portanto, os questionamentos políticos de Prestes e da classe politizada e instruída brasileira, bem como os espaços de contato dos comunistas com essa classe, articularam-se na sequência de eventos que provocou a passagem da Primeira República para a Era Vargas.[150] Uma pequena biografia de Luiz Carlos Prestes datilografada em russo e datada de 11 de outubro de 1932 fala de sua transição das posições "pequeno-burguesas" para o comunismo, mas curiosamente não alude ao "combate ao prestismo". A Comintern parecia estar muito satisfeita por tê-lo em seu domínio e convertê-lo a suas ideias, como se lê neste parágrafo:

> "Para a vinda de Prestes à URSS, a Comintern dedicou-lhe a colaboração necessária visando adaptá-lo e atraí-lo para o PC. Encontrando-se em Moscou há mais de um ano (trabalhando para o Estado [*na khozrabote*] no Comitê de Construção, como engenheiro) e com a ajuda de nossos camaradas, tem reforçado o trabalho sobre sua educação marxista-leninista, interessa-se vivamente pelas questões da URSS e pelo movimento revolucionário internacional. Fortemente cresceu e desenvolveu-se politicamente como comunista."[151]

Em 1931, mesmo após a "Revolução de 30" e por intermédio do BSA/IC, o SLA/IC sempre continuou buscando corrigir, ajustar ou criticar a linha ou a prática vigente nos partidos comunistas da América Latina. De março a junho, por exemplo, como se leem nas cartas, as críticas em geral giravam em torno da não conquista da "maioria da classe operária" e da atitude radicalista que muitos tomavam.[152] Contudo, algo ainda não visível à grande maioria dos militantes estrangeiros, dentro ou fora da URSS, é que a Comintern e a OGPU/NKVD – siglas para a polícia política e o Ministério do Interior, que assumiu a mesma função – estavam ligando seus serviços cada vez mais estreitamente, sobretudo por meio do OMS, que repassava os dados de todos os militantes estrangeiros. Isso é o que avança o russo Igor Damaskin, que consultou inúmeros documentos de arquivo e chegou à conclusão que

---

[150] Como argumentam dois dos principais biógrafos de Prestes: REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes...**, *Op. cit.*; PRESTES, Anita Leocadia. **Luiz Carlos Prestes:** um comunista brasileiro. São Paulo: Boitempo, 2015.

[151] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 61. L. 1-2.

[152] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 143 ("Projetos de cartas para o BSA/IC e os Partidos Comunistas dos países da América Latina").

também seria conhecida por outros historiadores.[153] Como que representando a "terceira camada" (além do aparelho internacional e do Estado soviético "sitiado"), Leoncio Basbaum vivia na mesma época a realidade das bases, com o agravante de ser um intelectual "rebaixado" pela "proletarização" que ele mesmo ajudara a promover. Em fins de julho de 1931, após ser deportado para a fronteira com o Uruguai, encontrou outros brasileiros exilados em Montevidéu e, na sede do BSA/IC, palestrou sobre a situação do Brasil, os problemas do golpe varguista e os prejuízos do "obreirismo", que desde janeiro de 1930 estava tornando instável a composição do CC. Porém, presente na ocasião, Guralski contestou Basbaum em dois pontos. Primeiro, após o brasileiro haver tentado defender Astrojildo Pereira contra sua expulsão da direção, o europeu mostrou-lhe sua carta de próprio punho comunicando o "afastamento" do PCB, ato repudiado por Guralski. E segundo, enquanto Basbaum atacou a influência de Prestes sobre os comunistas ("prestismo") e a atenção que eles davam mais a suas declarações públicas do que a qualquer outra coisa, Guralski retrucou que Prestes rompera com os ex-companheiros e podia ser ganho para a causa da revolução. Tanto que Guralski informou a Basbaum sobre a presença discreta do ex-militar em Montevidéu, o qual fora convencido a partir para Moscou em alguns dias.[154]

Basbaum, porém, foi lá informado de que o PCB ordenara seu retorno imediato, devido à necessidade de sua presença, e ao voltar soube no Rio de Janeiro que todo o CR de São Paulo e alguns militantes, como Pereira e Paulo de Lacerda, haviam sido presos, o que virtualmente acabou com o partido no estado, e que Fernando de Lacerda tornara-se secretário-geral. Na capital paulista, a missão de Basbaum e de Augusto Besouchet era cautelosamente bater de porta em porta para chamarem os militantes escondidos e reconstituírem o CR em uma Conferência Regional a ser convocada. Em outubro, Basbaum propôs que se transferisse o CC do Rio para São Paulo por razões de segurança, o que foi aceito, apesar do precário alojamento para a direção, e em fins de janeiro de 1932 uma reunião preliminar formou um novo CC.[155] Além disso, a subida de elementos menos capazes ou de operários sem experiência organizativa, as frequentes rixas entre os dirigentes e a alta rotatividade no cargo de secretário-geral levaram o PCB a enfraquecer-se, o que fez um "membro do Bureau Sul-Americano"[156] vir a São Paulo, onde o CC estava desde dezembro de

---

[153] DAMASKIN, I. A. Сталин и разведка. Moscou: Veche, 2004 (capítulo 3, "A Comintern e os serviços de inteligência").
[154] BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos...**, *Op. cit.*, p. 108-110.
[155] *Ibid.*, p. 110-114.
[156] Edgard Carone (**A República Nova (1930-1937)...**, *Op. cit.*, p. 239) – que também cita erroneamente Buenos Aires ainda como sede do birô – não o nomeia, mas provavelmente é Paulino González Alberdi, argentino de origem espanhola que representou o BSA/IC no Brasil, no Uruguai, no Peru e no Chile antes de 1932. Cf.

1931, para resolver pessoalmente os problemas. Uma reunião do CC ampliado (seus cinco membros mais alguns elementos do CR e do setor sindical) no início de maio de 1932 submeteu a duras críticas a linha de "insurreição armada imediata" a que o partido estava se dedicando e levou à mudança quase total no CC. Caetano Machado tornou-se secretário-geral, Fernando de Lacerda e sua mulher Ericina foram expulsos do comitê e Basbaum foi promovido do CR para o Birô Político.[157]

Nesse novo ano, ficaria evidente que após o golpe de outubro, a situação de São Paulo seria bem mais complicada, pois as elites estaduais exigiam que se voltasse rapidamente à legalidade constitucional e se abreviasse a ditadura. Também se reclamou muito da nomeação de João Alberto Lins de Barros, militar pernambucano, como interventor estadual, enquanto se esperava para o cargo um civil paulista. Sob pressão, Lins de Barros demitiu-se em julho de 1931, e após várias rotações finalmente se empossou Pedro de Toledo em março de 1932, um civil paulista cujo nome, porém, carecia de prestígio local. As elites de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais exigiam cada vez mais reformas eleitorais, o que levou Vargas a criar a Justiça Eleitoral e o Código Eleitoral, que estabelecia o voto obrigatório e secreto, permitindo o facultativo às mulheres, e a definir as regras para as eleições legislativas. A agitação paulista não passou despercebida pelo PCB, que após haver chamado a "Revolução de 30" de "golpe fascista", chamou de "novo golpe fascista" a iminente ameaça de uma resolução *manu militari* dos diferendos com o governo central. E a eclosão do conflito, a "Revolução Constitucionalista" de 9 de julho de 1932, seria considerada uma continuação do "conflito interimperialista" que oporia britânicos e estadunidenses, ou seja, uma "guerra reacionária" em cenário de economia avariada, posição que Octavio Brandão aplica-se em retransmitir nas discussões do SLA/IC.[158]

Prosseguindo suas memórias que constituem um precioso relato fatual das viragens institucionais dentro do PCB, tendo em vista uma documentação incompleta e não raro omissa, Leôncio Basbaum escreve que após um novo período preso em 1932, dirigiu-se de trem à cidade do Rio em meados de dezembro e soube das últimas notícias do partido por

---

GONZÁLEZ ALBERDI, Paulino. *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 264.

[157] CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)...**, *Op. cit.*, p. 238-239.

[158] Contra a Constituinte dos ricos! Pelo Congresso Nacional Operário de Unidade da Confederação Geral do Trabalho do Brasil! **O Trabalhador do Brasil** (órgão da Confederação Geral do Trabalho do Brasil), Rio de Janeiro, ano I, n. 18, p. 1, 15 de junho de 1931. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 57. L. 72; Sob a ameaça iminente do golpe fascista. **A Classe Operaria**, [Rio de Janeiro], p. 1-2, 27 de agosto de 1931. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 57. L. 74-74 ob.; Contra as palhaçadas do 3 e 24 de outubro, exijamos pão e trabalho. **A Classe Operaria**, [Rio de Janeiro], p. 1, 30 de setembro de 1931. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 57. L. 76; BRANDÃO, Octavio. La guerre civile réactionnaire au Brésil. [Moscou], 3 de setembro de 1932. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 59 L. 41-48 (possível informe corriqueiro ao SLA/IC).

meio do militante Corifeu de Azevedo Marques. Eram a dissolução do CC paulistano após as prisões de maio e junho, a eleição de um novo comitê em uma "Conferência Nacional", a fuga de Fernando de Lacerda ao Rio de Janeiro, a eleição do operário gráfico Duvitiliano Ramos (ou "Freitas") como secretário-geral e a saída definitiva de Astrojildo Pereira, que se fixaria na cidade fluminense de Rio Bonito para cuidar do atacado de bananas herdado do pai. Reeleito para o novo CC, Basbaum era o único remanescente do III Congresso do PCB e do antigo CC.[159] González Alberdi ("Juárez"[160]), que representava o BSA/IC no CC do PCB, endereçou ao birô uma carta em agosto de 1932 descrevendo o "sucesso" daquele pleno do CC – ocorrido, segundo informa, em 14 e 15 de agosto – com a presença de muitos delegados do interior do país e que teria lançado as bases para uma futura "I Conferência Nacional do PCB". A seu ver, ela fez avançar a "proletarização" (por sua "composição social boa"), priorizou questões políticas ao invés de disputas "pessoais" que caracterizariam a antiga direção e ressaltou o perigo de novas guerras "interimperialistas", bem como de um possível ataque contra a URSS.[161]

Com a nova onda repressiva após a insurreição paulista fracassada (julho de 1932), os membros do CC provisório fugiram ou foram presos, obrigando a Conferência Nacional a escolher em novembro, no Rio de Janeiro, novo comitê e secretário-geral (Duvitiliano Ramos). Destaque desse novo CC é Antônio Maciel Bonfim, também conhecido como "Miranda" ou "Adalberto Fernandes", que se dizia ex-membro da LAR de Prestes, fugido da prisão de Ilha Grande com outros comunistas e que, em rápida ascensão, se tornaria secretário-geral em 1934, ao mesmo tempo em que Ferreira Lima, Leôncio Basbaum e Mário Grazini seriam expulsos do PCB. Segundo Edgard Carone, entre 1932 e 1934 houve a retirada majoritária das lideranças que ascenderam em 1922 e, depois, em 1928, em favor de "pessoas ligadas originalmente ao tenentismo de esquerda", como provariam a chegada de "Miranda" ao topo, a filiação de Agildo Barata, militar do Exército, e a entrada de Prestes no CC e no Birô Político em fins de 1934. Os recém-ingressos teriam passado por mudança ideológica, mas "elementos básicos da ideologia e tática tenentista[s]" passariam igualmente a impregnar o PCB.[162] Retornando ao início de 1933, Basbaum escreve que "as coisas no Partido iam de mal a pior" a começar pela obrigação de aplicar a divisa da Comintern de "luta contra a

[159] BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos...**, *Op. cit.*, p. 140-141.
[160] «JUÁREZ». *In*: JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 317.
[161] Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1932. F. 503. Op. 1. D. 54. L. 37-40.
[162] CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)...**, *Op. cit.*, p. 239-240. Tanto Basbaum como Carone relatam o prenome de "Miranda" como sendo "Américo", e não Antônio. Além disso, Carone aceita sem crítica a informação sobre o alegado pertencimento à LAR, não a supondo como da lavra do próprio "Miranda".

guerra", que ele julgava adequada para a Europa, mas não para o Brasil. E justamente por ser acusado de "sabotagem" a essa linha que, em fins de fevereiro ou começos de março, ele foi fortemente censurado pelos outros membros do CC, tendo à frente o tecelão Domingos Braz ("Mauro"), secretário de agit-prop extremamente anti-intelectual. Após imenso abalo causado pelo episódio, sobretudo por ter sido pego de surpresa, Basbaum escreveu ao CC anunciando seu afastamento temporário do PCB e denunciando o mergulho total do partido no "obreirismo" caricato.[163]

Durante a década de 1930, as cartas enviadas de Moscou para o BSA/IC passaram a portar cada vez menos a assinatura do SLA/IC, embora este só fosse ser extinto em 1935, e virem diretamente do Birô Político do CEIC ou do próprio "CEIC" como um todo, ainda que o próprio secretariado em tese fosse integrado ao Comitê Executivo. Notavelmente, os germes da política de "frentes populares", ou ao menos uma tentativa de aplicar nos fatos a política de "frente única a partir da base", transparecem em uma iniciativa sugerida pela Comintern ao birô de Montevidéu para que os partidos comunistas convocassem "amplas conferências apartidárias (*sans parti*)" nos países latino-americanos e caribenhos contra a guerra imperialista, incluindo militantes social-democratas, sindicalistas e de outras correntes, ao modelo do que Willi Münzenberg já fazia na Europa – embora seu nome não seja citado. O CEIC alega estar inquieto com a escalada militar na América Latina, sobretudo com a proliferação de golpes militares, o conflito armado que opôs o estado de São Paulo ao governo Vargas e a Guerra do Chaco (1932-1935), tido por um "conflito interimperialista" que aproveitou uma contenda territorial entre o Paraguai e a Bolívia. Os remetentes tiveram o escrúpulo de precisar que deveria ser combatida a "postura pacifista" oposta à "guerra em geral", pois apenas as "imperialistas" estariam na mira dos comunistas, e que deveria haver um esforço para os partidos comunistas não "aparecerem como tal", mas apenas como "frações" dentro de um evento reputado "apartidário".[164] É algo bastante notável, dadas as críticas à aplicação da tática do "bloco operário e camponês" na América Latina como uma efetiva máscara à verdadeira feição, por exemplo, do PCB, mas faz parte de uma estratégia mais ampla de utilizar grandes organizações em torno de determinadas causas para que, na prática, elas ajudassem outras forças políticas a realizarem as políticas comunistas.

O BSA/IC continuou funcionando regulamente em 1932, com o envio de circulares em espanhol aos partidos comunistas resumindo as principais ações de massa que a

[163] BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos...**, *Op. cit.*, p. 141, 144-145 e 147.

[164] [CEIC]. Au Bureau Sud-Américain & caraïbe du CE de l'IC, aux Comités centraux de tous les PC de l'Amérique du Sud et Caraïbe et à toutes les fractions communistes syndicales. [Moscou], 13 de novembro de 1932. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 49. L. 70-75 (na mesma pasta, há traduções para outras línguas).

Comintern determinava empreender e reiterando a linha ideológica determinada no V Congresso Mundial e nos plenos ampliados anteriores do CEIC. Victorio Codovilla já não as assina mais e o escopo geográfico limita-se basicamente à América do Sul – como sempre preconizou o nome do órgão –, pois a dinâmica política do México e da América Central já era bastante diferente.[165] Mesmo os enviados do BSA/IC que buscavam auxiliar no trabalho de organização do PCB (no caso, ilegal) terminavam não cumprindo completamente suas missões e eram fortemente censurados por seus superiores. Um caso interessante é o de um "José" não identificado, filiado ao PCA e que mereceu a atenção especial de uma comissão acusando-o de indisciplina, má delegação de trabalhos e descuido nas relações pessoais. Apesar de seus erros no Brasil, o birô considerou "seus muitos anos de trabalho revolucionário" e sua atitude autocrítica para recomendar aos argentinos apenas uma "advertência severa", e não sua expulsão.[166]

Ainda em abril de 1933, o CEIC emitiu uma resolução bastante grave sobre o PCB, acusando-o de estar tomado por elementos de outras classes que não a proletária, de não haver aproveitado as recentes chances de uma situação supostamente revolucionária, de lentidão para aplicar a organização em células e a "proletarização" e de não levar a termo a conquista da maioria da classe operária, muito menos da camponesa, a qual continuaria abandonada.[167] Dado que havia uma quantidade razoável de brasileiros atuando no SLA/IC, entre os quais Octavio Brandão, e que eles redigiam muitos relatórios para as instâncias superiores com informações recebidas diretamente do CC do PCB, é possível que seu trabalho, embora não abertamente crítico do partido, influenciasse na avaliação da cúpula em Moscou. De qualquer forma, não se podiam esperar informes triunfalistas diante de uma perseguição estatal ainda mais reforçada em relação ao regime anterior, e ela também pode ter influído na ocasional intermitência na circulação de informações ainda lamentada em cartas trocadas pelo PCB com o BSA/IC ou o próprio SLA/IC.

Enquanto isso, a formação de Luiz Carlos Prestes, já conhecido na URSS pelo codinome "Fernandes", como o novo líder stalinizado do comunismo brasileiro seguia seu curso exitoso, como se pode julgar pelos registros de uma conferência que ele deu no

---

[165] RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 53 ("Circulares do BSA/IC aos Partidos Comunistas dos países da América do Sul").

[166] El BSA de la IC. [Montevidéu], 3 de dezembro de 1933. RGASPI. F. 503. Op. 1. D. 49. L. 212. Mesmo Víctor e Lazar Jeifets, citando o mesmo documento, não conseguem averiguar a verdadeira identidade do argentino concernido. Cf. "José". *In*: **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 317.

[167] Resolução da Comissão Política do CE da IC sobre o PCB. [Moscou], 28 de abril 1933. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 66. L. 1-3. Na mesma pasta, há diversas cópias do original em russo e das traduções em inglês, francês e alemão, bem como outros documentos sobre a situação política e econômica do Brasil, sempre influenciada pelo "atraso" da estrutura agrária e "semifeudal".

chamado "Instituto de Economia Mundial e de Política Mundial anexo à Academia Comunista, Setor Colonial". Fazendo um balanço das rebeliões "tenentistas" da década de 1920, ele as considera uma expressão da "revolta pequeno-burguesa", da qual um dos frutos teria sido o "prestismo", curiosamente agora atacado pelo próprio Prestes, mas reputado um dos defeitos que levou aos problemas de gestão dos antigos líderes, entre eles Astrojildo Pereira.[168] E em agosto de 1934, finalmente o PCB anunciou em *A Classe Operaria*, seu órgão oficial, o ingresso oficial de Prestes em suas fileiras, por meio da assinatura de sua "papeleta de adesão", mesmo estando na URSS para estudo e preparação. Em um texto não assinado, mais ao meio do jornal e sem grande entusiasmo ou expectativa, destaca-se sua notável evolução, tendo sido um "caudilho pequeno-burguês" e passado às posições comunistas, e felicita-se seu ingresso como uma possibilidade de reforço das fileiras. Em contraste com os artigos das décadas de 1940 e 1950, que largamente usam o epíteto de "Cavaleiro da Esperança", não há sequer um retrato de Prestes, e vaticina-se sobriamente que as "legendas" dos "cavaleiros" não funcionariam mais para enganar as massas com a crença em um "salvador providencial", agora substituído por suas próprias "organizações de combate".[169]

Militante do "Partidão", Moisés Vinhas escreve que entre 1930 e 1934, nenhum dos vários secretários-gerais que se sucederam à frente do PCB consolidou-se, gerando uma crise de direção encerrada apenas com a ascensão de "Miranda", que chefiava o novo grupo dirigente formado na I Conferência Nacional. As oscilações na organização e na política refletiam-se na atitude para com Prestes: após haver recusado a direção militar do golpe de 1930, declarou-se comunista e externou apoio ao PCB, mas o partido preferia tê-lo como alvo preferido de críticas por temer sua concorrência política. Segundo Vinhas, a filiação de Prestes por ordem da cúpula da Comintern teria sido um caso único em sua história, pois "um líder de massas de grande prestígio [...] primeiro ingressa na Executiva da Internacional[170] sem ter pertencido previamente às fileiras comunistas, e só em seguida no partido comunista de seu país de origem". A partir daí, o PCB e a sociedade brasileira das décadas seguintes

[168] Discurso do camarada Fernandes sobre o tema: *prestismo*. [Moscou], 22 de abril de 1933. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 68.

[169] Luiz Carlos Prestes assinou a sua papeleta de filiação ao Partido Comunista do Brasil (Seção da IC). **A Classe Operaria**, Rio de Janeiro, ano X, n. 168, p. 4, 22 de agosto de 1934. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 76. L. 76 ob.

[170] Vinhas pode estar referindo-se ao estreito trabalho de Prestes com a direção da Comintern e parte do governo soviético desde sua chegada a Moscou, em 1931, pois o ex-militar só ingressaria formalmente no CEIC durante o VII Congresso da Comintern, em 1935, junto com "Miranda" (então usando o pseudônimo "A. Keiros" ou "Queiroz"). Cf. ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 182-183. Essa é mais uma prova de que a maioria dos militantes sem contatos internacionais, especialmente os que só ingressariam no PCB após a década de 1930, cometiam frequentes confusões a respeito do aparelho da Internacional.

sofreriam os "efeitos contraditórios e permanentes" do encontro entre "tenentistas" e comunistas, pois com Prestes e o "tenentismo mais radical" viria "o peso da influência pequeno-burguesa e golpista", mas ao mesmo tempo o partido sairia do isolamento (após o Estado Novo, subentende-se) e teria um peso político na sociedade que estaria "muito além de sua capacidade de influência e capitalização orgânica".[171]

Na década de 1930, o esforço do Partido Comunista do Brasil foi por liderar não somente o operariado, mas também o campesinato, soldados e marinheiros organizados, e nesse sentido ampliou a variedade de títulos impressos destinados à agitação política entre militares. Mas radicalizado e indeciso, terminou isolando-se e afastando-se de outros grupos de esquerda, enquanto observou passivo o golpe de Getúlio Vargas e a formação do novo regime, o que não o poupou do súbito rolo compressor anticomunista nem lhe permitiu resistir com uma ampla "frente única" que nos fatos fora deixada de lado. Apesar das muitas intervenções do BSA/IC, a fração radical do PCB não resolveu a instabilidade organizativa após a queda do núcleo em torno de Octavio Brandão, Astrojildo Pereira e Cristiano Cordeiro. Os novos líderes falharam em refinar a análise da sociedade brasileira e incrementar o arcabouço conceitual comunista, imbricaram-se às elaborações genéricas emanadas da Comintern e levaram o PCB à mera defesa da política interna e externa soviética em prejuízo do movimento internacional, especialmente a partir de 1929, com a imposição da "proletarização". Com o controle total do grupo de Stalin garantido na URSS, a derrocada da república oligárquica brasileira, o avanço do fascismo e a escalada militar mundial, os comunistas entraram na tormenta que levou à troca do grupo dirigente e à barragem da democracia interna. Todos esses eventos integravam um contexto em que a filiação marxista e a opção pela revolução e pelos oprimidos passariam a render ainda mais perseguição.

[171] VINHAS, Moisés. **O Partidão:** a luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Hucitec, 1982, p. 70.

CAPÍTULO 3
"Frentes populares", antifascismo e 2.ª Guerra Mundial: o fim da Comintern

A consolidação do domínio de Stalin e de seu grupo político sobre a URSS, bem como de suas concepções sobre a política internacional e a realização do "socialismo em um só país", não impediram que regimes fascistas ou pró-fascistas se instalassem em vários países da Europa. Cada vez mais perseguidos pelos regimes reacionários, os partidos comunistas gradualmente se tornaram correias de transmissão ideológica da *realpolitik* do Kremlin e perderam sua liberdade criativa, levando a isolarem-se brevemente das massas operárias. Como resposta à crise econômica e das oligarquias, Getúlio Vargas avançou cada vez mais para uma ditadura de cariz corporativista e viu no "comunismo internacional" uma das maiores ameaças à soberania da nação, para o desespero de um PCB que já estava enfraquecido por disputas internas e pelas viradas impostas pela Comintern. Esta, embora cada vez mais marginalizada por Stalin, voltou a ter utilidade quando o movimento antifascista varreu o Brasil e a Europa em meados da década de 1930 e trouxe nova popularidade aos comunistas. Contudo, o combate a Hitler e a Mussolini não era visto como imediatamente premente pela lógica da URSS, e o avanço totalitário engoliu todas as forças progressistas, até a eclosão da 2.ª Guerra Mundial reavivar a consciência sobre o perigo existencial encarnado no nazifascismo. Na década de 1940, o PCB protagonizou a luta antifascista no Brasil e destacou-se no processo que finalmente levou à queda de Vargas, mas não pôde influir nos rumos da Comintern, a qual Stalin, mesmo tendo saído vencedor ao enfrentar o nazismo, considerava um estorvo para suas ambições de potência global.

3.1. A Comintern e a diplomacia soviética face à ascensão do fascismo

Para ampliar seu caráter internacional e mostrar-se como um "exército mundial" composto por pessoas de vários países, conforme se percebe nos arquivos de Moscou,[1] deu-se paulatinamente maior espaço decisório aos secretariados regionais do CEIC e ampliou-se seu pessoal ao começar a década de 1930, agora com a incumbência de ligarem-se diretamente aos partidos da região concernida, estudarem em detalhes suas condições e suprirem a maioria de suas exigências. Contudo, naquela época, o comando da Comintern estava na prática concentrado dentro da "delegação do VKP(b) no CEIC", em outros termos, Molotov,

[1] HUBER, Peter. L'appareil du Komintern, 1926-1935 : premier aperçu. **Communisme**, Paris, n. 40-41, 4e trimestre 1994-1er trimestre 1995, p. 11-12; ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна. 1919–1943. Moscou: ROSSPEN, 1997, p. 152-154.

Piatnitski e Manuilsky, o qual às vezes pedia conselhos ao próprio Molotov, ao dirigente soviético Georgi Malenkov ou a Stalin em pessoa. Igualmente, reforçavam-se os pontos de contato entre a Comintern e a OGPU, a qual alocava seus agentes bem nos órgãos dirigentes da Internacional, bem como entre os quadros dos *Ländersekretariate*.[2]

Lenin buscava diferenciar a ação "revolucionária" da Comintern e a "diplomática" do Ministério (Comissariado do Povo) do Exterior, mas aos poucos o movimento comunista foi adaptando-se aos ditames da diplomacia soviética. A aparente dissonância entre o tom político radical e as relações externas realistas se explicaria pela ligação da linha da Comintern com a suspensão da NEP na URSS e a decorrente ruptura no VKP(b) e em todo o tecido social, diante da industrialização e da coletivização agrícola, que inclusive foram contemporâneas à comoção provocada pela crise mundial.[3] No entorno de Stalin, dominava a noção de que, se antes de tudo se deveria edificar o "socialismo em um só país", cabia às "seções nacionais" da Comintern blindar Moscou das ofensivas militares de "seus" imperialistas, pois somente dessa forma a revolução mundial, enquanto atitude defensiva, inevitavelmente vingaria. Na prática, portanto, os partidos convertiam-se em "guarda-fronteiras" estrangeiros da "pátria do socialismo".

O KPD e a situação da Alemanha eram o modelo pelo qual a Comintern teorizava o "terceiro período". Entre 1931 e 1932, parte da cúpula comunista alemã e o próprio Stalin chamavam de "erro esquerdista" centrar as críticas em Hitler, em quem viam mais avidez pela Europa Ocidental, permitindo à URSS construir livremente o socialismo, e menos risco do que nos trotskistas e socialistas, reais esteios do capitalismo financeiro. Nem por isso a tática "classe contra classe" escapava de ataques, sobretudo das bases, que eram exatamente acusadas pelo CEIC de não travarem a fundo o combate à social-democracia e ignorarem sua "fascistização". Além disso, Kevin McDermott e Jeremy Agnew recordam que a Comintern nunca deu uma explicação imutável e estática sobre o fascismo e, como outros observadores de época, viu-se confusa com um fenômeno, afinal de contas, inédito e multiforme.[4] No geral, essa linha arrasou os partidos, em especial os pequenos, mais dependentes de alianças para a atuação pública e, agora, prejudicados pela evasão de membros. Deter a revolução alemã e deixar a reação fascista e a ruína capitalista, supostamente, abrirem a via para a intervenção

---

[2] VAKSBERG, Arkadi. **Hôtel Lux:** Les partis frères au service de l'Internationale communiste. Paris: Fayard, 1993, p. 106-107; VATLIN, Aleksandr Iurievich. Коминтерн: идеи, решения, судьбы. Moscou: ROSSPEN: Fond Pervogo Prezidenta Rossii B.N. Ieltsina, 2009, p. 161-162.

[3] É a opinião, por exemplo, de PARIS, Robert. La tattica "classe contro classe". **Problemi di Storia dell'Internazionale Comunista.** Turim: Fondazione Luigi Einaudi, 1974 (separata), p. 181-182.

[4] **The Comintern:** a history of International Communism from Lenin to Stalin. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Macmillan, 1996, p. 109-113.

soviética poderiam ser, na visão de Robert Paris, um plano para proteger a industrialização acelerada ou mesmo evitar um apoio vindo de Berlim aos trotskistas soviéticos. Para o historiador, que amplia uma análise de Lenin, se o KPD triunfasse, a URSS pareceria, além de atrasada do ponto de vista "soviético" e socialista, reacionária do ponto de vista da "nova classe" aferrada aos privilégios em Moscou.[5]

Os últimos dois Plenos do CEIC, o XII e o XIII, são mais bem compreensíveis após a apresentação de toda essa conjuntura. De fato, no XII Pleno (agosto-setembro de 1932), houve muitas críticas à política radical em vigor e à noção de que um triunfo fascista poderia abrir o prelúdio à revolução socialista. Ainda que as resoluções finais reafirmassem a rejeição à social-democracia e as ações gerais já realizadas, em 1932 e 1933 o PC francês procurou conversar com os socialistas, atitude finalmente condenada pela Comintern. Contudo, até o fim de 1933, a tática de "frente única" foi na prática deixada ou limitada, mesmo que só nas intenções, à "frente única pela base", somente com os operários sem partido e social-democratas, sem suas direções e estruturas. Embora por vezes surgissem chances objetivas para se antagonizar essa política, o domínio das alas radicais permitiu a supressão da democracia interna remanescente nos partidos comunistas.

Otto Kuusinen levou três sessões lendo seu informe "Sobre a situação internacional e as tarefas das seções da Comintern" no XII Pleno do CEIC. Entre os principais tópicos já tradicionais entre os comunistas estão o agravamento das contradições imperialistas, o conflito entre os EUA e o Reino Unido por novos mercados, as desavenças na Europa quanto à divisão colonial e as rebeliões camponesas e nacionais nas colônias, das quais o Extremo Oriente, em particular a China que repelia os japoneses, ainda seria o principal exemplo. Mas no caso atual, se a conjuntura ainda não seria revolucionária no mundo avançado, a estabilização capitalista teria acabado, o que indicaria um notável passo rumo ao planejamento do ataque à URSS. Na América do Sul, cita-se a guerra entre o Paraguai e a Bolívia como uma evidente luta à distância por áreas de influência, enquanto a incineração de trigo nos EUA e de café no Brasil integrariam o esforço capitalista em reduzir a produção para conservar os preços e os lucros. É o primeiro pleno em que se menciona Stalin explicitamente como referência teórica, a saber, a respeito das contradições entre as potências capitalistas. Como tarefas maiores dos comunistas ao buscarem as massas, permanecem a *conquista da maioria da classe operária* para a "frente única a partir de baixo" e a luta contra a social-democracia, ainda destinada a receber os golpes principais, mas com o

[5] PARIS, Robert. La tattica "classe contro classe"..., *Op. cit.*, p. 183-185.

fascismo atraindo oposição permanente e igualmente sólida. Na verdade, Kuusinen mesmo parece indeciso quanto à essência e ao alcance do fenômeno fascista, mas sublinha que ele não é nem uma ferramenta, nem um indício de evolução do capitalismo, mas o mero "grupo de choque" (*kulak*) da grande burguesia para reprimir os proletários e manter seu domínio.[6]

Não há enormes diferenças no teor do informe e das teses adotadas sobre ele, mas evidenciam-se nas segundas a ampliação das diretivas para a maioria dos países europeus, ainda considerados o principal foco revolucionário, e a análise unitária da Índia e da América Latina, nesta havendo estorvo à aceleração da crise revolucionária (um processo que parece descrito como pouco espontâneo) devido à débil organização (*organizovannost*) do proletariado e da incipiência dos partidos comunistas. A Índia e a China sumarizam tudo o que se deveria fazer no mundo "colonial e semicolonial", às vezes mencionado em documentos sobre a América Latina ou somente o Brasil: agregar as massas em torno da luta nacional revolucionária contra os imperialistas, edificar os sovietes, derrotar o Guomindang chinês (talvez também estivessem implícitos o "tenentismo" e o "prestismo"), armar guerrilhas, sabotar impostos e decretos do governo, arrancar posses aos lacaios do imperialismo, não sair dos sindicatos reformistas, criar uma vasta frente anti-imperialista, salvar os camponeses das coações econômicas e defender a "revolução agrária". É igualmente curioso que, ao diferenciar fascistas e socialistas apenas pelo apego ao jogo parlamentar, "legal" e "democrático", evidencia-se a ausência de uma definição única do fascismo pela Comintern, tamanha é a variedade e rapidez de expansão do fenômeno, lacuna talvez preenchida pelo combate ao reformismo.[7]

Nessa direção, González Alberdi indica como a Comintern visava explicar o Brasil nos termos do que orientava a diplomacia soviética e como se esperava que o PCB agisse no decorrer dos eventos previstos. A mesma geopolítica guia dois delegados latino-americanos ao XII Pleno do CEIC, que comentaram as intervenções de Ernst Thälmann e Otto Kuusinen. O argentino Rodolfo Ghioldi ("Altobelli") destacou que o subcontinente tem espaço estratégico em uma eventual guerra mundial, pois em geral os países sobrevivem de uma só cultura mineral ou agrícola, portanto, dominando esse ramo, um ou outro imperialismo regeria o país inteiro. Os comunistas deviam imbricar as greves que estavam eclodindo na América Latina (possível referência aos eventos de maio de 1932 no Brasil)

---

[6] О международном положении и задачах секций Коминтерна. *In*: XII ПЛЕНУМ ИККИ: стенографический отчёт. T. 1. Moscou: Partizdat, 1933, p. 6 ss. Em nota no início da obra, a respeito do lançamento dos três tomos da coleção, indica-se que a maioria das intervenções foi abreviada para a economia de espaço.

[7] XII ПЛЕНУМ ИККИ..., *Op. cit.*, t. 3, p. 163-169.

contra a fome, o desemprego e a miséria à referida luta global, não se esquecendo de levantar demandas parciais, mas sempre politizando as mobilizações.[8] O mexicano Hernán Laborde ("González") consente em tudo com Ghioldi, inclusive quando diz que os comunistas britânicos e estadunidenses deveriam olhar mais para a América Latina, pois "seus" imperialistas aí agiriam prioritariamente, e que a fraqueza sofrida pelos partidos na região quanto a ideologia e organização deveria resolver-se sem mais tardar. Ele também exige diretrizes mais claras vindas dos órgãos superiores, ao criticar o uso sem critérios do termo "fascista" para nomear a política reacionária latino-americana.[9]

Em meados de 1932, Brandão escreveu um informe exaustivo, talvez destinado a ser traduzido para outros idiomas, sobre os protestos de trabalhadores, o balanço das forças políticas, a produtividade econômica, o tamanho da repressão e, sobretudo, o estado das greves, iniciativa maior da ofensiva operária naquele ano.[10] Relembrando a linha adotada no XI Pleno do CEIC, então o mais recente, Brandão lista as paralisações, sua geografia e duração, os setores afetados e as conquistas arrancadas, e enfim conclui que uma das principais missões do PCB deveria ter sido avançar com mais nitidez as exigências parciais e levar os protestos às últimas consequências, sem por isso radicalizar demais a prontidão a mobilizar-se. Ligada à questão sindical, a descrição dos grupos políticos rivais contém acusações de Brandão por avarias na ação reivindicatória: trotskistas (sempre mais pintados como o mal encarnado), "amarelos", anarquistas, chefes "pequeno-burgueses" e o Ministério do Trabalho, a serviço do patronato, estariam rompendo a organização autônoma, mas os comunistas também ainda tinham muito serviço pela frente. A educação ideológica das massas e a canalização dos movimentos rurais, de negros e povos nativos (ambos incluídos na "questão nacional"), desempregados, soldados, estudantes e detentos deveriam abrir caminho em situação objetivamente revolucionária, sem os exageros "esquerdistas", mas também fugindo dos "desvios de direita".[11] Tamanha inquietação com a vaga grevista e as demandas imediatas reflete-se em ainda mais dados arquivados em outras línguas sobre paralisações e

[8] XII ПЛЕНУМ ИККИ..., *Op. cit.*, t. 1, p. 186-189.
[9] XII ПЛЕНУМ ИККИ..., *Op. cit.*, t. 2, p. 51-55.
[10] BRANDÃO, Octavio. Os movimentos das massas laboriosas do Brasil. Moscou, 21 de agosto de 1932. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 59. L. 1-28.
[11] Em Moscou, fazem-se críticas à ambiguidade das palavras de ordem nos manifestos do PCB e ao desligamento de questões prementes e, sobretudo, dos padrões teóricos da Comintern, especialmente a luta pela "revolução agrária e anti-imperialista". Não há menção a uma autoria institucional ou pessoal, mas a maioria dos documentos da pasta foi redigida por Octavio Brandão. Cf. Remarques autour de 14 publications du PCB, de la JC, de la Commission féminine du PCB, du Comité des femmes travailleuses et du Comité des travailleurs de la Mer. 1.º de dezembro de 1932. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 59. L. 94-99.

rebeliões em vários estados, com estatísticas e localizações exatas, embora os objetivos de Brandão certamente carecessem de viabilidade.[12]

À Colônia Correcional de Dois Rios, na Ilha Grande (Rio de Janeiro), chegaram aos poucos vários presos comunistas nos últimos meses de 1932, entre os quais Heitor Ferreira Lima, José Caetano Machado, Roberto Morena e Leôncio Basbaum, onde conservaram em uma célula partidária interna os contatos e a organização. Em certo momento, chegou à mesma ilha Antônio Maciel Bonfim,[13] que no início de 1932 solicitara em carta ao CC em São Paulo a filiação no PCB, mas diante das afirmações desconexas, como a de uma prisão na Bahia, a fuga ao ser transferido, o contato com Prestes e a "atuação" na LAR de 1930, o comitê arquivara a demanda. Mais tarde chamado também de Adalberto Andrade Fernandes e, principalmente, de "Miranda", Bonfim era conversador, obteve rapidamente a confiança da maioria dos comunistas presos e escapou da ilha em fins de novembro com seus aliados que trabalhavam na olaria, sem esperar Ferreira Lima e Basbaum. Em dezembro, já no Rio de Janeiro, Miranda foi convidado pelo secretário-geral Domingos Braz a assessorar o CC, enquanto somente em dezembro de 1933 Basbaum seria libertado, e um ano depois, Ferreira Lima.

Em dezembro de 1932, findo o choque da rebelião paulista, González Alberdi fez publicar um artigo distribuído em três números de *La Correspondencia Internacional* ao começar 1933, corrigindo declarações do PCB e adequando-se ao que foi deliberado pelo XII Pleno do CEIC. Ainda se descreve o Brasil como país "semicolonial" de predomínio agrícola "semifeudal" e "semiescravista", designa-se a revolta de São Paulo como uma exasperação entre diversas facções "feudal-burguesas" e aponta-se um aumento dos diferendos entre nações latino-americanas, desfrutado pelo Reino Unido e pelos EUA para sanar as contradições entre si mesmos. Fora da lente binária de Octavio Brandão quanto aos latifúndios apoiados pelos britânicos e as indústrias, pelos estadunidenses, o bloco "feudal-burguês" formaria um mosaico de grupelhos defendendo distintos interesses econômicos, uns distantes do governo, outros em ascensão desde 1930. Tal embate se refletiria nas crises militares e políticas e impeliria governo e oposição a jogarem com o sustento de diversos imperialismos, enquanto múltiplas desavenças entre impérios capitalistas rivais provocariam

[12] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 59. L. 29-85, 100-112 (em francês), 113-117, 132-140 (em espanhol) e 159-169 (em russo).

[13] John W. F. Dulles, baseado no livro *A morte do sapateiro*, de Eduardo Maffei, escreve que Bonfim costumava chamar-se assim, mas que na realidade seu prenome seria *Américo* Maciel Bonfim. Cf. **O comunismo no Brasil, 1935-1945:** repressão em meio ao cataclismo mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 282 (parte I, capítulo 3, nota 11). Por sua vez, Marly A. G. Vianna nomeia-o Antônio *Manuel* Bonfim. Cf. **Revolucionários de 35:** sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 338.

conflitos locais com potencial de iniciarem uma nova guerra mundial. Nem sempre a brutalidade estaria ao alcance da burguesia, e para tapear as massas ela fundaria os partidos "socialistas" e radicais dos trânsfugas militares (encobertos pelo genérico nome de "tenentes") e demagogos civis, que atrairiam uma "pequena burguesia" propensa à "fascistização". Eles são comparados aos sociais-democratas "social-fascistas", cuja "ala esquerda" seria a mais perigosa, tal como o "trotskismo", flagelo no Brasil equiparado aos demais partidos reformistas. Os vínculos econômicos entre os capitalistas brasileiros e certos países, incluindo alguns nas fronteiras da URSS, moldaria o debate sobre de que lado o Brasil ficaria em uma guerra mundial vindoura, tida como certa, que traria uma inelutável intervenção conjunta contra Moscou, e sobre como a colaboração econômica e política local seria angariada para a trama imperialista.[14]

A Comintern não parecia errar totalmente ao falar em rivalidades interimperialistas, pois embora o Reino Unido, os EUA e a França tivessem passado em relativa tranquilidade econômica a maior parte da década de 1920, a Itália e a Alemanha, submetidas pelo sistema de Versalhes daquelas três potências, mergulharam no caos social após a guerra mundial. Em parte, o sucesso do fascismo e do nazismo deveu-se à retórica revanchista contra essa dita injustiça, e as democracias liberais não as viam como um risco tão premente quanto o bolchevismo, odiado também pela ultradireita e temido pela provada habilidade de ascender industrial e militarmente durante a crise mundial. Quanto mais Benito Mussolini e Adolf Hitler desafiavam os impérios coloniais, mais estes viam alguma necessidade de contemporizar com a URSS, gradualmente a inserindo na economia global e criando elos diplomáticos mais sólidos. Para tanto, valorizaram no movimento comunista os preceitos tecnocráticos e hierárquicos e a disposição para cumprir a qualquer instante, com maior ou menor eficácia, as ordens de Moscou.

O incêndio do Parlamento alemão em 27 de fevereiro de 1933, provocado por um holandês anônimo, foi usado pela propaganda do NSDAP, o partido nazista, para forjar uma provocação comunista e assim obter um álibi para lançar a perseguição ao KPD. Em 9 de março, o búlgaro Georgi Dimitrov, enviado do CEIC para atividades na Europa Ocidental, foi preso em Berlim com dois compatriotas comunistas, Vasil Tanev e Blagoi Popov, o que inspirou uma campanha mundial da Comintern para libertá-los, componente da gradual virada

[14] O trotskismo: Aos camaradas do Partido e a todos os trabalhadores conscientes. **A Classe Operaria**, 19 de junho de 1930; Contra a Constituinte dos ricos. **A Classe Operaria**, 15 de dezembro de 1931; GONZÁLEZ ALBERDI, P. Brasil: campo de grandes lutas armadas. **La Correspondencia Internacional**, 1933, n. 3, p. 38; n. 4, p. 59-60; n. 5, p. 75 apud CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982a, p. 130-143.

que colocaria o fascismo como inimigo principal. De setembro a dezembro, o julgamento dos três acendeu em vários países o alerta entre os democratas, enquanto o próprio Dimitrov conduziu sua defesa combativamente, com ampla divulgação pelos partidos comunistas e pela propaganda editorial que Willi Münzenberg compilou e financiou com esse fim.[15] Após o tribunal de Leipzig haver inocentado os búlgaros, Dimitrov retornou triunfalmente a Moscou em 27 de fevereiro de 1934 e encontrou-se alçado ao pedestal da luta antifascista, apesar de sua obscura carreira pregressa. Curiosamente, as atas do XIII Pleno do CEIC quase não têm menções ao processo.

Iniciado o governo Hitler, o KPD julgava que a desilusão das massas quanto ao SPD e à democracia em geral aceleraria a revolução na Alemanha. Contudo, em outros países, os partidos comunistas engajaram ainda em fevereiro e março de 1933 diálogos por conta própria. Em 3 de março, o CEIC publicou o apelo "Aos operários de todos os países!", primeira vez naquela década em que aceitava a possibilidade de as cúpulas colaborarem, e em prol da unidade operária, pediu a redução dos ataques à social-democracia pelos comunistas. De sua parte, Stalin já sentia alguma necessidade de redirecionar a Comintern para adequá-la às novas exigências da diplomacia soviética e limitar a expressão de opiniões pelos dirigentes nacionais sobre a política interna da URSS. Isso exigia ainda mais controle e coesão da Internacional, mas paradoxalmente, segundo Dominique Desanti, a disciplina excessiva privara os comunistas da capacidade de readaptação (*invention*), enquanto a diversidade de situações e as dificuldades de comunicação impediram o envio rápido de ordens e informações e, assim, a rotina conservou-se por inércia. Isso poderia explicar por que a Comintern seguiu subestimando o nazismo, mas os movimentos de massa já o enfrentavam corpo a corpo.[16] E foram justamente os atentados à democracia e ao proletariado na Europa Ocidental e o crescente prestígio da União Soviética, de Stalin e de uma construção socialista resiliente à crise capitalista mundial que formaram condições para a resistência internacional contra o fascismo.[17]

Antes de 1933, a extrema-direita já comandava boa parte da Europa, mas o triunfo de Hitler foi especialmente danoso ao comunismo e às esquerdas em geral, pois esmagou

---

[15] Para relatos mais ou menos completos do percurso político de Dimitrov, cf. as introduções a duas traduções de seus diários: THE DIARY of Georgi Dimitrov, 1933-1949. Introduced and edited by Ivo Banac. New Haven; London: Yale University Press, 2003; GEORGI Dimitrov: Journal, 1933-1949. Version intégrale introduite et annotée par Gaël Moullec. Paris: Belin, 2005. Para informações sobre o trabalho de Münzenberg na propaganda pró-Dimitrov, cf. os textos de Jean-Michel Palmier, Stéphane Courtois, Rolf Surmann, Yves Santamaria e Gilles Vergnon em WILLI Münzenberg, un homme contre: actes, colloque international, 26-29 mars 1992, Aix-en-Provence. [Montreuil]: Le Temps des Cerises, 1993.

[16] **L'Internationale communiste.** Paris: Payot, 1970, p. 195-196.

[17] *Ibid.*, p. 200.

juntos o KPD, maior seção da Comintern fora da URSS, e o SPD, o mais influente partido socialista europeu. Em novembro e dezembro de 1933, o XIII Pleno do CEIC precisou fazer um balanço dos tristes resultados dos últimos anos, coroados com a vitória do nazismo, e Otto Kuusinen destacou o fascismo em seu informe, mas insistia que os reformistas ainda mereciam o golpe central. Não mudaram as teses macroeconômicas e geopolíticas, mas o finlandês destaca a falta cada vez maior de mercados disponíveis para o imperialismo, o que agravaria, portanto, as contradições entre as potências, cuja produção industrial, a despeito da crise, só pôde crescer em razão de gastos bélicos improdutivos.[18] Tal incremento teria relação com a solução do escoamento mercantil paralisado, isto é, o ataque capitalista à URSS, cuja diplomacia, portanto, seria a única sinceramente pacifista e deveria ser resguardada pelos partidos comunistas. No caso alemão, Kuusinen ainda atribui papéis complementares ao fascismo e à social-democracia, o primeiro executando a repressão direta e a segunda iludindo o proletariado quanto à perfeição do mundo burguês, mas aceitava uma necessária distinção entre o apoio de massas ao NSDAP e o serviço que ele prestava ao grande capital. O informante traz inclusive um trecho das teses muito parecido com a definição do jugo fascista que Dimitrov daria no VII Congresso da Comintern, em 1935: "*a ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro*".[19] A conclusão da parte III fecha taxativamente a questão:

> "É falso que a vitória do fascismo seja uma etapa inevitável rumo à revolução proletária em todos os países capitalistas. Mas o fascismo é tanto mais perigoso quanto mais forte for a influência social-democrata sobre as massas. Por isso, vencer o combate ao fascismo e à guerra exige de todas as seções da Internacional Comunista reforçar o trabalho de reconquistar os operários da influência dos partidos social-democratas."[20]

Kuusinen pouco fala das "insurreições camponesas" comprovando "o aguçamento da crise agrária nos países capitalistas, sem falar nas semicolônias e colônias, como China, Índia, países da América do Sul etc.", elogia a "luta nacional-libertadora dos povos coloniais e dependentes" em evolução e descreve o descompasso da ebulição revolucionária entre os países (conforme a "teoria da revolução por etapas"), a qual, todavia, não se deveria ter por

---

[18] Фашизм, опасность войны и задачи коммунистических партий [O fascismo, o perigo da guerra e as tarefas dos partidos comunistas]. *In*: XIII ПЛЕНУМ ИККИ: стенографический отчёт. Moscou: Partizdat, 1934, p. 4-30. Uma observação na folha de rosto pode estar indicando uma reimpressão feita em 1936, possivelmente com alguma correção, e em nota inicial a redação informa, entre outras coisas, que além de os discursos terem sido abreviados para caberem no livro, boa parte das traduções buscou antes a precisão (em prejuízo da bela forma, presume-se) devido ao prazo reduzido para edição.

[19] Фашизм, опасность войны..., *Op. cit.*, p. 19 (grifo no original).

[20] *Ibid.*, p. 22.

automática, mas a ser ampliada pelos partidos.[21] As teses adotadas sobre esse informe aprovam as análises sobre o movimento comunista internacional, o contexto mundial e sua ligação com os avanços da URSS, apresentando ainda como diretrizes solucionar os entraves organizativos crônicos, incursionar nas empresas e entre camponeses, desempregados, mulheres e jovens, dar atenção à ação clandestina e à formação ideológica e de quadros e extinguir o "oportunismo" (rótulo que parece haver absorvido os "desvios de direita").[22]

Após muita discussão e fortes críticas dos delegados à linha em vigor, as teses finais serão um tanto diferentes do informe de Kuusinen, notavelmente quando se lê que fascismo e social-democracia não são mais tidos por meros "irmãos gêmeos", como queria Stalin, mas o primeiro é visto como uma fase "não inevitável" na via de "fascistização da burguesia" (e não mais da revolução, como queria Kuusinen), enquanto a escolha entre um falso parlamentarismo e uma ditadura aberta é considerada um indício de discórdia entre esses burgueses que rumam à "fascistização". A social-democracia (parlamentos) e o fascismo (ditadura aberta) não seriam simples sistemas intercambiáveis; nas teses, "ditadura fascista" consta como termo próprio, e jamais como subdivisão da "ditadura burguesa", enquanto as diretrizes para se atacar o fascismo são mais numerosas e claras do que as contrárias ao reformismo, o exato contrário do referido informe. Aparece na lista o "fascismo" *tout court*, e não a mera "ideologia fascista" a que Kuusinen aludia o tempo todo.[23]

Eugenia Scarzanella destaca que até refinarem sua atenção ao fascismo e à guerra, os comunistas chamavam indistintamente muitos governos latino-americanos de "fascistas", "praticantes de uma política fascista" ou "em vias de fascistização". Por volta de 1932, aos poucos o fascismo começou a ser reputado um fenômeno europeu, italiano em especial, embora se admitisse haver intentos de "fascistização" dos regimes na América Latina, e enfim se corrigiu no XIII Pleno do CEIC e no VII Congresso da IC a assimilação de toda política de terror ou reação com o fascismo *tout court*. Conforme a historiadora italiana, essa deficiência analítica revela a dificuldade dos comunistas latino-americanos em estudar com exatidão a realidade social e política de seus países.[24]

Como efeito, Orestes Ghioldi ("Morales") representou os argentinos no XIII Pleno do CEIC nesse tom, mas tratou do comunismo na América Latina em geral. Quanto à análise dos choques interimperialistas, a única novidade é a alusão aos japoneses, que para

---

[21] *Ibid.*, p. 23-25.
[22] *Ibid.*, p. 589-595.
[23] XIII ПЛЕНУМ ИККИ..., *Op. cit.*, p. 589-593.
[24] L'America latina nei dibattiti e nella stampa dell'Internazionale Comunista (1928-1935). **Storia contemporanea**, Bolonha, ano XV, n. 1, p. 48-49, febbraio 1984.

assegurarem provisões visando à intervenção contra a URSS, teriam assinado acordos com o Peru. O trecho mais interessante é sua anuência com Togliatti, para quem nem todo grupo reacionário nos países "coloniais e semicoloniais" seria um "movimento fascista" e nem toda ditadura terrorista, uma "ditadura fascista". Porém, Ghioldi julga que as teses deveriam ser mais específicas quanto ao fenômeno da "fascistização" na América Latina, onde Hitler e Mussolini estariam ganhando muitos simpatizantes e inspirando facções com terror, métodos e demagogia similares. Essas "organizações de tipo fascista" deveriam ser o alvo central, e de fato "Morales" sequer fala em "desvios de direita" nem busca variantes nativas do "social-fascismo", parecendo mais inquieto com a extrema-direita do que os burocratas soviéticos, começando por Otto Kuusinen.[25]

3.2. As mudanças políticas e o movimento antifascista no Brasil

Finda a crise mundial de 1929-33, a posição dos EUA no comércio exterior latino-americano ultrapassou amplamente a do Reino Unido, enquanto as consequências da depressão atingiram as populações da América Latina, com força maior ou menor dependendo do estrato social e da esfera econômica e com desemprego, ebulição social, queda da qualidade de vida etc. mais ou menos vigorosos. Nações agroexportadoras, como o Brasil, controlaram o choque social da demanda e preços menores ao açambarcarem os excedentes da produção interna.[26] O processo de reconstitucionalização do Brasil terminou dispersando o "tenentismo" como grupo organizado, após sucessivos interventores ligados a ele fracassarem nos cargos e, fortalecidas, as elites regionais obterem a maioria dos deputados da Assembleia Nacional Constituinte eleita em maio de 1933. A votação opôs variados partidos e ampla presença popular.

Desgastado o "tenentismo" no início da década e triunfando as oligarquias locais no pleito legislativo federal em 1933 e nos estaduais em 1934, Vargas teve de compor com as elites dos estados, algo visível desde o início, pois face às divisões locais, ele manobrava habilmente entre interesses. Com os oligarcas estaduais, Vargas compactuou a partir de 1933-34, mas não passivamente, o que lhe permitiu manipular as discórdias entre eles e negociar na surdina com as elites mais resilientes para consolidar o golpe em 1937. As classes dominantes também tentaram atrair as massas para confirmá-las nas urnas, enquanto Vargas sancionava medidas abrangentes, como o sistema trabalhista, ambos com a meta principal de limitar o papel dos pobres nas esferas efetivas de decisão. Sob a vigência da nova Constituição, a prova

[25] XIII ПЛЕНУМ ИККИ..., *Op. cit.*, p. 486-489.
[26] LARIN, Ie. A. Латинская Америка в межвоенный период: некоторые тенденции экономического и политического развития. // Латиноамериканский исторический алманах, Moscou, n. 1, p. 10-13, 2000.

das eleições parlamentares federais e das constituintes estaduais (14 de outubro) agudizou entre outubro e dezembro de 1934 a cena política, com diversas forças da direita à esquerda criticando as medidas de Vargas ou a consolidação de sua legislação sindical. Apesar dos progressos na lei eleitoral, as pressões oligárquicas deram uma feição essencialmente conservadora e federalista à Carta promulgada em 16 de julho de 1934, que inovava, por sua vez, em direitos individuais, amparo social e nacionalização econômica. Firmando o novo trato oligárquico, no mesmo dia o Colégio Eleitoral escolheu o próprio Getúlio Vargas como presidente constitucional, o que parecia remendar as maiores fissuras políticas do Brasil.

A "esperança no cavaleiro" Luiz Carlos Prestes também ressurgia entre quem se desiludiu com o desfecho da "revolução" da Aliança Liberal, após o entusiasmo no fim do velho regime e a insatisfação inicial com a radicalização do ex-capitão e sua adesão ao bolchevismo. De fato, se o abrangente ideário liberal-democrático entrava em grave crise, nada mais lógico do que ver na URSS a aurora dos tempos futuros, e no chefe da antiga Coluna Invicta, um de seus arautos. Mas o renascimento do mito exige explicações mais complexas do que a simples correlação entre Prestes, comunismo e rejeição a Vargas, pois o carisma de que ele desfrutava ultrapassava sua adesão ideológica presente ou passada (ou talvez até seus atos concretos), e ele enfim convergiria, na metade da década, na temática *antifascista*.

Os brasileiros enviavam a Moscou basicamente más notícias: militância escassa, fraqueza organizativa e teórica, instabilidade na composição dos membros, distanciamento das bases operárias, campesinato ausente, dispersão entre os exíguos núcleos separados pelo país e muitas censuras feitas pelos soviéticos. Os textos informativos mandados para ou redigidos na URSS sobre a conjuntura brasileira durante o ano de 1933 não somente repetem deduções anteriores, mas também exprimem vasta preocupação com todos os outros grupos de esquerda, radicais ou reformistas, mais até do que com organizações reacionárias ou direitistas.[27] O PCB fez críticas compreensíveis às eleições de 1933 e 1934, pois forças

[27] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 67 ("Informes sobre a situação no Brasil e a atuação dos partidos comunistas"). Destaca-se uma análise exaustiva sobre "Os partidos no Brasil", repartidos nos três "campos" da "reação" (direita, extrema-direita e conservadores), da "revolução" (o PCB) e dos grupos "pequeno-burgueses" que integram o resto da esquerda. Cf. L. 105-145 (em russo) e 188-203 (uma aparente tradução francesa encurtada). Os partidos "de tipo fascista", incluindo o integralista, são mencionados em L. 133-135 e 199-200. A AIB é considerada mais como partido "burguês e pequeno-burguês", com predomínio de intelectuais, mais ou menos decalcado nos núcleos nazistas enquistados na imigração alemã, do que como a força anticomunista retratada a partir de 1934. Quanto à propaganda, um esboço de panfleto sugerido para discussão e difusão pelo PCB, talvez reenviado do SLA/IC para o BSA/IC, reforça a noção das demais "esquerdas" como "enganadoras do proletariado", e das exigências parciais como obrigação comunista. Cf. Trabalhadores! Reforçai a vossa luta contra a crise e a miséria, não vos deixeis iludir pelas manobras de "esquerda", reforçai o Partido Comunista! [*S. l.*], 19 de janeiro de 1933. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 67. L. 212-221.

políticas variadas rejeitavam o governo Vargas e a nova Constituição, mas era usualmente exagerado o cenário de caos social que ele mostrava à Comintern.[28] Mas em fins de 1933, a própria Internacional estava paralisada e confusa com o crescimento do nazismo e da crescente caça aos comunistas em vários países, pois seu atrelamento à razão de Estado soviética enfraquecia-a como entidade autônoma. Por isso, como argumenta Pierre Broué, na atuação e na orientação política, os partidos comunistas não se faziam "reformistas" ou "revolucionários", mas simplesmente "stalinistas", conformes a como Stalin raciocinava no momento. Privado de militância e de votos pela tática ultrarradical e pela repressão policial reforçada, o comunismo mundial só se legitimava na Europa enquanto o relato da "edificação socialista" na URSS se mantivesse atraente.[29]

Com as revoltas da ultradireita na Áustria (janeiro de 1934) e na França (6 de fevereiro), Stalin de algum modo notava que não poderia conservar os soviéticos totalmente isolados do mundo e incônscios da ameaça nazista. Nesse sentido, a URSS foi aceita na Liga das Nações em setembro de 1934, mas no XVII Congresso do VKP(b) (janeiro-fevereiro de 1934) o líder insistiu no "perigo da guerra" e de um ataque militar vindo dos países capitalistas. Surpreso com a mobilização antifascista na França já em fevereiro de 1934, Dimitrov teceu contatos com Stalin para buscar convencê-lo da premente mudança, mesmo sem deixar no fundo toda a linha adotada no VI Congresso da Comintern, mas o líder relutou por muito tempo. Em março e abril, talvez não muito satisfeito com Manuilsky, sugeriu a Dimitrov que se tornasse "secretário-geral" da Comintern, cargo criado *ad hoc*, e deu-lhe liberdade para modificar as diretrizes do organismo. O búlgaro desfrutava de seu renome como militante antifascista, na verdade muito amplificado de forma instrumental pelo Kremlin, para transitar pela alta cúpula do VKP(b) e da Comintern e corresponder-se com Stalin para gestarem a nova tática entre abril e julho de 1934. Somente no começo de julho o consentimento de Stalin pareceu garantido, o que permitiu a Dimitrov obter total apoio de Manuilsky na preparação do VII Congresso da Comintern, que estava marcado para o outono de 1934. Entretanto, vários líderes comunistas, entre os quais os húngaros Béla Kun e Jenő Varga, mostraram oposição, o que impeliu o Presidium do CEIC, em 5 de setembro de 1934, a adiar a convocação ao congresso para 1935. Na França, o enviado Eugen Fried encabeçou os arranjos que em 1934 finalmente confluíram no lema pelo "*Front populaire pour le pain, la paix, la liberté*", que com algumas adequações ressoou também pelo Brasil, onde em 1935 o

[28] Para uma crítica do CC comunista às eleições de 1934 e uma longa exposição programática, cf. A posição do P.C.B. frente às eleições. **A Classe Operaria**, 23 de agosto de 1934 apud CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943)...**, *Op. cit.*, p. 143-159.

[29] **História da Internacional Comunista (1919-1943).** T. 1. São Paulo: Sundermann, 2007, p. 688.

clima unitário exigia "pão, terra e liberdade". O ano de 1934, turbulento e incomum, não tirou de Stalin a palavra final sobre qualquer assunto na Comintern e na URSS, mas os "reformadores" da Internacional conseguiram um momento raro de relativa liberdade para inventarem e locomoverem-se. Mas a partir de 1935, quando a linha de "frentes populares" seria testada nos contextos nacionais, tudo já fora atrelado aos ditames da diplomacia soviética – por mais que a "virada" tática não decorresse mecanicamente da tímida abertura do Kremlin ao exterior –, sobretudo na Espanha e na França, com espasmos frentistas mais fortes. Manuilsky manejava os bastidores, ouvindo Stalin e mudando o pessoal, mas em 29 de abril de 1934 Dimitrov também obteve assento no Secretariado Político do CEIC e em sua Comissão Política.[30]

No primeiro semestre de 1933, a escalada do Japão e da Alemanha tornara o fascismo um desafio internacional, e o avanço da Ação Integralista Brasileira (AIB) trazia o tema para a cena nacional. Essa conjuntura originou a Frente Única Antifascista (FUA), plano que maturou de fevereiro a junho de 1933 nas conversas entre a Liga Comunista (trotskista) e o PSB paulista visando formar uma frente única antifascista das esquerdas paulistas. A FUA finalmente apareceu em 25 de junho de 1933 na cidade de São Paulo, em encontro liderado por Francesco Frola, antifascista de família italiana com célebre atuação entre a população italiana da capital, disposto a chamar o PCB para aderir à frente. Os fundadores e adeptos da FUA vinham de um vasto espectro incluindo a esquerda "tenentista", socialistas e trotskistas, com apoio político, mas sem inscrição, dos anarquistas, e a recusa comunista em entrar, mesmo que o CR paulista, com postura crítica, se aliasse em certos momentos, sobretudo no final de 1933. Embora o jornal *O Homem Livre*, um dos maiores sustentos da FUA, anunciasse o fascismo como seu alvo principal, o tema não era consensual entre as esquerdas, pois a Liga Comunista Internacionalista (LCI),[31] trotskista, atacava o PCB, cuja importância reconhecia para a luta antifascista, dada a linha da Comintern de não empreender um embate frontal contra o fascismo. Além do jornal, a FUA realizava demonstrações públicas e sabia da centralidade da propaganda e da ocupação do terreno público para a atuação fascista, e por isso sempre tentava reunir comícios de oposição na mesma hora e local dos integralistas. A FUA praticamente cessou sua existência de fevereiro (último número de *O Homem Livre*) a

[30] Uma análise do sistema de enviados (ou emissários) da Comintern e da viragem dos comunistas franceses rumo às "frentes populares" e uma biografia completa de Fried encontram-se em KRIEGEL, Annie; COURTOIS, Stéphane. **Eugen Fried:** Le grand secret du PCF. Paris: Seuil, 1997.

[31] A LC (Liga Comunista) surgiu dentro do PCB em 1931 como "oposição de esquerda" representando as ideias de Leon Trotsky contra Stalin. Constituída em partido independente em 1934, renomeou-se LCI (Liga Comunista Internacionalista) e agregou outros dissidentes da Comintern.

outubro (choque com integralistas na Praça da Sé paulistana) de 1934, embora no último trimestre a marcha da união das esquerdas ganhasse velocidade.[32]

O novo Birô Político eleito em uma conferência de reorganização em janeiro de 1934 compunha-se de "Miranda", que substituía Lauro Reginaldo da Rocha (o "Bangu", que permanecia no órgão) como secretário-geral por razões de saúde, Honório de Freitas Guimarães ("Martins"), Adelino Deícola dos Santos ("Tampinha"), Mário Grazini, Fernando de Lacerda, Ferreira Lima, José Medina, Corifeu de Azevedo Marques e Guilherme Macário Yolles,[33] enviado e instrutor do BSA/IC no CC do PCB e aliado de Guralski. Como líder, "Miranda" exagerou no baluartismo ideológico e superestimava toda ebulição operária, militar ou mesmo o cangaço, sempre tendo a luta armada como perspectiva. Sem poder realizar um congresso, o PCB convocou sua I Conferência Nacional (e não apenas do "CC ampliado", como no fim de 1930), reunida de 8 a 16 de julho de 1934, quando se leram informes triunfalistas, mas revelou-se nas entrelinhas o fraco enraizamento no proletariado e a ausência de células comunistas nas grandes empresas. O manifesto do conclave, publicado em *A Classe Operaria* de 1.º de agosto, convocava os trabalhadores a uma "ampla frente única" visando derrubar pela "luta armada" o jugo capitalista, embora não houvesse qualquer preparação para essa luta.[34] Também foram selecionados na ocasião os delegados para o VII Congresso da Comintern: "Miranda", "Bangu", José Caetano Machado (como "Alencar" e "Almeida"), Elias Reinaldo da Silva (como "André" e "Souza") e Valduvino Barbosa Loureiro (como "Marques"), saindo para Moscou entre agosto e setembro de 1934. Fernando de Lacerda, cuidando da saúde,[35] "Marques" e "André", ambos atuando na Comintern, continuariam na cidade quando ocorreu o congresso propriamente dito (julho-agosto de 1935), enquanto os outros partiriam da URSS no fim de 1934.

Em 7 de outubro de 1934, os integralistas reuniram-se na Praça da Sé, no centro de São Paulo capital, para celebrarem com desfiles ao ar livre o segundo aniversário da AIB. Bem no mesmo horário, a FUA chamou todas as forças que giravam em torno dela para

---

[32] Para uma história da FUA e do movimento antifascista brasileiro na década de 1930, cf. CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 354-388, dezembro 2002; *Id.* A Frente Única Antifascista (1933-1934). *In*: FERREIRA, Jorge Luís; REIS, Daniel Aarão (org.). **As esquerdas no Brasil.** V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 429-451.

[33] Esta é a forma difundida na bibliografia brasileira, mas Jan Jolles (nome verdadeiro) supostamente também usaria "Guillermo Macario Jolles". Cf. JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943:** diccionario biográfico. Santiago do Chile: Ariadna, 2015, p. 315.

[34] Apud CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943)...**, *Op. cit.*, p. 159-171.

[35] Informação fornecida por PRESTES, Anita Leocadia. A Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe e os levantes de novembro de 1935 no Brasil. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, n. 22, p. 134, nota 10, maio 2006.

dispersarem o encontro, em uma contramanifestação violenta que ficou conhecida como a "batalha da Praça da Sé". Também chamado pelas esquerdas de "revoada dos galinhas-verdes", em referência ao apelido "camisas-verdes" adotado pelos próprios integralistas, o conflito marcou um ponto de inflexão crucial do antifascismo brasileiro na primeira metade da década. Ele conseguiu unir todos os grupos antifascistas pela primeira vez em uma grande capital e em um mesmo espaço, mesmo sem uma liderança totalmente centralizada, e exemplificou a luta antifascista e contra o lado reacionário do governo Vargas. Contudo, com o afastamento precoce do PCB e a saída da LC, que não a conseguira transformar por dentro, mesmo antes da "batalha da Praça da Sé", a FUA já estava enfraquecida. Assemelhada de certa forma à tática falida da Comintern sobre a "frente única pela base", também não se adequava à polarização e à gravidade da conjuntura e da repressão mundiais, nas quais a futura ANL, muito mais ampla, se encaixaria melhor.[36]

Secretário da FUA e militante trotskista, Fúlvio Abramo escreve em 1984 que o PCB, na década de 1930, praticamente teria se entregado à estrutura sindical corporativista de Vargas, instigado os trabalhadores a apoiarem o "capital progressista nacional" e "liquidado" a frente antifascista em prol da ANL "colaboracionista" de classes. Ele critica quem vê na FUA uma precursora da ANL, pois pensa que na verdade "foi a sua antítese e a sua, e também própria, malfadada coveira". Abramo é taxativo ao culpar o stalinismo, durante a vigência do "terceiro período", pela ajuda na ascensão do fascismo, além da "tendência e posições colaboracionistas" com fortes raízes na social-democracia, e pela destruição dos restos da democracia dentro da URSS. Em seu entender, a política de "frente popular", na sequência, é apenas uma conciliação de classes que teria impedido o avanço operário, como foi o caso da aliança dos comunistas chineses com o Guomindang.[37] Mas na prática, prossegue Abramo, boa parte das bases ignorou as ordens superiores e seguiu atuando na FUA, combatendo o fascismo junto a outras correntes estigmatizadas pela Comintern. Os fascistas teriam justamente ganhado força devido à desunião entre partidos de esquerda legais e ilegais na frente, e todas as vezes em que o PCB tentava chamar comícios sozinho, terminavam em fracasso. Esses reveses puseram Hermínio Sacchetta, então secretário do CR paulista e

[36] Várias testemunhas oculares redigiram relatos memorialísticos sobre o conflito na capital paulista, um dos mais completos deles, escrito em 1984, tendo sido reeditado junto com outros materiais que ajudam a entender o contexto histórico. Cf. ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes:** uma história da luta contra o fascismo no Brasil. São Paulo: Veneta, 2014.

[37] **A revoada dos galinhas verdes...**, *Op. cit.*, p. 15, 18 e 20.

desejoso de reaproximar-se do operariado, em rota de colisão com o CC comandado por "Miranda", que proibia qualquer companhia com os trotskistas.[38]

3.3. O sobressalto da "III Conferência Comunista Latino-Americana"

Enquanto o nascimento de uma frente popular antifascista e anti-imperialista realizava-se dentro da dinâmica sociopolítica brasileira, os delegados do PCB seguiam rumo ao VII Congresso da Comintern, que deveria confirmar essa tática entre os comunistas de maneira geral. Porém, não foram avisados a tempo que se decidira em setembro adiar o encontro para meados de 1935, e como várias delegações latino-americanas já estavam na URSS e as reuniões regionais não puderam ser remarcadas, o CEIC decidiu aproveitar para realizar, de 16 a 28 de setembro de 1934, uma "III Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e Central". O título é mencionado na respectiva documentação arquivística,[39] mas não se desenha qualquer ligação orgânica com as conferências de 1929 e 1930, a segunda sendo ainda menos claramente reconhecida como tal. Conforme os relatos memorialísticos e o pouco material publicado pela Comintern à época, os delegados foram escolhidos conforme sua lealdade à tática de "classe contra classe" e debateu-se a gradual alteração da política comunista rumo à colaboração com os sociais-democratas para formar frentes antifascistas. A importância do evento é ligada aos fatos de, como quase todo o CEIC já via a virada como inevitável e aceitava as frentes antifascistas, haver-se procurado chamar os representantes presentes à mudança; de seus partidos estarem relutando de modo geral a retomar a política de "frente única", a qual nunca foi, na verdade, completamente amadurecida; e de August Guralski haver sido então removido da coordenação do BSA/IC, um claro sinal ideológico. A grande fraqueza era que, diante do turbilhão de transformações, a Comintern tendia a acatar passivamente qualquer informação de todas as delegações, o que ocorreu exatamente com o PCB.

Todos os brasileiros que partiram com o VII Congresso da Comintern em mente compareceram à "III Conferência Comunista Latino-Americana", junto a Luiz Carlos Prestes ("Fernandes") e Octavio Brandão, residentes em Moscou, mas segundo Dominique Desanti,[40] além dos latino-americanos (entre eles o peruano Eudocio Ravines, cujo livro *La gran estafa* constitui o primeiro relato conhecido do evento), também estavam Earl Browder (EUA), Maurice Thorez e Raymon Guyot (França) e, representando a cúpula mundial, Dimitrov,

[38] *Ibid.*, p. 50-51 e 62-63.
[39] Cf. RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 80 ("Resolução da III Conferência dos Partidos Comunistas dos Países Latino-Americanos"); RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 211, 213-216 e 216a (material informativo, atas e resoluções); RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 22-24 (atas).
[40] **L'Internationale communiste.** Paris: Payot, 1970, p. 216.

Manuilsky, Kuusinen, Vasil Kolarov, Ho Chi Minh, Wilhelm Pieck, Klement Gottwald, Palmiro Togliatti e Wang Ming. Duas questões relacionadas ao Brasil sempre foram alvo de grande polêmica antes de os arquivos de Moscou tornarem-se acessíveis ao público geral. A primeira concerne às exposições feitas por "Miranda", repetindo as ideias da conferência nacional, isto é, a maturidade das condições para uma rebelião operária e camponesa total, visão considerada inteiramente fantasiosa e com a qual o secretário-geral visaria escalar a hierarquia partidária dizendo ao CEIC o que lhe agradava ouvir.[41] Mesmo os colegas saberiam do enorme exagero, impulsionado por sua loquacidade e fluência na língua francesa, e somente "André" teria nervosamente refutado os dados de Miranda, o que o teria jogado na suspeita da Comintern. A segunda questão dividiria os delegados em dois grandes grupos: Dimitrov, ladeado por Thorez, queria aplicar as "frentes populares" em toda a América Latina; Manuilsky e Prestes, este mesmo ludibriado por Miranda, julgavam viável nos países "semicoloniais" apenas a insurreição armada. Teria havido uma conclusão de compromisso, sendo a "frente popular" aconselhada ao Chile, mas o levante em armas ao Brasil, o que por muitos anos se considerou o móvel das quarteladas de novembro de 1935.[42] Também é comum ligar a volta de Prestes ao Brasil a uma ordem nessa conferência para que ele lançasse a rebelião, mas autores baseados em vasta documentação e o próprio Prestes em depoimentos[43] dizem que não houve ordens nessa direção. Impressionado com a conjuntura, *o próprio ex-capitão* teria decidido retornar querendo liderar os combates, e ainda assim sob a resistência de Manuilsky e dos brasileiros, que temiam por sua segurança.

A III Conferência Comunista Latino-Americana baseou-se em farto material sobre a situação econômica, política, demográfica e social da região, traduzida em números, relatos, descrições, balanços, esboços de diretivas e de discursos e projetos de teses.[44] Algo até então inédito, negros e povos nativos são densamente citados nos materiais, em análises específicas para diversos países, sua ligação à "questão nacional" mais ampla (imigrantes europeus e asiáticos, legados à "exploração econômica", aí incluídos) – com o direito à "autodeterminação" como bandeira principal – e a união dos problemas indígena e agrário, embora os informantes não vissem tal laço como mais determinante do que o impulso à

[41] Assim pensa Anita Leocadia Prestes. Cf. A Conferência dos Partidos Comunistas..., *Op. cit.*, p. 134-135; *Id.* **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora:** os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35). São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 75-76.

[42] É a opinião, por exemplo, de Dominique Desanti. Cf. **L'Internationale communiste...**, *Op. cit.*, p. 216 e 278.

[43] VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35...**, *Op. cit.*, p. 342; PRESTES, Anita Leocadia. A Conferência dos Partidos Comunistas..., *Op. cit.*, p. 156; REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes:** um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 167; PRESTES, Anita Leocadia. **Luiz Carlos Prestes:** um comunista brasileiro. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 156-157.

[44] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 211 ("Material informativo para a conferência latino-americana").

emancipação classista.[45] Vários delegados mostraram-se mais ou menos favoráveis ao informe inicial de Rodolfo Ghioldi ("Altobelli"), lido em 16 de setembro de 1934, e até o dia seguinte eles assumiam as falhas no trabalho partidário e tentavam descrever as realidades nacionais dentro do molde "classe contra classe": pauperização operária, esquerdas moderadas com função "social-fascista" e governos autoritários tendendo à "fascistização" em prol dos monopólios internacionais.[46] Miranda fez seu informe sob o pseudônimo "Queiroz", logo impressionando ao dizer que estaria havendo uma explosão revolucionária no Brasil, com cada vez mais greves, e que o PCB estaria todo reestruturado conforme as células de empresa e deixado a condição de seita "separatista":

> "O partido brasileiro não é mais o velho partido sectário, notável pela apartação [*separatizm*] e totalmente isolado das massas. Agora todos os líderes partidários, em particular os membros do Secretariado e do Birô Político, são pessoas de amplas ligações com as massas, e atraem essas massas para o partido.
> "O partido não consiste mais de pequenos grupelhos ou mesmo de pequenas células de rua, mas é agora uma organização conforme ao princípio industrial, com células nas empresas. [...]
> "Atualmente, a quantidade de greves no Brasil já não cabe nos dedos. Já não se pode falar nem mesmo em quantas greves realizam-se no curso de uma semana. Essas também não se contam nos dedos. Elas abundam e espalham-se muito rápido. [...]"[47]

Lutas armadas em todas as regiões estariam ocorrendo o tempo todo, com a adesão inclusive de soldados, e não somente contra o governo central, mas também no campo, algo supostamente similar ao resto da América Latina. O imperialismo japonês, na forma de "grupos organizados", estaria adentrando o país sob a máscara de empregados industriais, e o fascismo crescia, por meio do integralismo e da agregação militar e política ao redor do general Góis Monteiro, ministro da Guerra de Getúlio Vargas. E apesar da presumida descrença generalizada nos esforços do governo em sanar a situação, tanto no Sul quanto no Nordeste, "O partido não soube adentrar no seio dessas massas necessitadas, e ocorreu de outros grupos políticos estarem aptos a reger o humor das massas"; "Nossa tarefa consiste em atrair essas massas miseráveis"; "Passados quatro anos de seca, não aproveitamos em nada

[45] Sobre as questões negra, indígena e nacional, cf. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 211. L. 97-139 (exatamente sobre o Brasil) e 163-239 (L. 233-239 para a questão negra no Brasil). À exceção de diferenças históricas e na composição dos diversos povos que aí viviam, não há mudanças nas diretrizes gerais.
[46] RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 213 ("Atas da Conferência Latino-Americana em Moscou, parte 1"); RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 22 ("Atas da III Conferência da América do Sul e Central, parte 1").
[47] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 150.

essa situação".[48] Mas a agitação continuaria, pois segundo Miranda, os incontáveis golpes militares e manobras demagógicas não bastariam mais para enganar o povo pobre:

> "Eis a pobreza do Nordeste. Quando lhes batia a seca, antes eles [os camponeses] podiam, por exemplo, fazer o caminho para São Paulo ou iam trabalhar nos seringais, mas agora eles não têm saída. Sua única possibilidade é pegar em armas, tomar a terra, as cidades e as ferrovias: é a única saída, e tudo isso obriga as vastas massas a lançarem-se ao movimento. [...]
> "Em 22 as massas tinham muitas ilusões. [...] Em 23 e 24, os camponeses participaram. Essa marcha não resolveu a situação das massas. [...] Em 1930 [...] As massas realmente foram mobilizadas pelas promessas da Aliança Liberal: partilha do gado, partilha das terras. [...]
> "Em 1932, quando a luta mobilizou as massas camponesas, tanto em São Paulo quanto no Nordeste, prometeram-lhes terra, mas depois os enganaram [...]. Eles diziam: estamos famintos, vivendo na pobreza, ofereceram-nos 10 [mil-]réis e partimos [defender o governo] contra São Paulo; melhor morrer aqui em São Paulo do que no meio da caatinga [*liany*] [...]. Muitos operários foram recrutados pelos políticos demagogos de SP. Mas os operários já se desiludiram, entendendo que nem o golpe de 1930, nem os intentos anteriores e posteriores poderão resolver sua situação. Essa descrença das massas no governo é muito forte."[49]

Operários de indústrias privadas e estatais estariam descumprindo a proibição das greves, os cangaceiros atuariam como "guerrilheiros" (*partizany*) em prol das famílias carentes, os servidores públicos e outros grupos pequeno-burgueses empobreciam, minorias nacionais de origem europeia teriam sua cultura ofendida e até mesmo os comerciantes criticavam os impostos.[50] Muitos desses setores, além dos camponeses armados em pleno estado do Rio de Janeiro, buscariam a liderança o PCB, por ser então o único partido com alcance nacional:

> "Não há mais aí partidos socialistas, não há mais partidos feudal-burgueses, não há partidos nacional-reformistas. Esses partidos são organizados por estados [*provintsii*]. O único partido que abrange todas as regiões, o partido nacional que reúne 17 comitês regionais, é o partido comunista."[51]

À questão óbvia de Manuilsky sobre "Quantos membros" tinha o PCB, Miranda lança de imediato: "Mais de três mil no momento em que partimos" do Brasil, mas não paravam de começar greves, e "depois de cada greve, centenas de milhares de novos membros ingressam em nosso partido", número duvidoso mesmo confrontado com o curto período de legalidade entre 1945 e 1947. Uma concepção em particular se mostraria fatal na futura

[48] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 151-153.
[49] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 154-155.
[50] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 156-158.
[51] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 158.

atuação em solo brasileiro: a de um Exército que "se desagrega de alto a baixo",[52] desconhece toda disciplina, combate com os populares, faz greves nas escolas militares, sucumbe à propaganda comunista e distribui armas entre pessoas rebeladas.[53] Um Exército que contaria "aproximadamente 150 células" do PCB seria um reflexo dos 70% das tropas fazendo carreira "para fugir da morte pela fome" ou sendo camponeses expropriados ou abatidos pela seca, e conclui: "O mesmo ocorre com relação à polícia. Eles gostam dos comunistas."[54]

Enfim, na cidade ou no campo, no Nordeste ou no Sul, o partido estaria ganhando simpatia e influência crescente, trazendo quadros novos em meio às lutas e chefiando todas as ondas de protestos contra Vargas e os sindicatos reformistas. O nível ideológico ainda estaria baixo, o que realmente preocupa "Miranda" e o faz formular um pedido de ajuda ao BSA/IC para incrementá-lo. Mas o relator parece tão inebriado pelo próprio discurso que comete o empirismo de priorizar o senso de liderança e o vínculo com as massas, mesmo que os dirigentes e ativistas mal soubessem ler ou escrever.[55] Afinal, o mais importante era que:

> "O partido constitui uma organização que lidera o movimento de massas. Esse partido pode ver que impressão se produziu quando um deputado no parlamento leu nossas reivindicações. Há muitos anos não se ouvia nada parecido, e isso gerou um sucesso e entusiasmo colossais em prol do partido.
> "[...] Teremos inclusive condições melhores do que as da China soviética, e já estudamos o Brasil nesse sentido. A autoridade do partido é incontestável.
> "[...] todo o nosso partido mostrou-nos e assegurou de que, muito em breve, teremos no país um poder soviético e um partido comunista."[56]

Elias Reinaldo da Silva, codinome "Souza", leu no dia 18 um discurso mais breve do que o de Miranda, sobre as condições da CGTB e do sindicalismo comunista, os trabalhos a realizar e os problemas a solucionar. O tom e o conteúdo são menos positivos e mais

[52] Sobre a real desagregação do Exército, ocorrida a partir do golpe de 1930, e sua recomposição (subestimada pelo PCB) e fortalecimento entre 1932 e 1935, cf. o depoimento do marechal Cordeiro de Farias em CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder de. **Meio século de combate:** diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 224-225 apud PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão:** a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. 2. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 283-284. Sobre o quanto os comunistas desconheciam o estado das forças armadas, cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão...**, *Op. cit.*, p. 277 ss.; VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35...**, *Op. cit.*, p. 283-284.

[53] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 158-160.

[54] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 160. Não deixa de parecer irônico, quando Miranda diz que "Temos muitos e muitos tagarelas, verdadeiros tagarelas", Manuilsky completar: "Estão em todo o lugar." (L. 161.)

[55] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 165-169.

[56] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 167 e 169. Uma versão reeditada do informe foi impressa sob o título: The Eve of Revolution in Brazil. **The Communist International**, n. 10, 20 de maio de 1935, p. 577-588 (deve-se lembrar que, por questões de segurança, indica-se Montevidéu como a sede da conferência). Preencheram-se várias lacunas relativas a nomenclaturas e localizações, embora ainda haja muitos erros ortográficos e confusões conceituais. O texto foi abreviado, removidos principalmente os cacoetes discursivos, as informações foram reagrupadas conforme o assunto e, o mais notável, os exageros mais gritantes quanto às "centenas de milhares" de membros entrando no PCB e ao surgimento de sovietes no Nordeste foram totalmente retirados. Agradeço a Dainis Karepovs pela cópia do artigo oferecida.

realistas, mas além dos diversos "erros", sobretudo com relação à "frente única", afirma que muitos trabalhadores e novos sindicatos teriam ingressado nos organismos geridos pelo PCB. Os óbices principais seriam os "traidores" entre os comunistas (Mário Grazzini, ou "Gubinelli", tem seu trabalho muito criticado), a repressão policial e a ofensiva opositora dos sindicatos "amarelos", do Ministério do Trabalho e de outros radicais de esquerda que, para "Souza", desejariam somente rachar o proletariado. Os maiores erros do PCB teriam sido subestimar o movimento de massas, deixar-se arrastar pelas muitas greves que começavam subitamente e alongar demais as conversações com os líderes sindicais com outras ideologias, ignorando o trabalho de bases. Ainda assim, o saldo até então teria sido positivo, com mais sindicalizados junto aos comunistas e várias greves vitoriosas, especialmente entre ferroviários e motoristas. O informe visibiliza os relativos sucessos que o partido realmente conseguia no meio sindical, enquanto abandonava aos poucos a linha isolacionista de órgãos próprios e passava a favorecer a entrada e a obtenção de influência nas entidades tradicionais, um dos poucos feitos para se orgulhar.[57]

Prestes ("Fernandes") discursou no mesmo dia sobre as crescentes lutas de massa no Brasil, a pauperização dos trabalhadores e as injustiças do capitalismo, cujo crescimento agravava ao invés de extinguir os males sociais. Ele nada disse sobre grupos "fascistas", nem sequer sobre o "social-fascismo", ou seja, os maiores inimigos ainda eram o "imperialismo" e, nas fileiras do PCB, o "oportunismo" que aflora diante dos mínimos êxitos. Igualmente, seria ainda necessário manter-se à frente das massas nos combates por vir, liderá-las e tornar-lhes vitoriosas, embora não descreva o futuro regime nem fale de armamento.[58] A seguir, August Guralski comenta os informes de outros delegados, informando-lhes que o fascismo não apenas "existe" na América Latina, mas também seria um perigo cada vez maior, mas não tão danoso quanto o "nacional-reformismo". Em todo caso, o dirigente alerta que, antes de todo debate sobre o caráter das revoluções locais, era mister *atrair as massas*, tirá-las em particular da esfera pequeno-burguesa, cujo ideário teria influído sobre os partidos comunistas da região durante quase toda a sua evolução. Portanto, o que se estatuía aos comunistas europeus no início da década de 1930, é agora exigido dos latino-americanos cinco anos depois.[59]

---

[57] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 250-260. As atas datilografadas em russo chamam-no "Sosa", em um erro evidente de ortografia. No dia seguinte, Valduvino Barbosa Loureiro ("Marques") leu outro informe sobre a situação dos jovens trabalhadores brasileiros, a União da Juventude Comunista (UJC) e a situação de opressão e miséria que impelia muitos jovens operários e camponeses a se aprontarem para as grandes lutas. O informante lamenta a pouca atenção do PCB à UJC e queixa-se de que os comunistas, apesar dos poucos sucessos, ainda tenham muito a fazer nesse âmbito. Cf. RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 261-266.

[58] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 281-290.

[59] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 291-314.

Os informes dos brasileiros José Caetano Machado ("Almeida", dia 19) e "Bangu" (como "Silva", dia 20), bem como as observações de "Sinani" (dia 20), concordam entre si sobre a ligação exigida com as massas, a atenção à ameaça fascista e o combate ao reformismo de esquerda, que barrariam a expansão comunista entre os trabalhadores. Os três mencionam igualmente o reforço das rebeliões operário-camponesas e asseveram que não se podia perder a excepcional oportunidade revolucionária, mas não trazem a opção explícita pela *luta armada*, nem sequer pelo "governo soviético", apenas a vaga ideia de que "a hora havia chegado". Com efeito, era obscura a correlação entre "situação revolucionária" e "implantação do socialismo" ou "vitória da revolução", pois a América Latina ainda deveria passar por "etapas preparatórias" até a revolução socialista, e como os próprios partidos mal eram de formação recente e faltava-lhes "conquistar as massas", todas as tarefas parciais preliminares continuavam por fazer, mas *pelo próprio proletariado*. Formar a "frente única" era uma ordem urgente, seguindo a dialética de marchar com os adversários, mas "desmascará-los" durante a luta, e a relutância de muitos partidos em ocupar os sindicatos reformistas ou implodir organismos direitistas por dentro era inclusive considerada um grave desvio sectário.[60]

Todas as outras intervenções dos brasileiros adotaram o mesmo prospeto otimista; até mesmo os cangaceiros de Lampião seriam uma guerrilha de orientação social, uma revolta geral que estaria controlada pelos comunistas.[61] Quando Dmytró Manuilsky resolveu dar seu parecer, disse que, dadas as descrições estimulantes vindas do Brasil, era lá que estariam as esperanças da revolução latino-americana, com camponeses armados, pobreza das massas, um governo em deterioração que não podia controlar o vasto interior a partir do litoral e um partido comunista exemplar na ousadia:

> "A questão básica e central desta conferência é a questão do Brasil. Se durante o período de formação de nossos partidos comunistas, durante o período de agitação e propaganda voltadas para as massas, de preparação da revolução, a hegemonia no continente latino pertencia ao partido pioneiro da Argentina, é preciso ver claramente, camaradas, que agora, no centro de tudo, está a questão do Brasil. [...]
> "A expressão do fato de que estamos agora passando do período de propaganda e agitação para o período de luta pelo poder é a colocação da questão brasileira como questão central.
> "[...] Camaradas, qual é o atual traço característico do Brasil? É o de que o país caminha muito rapidamente para uma situação revolucionária, isto é, para uma revolução de fato, e a correlação de forças no Brasil será

[60] RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 22. L. 321-326 ("Almeida"); RGASPI. F. 492. Op. 101. D. 23. L. 3-10 ("Silva"); RGASPI F. 492. Op. 101. D. 23. L. 11-61 ("Sinani").
[61] Cf. os discursos e as discussões de outros enviados a respeito desses assuntos em RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 24 ("Atas da III Conferência da América do Sul e Central").

> muitíssimo mais favorável a essa revolução do que, por exemplo, nos grandes países metropolitanos capitalistas."[62]

O próprio Octavio Brandão ratificou o quadro feito por Manuilsky e considerou que o PCB deveria aproveitar imediatamente essas chances revolucionárias tão propícias sem o "sectarismo" e o "oportunismo" que o teriam caracterizado no passado. É curioso que chame de "oportunista" o ano de 1929 no partido, quando ele mesmo ainda tinha influência, e de "sectário" o período de 1930-1932, quando a "proletarização" chegou ao ápice, adaptando-se à mudança na Comintern e completando a própria autocrítica, como um bom comunista. Brandão também não cita o fascismo ou o integralismo, mas somente "reforço dos métodos fascistas", provável alusão a Getúlio Vargas, pois costumava-se dizer que os governos mais ou menos autoritários da América Latina viveriam um "processo de fascistização". Ao discorrer sobre a "questão do poder", também não detalha a tomada revolucionária do Estado pelas massas nem as linhas gerais do novo regime (se seria um "governo operário-camponês", se ele iniciaria o desmonte do Estado burguês etc.).[63]

Após as sessões estatutárias, cada delegação reuniu-se com algum alto dirigente da Comintern para responder a perguntas específicas, dar esclarecimentos e receber diretivas sobre o que fazer no país e no partido. Os membros do PCB estiveram com Manuilsky nos dias 2, 3 e 4 de novembro, antes do retorno ao Brasil, e atraíam todas as atenções pela descrita explosão revolucionária em curso no país.[64] Essas conversas são mais protocolares, os brasileiros devem fornecer nomes, números e fatos precisos sobre os mínimos detalhes relacionados ao campo, aos sindicatos, às greves, aos partidos políticos e à condição dos comunistas, e o conteúdo é bem mais sóbrio e menos otimista, talvez por causa da inibição gerada pelo face-a-face. Sobre as ideologias e agremiações partidárias, além do PCB, conforme sua origem social, lugar no espectro político e relações com o governo, "Queiroz" (Miranda) destrincha longamente o tema para "Sinani" e o casal Guralski. O que disse revela a transição indecisa da linha "classe contra classe" para a volta da "frente única", e da implicância com o "social-fascismo" para uma leitura mais realista do fascismo.[65] Para Miranda, o principal inimigo naquele instante seria a AIB, mas ele não faz uma clara

---

[62] RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 24. L. 158. Em sua fala, "Sinani" é mais prudente e prefere destacar as fraquezas do PCB a se superarem e as incontáveis tarefas a cumprir nesse contexto revolucionário que se abria, bem como repete que esse fervilhar não abarca apenas o Brasil, mas a América Latina em seu conjunto. Cf. RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 24. L. 187 ss.

[63] RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 24. L. 174-181.

[64] As atas estão em RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 25 ("Atas da reunião com D. Z. Manuilsky"), em russo e (somente a primeira sessão) em francês.

[65] RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 25. L. 74-95.

autocrítica das decisões anteriores e afirma que outros partidos "demagógicos" à direita e à esquerda cooperariam para rachar o operariado. Cada vez mais o integralismo atrairia as classes médias e contaria com a tolerância de Vargas:

> "No essencial, a base dos integralistas está na pequena burguesia das cidades e vilarejos, e também nos operários, mas essencialmente na burguesia, latifundiários, estudantes etc. [...] O governo lhes ajuda, e quando eles realizam manifestações, o governo pede-lhes para não andarem armados. No geral, o governo protege-os com todas as forças. Em minha opinião, *é nosso inimigo mais sério*. É um inimigo do campo dos latifundiários e imperialistas.
> "[...] O integralismo está agora progredindo muito seriamente no norte do Brasil. Com relação aos integralistas, *precisamos empregar uma tática muito apurada*."[66]

No geral, Miranda admite os êxitos do PCB nos sindicatos, na liderança de alguns movimentos e nas células dispersas pelo interior do Brasil, mas destoando do triunfalismo demonstrado nas sessões plenárias, reconhece que a organização ainda era débil demais e que a *conquista e influência* das massas ainda estava por realizar-se:

> "Penso que o partido até agora fez muito pouco para conquistar a hegemonia do movimento revolucionário no Brasil. O partido ainda não tem essa hegemonia. Ele se move na direção da conquista da hegemonia, todo dia ele conquista pedaço por pedaço essa hegemonia nos quadros vastíssimos da frente única, na luta pelas exigências concretas, pelas exigências econômicas e políticas. No combate ao imperialismo, ele deve conquistar e defender essa hegemonia. [...]
> "O partido ainda não sabe nem mesmo manobrar, o partido ainda não sabe que tática apurada deve empregar com relação a seus inimigos.
> "[...] A autoridade do partido é muito grande, mas a maioria das massas ainda está muito longe do partido. Na cidade e no campo, o partido ainda não dirige a maioria das greves e o movimento."[67]

Parece ter sido difícil achar resoluções definitivas para cada país da América Latina, pois a III Conferência Comunista Latino-Americana terminou em 28 de outubro de 1934, mas documentos com algumas conclusões têm datas entre o fim do ano e os primeiros meses de 1935.[68] A própria resolução sobre o Brasil e o PCB, datada de 13 de fevereiro de 1935, possui muitas intervenções manuscritas, o que gera dúvidas quanto à adoção definitiva, porém as ideias listadas não diferem demais nem do que os brasileiros descreveram, nem do

[66] RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 25. L. 80-81 (grifos adicionados).
[67] RGASPI. F. 495. Op. 101. D. 25. L. 93-94.
[68] Por exemplo, uma resolução sobre o México foi aprovada no fim de dezembro de 1934, e outra sobre Cuba, no fim de fevereiro de 1935. Cf. RGASPI. F. 495. Op. 79. D. 216a ("Resoluções adotadas pela Conferência dos Partidos Comunistas dos Países da América Latina").

que a Comintern já estipulava aos latino-americanos.[69] De fato, o tom geral do documento, apesar de sua adoção final, indica uma busca por aplicar a gradual "guinada" na cena internacional a um conjunto de partidos em que a tática do "terceiro período" enraizara-se profundamente. Para a Comintern, o PCB sequer poderia pensar em revolução sem resolver seus antigos problemas de amorfia organizativa e debilidade ideológica, mas se tudo isso recebesse atenção, ele poderia muito bem aproveitar o contexto revolucionário vigente para ampliar as conquistas e firmar-se como um autêntico partido comunista. A própria "luta armada pelo poder" não é tida por uma missão imediata ou uma ordem imposta de cima, nem deveria evoluir para um mero golpe de Estado, mas resultar de longa preparação das massas, que só poderiam ser comandadas por um partido comunista robusto, condição ainda não totalmente desfrutada no Brasil.[70]

A leitura dos documentos parece confirmar a tese de Anita Leocadia Prestes, para quem não se deu então o encargo de lançar uma revolta armada no Brasil, mas de conservar a diretriz que o PCB já estava executando, enquanto Miranda, na verdade, teria mentido muito sobre o país e sobrestimado o alcance dos comunistas e a madurez da situação revolucionária.[71] Prestes conseguiu a anuência tácita de Manuilsky e dos camaradas para voltar ao Brasil, mas não recebeu tarefas específicas, e para garantir uma viagem segura, o ucraniano nomeou para acompanhá-lo a alemã Olga Benario, que possuía instrução especial para missões secretas. Os pedidos de Miranda para a Comintern e o BSA/IC apoiarem tecnicamente o PCB também levaram à transferência do birô para o Rio de Janeiro e ao envio, simultâneo à volta da delegação à "III Conferência", dos quadros internacionais Rodolfo Ghioldi e sua parceira Carmen Alfaya de Ghioldi, Arthur Ewert ("Harry Berger") e sua parceira Elizabeth Saborowski, Johann de Graaf ("Franz Paul Gruber", de quem se descobriria que era um espião para o Reino Unido) e sua parceira Erika, Leon-Jules Vallée e sua parceira Alphonsine, e o estadunidense Victor Allen Barron. Prestes desembarcou em 15 de abril de 1935, mas em 27 de fevereiro, ainda sob clandestinidade em Paris, recebera um telegrama do CEIC sugerindo que o lema do "governo dos sovietes operários e camponeses" mudasse para *governo popular nacional-revolucionário* (ou GPNR), julgado mais conforme à nova linha da Comintern. Na URSS, Wang Ming também aconselhara nesse sentido o brasileiro, que aceitou, portanto, de bom grado, por sua assimilação com as amplas "frentes populares". Porém, contrastando com as teses que atribuem aos "encontros de Moscou" a

[69] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 80 ("Resolução da III Conferência dos Partidos Comunistas dos Países Latino-Americanos").
[70] RGASPI. F. 495. Op. 29. D. 80. L. 8-9.
[71] A Conferência dos Partidos Comunistas..., *Op. cit.*, p. 133-140.

iniciativa pelas revoltas de novembro de 1935, a equipe técnica da Comintern revelou imenso amadorismo e cometeu erros crassos, por desconhecer a situação do Brasil ou talvez ser pouco treinada com clandestinidade e pequena para uma verdadeira revolução.[72]

O impacto do julgamento de Dimitrov e a decorrente campanha contra o fascismo e a guerra também atraíram à órbita comunista parte dos intelectuais progressistas e da opinião pública. Aglutinaram a contestação o assassinato do jovem estudante Tobias Warshavsky em circunstâncias não desvendadas (o PCB culpava a polícia[73]), em outubro, e a prisão da menor Genny Gleiser, militante estudantil e judia da Bessarábia que seria deportada para a França. A grande comoção com a morte de Warshavsky no Rio de Janeiro detonou uma campanha contra a repressão de Vargas, culminada na criação de uma Comissão Jurídica e Popular de Inquérito (CJPI) para apurar o crime, a qual foi lançada pelo jornal *A Pátria* em 11 de novembro. O apoio massivo à CJPI por centenas de cidadãos, legisladores, sindicatos, partidos e vários nomes que também despontariam na ANL impulsionou seus encontros públicas e o aumento de seu espaço político, o que lhe custaria a existência legal, embora seus remanescentes ainda atuassem no início de 1935.

Segundo Ricardo Figueiredo de Castro, o PCB foi ativo na fundação e na gestão da CJPI, que teria originado o núcleo político inicial da ANL, esta, por sua vez, já formada ou em princípios de agregação no fim de 1934, sob influência comunista. Durante essa luta contra a reação policial, inserida no tempo mais amplo do segundo semestre de 1934, a FUA estaria esvaziada, desatualizada e, entre dezembro de 1934 e janeiro de 1935, superada pelo reforço e ampliação do escopo de atuação da CJPI, o que ajudaria a explicar o êxito e as contradições da ANL. A ofensiva de Vargas na virada do ano para enviar o projeto da Lei de Segurança Nacional (LSN) ao Congresso Nacional teria estimulado a intensificação das atividades da CJPI.[74] Por sua vez, como sinaliza um articulista anônimo, os trotskistas julgavam que a criação da CJPI, com seu sistema de adesões individuais e de uso do prestígio

---

[72] Sobre a volta de Prestes e a expedição da missão técnica do BSA/IC, cf. VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35...**, *Op. cit.*, p. 342; PRESTES, Anita Leocadia. A Conferência dos Partidos Comunistas..., *Op. cit.*, p. 144-145 e 156; DEL ROIO, Marcos. O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **História do marxismo no Brasil.** V. 1. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 111; REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes...**, *Op. cit.*, p. 167 e 169-170; PRESTES, Anita Leocadia. **Luiz Carlos Prestes...**, *Op. cit.*, p. 156-157.

[73] Pesquisando nos arquivos de Moscou, William Waack encontrou documentos da Comintern que confirmariam a eliminação de Warshavsky pelos próprios comunistas, que o acusavam de colaboração com a polícia. Cf. **Camaradas:** nos arquivos de Moscou, a história secreta da revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 297 e 324.

[74] A Frente Única Antifascista (1933-1934). *In*: FERREIRA, Jorge Luís; REIS, Daniel Aarão (org.). **As esquerdas no Brasil...**, *Op. cit.*, V. 1, p. 446-447. Anita Leocadia Prestes também julga que a CJPI, apoiada e adentrada pelo Comitê Antiguerreiro do PCB e por outras entidades criadas então, foi quem mais arregimentou forças usadas posteriormente na constituição da ANL. Cf. **Luiz Carlos Prestes...**, *Op. cit.*, p. 166-167.

de nomes burgueses, e da Frente Única Sindical pelos comunistas promoveu a dissolução da FUA "num amálgama confuso" que culminaria na adesão do PCB à ANL, uma entidade elástica que impunha a conciliação de classes com a burguesia.[75]

No final de 1934, o curso da criação de uma vasta frente antifascista no Brasil já estava muito adiantado, e o PCB também participava, sobretudo na cidade do Rio, dos muitos protestos e paralisações contra a LSN, aprovada em 4 de abril de 1935 no Congresso Nacional.[76] Sem a intromissão direta da Comintern, a linha comunista contra o latifúndio, o imperialismo e o fascismo ganhava a adesão das forças politizadas, e com a grande participação operária na ascensão do antifascismo, o PCB terminou renunciando a sua hegemonia compulsória para aderir de vez à "frente única". Muitos escritores e acadêmicos ocidentais, inclusive os já muito prestigiados, buscavam nos partidos comunistas um ambiente de engajamento pela democracia e contra o avanço nazifascista e a guerra. Com tal movimento ocorrendo também no Brasil durante a primeira metade da década de 1930, a "proletarização" entrou em agonia, e muitos intelectuais, sobretudo romancistas, trabalharam com temas caros aos comunistas. Somente na segunda metade de maio de 1935, porém, um Pleno do CC cedeu à pressão da Comintern e incorporou o GPNR à linha geral, e ainda assim como uma etapa no processo de conquista do "poder soviético", um *iniciador* da revolução, revelando o esforço em conciliar as duas visões. A filiação de Luiz Carlos Prestes ao PCB também trouxe novos setores, entre os quais muitos militares, e transferiu o eixo temático partidário dos combates proletários para as exigências nacionais, algo também incluído na concepção das "frentes populares" e que facilitou a criação e a difusão da ANL, da qual o "Cavaleiro da Esperança" foi aclamado presidente de honra.

De sua parte, Getúlio Vargas reestruturou o Exército, incrementou-o com pessoal e armamentos, depurou o oficialato e consolidou uma cúpula fiel ao governo, que sob o abalo das lutas políticas e operárias de 1934 fez aprovar a LSN. Durante a elaboração da lei, foi lançada oficial e publicamente a Aliança Nacional Libertadora (ANL) no Teatro João Caetano (Rio de Janeiro), em 30 de março de 1935, após o entendimento entre militares vindos do "tenentismo", intelectuais e políticos civis com várias filiações, a maioria comunistas, mas também socialistas, antifascistas e outros. Veiculado em fevereiro e março de 1935, o

---

[75] O fracasso da política de frente única e os responsáveis por ele. *O Proletário* (órgão regional da LCI de SP), n. 1, p. 5-6, maio [*sic*] de 1935 apud ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes...**, *Op. cit.*, p. 124-125. Como indicado em cópia *online*, percebe-se que o mês correto da publicação foi abril de 1935. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/proletario/pdf/proletario01.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.

[76] BERNARDO. Resposta à "Lei Monstro". **A Classe Operaria**, 11 de março de 1935; MIRANDA. Como os trabalhadores do Brasil resolverão a crise. **A Classe Operaria**, 11 de março de 1935 apud CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943)...**, *Op. cit.*, p. 171-172 e 182-186.

programa era nacionalista, anti-imperialista, antilatifundista, nacional-libertador e democrático, mas curiosamente carecia de demandas particularmente operárias, sendo visto, pois, por alguns comunistas como alinhado às "frentes populares" da Comintern e exemplar de sua aplicação em um país "semicolonial". Não se conhece quem exatamente tomou a iniciativa de fundar a ANL, mas é clara a influência das teses comunistas nos dados disponíveis e nos pronunciamentos feitos em nome da entidade, ainda que, ao contrário do PCB, não se cogitou inicialmente a questão do *poder* ou do governo que realizaria as propostas sintetizadas no lema "*Pão, Terra e Liberdade*".[77]

3.4. No apogeu das "frentes populares", os levantes de 1935 no Brasil

Com a vitória de Hitler e a interdição do KPD, o medo que Stalin tinha de que o nazismo pudesse expandir-se rumo a leste impeliu a Comintern a construir na França um "pacto de unidade de ação" entre o PC francês e a SFIO (socialista) contra a ascensão da extrema-direita, após a tentativa de membros das "ligas" de invadir o parlamento em janeiro de 1934. Após conversações que envolveram, sobretudo, o pedido dos socialistas para que os comunistas parassem de publicar artigos ofensivos e provocativos contra eles, as federações do Sena dos dois partidos fizeram um concorrido comício conjunto em 2 de julho, iniciativa seguida em outras cidades nos dias seguintes. O pacto de unidade foi enfim assinado em 27 de julho, como fruto do esforço de alas dentro do PC e da SFIO que impeliram nesse sentido. O comunista Jacques Doriot, que bem precocemente preconizava a unidade de ação, mas era marginalizado, foi curiosamente expulso do partido por "fracionismo" logo após a direção haver decidido pelo pacto. Porém, sem o aval aberto de Moscou, o partido francês decidiu ampliar a união eleitoral ao Partido Radical, com o qual Thorez buscava atrair setores da pequena burguesia, e em 9 de outubro o secretário-geral lançou a expressão "frente popular", cuja paternidade é atribuída ao comunista Eugen Fried.[78]

Nesse ínterim, em 1.º de dezembro de 1934, o assassinato do carismático líder da organização do VKP(b) em Leningrado, Sergei Kirov, parece ter legitimado aos olhos de Stalin o cerceamento interno, mas também a promoção das "frentes populares", paralela ao controle definitivo das "seções nacionais" da Comintern. Em 9 e 19 de dezembro, uma tensa sessão do Presidium do CEIC selou a mudança do PC francês, e em 15 de janeiro de 1935 o

[77] Cf. as obras de Anita Leocadia Prestes.

[78] KERGOAT, Jacques. **La France du Front populaire.** Paris: La Découverte, 2006, p. 47-52. Para outra síntese e explicação sobre o surgimento e aplicação das linhas de "frentes populares" no seio da Comintern e do movimento comunista, cf. HOBSBAWM, E. J. The 'Moscow Line' and international communist policy, 1933–47. *In:* WRIGLEY, C. (ed.). **Warfare, Diplomacy and Politics:** Essays in Honour of A. J. P. Taylor. Londres: Hamish Hamilton, 1984, p. 163-188.

Secretariado Político da Comintern enfim aprovou claramente a divisa das "frentes populares", preparando o caminho ao VII Congresso. Paradoxalmente, uma atitude mais leve ante a democracia liberal ocultava a suspensão dos debates internos na Internacional e a reavaliação de cada partido segundo quanto e como podia ser útil à URSS.[79] Pierre Laval, ministro do Exterior, e Stalin assinaram o tratado franco-soviético de assistência mútua em maio de 1935, e uma histórica comemoração unitária do 14 de Julho em 1935 reuniu mais de 200 mil pessoas em Paris e contou com a reapropriação popular de símbolos nacionais, como a bandeira tricolor, *A Marselhesa* e Joana d'Arc. Além disso, em seu congresso de março de 1936, a CGTU comunista reunificou-se com a CGT, da qual saíra em 1921, e nas eleições parlamentares de abril-maio de 1936, a Frente Popular (radicais – sigla oficial: PRRRS –, socialistas, comunistas e outros dois partidos de esquerda) conseguiu ampla maioria na Câmara dos Deputados (então o nome da Assembleia Nacional) e formou o primeiro governo republicano de maioria socialista. Léon Blum, um dos líderes da SFIO, tornou-se primeiro-ministro em 4 de junho, cargo que ocuparia até 21 de junho de 1937, depois novamente de 13 de março a 10 de abril de 1938.[80]

Luciano Canfora traz a lume exatamente as muitas contradições de que padecia a linha de "frentes populares" e o fato de a virada não haver resultado de uma transformação na substância da ideologia comunista, e sim das premências da blindagem militar e diplomática da URSS. Pesquisas em cartas e outros documentos mostram como a simpatia de Antonio Gramsci por Trotsky e Bukharin e suas discordâncias com o PC italiano e com a linha da Comintern eram maiores do que costuma descrever a hagiografia comunista tradicional. Por muito tempo após sua morte, o partido teria tentado ocultar ou mitigar esses desencontros para não prejudicar sua aura de herói do comunismo e mostrar a evolução política posterior como uma continuidade linear do legado de Gramsci. Dirigentes contemporâneos – que Canfora, contudo, não nomeia – diziam inclusive que sua prisão o teria "salvado" de morrer em Moscou.[81] Quanto aos órgãos criados a partir do dinamismo de Willi Münzenberg, embora o SOI tenha ajudado muitos trabalhadores após surtos de fome e catástrofes naturais em muitos países, inclusive na Europa, em 1935 a linha ultrarradical diluiu suas seções nacionais nos comitês do Socorro Vermelho Internacional, mas agora fornecendo "suporte jurídico, moral e financeiro" apenas aos próprios militantes comunistas perseguidos e colocado sob a tutela direta do Profintern, portanto, responsável apenas diante da linha da Comintern. O SVI tentou

[79] WOLIKOW, Serge. **Le Front populaire en France.** Bruxelas: Complexe, 1996.
[80] KERGOAT, Jacques. **La France du Front populaire...**, *Op. cit.*, p. 58-64, 76-78 e 90-96.
[81] **Spie, URSS, antifascismo:** Gramsci 1926-1937. Roma: Salerno, 2012, esp. a parte I.

fazer a diferença na Guerra Civil Espanhola em 1936, mas com o clima de suspeição que estava tomando conta da Comintern, seus comitês foram dissolvidos em 1937 e seus responsáveis foram as primeiras vítimas dos grandes expurgos.[82]

Somente uma versão completa da nova linha, submetida a um Congresso Mundial e imposta como nova orientação, poderia vencer resistências, o que se deu no VII Congresso da Comintern (Moscou, 25 de julho-20 de agosto de 1935). Deixou-se de usar "social-fascismo" como categoria analítica política e pela primeira vez falou-se abertamente em mudança radical, mas no dicionário comunista, mudava apenas a *tática*, e não a *estratégia*, de perspectiva mais longa, pois tentou-se conciliar o essencial das velhas fórmulas às novas premências da URSS e do mundo. Com efeito, as "seções nacionais" domesticadas sob a bandeira da "luta pela paz" protegeriam Moscou contra a escalada bélica que o bloco capitalista justificava pelo "perigo vermelho", enquanto o fim do apelo à "pátria internacional" livrava Stalin do escrutínio de seus "camaradas" estrangeiros.

Georgi Dimitrov leu seu informe "A ofensiva do fascismo e as tarefas da Internacional Comunista na luta pela unidade da classe operária contra o fascismo" na sessão de 2 de agosto de 1935.[83] O início do texto não invalida a linha do VI Congresso da Comintern, recordando que o fascismo é um meio de opressão dos trabalhadores manejado pela burguesia prestes a guerrear com a URSS e não logra mais manter seu domínio baseada na "democracia burguesa" e nos parlamentos. Ele resulta da "debilidade do proletariado, desorganizado e paralisado pela política divisionista social-democrata de colaboração de classe com a burguesia". A seguir, Dimitrov destaca o caráter classista do fascismo e sua feição terrorista aguda, dizendo que ele não é um modelo fora ou acima das classes, mas "*a ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro*" (formulação idêntica à do XIII Pleno do CEIC):

> "O fascismo é o poder do próprio capital financeiro. É a represália terrorista organizada contra a classe operária e a parte revolucionária do campesinato e da intelectualidade. [...]

---

[82] DUGRAND, Alain; LAURENT, Frédéric. **Willi Münzenberg:** artiste en révolution (1889-1940). Paris: Fayard, 2008, p. 273-274 e 278-279.

[83] Pode-se ler o texto em russo em DIMITROV, Georgi. Доклад на VII Всемирном конгрессе Коммунистического Интернационала. Политический отчёт ЦК БРП(к) V Съезду партии. Moscou: Gospolitizdat, 1958, p. 5 ss.; VII КОНГРЕСС Коммунистического Интернационала и борьба против фашизма и войны (Сборник документов). Moscou: Politizdat, 1975, p. 119 ss. Uma tradução em espanhol está em FASCISMO, democracia y frente popular: VII Congreso de la Internacional Comunista, Moscú, 25 de julio-20 de agosto de 1935. **Cuadernos de Pasado y Presente**, México, n. 76, p. 153 ss., 1984. Para uma tradução em português, porém com alguns cortes, cf. DIMITROV. **A unidade operária contra o fascismo.** Contagem: História; Belo Horizonte: Aldeia Global, 1978.

> "A ascensão do fascismo ao poder não é *a simples troca* de um governo burguês por outro, mas *a substituição* de uma forma estatal da dominação de classe da burguesia, a democracia burguesa, por outra forma, a ditadura terrorista aberta."[84]

Dimitrov expõe o frequente disfarce do fascismo sob o rótulo de "socialismo", sua exploração de orgulhos nacionais feridos pelo Tratado de Versalhes, sua atratividade nos grupos despossuídos mais marginalizados e suas promessas de uma vida promissora que escondiam, na verdade, escravização e pauperização. Mas critica também os reformistas alemães por não terem alertado a classe operária sobre a fase prévia do regime, que seria a repressão ascendente sob a própria democracia, sem mencionar as diretivas pregressas da Comintern ao KPD e a responsabilidade de Ernst Thälmann em sua radicalização.[85] Para Dimitrov, vitória do fascismo não seria infalível, mas os comunistas teriam falhado em convencer a social-democracia a aderir à "frente única", mantido a política de "segregação", subestimado a violência da extrema-direita e subestimado os rancores nacionais populares, muito bem manejados pelos fascistas:

> "O fascismo pôde chegar ao poder, antes de tudo, porque a classe operária, graças à política de colaboração de classe com a burguesia praticada pelos chefes da social-democracia, estava dividida, política e organicamente desarmada em face da ofensiva burguesa.
> "[...] [a classe operária alemã] deveria ter conseguido estabelecer a frente única proletária antifascista, obrigar os chefes social-democratas a encerrar sua cruzada contra os comunistas e aceitar as insistentes propostas do partido comunista sobre a unidade de ação contra o fascismo.
> "[...] deveria ter obtido o estabelecimento e ampliação de toda forma de assistência social, a moratória e subsídios aos camponeses assolados pela crise à custa de tributos sobre os bancos e trustes, de forma a garantir o apoio dos camponeses trabalhadores.
> "[...] o fascismo triunfou *também* porque o proletariado encontrava-se isolado de seus aliados naturais. O fascismo triunfou porque conseguiu atrair para si *as grandes massas camponesas*, graças ao fato de a social-democracia, em nome da classe operária, ter realizado uma política, no fundo, anticamponesa.
> "[...] Em nossas fileiras havia uma inadmissível subestimação do perigo fascista, que mesmo agora permanece em muitos lugares. [...] na Alemanha, por ser um país industrializado, culturalmente desenvolvido, com uma tradição de quarenta anos de movimento operário, [pensava-se ser] um país em que o fascismo é inviável [...].

---

[84] DIMITROV. **A unidade operária...**, *Op. cit.*, p. 11-12. As páginas citadas são da edição brasileira, mas os trechos foram traduzidos diretamente do russo, que inclusive mantém os grifos originais.
[85] *Ibid.*, p. 13-15.

> "[...] Nossos camaradas da Alemanha longamente menosprezaram o sentimento nacional ferido e a indignação das massas contra Versalhes [...]."[86]

Segundo o informe, os fascistas prometiam ultrapassar as oposições entre classes, mas sua fraqueza estava justamente em incitar as brigas até mesmo dentro da burguesia, opor um discurso de massas anticapitalista a uma ação efetiva em favor dos monopólios e acender no povo exatamente uma ira revolucionária contra as mazelas geradas. Por isso mesmo, embora o fascismo sinalizasse a agonia capitalista, todas as forças progressistas, comunistas à frente, deveriam explorar as contradições a fim de derrubar um regime que não cairia sozinho.[87]

Somente uma *frente única* do proletariado internacional, para Dimitrov, poderia repelir e derrubar o fascismo, promovendo não somente a união dos operários da Segunda e Terceira Internacionais, mas também o potencial suporte dos trabalhadores da área "colonial e semicolonial", ou antes, o de *qualquer* proletário, desde que se opusesse ao fascismo, à guerra e ao capital. Essa "frente única" não prejudicaria os camponeses, os pequenos comerciantes, os trabalhadores intelectuais e os artesãos em seus objetivos, bem como não acarretaria no "perigo comunista" invocado por algumas classes; só quem temesse a classe operária unida deveria ter medo.[88] As exigências políticas e econômicas imediatas do proletariado e o combate urgente ao fascismo, ao imperialismo, à guerra e pelas liberdades democráticas, em um meio que deveria ir além das estruturas partidárias, unificariam as muitas experiências nacionais que, a seu turno, se adaptariam localmente.[89] Mas a maior esperança do antifascismo está no que Dimitrov nomeia *frente popular*, também com pessoas e organismos não ligados aos interesses operários:

> "Ao mobilizarmos as massas trabalhadoras para combater o fascismo, é uma tarefa especialmente importante criarmos *uma ampla frente popular antifascista sobre as bases da frente única proletária*. O êxito de toda a luta do proletariado está intimamente ligado à formação de uma aliança combativa do proletariado com os camponeses trabalhadores e com o essencial da massa pequeno-burguesa urbana, que constituem a maioria da população, mesmo nos países de indústria desenvolvida.
> "[...] nossa tática, sob *quaisquer condições*, deve orientar-se no sentido de envolver na frente popular antifascista os pequenos camponeses, artesãos, artífices etc. filiados a eles [seus partidos de classe]."[90]

---

[86] *Ibid.*, p. 19-23.
[87] *Ibid.*, p. 24-28.
[88] *Ibid.*, p. 29-33.
[89] *Ibid.*, p. 34-36.
[90] *Ibid.*, p. 37-38.

Após trazer questões específicas sobre a formação das "frentes únicas" nos maiores países capitalistas, mostrando o exemplo francês como o que poderia ser aplicado em qualquer outro lugar, Dimitrov estatui que os comunistas da Alemanha e da Itália também deveriam fazer um trabalho nas organizações fascistas de massa, e não apenas fora. Para conhecer e quebrar seus inimigos por dentro, bem como encontrar e agitar o povo onde ele estavivesse, deveriam estar onde os trabalhadores foram trazidos pela força bruta para suster as ditaduras, uma ordem, aliás, semelhante à dada aos delegados à III Conferência Comunista Latino-Americana.[91] Mesmo nos países europeus em que já houvesse sociais-democratas governando, a "frente única" era tão possível quanto necessária, o que não isentava os partidos comunistas, porém, de sua tarefa de "desmascará-los":

> "[...] não consideramos a existência de um *governo social-democrata* ou de uma coalizão governamental do partido social-democrata com partidos burgueses como um obstáculo *insuperável* à formação da frente única com os sociais-democratas em determinadas questões. Também nesses casos consideramos a frente única plenamente *possível e necessária* à defesa dos interesses vitais do povo trabalhador que combate o fascismo. [...]
> "Além disso, deve-se ter em vista que se as ações conjuntas com os partidos e organizações social-democratas geralmente exigem dos comunistas criticar com seriedade e argumentos o social-democratismo como ideologia e prática da colaboração de classes com a burguesia, assim como esclarecer de modo incessante e amigável [*tovarischeskoie*] os operários social-democratas sobre o programa e os *slogans* comunistas, essa tarefa tem importância especial na luta pela frente única precisamente nos países onde existem governos social-democratas."[92]

Para Dimitrov, a "frente única" também abrangia a unidade sindical – atuar nos sindicatos existentes, a despeito de suas ideologias, e buscar trazer os membros e a direção ao comunismo, política adotada pelo PCB ainda em 1932-33 –, a juventude – mobilizada pelos fascistas com comida, ocupações, alojamento etc. – e as mulheres – vítimas do discurso familiar retrógado que as estaria legando à dominação masculina.[93] O mundo "colonial e semicolonial" trazia problemas específicos à "frente única", e citados os casos da Índia, da China e do Brasil, elogia-se a ANL, movida basicamente pelo PCB, a qual se deveria ampliar, receber camponeses e dedicar-se à "criação de destacamentos de um exército popular revolucionário" incumbido de impor o "poder da Aliança Nacional Libertadora" (o que de fato se proclamou no discurso de 5 de julho). Dimitrov diz que os comunistas estariam dispostos a integrar eventuais governos "*de frente única proletária* ou *de frente popular*

[91] *Ibid.*, p. 38-49.
[92] *Ibid.*, p. 50 e 54.
[93] *Ibid.*, p. 55-62.

antifascista" que surgissem das lutas em qualquer país, e que não seria o governo vitorioso de uma revolução proletária e só surgiria sob condições específicas. A principal delas seria "*uma crise política*, em que as classes dominantes não consigam mais controlar a poderosa ascensão do movimento antifascista de massas", com o aparelho estatal burguês "tão *desorganizado* e *paralisado*, que a burguesia não possa impedir de formar-se um governo de luta contra a reação e o fascismo".[94]

Entretanto, o maior desafio e, também, a maior lacuna dos comunistas era a luta ideológica, simbólica e cultural. Dimitrov opina que, enquanto os partidos achavam o fascismo tão absurdo que não seduziria a população e uma hora ou outra deveria ruir, a extrema-direita logrou deturpar e manipular a história e a cultura nacionais para mostrar-se às massas como herdeira das eras heroicas que exaltavam e orgulhavam os nativos. O erro comunista estaria em incompatibilizar internacionalismo proletário e cultivo das tradições locais. Eram duas ideias essenciais para repensar o bolchevismo: recuperar os velhos movimentos revolucionários e democráticos europeus, como os franceses já haviam feito, e tomar consciência, como Lenin já dizia em 1921, de que o proletário *não nascia* comunista, mas deveria *tornar-se*, daí o valor do trabalho educativo expurgado de todo espontaneísmo ou pensamento de que haveria um *instinto de classe natural* no operariado:

> "Muitos camaradas não criam que uma variante tão reacionária da ideologia burguesa como a ideologia fascista, que não raro, em seu absurdo, atinge o delírio, fosse plenamente capaz de alcançar uma influência de massas. [...] A avançada putrefação do capitalismo adentra no mais íntimo de sua ideologia e de sua cultura, e a situação desesperada torna vulneráveis certas camadas das vastas massas populares ao contágio dos detritos ideológicos dessa podridão.
> "[...] Os comunistas que julgam não ter tudo isto [heróis e jubileus nacionais] nada a ver com a causa da classe operária e nada fazem para esclarecer as massas trabalhadoras, com correção histórica e em um verdadeiro espírito marxista-leninista, sobre o passado de seu próprio povo, para *articular sua luta atual com as tradições revolucionárias de seu passado*, esses comunistas entregam de boa vontade aos falsificadores fascistas tudo o que há de valioso na história pretérita da nação, para que embusteiem as massas populares.
> "[...] quem pensa que isso [a politização internacionalista] lhe permite, e até o obriga, a repelir todo sentimento nacional das amplas massas trabalhadoras, está distante do verdadeiro bolchevismo e nada entendeu dos ensinamentos de Lenin sobre a questão nacional.
> "[...] O internacionalismo proletário deve, por assim dizer, 'aclimatar-se' em cada país e lançar raízes profundas no solo natal. *As formas nacionais* da luta proletária de classes e do movimento operário em cada país não contradizem o internacionalismo proletário, ao contrário, é exatamente sob tais formas

[94] *Ibid.*, p. 62-65. O Brasil é mencionado na p. 63, e a questão dos governos de "frente única" é desenvolvida nas p. 64-70.

> que se podem defender com êxito *os interesses internacionais do proletariado*."[95]

Prosseguindo, Dimitrov explica como os partidos comunistas deviam reforçar-se nos âmbitos ideológico e organizativo, priorizando a meta de unificar politicamente a classe operária e arrancar a social-democracia do que seria uma colaboração classista com a burguesia. Em uma rara autocrítica, ele critica o sectarismo dos anos anteriores, quando a oposição ao imobilismo político durante a "estabilização capitalista" levou ao extremo oposto da linguagem e ações estridentes, enxergando ondas revolucionárias inexistentes. Mas é essa crítica mesma que legitimaria os "acertos" do VI Congresso, como a previsão do fim iminente do capitalismo, consistindo o engano apenas em apressar esse evento. Por isso mesmo, a quem via a mudança como "desvio de direita" ou "concessão à democracia burguesa", Dimitrov responde prevendo que, uma vez varrido o fascismo da Terra, também o será o capitalismo.[96] Portanto, a Comintern não pintava mais o fascismo como uma "aberração" dentro do capitalismo, mas como seu lado mais extremo e terminal, seguindo-se, pois, não a dominação burguesa, mas no mínimo o citado "governo de frente única". Assim, as questões da "ditadura do proletariado" e da tomada do poder (armada ou não) estão apenas subentendidas, sem mais detalhes.

O informe de Dimitrov era ambíguo o bastante para aceitar a indisposição de Stalin em abolir o horizonte da revolução violenta – e, por isso, as frentes fariam parte da "tática", e não da "estratégia" –, confirmar como universal o modelo bolchevique de hegemonia do partido comunista como único da classe operária e evitar a leitura da viragem como uma aceitação da "democracia burguesa", jamais alternativa à "ditadura do proletariado" erigida pelas armas. Já o antifascismo comunista considerava-se o ápice das tradições progressistas e democráticas ocidentais que antes Moscou rejeitava, mas não continha uma crítica consequente do arcabouço comunista anterior nem sinalizava que iria além da mera função instrumental. Logo, os mais combativos antifascistas da Comintern seriam relegados a postos inferiores e pouco influentes.

O informe de Wang Ming sobre ação e tática nos países "coloniais e semicoloniais" tenta aplicar a luta antifascista e as "frentes únicas" e recapitula as decisões de outros encontros, o que inclui a América Latina.[97] A novidade é que, embora se foque na

---

[95] *Ibid.*, p. 71-74.
[96] *Ibid.*, p. 77 ss.
[97] VAN MIN. El movimiento revolucionario en los países coloniales y semicoloniales y la táctica de los partidos comunistas. *In*: FASCISMO, democracia y frente popular: VII Congreso de la Internacional Comunista, Moscú, 25 de julio-20 de agosto de 1935. **Cuadernos de Pasado y Presente**, México, n. 76, p. 247-291, 1984.

China e na Índia, cedeu relevante atenção ao Brasil, tido por exemplo aos países vizinhos.[98] O chinês traz a ANL como modelo de "frente única" antifascista e anti-imperialista no estilo então pregado pela Comintern e alegra-se do papel dominante do PCB e da variegada composição de classe, ainda que se devessem atrair mais camponeses. Por atrelar a atuação dos partidos comunistas às exigências diplomáticas da URSS, o documento também é vago quanto à questão da tomada e exercício do poder, preocupando-se mais com a incursão imperialista – no caso latino-americano, não se falando mais em "processo de colonização" – e as crescentes "revoluções coloniais". Os apartes dos brasileiros "Marques" e Fernando de Lacerda, feitos respectivamente nos dias 28 de julho e 9 de agosto, foram na mesma direção ao citarem as vitórias da ANL, os êxitos publicísticos e numéricos do PCB, ampliados após a III Conferência Comunista Latino-Americana, a luta contra as ideias de Astrojildo Pereira e a saída do isolamento vivido até 1933 (não se fala de "proletarização" ou "obreirismo").[99] Suas falas sublinham a formação e difusão das "frentes únicas" no Brasil, compostas essencialmente de militância operária, e não "pequeno-burguesa", e, sem menções ao "governo operário e camponês" ou à "revolução democrático-burguesa", o anti-imperialismo e o antifascismo tornam-se o eixo da campanha para derrubar o governo:

> "*Existe agora no Brasil uma situação de crise revolucionária. O país caminha a passos largos rumo à luta decisiva pela derrubada do governo de traição nacional, pela instauração de um poder popular nacional revolucionário. A consigna 'Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!' conseguiu tornar-se um lema que une as amplas massas populares.*"[100]
>
> "Nosso partido tomou a iniciativa na organização da frente popular. Não havíamos entendido a importância da etapa da frente única nacional para atrairmos as massas à revolução e para abordarmos as massas populares, adentrarmos mais facilmente entre os camponeses, consolidarmos nosso partido e conquistarmos, enfim, com base na experiência dessas massas, a hegemonia da revolução."[101]

No VII Congresso da Comintern, Miranda (por ser secretário-geral do PCB) e Prestes entraram no CEIC como titulares, e o argentino Rodolfo Ghioldi e o cubano Blas Roca, como suplentes. A marca do evento foi o fim das hesitações, do empirismo e da impulsividade ao açambarcar em definitivo todos os partidos comunistas sob o lema de defesa da URSS, a qual buscava alianças para a "inevitável" guerra futura. A Comintern não aboliu em 1935 *todo e qualquer centro* para o comunismo mundial, mas retirada ela mesma como

---

[98] Wang Ming discorre sobre o Brasil em *Ibid.*, p. 268 ss.
[99] *Ibid.*, respectivamente p. 402-406 e 419-423.
[100] Do informe de Marques. *In:* FASCISMO, democracia y frente popular..., *Op. cit.*, p. 405 (grifo no original).
[101] Do informe de Lacerda. *In:* FASCISMO, democracia y frente popular..., *Op. cit.*, p. 421.

órgão mediador, o *centro soviético* vigente na prática confirmou-se. Em parte, as "frentes populares" eram um disfarce do Kremlin ao zelo pelo *status quo* europeu, mas a contraditória diplomacia da URSS tornou o período complexo, a julgar-se pela propensão de Stalin e seu círculo a isolarem-se, enquanto a variedade de práticas e concepções nunca desapareceu da Comintern. O auge dessa instituição e a conclusão do modelamento das "seções nacionais" paradoxalmente também coincidiram com o declínio, provocado pela discrepância de situações vividas pelos comunistas e pelo peso maior do Estado soviético na arena internacional. Assim, outros temas igualmente importantes na nova orientação, como o da identidade revolucionária, foram marginalizados. Nos partidos latino-americanos, o processo de "stalinização", conduzido de modo contraditório e desigual desde o fim da década de 1920, efetivou-se em 1936 e, assim como na maioria dos partidos europeus, não houve reservas à "linha geral" definida em Moscou. O VII Congresso da Comintern parecia um marco de abertura, mas na verdade representou o contrário.

A eleição de dois brasileiros como únicos titulares pela América Latina, ficando os outros dois latino-americanos como suplentes, pode ter resultado da impressão que o Brasil causou na cúpula internacional, mas também se entrevendo o peso econômico da Argentina e o grave contexto verificado em Cuba. Além disso, a entrada de Nikolai Iezhov e Meier Trilisser ("Moskvin") no CEIC, dois veteranos da administração do VKP(b) que se envolveriam em um ou outro momento na gerência da polícia política soviética, daria a entender que a Comintern convertia-se em braço da espionagem moscovita.[102] De fato, a crescente interseção entre o Estado soviético e a Comintern selava a gradual substituição do "partido mundial da revolução" pelo próprio Kremlin na condução do comunismo internacional, e desde 1936 mal se distinguia o que era trabalho de um ou de outro, embora a "linha geral" internacional fosse mais um plano genérico do que um programa político ordenado.

O centralismo não assumido do VII Congresso Mundial também se traduziu na nova reorganização do aparelho da Comintern entre setembro e dezembro de 1935. Toda mudança nos órgãos não trouxe inovação no "conteúdo" real da instituição, ou seja, funções, métodos de trabalho e importância para Stalin, que não cria, no fundo, nos êxitos do movimento comunista e, portanto, rebaixou a Comintern dentro do sistema soviético. E reduzidos os canais formais de debate no CEIC, o XIII Pleno foi sua última sessão, e o VII

[102] VAKSBERG, Arkadi. **Hôtel Lux...**, *Op. cit.*, p. 62-63; ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 182-184; BROUÉ, Pierre. **História da Internacional Comunista (1919-1943).** T. 2. São Paulo: Sundermann, 2007, p. 851.

Congresso seria o último da Comintern. Em 2 de outubro de 1935, uma resolução do Secretariado do CEIC instituiu as mudanças que deram mais peso aos partidos para a execução prática de medidas, como a extinção dos secretariados regionais (*Ländersekretariate*) e a eliminação dos representantes e instrutores do CEIC nos partidos, ao menos como instituto permanente, ao qual se podia recorrer em caso de urgência. Todas essas decisões foram ratificadas pelo Presidium do CEIC no dia 13, e o secretário Wang Ming incumbiu-se dos partidos e grupos comunistas do México e das Américas do Sul e Central, atuando em colaboração com representantes da Argentina, do Brasil (provavelmente Octavio Brandão), de Cuba e do México presentes em seu secretariado. Ao contrário dos antigos secretariados, os novos não decidiam sobre a política concreta dos partidos, mas apenas preparavam projetos de resolução para o Secretariado ou o Presidium do CEIC, que por sua vez controlavam diretamente o CC das "seções nacionais". O centro de gravidade da atuação do Executivo retornava agora a esses dois órgãos, ou seja, o reforço estrutural dos dez secretariados pessoais implicava apenas estreitamento de elos com as bases e a cúpula, e não acréscimo de poder.[103]

Enquanto isso, os comunistas no Brasil engajaram-se na ANL, apesar dos temores iniciais de que ela absorvesse o PCB como organismo, à semelhança do antigo BOC na década anterior, e por isso sempre mantiveram reservas à entidade, dentro da qual se enfrentavam e se distinguiam os modos de ver os *caminhos* para obter as mesmas demandas. Em 5 de julho de 1935, o aniversário dos levantes militares de 1922 e 1924, os aliancistas realizaram comícios públicos no Rio de Janeiro, e um deles, no qual o estudante Carlos Lacerda leria um manifesto de Luiz Carlos Prestes, teve de passar ao recinto fechado do Teatro João Caetano.[104] Eternizado como "manifesto de 5 de julho", indicou a virada definitiva, mas fatal, rumo à radicalização da linguagem e da atividade e a absorção total das teses comunistas ao programa. Por esses dois motivos, a decisão por sua leitura não foi unânime na cúpula aliancista, quase toda atida à legalidade e à moderação ante o governo. Já no início alude-se à herança "tenentista":

---

[103] HUBER, Peter. L'appareil du Komintern, 1926-1935 : premier aperçu. **Communisme**, Paris, n. 40-41, p. 9, 12-13, 16, 18-19, 21 e 24, 4e trimestre 1994-1er trimestre 1995; SADEKOVA, Souria. Dimitri Manouilski. **Communisme**, Paris, n. 40-41, p. 62, 4e trimestre 1994-1er trimestre 1995; ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 156, 179-182, 186-193 e 199-200; VATLIN, Aleksandr Iurievich. Коминтерн: идеи, решения, судьбы..., *Op. cit.*, p. 341. Por volta de novembro de 1932, o SLA/IC passou a aparecer nos documentos com o nome "Secretariado (Regional) da América Central e do Sul". Nesta tese, por comodidade, mantém-se a mesma sigla.

[104] O texto do manifesto pode ser lido em CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1922 a 1943)...**, *Op. cit.*, p. 172-181.

> "5 de julho de 1922 e 5 de julho de 1924. Troam os canhões de Copacabana. Tombam os heróis companheiros de Siqueira Campos! Levantam-se, com Joaquim Távora, os soldados de São Paulo e, durante 20 dias é a cidade operária barbaramente bombardeada pelos generais a serviço de Bernardes! [...]
> "São 13 anos de lutas cruentas, de combates sucessivos e vitórias seguidas das mais negras traições, ilusões que se desfazem, como bolhas de sabão, ao sopro da realidade!"

No texto, Prestes cita a decepção do povo e das elites militares e intelectuais após cinco anos de "malabarista e nojenta dominação getuliana", cujos planos de inclusão social e independência econômica não se realizaram, tendo muitos dos antigos "tenentes" atuado nessa "traição". O combate ao imperialismo e ao latifúndio como males maiores ganha destaque, e ataca-se a incursão das finanças e militarismo estadunidenses e britânicos, além dos alemães e japoneses, todos manobrando diferendos entre oligarquias regionais ou elites econômicas. A influência programática do PCB fica bem explícita:

> "[...] a crise mundial do capitalismo, na sua agravação crescente leva os imperialistas a tornarem cada vez mais clara a dominação e a exploração dos países subjugados por eles nas colônias e semicolônias como o Brasil.
> "[...] A pequena indústria nacional, aquela que não está nas mãos dos tubarões estrangeiros ou de seus lacaios, é ameaçada de liquidação pelos tratados comerciais com a Inglaterra, com os Estados Unidos e o Japão. [...]
> "A dominação imperialista utiliza o regionalismo, os interesses contraditórios das classes dominantes, que os servem, para, aprofundando esses interesses, despedaçar o país e melhor dominá-lo."

O integralismo de Plínio Salgado e a evolução do governo rumo a uma "ditadura fascista" aberta mostrariam a "decomposição" das classes dominantes em meio a objetivos discrepantes e à disposição em entregar o Brasil aos grandes impérios capitalistas. Por isso, a luta política no país não seria entre "extremismos", como diziam os "liberal democratas", mas entre nacionalistas e lacaios do estrangeiro:

> "A luta está travada entre os libertadores do Brasil, de um lado, e os traidores, a serviço do imperialismo, do outro.
> "O momento exige, de todo homem honesto, uma posição clara e definida. Pró ou contra o fascismo; pró ou contra o imperialismo! Não há meio-termo possível, nem justificável."

Define-se a ANL como "uma vasta e ampla organização de frente única nacional" para enfrentar "o imperialismo, o feudalismo [i.e. o latifúndio] e o fascismo", aberta a toda adesão individual ou coletiva, desde que observado o princípio de opor-se àqueles três inimigos e não barrar a unidade das forças em luta. O público principal deveria ser o

proletariado, mais atingido pela crise e arrastado a greves, o qual se uniria ao campesinato, ainda desorganizado nos meios de luta, aos soldados e marinheiros e aos "melhores oficiais das forças armadas", muitos considerados experientes na arena social e veteranos do "tenentismo". A entidade se diz democrática e convoca intelectuais, estudantes, mulheres e "os pequenos comerciantes, os pequenos industriais" batidos pelos monopólios. Valoriza-se a liberdade de crença e consciência e sublinha-se que muitos padres viveram junto aos pobres e apoiaram-nos, e os "homens de cor" ou "pretos" também são lembrados e incorporados:

> "[...] estão mesmo os padres brasileiros, os mais pobres e que, entrando para a igreja não se venderam ao imperialismo, nem esqueceram seus deveres frente ao povo. É natural que os chefes da igreja, os ricos e bem nutridos cardeais e arcebispos, como membros das classes dominantes, e lacaios do imperialismo, estejam contra a Aliança. [...]
> "Com a Aliança estarão todos os homens de cor do Brasil, os herdeiros das tradições gloriosas das Palmares, porque só a ampla democracia [...] será capaz de acabar para sempre com todos os privilégios de raça, de cor ou de nacionalidade [...]."

O programa "anti-imperialista" do futuro "governo popular revolucionário" tem nove pontos: anulação da dívida externa; revisão de acordos comerciais injustos; nacionalização dos principais serviços públicos e de empresas estrangeiras que rejeitem as leis revolucionárias; jornada de oito horas, previdência social e reforma dos salários; condições decentes de trabalho; desapropriação e redistribuição da terra e dos mananciais; Estado laico, liberdades "populares" e combate à discriminação racial, religiosa e de nacionalidade; combate às "guerras imperialistas" e aliança com outros grupos nacional-libertadores latino-americanos, classes e povos oprimidos. Esse programa agradaria a quem fosse de fato contra o fascismo, o latifúndio e o imperialismo, e imposto pelo "governo nacional revolucionário" erigido pelo "assalto" das massas, resolveria os males do Brasil:

> "O governo popular, executando o programa da Aliança unificará o Brasil e salvará a vida dos milhões de trabalhadores, ameaçado[s] pela fome, perseguido[s] pelas doenças e brutalmente explorado[s] pelo imperialismo e pelos grandes proprietários. [...] A força das massas, em que se apoiará um tal governo, será a melhor garantia para a defesa do país contra o imperialismo e a contrarrevolução. [...]
> "Mas o poder só chegará nas mãos do povo através dos mais duros combates. [...] A situação é de guerra e cada um precisa ocupar o seu posto. Cabe à iniciativa das próprias massas organizar a defesa de suas reuniões, garantir a vida de seus chefes e preparar-se, ativamente, para o assalto."

Após chamar o Brasil todo a abater o fascismo, a opressão, o governo Vargas e o assalto estrangeiro, Prestes defende a criação de um "governo popular nacional

revolucionário": "Vós que nada tendes para perder, e a riqueza imensa de todo o Brasil a ganhar!", um claro eco do Marx que falava aos "trabalhadores de todos os países". A finalização com o brado de "Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora" foi o esperado pretexto para o presidente decretar a suspensão da ANL, sem dissolvê-la, em 11 de julho de 1935, tolhendo um ciclo de lutas que escalava desde outubro de 1934 e dispersando o grosso das "massas" que apoiavam a entidade.

Segundo David P. Hornstein, um grande embaraço para o PCB e, sobretudo, para a ANL foi um artigo publicado na edição de 5 de agosto de 1935 do *Moscow Daily News*, jornal editado por Mikhail Borodin, louvando os comunistas por estarem à frente e serem o principal sustento da aliança e citando o nome de Prestes entre os membros do CEIC. Para os soviéticos, isso poderia ser motivo de orgulho, mas, embora Hornstein não diga como uma cópia possa ter parado nas mãos deles, Vargas e Filinto Müller velaram para que fosse reproduzido na imprensa brasileira como prova de uma submissão da ANL ao PCB e, portanto, à Comintern como agente estrangeira.[105] Em seu texto não publicado "A Revolução de 30", Octavio Brandão afirma ter sido "afastado de todo trabalho político" – no SLA/IC, presume-se, onde atuava – após rebater, sem indicar os canais, as "mentiras" de Fernando de Lacerda no VII Congresso da Comintern e só ter sido reabilitado após os levantes derrotados no Brasil em novembro de 1935. O alagoano também sugere a possibilidade de a leitura do manifesto de Prestes por Carlos Lacerda – que se tornaria, aliás, líder nacional da direita anticomunista a partir de 1945 – em 5 de julho de 1935 e a proposição de Prestes como presidente de honra da ANL terem sido "atos de provocação".[106]

Notavelmente, um telegrama da Comissão Política do CEIC em Moscou ao CC do PCB e a Luiz Carlos Prestes, datado de 13 de maio de 1935, alertara-os contra a mudança da palavra de ordem "Todo o poder à ANL!" por "O poder aos Sovietes!", como ainda era apoiada por alguns setores, revelando as dificuldades da passagem às "frentes populares". A Comintern qualifica a atual "etapa revolucionária" no Brasil de "frente anti-imperialista nacional", e por isso julga que o PCB deve ampliar o arco de forças e manter o que já existe dentro da ANL, por isso de forma alguma passando à palavra de ordem de "poder aos sovietes" ou "poder ao PCB". Esse "poder da ANL" seria o único caminho para a "vasta mobilização das massas populares para a derrubada do governo reacionário" e a "formação de um poder popular-revolucionário da ANL com Prestes à frente com a participação de todos os

[105] **Arthur Ewert:** a Life for the Comintern. Lanham, MD: University Press of America, 1993, p. 230.
[106] BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.01 s.03 ss.01 Pm.6, P.33 (página 115). Ressalte-se que Brandão e Prestes, dentro do PCB, nunca foram politicamente próximos, o que pode ter condicionado tal suposição.

partidos incluídos na aliança", que só mais tarde criaria condições para o "poder dos sovietes". Todos os aliados temporários devem ser aproveitados, inclusive "a parte da burguesia nacional que apoia a luta anti-imperialista" (cuja existência parece duvidosa), mas embora se fale de "armamento" do povo, inclusive dos camponeses, como parte do processo, não se esclarece se a derrubada seria pacífica (pressão, eleições) ou violenta (golpe armado, insurreição).[107] Interessa pontuar como, por um lado, se a ANL não pode ser atribuída como uma invenção da Comintern, mas certamente foi aproveitada pelos comunistas como um meio para atingir seus fins, por outro lado, o "poder à ANL" parecia uma divisa menos radical do que o "poder dos sovietes" ainda defendido por parte do PCB.

Moisés Vinhas julga que o manifesto de Prestes divulgado em 5 de julho, usado como desculpa para colocar a ANL na ilegalidade, representaria "uma radicalização enorme e um golpe na própria ANL, pelo menos em seus setores não comunistas, que de fo[r]ma alguma sabiam de, estavam preparados para, ou queriam uma tal política".[108] Mesmo assim, o CC do PCB confirmou em reunião na segunda quinzena de julho a linha adotada no encontro de maio, com insistência no GPNR, no lema de "todo o poder à ANL", no desencadeamento de greves, "lutas armadas e guerrilhas" e na visão de uma "situação revolucionária". Embora Prestes, por cartas, estivesse desde julho de 1935 convidando seus velhos parceiros a reviverem a "Coluna Invicta", não houve diretivas claras da cúpula comunista para o início dos combates em Natal, em 23 de novembro. Além disso, Gregório Bezerra desenvolve o tema da simpatia dos soldados e dos oficiais de baixa patente pela ANL e pelo antifascismo, os quais muitas vezes levavam ao comunismo (ou partiam deste e chegavam àqueles), devido a sua condição precarizada, à exploração hierárquica pelos oficiais superiores, em geral conservadores ou mesmo reacionários, e à situação social próxima à do proletariado por conta da desvalorização profissional ou mesmo de sua origem familiar.[109]

No segundo semestre de 1935, a situação no Nordeste brasileiro era tensa por causa da inquietação em unidades militares e da insatisfação geral de setores populares, mas Arthur Ewert, funcionário da Comintern, preocupado também com a postura de dirigentes do PCB na região, tentou acalmar os ânimos, pois o CC, sobretudo Prestes, esforçava-se em preparar a insurreição, ainda sem data definida, mas cuidava para que não fosse precipitada. Em reunião do CC do PCB no Rio de Janeiro (21-24 de novembro), à qual Miranda impediu

---

[107] *In*: DRABKIN, Iakov Samoilovich; BABICHENKO, Leonid Grigorievich; SHIRINIA, Kirill Kirillovich (org.). Коминтерн и идея мировой революции. Документы. Moscou: Nauka, 1998, p. 880-881.
[108] **O Partidão:** a luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Hucitec, 1982, p. 71.
[109] **Memórias (primeira parte: 1900-1945).** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, cap. 10 (p. 228 ss.).

Prestes de ir, invocando razões de segurança, o ex-capitão finalmente foi incluído no organismo, por sugestão de Ewert e Rodolfo Ghioldi. Prestes e os dirigentes presentes à reunião haviam decidido não precipitar os acontecimentos no Nordeste, mas sem o conhecimento do CC, os militares rebelaram-se em Natal em 23 de novembro, conseguindo manter o poder no estado do Rio Grande do Norte por três dias, e em Recife em 24 de novembro, onde foram rapidamente derrotados. Prestes teria sido pego totalmente de surpresa pelas insurreições, mas segundo Anita Leocadia Prestes, Miranda já estaria sabendo antes de todos, mas não se apressou em repassar as informações.[110] Em nova reunião dias depois, com os eventos já assimilados, Prestes, Ewert, Ghioldi e Miranda debateram sobre iniciar o levante também no Rio, com Miranda receoso, Ewert e Ghioldi igualmente temendo e Prestes decidido, em poucas palavras, de que melhor seria, se fosse o caso, perder lutando do que sofrer perdas idênticas, mas sem lutar.

Tomada a decisão, Miranda reuniu o Birô Político do PCB, que se pôs a apoiar os insurretos no Nordeste, pesou as forças militares para deflagrar o levante carioca e estipulou-a para a madrugada de 26 e 27 de novembro, só então avisando o SLA/IC. Montada a estação radiotransmissora de ligação direta com Moscou por Victor Allen Barron, Manuilsky insistiu que Prestes fosse ao Nordeste por sua segurança e para uma campanha revolucionária melhor, mas ele recusou, arguindo que o foco dos eventos era a capital federal. O Secretariado do CEIC enviou ao BSA/IC e ao Politburo do CC do PCB um telegrama com sua opinião sobre o intento somente em 26 de novembro de 1935, com a indicação de decidirem a questão da insurreição geral por si próprios. Isto é, não há uma "ordem" de Moscou para começá-la, em nenhum dos lugares em que estourou, apenas uma indicação para que "decidam por si próprios, quando considerarem necessário", contanto que garantissem o apoio do "movimento operário e camponês", fizessem de tudo para evitar a prisão de Prestes e mantivessem o CEIC "a par dos acontecimentos".[111] Ao que parece, o PCB terminou não buscando nenhum apoio popular, nem deu todas as garantias a Prestes, e embora no Nordeste houvesse razoável apoio popular, tudo se deu sem nenhuma articulação com a circunscrita quartelada do Rio de Janeiro.[112]

---

[110] **Luiz Carlos Prestes...**, *Op. cit.*, p. 180.

[111] *In*: DRABKIN, Iakov Samoilovich; BABICHENKO, Leonid Grigorievich; SHIRINIA, Kirill Kirillovich (org.). Коминтерн и идея мировой революции..., *Op. cit.*, p. 914-915.

[112] Entre as principais descrições e análises dos levantes de novembro de 1935, além das feitas pelos autores citados no corpo do texto, cf. CARONE, Edgard. **Brasil:** anos de crise (1930-1945). São Paulo: Ática, 1991, p. 217 ss.; PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão...**, *Op. cit.*, p. 296-297; VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35...**, *Op. cit.*, p. 349; MORAES, João Quartim de. **A esquerda militar no Brasil.** V. II. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 35-40 e 184-185; BROUÉ, Pierre. **História da Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 849; PRESTES, Anita Leocadia. **Luiz Carlos Prestes...**, *Op. cit.*, p. 183-184.

Moisés Vinhas considera que os levantes de 1935 contiveram grande subjetivismo, revelados, por exemplo, nos escritos de época de Arthur Ewert ("Harry Berger"), que exagera o quadro real do período de revolta e faz conjeturas irrealistas sobre a expansão do movimento para o interior. E justamente na vigência de linhas mais radicais, como em 1950 e 1954, a autocomplacência quanto a tais fracassos ficaria evidente. Ele lembra ainda que não houve participação de massas e que o próprio PCB fora pego de surpresa pela eclosão em Natal e, depois, em Recife. Desfrutando de independência, o "braço armado do partido" é que teria tomado a decisão, portanto a radicalização comunista golpeou o movimento de massas, e depois o próprio PCB foi golpeado. A hipótese de Vinhas é a de que "o levante tem mais a ver com o golpismo tenentista do que com os comunistas", ou seja, 1935 terminaria o "ciclo" iniciado em 1922 e 1924, refletindo a ideia (no fundo, uma desvantagem) que o próprio Prestes, consagrado na secretaria-geral, exporia anos depois, de que era mais fácil organizar o partido nos quartéis do que nas fábricas.[113] Em todo caso, talvez essa distinção que o militante faz entre "tenentes" e "comunistas", descontado o amálgama da propaganda sobre a "Intentona" nos anos seguintes, torna-se bastante tênue, pois eles estavam encarnados nas mesmas pessoas, e a confluência de interesses em mentes nem sempre tão refinadas em teoria política borra os limites entre o que é "tenentismo" (com suas aspirações sociais) e "comunismo" (com suas teses de luta armada).

Gregório Bezerra foi um dos protagonistas da revolta militar de novembro de 1935 em Recife, cuja eclosão ele não vincula de nenhuma forma aparente com a Comintern – o que realmente pareceria inverossímil, pois a única ligação direta com o Brasil dava-se pelo Rio de Janeiro. Muito pelo contrário, já havia mobilização entre as classes trabalhadoras insatisfeitas e os soldados do Exército que reclamavam das más condições de alojamento e alimentação, e só posteriormente os organizadores souberam do início dos combates em Natal, não havendo condições suficientes para uma luta duradoura em Recife. As próprias incoerências vindas nas ordens do PCB, obedecidas por mera questão de disciplina, demonstram como os soldados entendiam muito mais sobre a matéria insurrecional do que a "vanguarda do proletariado". Os combates foram violentos, e essa participação deixaria Bezerra marcado para sempre na mira da repressão, seja pelas cruéis torturas que sofreu ainda em 1936-38, seja em outros momentos de fechamento político.[114]

Quartim recorda inteligentemente que, de qualquer maneira, seria redundante falar em "ordens de Moscou", pois Prestes era um líder político que representava formalmente a Comintern no país.

[113] **O Partidão...**, *Op. cit.*, p. 71-72.

[114] **Memórias...**, *Op. cit.*, p. 239 ss.

Em entrevista lançada inicialmente em 1989, Apolônio de Carvalho, ex-combatente da Guerra Civil Espanhola e da Resistência Francesa, atribui tanto a decisão pelo manifesto radical de 5 de julho de 1935 (que, segundo ele, poderia chamar-se "luta armada") quanto pelos levantes de novembro não só ao que considera ser a via "tenentista" de resolver os problemas, impelida pelo tamanho das contradições do Brasil e entranhada na história nacional. Também haveria influxo da linha da Comintern cultivada desde 1928 e, sobretudo, 1929, com invocação da revolução imediata supostamente atiçada pelas massas e da ofensiva reacionária capitalista. Carvalho pensa que o fechamento da ANL bloqueou os espaços de legalidade e os contatos com a sociedade, e que o conluio entre integralistas e policiais, que desde 1933 dissolvia protestos de massa, reforçou-se em 1935. Assim, a "orientação" – cuja autoria ou origem ele não cita – era preparar o levante "para o final do primeiro trimestre de 1936" e, a partir dele, detonar "uma grande faixa de insurreições parciais". Carvalho também não explica como, mas o "quadro" insurrecional causado pelo manifesto de Prestes "provocou" o movimento no Nordeste e, "em última instância", no Rio de Janeiro, todos com pouca participação popular.[115]

3.5. O fim da Comintern em meio à guerra entre "razões de Estado"

O "expurgo" dos espiões no VKP(b) e na Comintern, uma antiga obsessão de Stalin, foi materializado nas grandes repressões políticas de 1936 a 1938 a partir dos processos contra Zinoviev e Kamenev, período que alguns observadores chamam de "Grande Terror". Iezhov, seu principal coordenador, não por menos ocupava um assento no CEIC. O ambiente de delação e insegurança levou ao caos e à crise econômica, sobretudo após a morte de vários técnicos, e foi freado somente no fim de 1938, apesar de outras repressões ocasionais e da demissão e prisão do próprio Iezhov pelos "excessos esquerdistas". O expurgo das elites nacionais e o terror policial de massa conviviam com a propaganda louvando valores conservadores e patrióticos, em suposto preparo para nova guerra mundial que Stalin temia e que exigia soldar a consciência social. Georgi Dimitrov e Palmiro Togliatti estiveram entre os líderes da Comintern mais ativos na repressão, até podendo ter objeções particulares, mas preferindo não se comprometer e inclusive crendo nos motivos evocados por Stalin.

A maior prova de que as ambiguidades de Dimitrov não eram algo imposto de fora, caso se acredite nos registros deixados à posteridade, são os diários do líder búlgaro, traduzidos para várias línguas ocidentais nos últimos anos e que, entre os vários intervalos de

[115] AZEVEDO, Ricardo de; MAUÉS, Flamarion (org.). **Rememória:** entrevistas sobre o Brasil do século XX. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 92-93.

tempo sem anotações, trazem transcrições de reuniões com Stalin e outros líderes comunistas. Sem externar sequer intimamente qualquer ressalva, ele ouviu de seu chefe as palavras mais cruéis contra os trotskistas, os maiores inimigos de sempre, perigosos mesmo quando já estavam neutralizados na URSS e que, assim como os meros "suspeitos" de traição – tal qual o "milionário vermelho" alemão, tão prestativo nas campanhas internacionais –, não se enquadravam ao que era tolerável para as "frentes populares":

> "***Conversa privada com Stalin.***
> "Provavelmente, também vamos prender Stasova. Ela se revelou ser da gentalha. Kirsanova é muito fortemente ligada com Iakovlev. Uma verdadeira gentalha.
> "Münzenberg é trotskista. Se ele vier, o prenderemos sem hesitar. – Tente atraí-lo para cá."[116]

Na mesma conversa de 11 de novembro de 1937 no Kremlin, na presença de Wang Ming, Kong Xin e Wang Jiaxiang, Dimitrov ouviu Stalin utilizar o mesmo tom: "'Reforçar por todos os meios a luta contra os trotskistas' [na decisão] – 'Isso não é suficiente. É preciso caçar os trotskistas, fuzilá-los, destruí-los. São provocadores em escala mundial, os mais vis agentes do fascismo'."[117]

Compensando o reflexo variável dos grandes expurgos fora da URSS, que incluía pensar que o nazismo, ao menos nessa época, era muito mais perigoso a ponto de justificar tal reação em Moscou, a guerra civil na Espanha ajudou a impulsionar a popularidade dos partidos comunistas na América Latina, onde as partilhas culturais foram um fator positivo adicional.[118] Poucos e perseguidos, os comunistas latino-americanos disputavam com grupos populistas mais vastos e às vezes enfrentavam meios com industrialização ainda débil. O antifascismo militante e comunista foi arruinado junto com a República espanhola e a Frente Popular na França, fora do governo desde abril de 1938, e finalmente morreu com a divisão da Checoslováquia acertada em setembro entre a Alemanha, a Itália, a França e o Reino Unido, eventos que Stalin observava passivo e voluntariamente marginalizado da política europeia.

---

[116] Conversa privada com Stalin, 11 de novembro de 1937. *In*: GEORGI Dimitrov: Journal..., *Op. cit.*, p. 207-208 (grifo da tradução francesa). Existe também a tradução inglesa, que é esta: "We shall probably arrest Stasova, too. Turned out she's scum. Kirsanova is very closely involved with Yakovlev. She's scum." "Münzenberg is a Trotskyite. If he comes here, we'll certainly arrest him. Try and lure him here." Cf. THE DIARY of Georgi Dimitrov..., *Op. cit.*, p. 69.

[117] GEORGI Dimitrov: Journal..., *Op. cit.*, p. 206. O adendo "na decisão" foi um acréscimo da edição francesa, em referência a uma decisão do Secretariado da Comintern.

[118] Sobre a atuação de brasileiros do PCB no conflito e seus reflexos políticos mais amplos, cf. BATTIBUGLI, Thaís. **A solidariedade antifascista:** brasileiros na Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Campinas: Autores Associados; São Paulo: Edusp, 2004.

No Brasil, a reação policial ao que se costumou chamar de "Intentona Comunista" de novembro de 1935 bateu todos os recordes em violência carcerária e amplitude das detenções. O Congresso Nacional promulgou o primeiro estado de sítio para 30 dias a partir de 25 de novembro, lançando uma onda de prisões e expulsões do serviço público e a saturação de cadeias, delegacias e navios-prisões onde conviviam militares, intelectuais, professores, políticos e presos comuns. Nos últimos dias do ano, o Congresso autorizou Vargas a prorrogar o estado de sítio por mais 90 dias e outorgou-lhe o direito de impor o estado de guerra. Vargas decretou em 21 de março de 1936 o estado de guerra por 90 dias, alegando o "recrudescimento das atividades subversivas", e suspendeu as poucas garantias constitucionais ainda guardadas sob o estado de sítio. Em 5 de março de 1936, Luiz Carlos Prestes e Olga Benario, agora também sua parceira grávida, foram detidos e levados a presídios diferentes. A campanha pela soltura do casal e pela anistia política geral alcançou o exterior e foi promovida principalmente, a partir de Moscou, por Maria Leocadia, mãe do líder, e Octavio Brandão. Essa pressão foi exatamente um dos pretextos para se prorrogar o estado de guerra por mais 90 dias em meados de junho, temendo uma campanha do "comunismo internacional" contra o país.[119] Em 11 de setembro, Vargas baixou o decreto que criava o Tribunal de Segurança Nacional (TSN) na capital federal, como órgão da Justiça Militar operante no correr do estado de guerra. Logo após, o presidente recebeu nova autorização do Congresso para prorrogar o estado de guerra por mais 90 dias.

Após a prisão de Prestes e outros dirigentes entre 1935 e 1936, Honório de Freitas Guimarães assumiu a secretaria-geral, e fugindo das polícias do RJ e de SP, o CC e a redação de *A Classe Operaria* deslocaram-se para Salvador, enquanto os CRs foram se reorganizando e conseguiram chegar a uma rearticulação partidária entre 1936 e 1937.[120] Na Bahia, a cúpula anulou a consigna de "Todo o poder à ANL" em abril de 1936 e reorganizou-se com "Bangu" (secretário-geral), Elias Reinaldo da Silva ("André"), Eduardo Ribeiro Xavier ("Abóbora"), Honório de Freitas Guimarães ("Martins"), Adelino Deícola dos Santos ("Tampinha"), Osvaldo Costa ("Tamandaré") e outros remanescentes da conferência de 1934. A resistência organizativa do PCB teve um dos focos no CR de Pernambuco, considerado crucial para revoltas no Nordeste e onde "Bangu", "Martins" e "Abóbora" ficaram dois meses antes da mudança para Salvador.[121] Isso criou uma situação inusitada de poder dual: por um lado, "Bangu" fora deslocado por "Miranda", e quando a direção carioca foi presa após o levante

[119] Cf. PRESTES, Anita Leocadia. **Campanha Prestes pela libertação dos presos políticos no Brasil, 1936-1945.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.
[120] CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937).** 3. ed. São Paulo: Difel, 1982b, p. 246-247.
[121] DULLES, John W. F. **O comunismo no Brasil, 1935-1945...**, *Op. cit.*, p. 33-36.

militar, ele cogitou reconstruir o CC por conta própria, com quem já estava com ele; por outro lado, os integrantes do CR de São Paulo eram menos procurados ou presos do que os próprios aliancistas, e com algum espaço de ação, consideraram desmontado o CC carioca e também o recriaram por sua conta. Somente em 1940 a detenção de mais de 100 membros do CR e do CC paulistas abalou seriamente os pilares locais do PCB. Basicamente, os dois Comitês Centrais eram liderados, na Bahia, por "Bangu" e "André", e em São Paulo, por Hermínio Sacchetta ("Paulo") e Hélio Manna de Lacerda ("Luís"), e entre ambos haverá muitas divergências de fundo.[122]

Em inícios de 1936, Basbaum estava trabalhando em Salvador, quando "Martins" chegou em sua casa. Ele disse que com a queda de Miranda, o CC se reorganizara de novo, ele se tornara secretário-geral e agora queria ajuda para transferir provisoriamente o comitê para a Bahia e aí também editar *A Classe Operaria*. Segundo "Martins", o partido estava esfacelado e a permanência no estado ajudaria a fugir por algum tempo da perseguição policial, mais forte em São Paulo e no Rio de Janeiro. Já não estavam mais no PCB "os antigos membros do CC antes de Prestes" e os presentes na Conferência Nacional que excluíra vários membros, como o próprio Basbaum, alguns desistentes, outros presos e outros expulsos, devido a uma série de "desvios". Em suas memórias, Basbaum critica essa alta rotatividade de membros, derivada de sucessivas expulsões massivas, que deveria parar, segundo ele.[123] Além disso, o partido seria praticamente inexistente na Bahia, e por isso, mesmo a organização de um pequeno CR ficava difícil, tanto mais que "Martins" depois voltou ao Rio e Basbaum não teve mais notícias suas. Em princípios de 1937, militantes vindos do Sul, de São Paulo e do Rio chegaram a Salvador e informaram-lhe que o CC (paulista, presume-se) disputava quanto ao apoio às candidaturas presidenciais de Armando de Salles Oliveira ou de José Américo de Almeida. A disputa confundiu o CR da Bahia, pois não sabiam o porquê exato das divergências, mas apenas que em São Paulo o PCB decidira apoiar Oliveira, enquanto no Rio e no Norte havia uma inclinação geral a Almeida. Por disciplina, e convencido por vários que viajaram a Salvador para esclarecer as dúvidas, o CR baiano decidiu apoiar Almeida, ainda que para Basbaum e para "muita gente" já pairasse a dúvida

[122] Para um detalhamento mais profundo e bem documentado sobre a organização e as disputas internas no PCB a partir de 1936, cf. KAREPOVS, Dainis. **Luta subterrânea:** o PCB em 1937-1938. São Paulo: Hucitec: Editora UNESP, 2003.

[123] **Uma vida em seis tempos:** memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 163-164. Basbaum não menciona a época da visita de "Martins", mas pode ser vagamente deduzida das páginas anteriores, além do que ele escreve na página 156 que chegara a Salvador "em março ou abril de 1935".

sobre a realização das eleições, e de fato a propaganda foi feita, até a chegada súbita do golpe do Estado Novo.[124]

O cenário do ano de 1936 foi muito opressivo, mas a partir do início de 1937, a campanha eleitoral para o pleito presidencial marcado para janeiro de 1938 provocou uma leve distensão. Porém, Vargas e seu círculo próximo não confiavam inteiramente nos principais candidatos e iniciaram a trama do golpe, fazendo trocas de pessoal nos governos estaduais e na cúpula do Exército, todos atraídos em torno do projeto. Em setembro de 1937, o "plano Cohen", forjado pelo oficial integralista Olímpio Mourão Filho, deu o pretexto final, tornado público no dia 30 e levando o Congresso Nacional a suspender de imediato as garantias constitucionais e decretar o estado de guerra por 90 dias. A oposição de políticos renomados, mesmo articulada tardiamente, obrigou Vargas a apressar o golpe, marcado para 15 de novembro e desfechado no dia 10. Era grande a movimentação da propaganda dos principais candidatos às eleições de 1938, que finalmente seriam diretas: Plínio Salgado (AIB), José Américo de Almeida (apoiado por vários governadores contra Vargas, embora tivesse aparência governista) e Armando de Salles Oliveira. Mas nesse ínterim, Vargas articulou o golpe com as intervenções nos estados e nas Forças Armadas, até que em 10 de novembro iniciou-se o chamado "Estado Novo", e em 2 de dezembro todos os partidos políticos foram dissolvidos. A nova Constituição, inspirada no corporativismo português e no fascismo italiano, deu poder total ao presidente.

Meses antes, em janeiro de 1937, "Abóbora" chegara a Moscou trazendo uma grande massa de documentos até então produzidos pelo SN (Secretariado Nacional) do PCB – novo nome do CC – e, sendo ostensivamente interrogado pelo Departamento de Quadros da Comintern, acabara expressando uma avaliação negativa das insurreições de 1935 e da linha de "revolução imediata". Sua presença era importante por ser a primeira testemunha ocular dos eventos que viajava à URSS, e até os enviados do PCB em Moscou, Octavio Brandão e Fernando de Lacerda, impressionaram-se com a mudança constante de orientação do partido.[125] Embora só em agosto de 1937, de volta ao Brasil, "Abóbora" expusesse ao Birô Político a linha de uma ampla união nacional pelo retorno à democracia, contra uma possível virada fascista de Vargas e contra insurreições armadas, sua ida terminou sendo inútil, pois o PCB já estava começando a aplicá-la em dezembro de 1936, após "André" tê-la trazido na viagem de sentido contrário. Como visto acima, "André" participara do VII Congresso da

[124] *Ibid.*, p. 164-165.
[125] KAREPOVS, Dainis. **Luta subterrânea...**, *Op. cit.*, p. 119-120. Obviamente, a iniciativa da viagem fora do próprio "CC baiano" e não contara com a anuência do "CC paulista", que discordaria dela veementemente.

Comintern e da III Conferência Latino-Americana, quando entrara em conflito com o então secretário-geral Miranda devido a seus exageros sobre a situação no Brasil. Essa sua postura de confronto lhe valera o "castigo" de ter sido mantido em Moscou, como representante do partido na Comintern, mas a volta a seu país significaria um esforço da Internacional de refazer os contatos com o Brasil, interrompidos com os levantes militares.[126]

Uma reunião do BP de março de 1937 referendou a linha de Stalin que inclusive sugeria a união com a burguesia nacional "progressista" e "anti-imperialista", de um modo que não criticasse explicitamente a linha anterior, como ocorria quando não havia grandes mudanças nos membros da direção. Também se decidiu então enviar "Martins" a Moscou, dada a demora em saber dos resultados da missão de "Abóbora" e com a missão de torná-lo representante do PCB na Comintern no lugar de Fernando de Lacerda e sugerir a formação de um SN no exterior, composto por "Bangu", Esteban Peano – argentino que representava o BSA/IC, portanto, a própria Comintern no Brasil, e ladeara o "CC paulista" – e Brandão. Foi a chegada de "Martins" e seu encontro com Brandão que estabilizaram as ligações entre a matriz e a seção brasileira e melhoraram o conhecimento em Moscou sobre a situação no Brasil. A reunião do BP realizou-se no Rio de Janeiro, quando o SN se deslocou de Salvador e fez uma parada, mas teve de fugir para São Paulo devido ao aumento da repressão, em parte ligada aos preparativos do que seria o golpe do Estado Novo. Durante essa transição tática, o CR-SP, comandado por Hermínio Sacchetta, fez duras críticas ao SN de "Bangu" e "André" pela tentativa de oficializar o apoio a Armando Salles de Oliveira na campanha à presidência da República – o que acabou não acontecendo – e pela passagem do radicalismo extremado à colaboração acrítica, expressos nos artigos de *A Classe Operaria* publicados no Nordeste, mas com localização falsa no Rio de Janeiro. Em inícios de 1938, já estava consolidada a cisão do PCB que não era a princípio trotskista, e sim buscou o apoio da Comintern, tendo entre seus líderes Sacchetta e Ferreira Lima e autodenominada "Comitê Central Provisório" (CCP).[127]

Preso na sequência dos levantes de 1935, Apolônio de Carvalho afirma que nos anos de 1936 e 1937, o espírito dos jovens nas prisões, era de justeza quanto à quartelada e de otimismo quanto a uma luta que ainda estaria por continuar. Em meio a pessoas muito diversas, de origens e formações diversas, presas aos montes pela repressão, foi nessa condição que ele se tornou comunista e, posto em liberdade, ingressou no PCB. Poucas semanas depois de sua expulsão do Exército (9 de abril de 1936), Carvalho partiu para a

---

[126] VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35...**, *Op. cit.*, p. 116 apud KAREPOVS, Dainis. **Luta subterrânea...**, *Op. cit.*, p. 121-122.
[127] KAREPOVS, Dainis. **Luta subterrânea...**, *Op. cit.*, p. 123, 162-164, 180-181, 201 e 323-325.

Europa e desembarcou em julho de 1937, em Valencia, para lutar nas Brigadas Internacionais. Na época de sua libertação, uma reunião do CC do PCB decidira recrutar voluntários para lutar na Espanha, entre os quais foram convidados muitos militares, de cabos até oficiais de todas as armas, excluídos das Forças Armadas, e 20 comunistas brasileiros integraram-se às Brigadas.[128] Thaís Battibugli, em sua pesquisa, mostra como vários brasileiros que integraram as Brigadas Internacionais, entre eles Alberto Besouchet, o primeiro deles a chegar à Espanha, em julho de 1936, foram perseguidos sob acusações reais ou falsas de ligação com o "trotskismo" ou com o POUM de Andreu Nin. Besouchet participou nos levantes de 1935 em Recife e se, por um lado, realmente teve a viagem parcialmente financiada pelos trotskistas, por outro lado, o PCB ajudou ativamente a direção da Comintern nessa caça aos "trotskistas" que terminou enfraquecendo o campo republicano. Os brasileiros sofreram as mesmas dificuldades políticas, materiais e bélicas dos voluntários de outros países, e muitas vezes integravam os batalhões de falantes de espanhol ou italiano, sendo Apolônio de Carvalho uma exceção, pois comandou o batalhão de língua francesa.[129]

Contudo, o CR da Bahia e o "CC baiano" seguiam muito ativos, contribuindo para a tão ameaçada coesão partidária. Uma de suas iniciativas foi lançar a revista *Seiva*, decidida em maio de 1938 por Diógenes de Arruda Câmara e Armênio Guedes, integrantes do CR que, junto com outros militantes desse comitê, partiriam do Norte e do Nordeste para liderar o PCB no Rio de Janeiro a partir de 1945.[130] Pensou-se a publicação como um polo de aglutinação de intelectuais contra o Estado Novo, um centro unificador do que ainda restava do partido e um meio oficioso para difundir sua linha. A cautela na linguagem também visava atrair intelectuais não comunistas, que dariam uma imagem de neutralidade e ordem à publicação. Sena Júnior escreve que o foco inicial em tópicos literários e culturais não ignorava o que concernia ao Brasil em geral, adequado à tática de "união nacional" com o governo e contra o nazifascismo, enfim aprovada em 1938. Mas a partir de 1940, a revista sofreria gradualmente um processo de politização orientado pela "neutralidade" diante da guerra, considerada "imperialista" dos dois lados pelos articulistas, neutralidade essa, por certo tempo, também praticada pelo próprio Vargas. Notavelmente, a denúncia dos "dois" imperialismos não parecia conforme à prática da URSS e da Comintern de parar os ataques

---

[128] AZEVEDO, Ricardo de; MAUÉS, Flamarion (org.). **Rememória...**, *Op. cit.*, p. 94-97. Percebe-se nas entrelinhas que Carvalho faria parte da famosa leva de "tenentistas", criticada por vários militantes, que afluiria ao PCB na segunda metade da década de 1930.

[129] **A solidariedade antifascista...**, *Op. cit.*, p. 116 ss.

[130] Para uma análise detalhada desse periódico, cf. SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. Ação cultural, antifascismo e União Nacional na revista *Seiva* (1938-1943). **Cadernos AEL:** 90 anos do PCB, Campinas, SP, v. 18, n. 30, p. 113-137, 2011.

diretos ao nazismo após o acordo com Hitler, ainda que os bordões antifascistas de fato já estivessem amainados em *Seiva*.[131]

Em abril de 1939, Gregório Bezerra e vários outros comunistas, a maioria militares envolvidos nos levantes de 1935, foram transferidos para a ilha de Fernando de Noronha, que então servia de presídio. Lá ele encontrou "Miranda", que ele dizia ainda ser secretário-geral do PCB, e idealizando o funcionamento do partido e as qualidades dos dirigentes, Bezerra o procurou constantemente para pedir sugestões sobre teoria e leituras. Mas além de "Miranda" se esquivar e dizer que política era uma atividade aprendida só no dia a dia, e não "encher a cabeça de minhocas e nada realizar na prática", Bezerra considerou que o tempo todo ele se dedicava a criar intrigas baixas e divisões entre os comunistas, formando inclusive sua própria fração com outros colegas.[132]

Com relação à Comintern, em 21 de novembro de 1937, o Secretariado do CEIC "liberou" Wang Ming de suas obrigações, antes que ele retornasse à China, e em 20 de outubro de 1939, o Presidium do CEIC promoveu a espanhola Dolores Ibárruri como secretária responsável, entre outras coisas, pelas questões dos comunistas latino-americanos e da luta feminista contra a guerra.[133] Porém, com os quadros da Internacional cada vez mais reprimidos, as últimas duas sessões do Presidium do CEIC haviam se reunido em 16 de agosto e 26 de dezembro de 1938. Apertando o cerco policial, o OMS tornou-se "Serviço de Comunicações do Secretariado do CEIC" em 1936 e, ainda mais secreto, estreitou totalmente as ligações com o NKVD pelo uso de seus serviços de correio pela troca de informações sobre pessoas.[134] Como a publicação das memórias de Octavio Brandão para em seu exílio à URSS (1931), ele não informa o quanto o trabalho com a esposa Laura na Rádio Moscou contribuiu para as ligações entre os dois países (em última instância, entre a Comintern e o PCB). O alagoano parecia não ocupar posição de destaque, portanto, estaria em algum lugar do trabalho midiático que precisava ser explorado. Somente muitos anos depois deixaria indicações sobre esse período de sua vida, em textos não publicados e guardados nos

---

[131] *Ibid.*, p. 126-137.

[132] **Memórias (primeira parte: 1900-1945)...**, *Op. cit.*, p. 283-284. Notavelmente, a genial frase espontânea de Antônio Maciel Bonfim poderia descrever exatamente o âmago do comunismo "stalinizado" na década de 1930, sobretudo no ápice de sua "proletarização" desqualificada como "obreirismo".

[133] ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 191; JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. **América Latina en la Internacional Comunista...**, *Op. cit.*, p. 625. Curiosamente, a primeira coletânea menciona que Wang Ming ainda integrava o Secretariado do CEIC "às vésperas da Segunda Guerra Mundial".

[134] HUBER, Peter. L'appareil du Komintern, 1926-1935..., *Op. cit.*, p. 9, 12-13, 16, 18-19, 21 e 24; SADEKOVA, Souria. Dimitri Manouilski..., *Op. cit.*, p. 62; ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна..., *Op. cit.*, p. 186-193 e 199-200; VATLIN, Aleksandr Iurievich. Коминтерн: идеи, решения, судьбы..., *Op. cit.*, p. 341.

arquivos. Nas 200 páginas de "Vida vivida", por exemplo, datado de 4 de abril de 1952, descreve que conduziu um intenso trabalho intelectual dentro da URSS, trabalhou na Rádio Moscou, traduziu discursos transmitidos e obras diretamente do russo, participou da defesa de Moscou durante a invasão alemã e sempre manteve contatos amistosos com a família de Prestes. Brandão diz ter sido mandado a Paris pela Comintern em 1937 para impulsionar a campanha internacional pela melhoria das condições de Luiz Carlos Prestes na prisão varguista e pela entrega de sua filha com Olga Benario, Anita Leocadia, à avó paterna pela Gestapo. E entre as 95 páginas de "Visão de uma vida" (3 de maio de 1956), Brandão diz ter sido colaborador científico no Instituto de Economia e Política Mundiais dirigido por Jenő Varga de 1933 a 1935.[135] A primeira autobiografia não contém menções aos grandes expurgos de Stalin, mas na segunda há a seguinte nota: "1934-1938: o partido bolchevista depura-se de espiões e traidores. OB passa [testemunha ou escapa?] por essa experiência."

A instrumentalização do antifascismo atingiu o auge com o pacto de não agressão firmado entre Hitler e Stalin (agosto de 1939), encerrando a era de crescente prestígio soviético, mas lido pelos defensores como uma via aceitável diante da indisposição britânica em aliar-se à URSS contra o nazismo. Na sequência, a Comintern retomou a propaganda crítica ao Reino Unido e à França e silenciosamente abandonou as "frentes populares" e a retórica antifascista, que só reapareceriam com a invasão alemã à União Soviética (junho de 1941), um contexto ainda mais propício à difusão dessas frentes e, finalmente, à atração de novas massas humanas rumo aos partidos comunistas. Antes disso, Georgi Dimitrov resume em seu diário uma reunião no Kremlin com Stalin, Molotov e Zhdanov em 7 de setembro de 1939, na qual o georgiano comenta o desencadeamento da guerra mundial. Stalin interpreta o conflito como uma guerra "entre dois grupos de países capitalistas" pela redivisão e dominação do mundo, boa para a URSS porque enfraqueceria ambos os lados. A Alemanha poderia "abalar" a posição dos países capitalistas mais ricos, portanto, sem saber nem querer, Hitler estaria "abalando e minando o sistema capitalista". Mesmo que Stalin julgue poder manipular a disputa para que ambos os lados lutem "do modo mais feroz possível", os comunistas dos países governados pela burguesia deveriam combater a guerra e seus próprios governos. Um exemplo da inutilidade do lema de "frente popular", ou seja, "unidade da nação", era o de que antes os revolucionários defendiam a Polônia como Estado contra sua

[135] BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.01 s.05 ss.01 Ma.13, P.112 (páginas 138-139 e 145-147); BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.01 s.05 ss.01 Ma.23, P.113 (páginas 65 e 67). O Fundo Octavio Brandão do AEL/Unicamp guarda várias versões de autobiografia do militante, quase todas datilografadas durante as décadas de 1950 e 1960, de tamanhos variados e dados às vezes discrepantes. Assim como as constantes referências a si mesmo na terceira pessoa, é um provável reflexo interiorizado do hábito dos comunistas estrangeiros na URSS escreverem sucessivas versões "expiatórias" de suas autobiografias.

partilha por invasores, mas agora que ela se tornara um "Estado fascista que oprime ucranianos e bielorrussos",[136] "A aniquilação desse Estado sob as atuais condições significaria um Estado burguês fascista a menos para guerrear"[137] e a possibilidade de "estender o sistema socialista para novos territórios e populações". Os trabalhadores do mundo deveriam saber que a guerra só lhes traria "sofrimento e privações" e deveriam denunciar a neutralidade "burguesa" de países que, na verdade, estariam apoiando a guerra em outros países visando ganhos para si mesmos.[138]

Na entrada do dia seguinte, 8 de setembro, Dimitrov incluiu em seu diário a versão alemã de uma diretiva para os partidos comunistas, basicamente com o mesmo teor da reunião anterior, em que se destacam a recusa de votar os créditos de guerra nos países beligerantes e a denúncia da "falsa" neutralidade nos países não envolvidos, cujos benefícios com a atividade bélica, porém, ele não explicita. A linha anterior deveria submeter-se a uma completa virada de 180 graus, com o retorno dos ataques à social-democracia "traidora", e volta-se a destacar que "A classe trabalhadora internacional certamente não pode defender a Polônia fascista, que rejeitou a ajuda da União Soviética e reprimiu outras nacionalidades". O texto rejeita a afirmação de Neville Chamberlain, primeiro-ministro britânico, de que essa era uma guerra contra o fascismo, mas ao confundir os regimes fascistas com os não fascistas, não há nenhuma palavra de ordem diretamente contra o fascismo e o nazismo.[139]

Na interpretação da Comintern, em grande parte mediada pela leitura de Octavio Brandão, Vargas deixara de vez a cooperação com o fascismo após a "intentona integralista", como ele nomeia a tentativa da AIB, após sua dissolução pelo golpe do Estado Novo, de tomar o poder em 11 de maio de 1938 por meio de um ataque armado ao Palácio Guanabara visando prender Vargas, que oficialmente estava residindo aí. Por isso o ataque ao ditador passava a não ser priorizado, assim como, pela linha geral, o principal inimigo não seria mais o imperialismo estadunidense, e sim o "germânico" (ou seja, o nazismo). Como informa Dainis Karepovs, com relação ao trabalho do alagoano na Comintern:

---

[136] "Bielorrussos" faz referência à versão russa do nome do país, que era chamado "Bielorrússia" até 1993, quando a forma nativa "Belarus" se tornou obrigatória. Contudo, na mídia russa e nos setores russófilos da população belarussa, o nome tradicional ainda é muito usado.

[137] Não há como deixar escapar um paralelo entre a assimilação que Stalin faz da existência de um Estado não com a aspiração secular de todo um povo, mas com os azares de ideologias político-partidárias, e as atuais reivindicações do Kremlin sobre territórios de países vizinhos com base em argumentos semelhantes. Não por acaso, desde 2022 têm crescido na propaganda patriótica russa as alusões históricas às décadas de 1930 e 1940, crescentemente "reabilitadas" a despeito das recorrentes violações à liberdade e à integridade dos cidadãos por parte do Estado soviético.

[138] THE DIARY of Georgi Dimitrov..., *Op. cit.*, p. 115-116.

[139] *Ibid.*, p. 117.

> "Desde julho de 1935 eram transmitidas, com pequenas interrupções, as emissões em português na Rádio de Moscou, para Brasil e Portugal. Octavio Brandão e sua companheira Laura eram os responsáveis pela parte brasileira, ocupando-se tanto da redação como da locução. [...] [Os programas] eram transmitidos em três dias da semana: segundas (das 22h30 às 23h15), terças (das 19 às 20 horas) e sextas-feiras (como nas segundas)."[140]

Conforme as transmissões da Rádio Moscou deixavam claro ao longo de 1938, o CCP "paulista" era tratado como uma "cisão" condenada, e seus membros começaram a lamentar que não estavam conseguindo o apoio soviético nem influenciar as posições da Comintern. Em 11 e 12 de outubro de 1938, uma reunião do BP ampliado no Rio de Janeiro consagrou a linha seguida desde 1936, ao mesmo tempo em que veladamente dava como consumada a cisão do CCP, que na prática já estava abandonado pela Comintern em julho-agosto. A partir dessa reunião, intensificou-se a campanha contra o "trotskismo" no PCB, e uma resolução em março de 1939 finalmente indicou a expulsão dos que não haviam decidido retornar ao partido. Em 1939, a parte desse grupo que não abandonou a militância, notadamente o liderado por Sacchetta, aderiu à IV Internacional, enquanto a direção oficial "baiana" seguia acossada pela polícia, até que em abril-maio de 1940 a prisão dos principais dirigentes, entre eles "Bangu", "André", "Abóbora" e "Martins", desarticularia o partido de forma duradoura.[141]

Anita Leocadia Prestes afirma que a "onda nacionalista" que cobriu o Brasil a partir de 1938 poderia explicar em parte por que o PCB abandonou a consigna da "derrubada de Vargas" e não abandonou plenamente as manifestações "antifascistas" marginalizadas pela Comintern com o pacto germano-soviético de agosto de 1939. Primeiramente, o golpe do Estado Novo trouxe consigo uma política de "abrasileiramento" das instituições, o que acarretava, por exemplo, o fechamento de partidos políticos que representassem interesses estrangeiros, o principal dos quais era o partido nazista com suas sucursais no Sul. Com a perseguição atingindo indiscriminadamente interesses dos países Aliados e do Eixo, houve grande insatisfação da parte da diplomacia alemã, que assim começou a entrar em choque com Vargas e levou, entre outras coisas, ao torpedeamento de navios mercantes por submarinos. Em março de 1938, Osvaldo Aranha assumiu o Ministério das Relações Exteriores, e sua posição abertamente pró-EUA ajudou gradualmente a trazer o governo Vargas à órbita de Washington, enquanto a repressão à tentativa de golpe integralista pareceu uma ruptura completa com o campo fascista. Parte da direção do PCB interpretou esse

[140] **Luta subterrânea...**, *Op. cit.*, p. 352-353. Subentende-se que os programas seguiam o fuso horário do Rio de Janeiro, hoje chamado "de Brasília".
[141] *Ibid.*, p. 353-355 e 376-378.

movimento como uma brecha para evitar a "fascistização" completa do regime, e assim optou por apoiar o governo, pelo menos em seus esforços contra o nazifascismo e, depois, na guerra contra o Eixo.[142]

Leoncio Basbaum, cujas memórias são uma preciosa fonte para entender o percurso da reconstrução do PCB e a ascensão de uma nova geração de dirigentes, escreve que voltou ao Rio em 1939, e em abril de 1940 foi novamente preso. Na Polícia Central, ele encontrou vários comunistas e com eles soube que "toda a região de S. Paulo se afastara do Partido" por causa de cisão resultante do agravamento das divergências sobre as candidaturas presidenciais e que "no Rio, o Partido tinha quase todo desaparecido, embora houvesse surgido um pequeno grupo, a que chamavam de CNOP [sigla para Comissão Nacional de Organização Provisória], tentando rearticulá-lo". Em 1941, reencontrando antigos camaradas de partido, confirmou que desde 1938 o PCB praticamente já não existia, ao menos na capital federal, e não contava com uma direção nacional, mesmo das que apareciam efemeramente. Além da repressão do Estado Novo, um dos motivos pode ter sido o abatimento com o avanço do nazifascismo e a desilusão com o comunismo. Em inícios de 1942, Arruda Câmara procurou Basbaum para dizer que esteve em Montevidéu, em contato com o "SSA/IC [*sic*!]", que lhe teria permitido e instigado a reaglutinar os comunistas, algo estranhado por Basbaum, dado, segundo ele, sua pouca fama mesmo na Bahia. Arruda dizia estar à frente do processo, durante o qual vários paraenses (como Amazonas e Pomar) e baianos acompanharam-no no deslocamento ao Rio, e dizia ser representante de "um grupo de S. Paulo", embora Basbaum tenha depois verificado que no estado os comunistas não aceitaram sua liderança por não o conhecerem. Mesmo assim, Arruda dizia desconfiar da CNOP por temer que fossem policiais, pediu a opinião de Basbaum e indagou como podia entrar em contato com o grupo. Mesmo desconfiado, Basbaum resolveu ajudar por ver aí uma tentativa de reorganizar o PCB e, por intermédio de outro militante, conseguiu contato com os dirigentes da CNOP, Maurício Grabois e Amarílio Vasconcelos, e os pôs em contato com Arruda como representando "um grupo de S. Paulo", embora eles mesmos também não o conhecessem.[143]

Afinal, fez-se o contato, facilitado pelo fato de ambos os lados reconhecerem a liderança de Prestes e desejarem reerguer o PCB, ao contrário de uma corrente que, influenciada pelos comunistas britânicos e estadunidenses, não via mais sentido em sua

---

[142] PRESTES, Anita Leocadia. **Da insurreição armada (1935) à "união nacional" (1938-1945):** a virada tática na política do PCB. São Paulo: Paz e Terra, 2001, caps. 3 e 10.

[143] **Uma vida em seis tempos...**, *Op. cit.*, p. 172-173 e 177-178. A referência a um "SSA/IC" (na verdade, BSA/IC desde 1930) é tão mais estranha quanto a Comintern, como visto acima, deliberara ainda em 1935 pela extinção dos secretariados regionais.

existência, diante da aliança entre o Ocidente e a URSS contra Hitler. O clima de retração do nazifascismo e de fortalecimento das correntes liberais e democráticas, ampliado com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, favoreceu que os comunistas "saíssem das tocas" e ingressassem na CNOP, cujo trabalho foi se intensificando. Basbaum se ressente do fato de não ter sido convidado para a que seria chamada de "Conferência da Mantiqueira", a "II Conferência Nacional" na qual foi eleito um CC provisório (contando com os dirigentes do antigo CNOP, alguns baianos e todos os paraenses migrados) até a realização de novo congresso e Prestes foi escolhido secretário-geral *in absentia*. O metalúrgico e marítimo José Medina lideraria de forma provisória, mas, acusado de desvio de verbas (fato jamais comprovado), logo foi substituído pelo estivador Álvaro Ventura, enquanto a maior parte do CC era composta de pequenos burgueses e ex-oficiais do Exército e da Aeronáutica expulsos ou presos em 1935. Certo dia, o Presidium desse novo CC reuniu-se na casa de Basbaum, que notou a ausência de paulistas, opostos ao comitê recém-eleito e à liderança de Prestes. Foi então que se decidiu o "apoio incondicional a Getúlio", cujos opositores no CC só foram pacificados com a integração de Prestes no órgão após sua libertação, e se concluiu que a dissolução da Comintern não acarretava na dissolução dos partidos comunistas, mas em sua independência. Basbaum lamenta apenas que o PCB, ao invés de se tornar independente, tenha se atrelado acriticamente à URSS e ao VKP(b) (acaso poderia ser diferente?). Durante o processo de refundação, o CC seria renomeado "Comitê Nacional" (CN), ato cuja data Basbaum não especifica.[144]

Enquanto isso, Brandão auxiliava a URSS e, em seus últimos tempos, a Comintern no combate antifascista por meio das transmissões que preparava na Rádio Moscou. Dolores Ibárruri, responsável pela América Latina, ladeava-o, por exemplo, elaborando roteiros para a preparação de um programa de rádio, o que parece ser um dos manuscritos de arquivo que foi feito exatamente no verso do que era um documento datilografado do setor de rádio do setor de imprensa (da Comintern, talvez). O roteiro é indicado para o México, mas em nota acima está escrito "Igual para: Brasil, Cuba, Perú [*sic*], Chile, Argentina." Os três itens principais em espanhol: "1) Relação dos acontecimentos mais importantes desde que começou a agressão hitleriana contra a URSS [...] 2) A situação atual

[144] *Ibid.*, p. 178-183 (Basbaum usa a sigla "PCUS" para o partido comunista soviético, que só seria adotada em 1952). As denominações "CC" e "SN" para designar o órgão dirigente do PCB oscilam na bibliografia.

do México face à declaração de guerra ao Eixo [...] 3) Mudança nas relações com os EUA. Mudança nas relações com a URSS."[145]

Por outro lado, perto da vitória completa, Brandão desejava voltar para o Brasil, tanto por entender que podia ser útil a uma possível onda revolucionária no país quanto por seu caráter pessoal nostálgico, ligado às terras nativas, que já se demonstrava desde que deixara muito jovem as Alagoas natais para o Rio de Janeiro. Em carta a Dimitrov, pede uma entrevista com ele para discutir problemas ligados à política brasileira e pede que seja enviado de volta ao Brasil imediatamente com Sattva, pois Vargas concedera anistia aos exilados políticos. Brandão pede que Sattva, Vólia e as três irmãs de Prestes sejam enviadas de Ufá a Moscou e que se organize a partida das três irmãs ao Brasil. "Nestas condições, caro camarada Dimitrov, meu lugar é na minha Pátria, participando da luta ao lado do meu povo!"[146] A carta mostra que Brandão mantinha contato íntimo e constante com a direção da Comintern, ao menos com Dimitrov, mas não está claro por que seu pedido não seria atendido (ele só retornaria em 1946). Em outro texto muito informativo, certamente datilografado décadas depois, Brandão conta quais foram seus principais trabalhos na Comintern e como ele e Laura atuaram na defesa de Moscou contra os alemães. Recebeu ordem de evacuar com Laura no fim de 1941 para Ufá, na região dos montes Urais. Durante a guerra, traduziu e transmitiu por rádio discursos, relatórios e ordens do dia de Stalin, traduziu, escreveu e redigiu "milhares de artigos" em defesa da URSS. Em 1946, foi premiado em sessão solene em Moscou com a Medalha da Bravura no Trabalho por sua atuação. Após 10 meses e meio em Ufá, Brandão telegrafou para Dimitrov pedindo para trabalhar em Moscou, e uma semana depois recebeu reposta favorável, partindo imediatamente. Deixou Vólia e Sattva nos Urais, chegou a Moscou em setembro de 1942 e recomeçou na Rádio Moscou as transmissões para o Brasil e Portugal, narrando, por exemplo, a Batalha de Stalingrado, começada em julho, e a guerra até seu final. Laura trabalhou na defesa de Moscou com serviços braçais que a levaram à exaustão, vindo a falecer em Ufá, doente, em janeiro de 1942. Além da perda amorosa, Brandão perdeu, na evacuação ou após os bombardeios alemães, as cartas e poesias de Laura, obras inéditas, artigos, estudos e cadernos de apontamentos que lhe teriam custado dez anos de trabalho.[147]

---

[145] "Nota de Dolores para O.B.", [*s. l.*], 27 de maio de 1942. BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.02 s.01 ss.01 Doc.0062, P.212.

[146] Carta de Brandão a Georgi Dimitrov (rascunho em português). Moscou, 6 de setembro de 1942. BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.02 s.02 ss.01 Doc.0017, P.213 (grifo no original).

[147] BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.04 s.05 Doc.0057-0058, P.273. Não está claro se se trata do documento "O camarada Jorge Dimítrov [*sic*]", [*s. l.*], 15 de dezembro de 1971. A página é marcada com o n.º 29.

Com o aumento dos afundamentos de navios pela Alemanha, as próprias massas espontaneamente fizeram protestos pelo alinhamento com os Aliados e pela entrada no conflito a seu lado e depredaram negócios pertencentes a famílias originadas de países do Eixo. Mesmo não seguindo ordens diretas da Comintern (com a qual a comunicação era quase nula devido ao desmonte do partido), o PCB começou a buscar contato com as novas organizações antifascistas e a aproveitar o abrandamento da repressão a cada oportunidade, à medida que se ampliava a aproximação do Brasil com os EUA.[148] A linha de "frentes populares" e alianças amplas seria a de influência mais duradoura sobre o PCB quando se começou a tentar aplicá-la, inspirando a política de "união nacional" com Vargas e de apoio à burguesia "nacional" e "progressista" durante a 2.ª Guerra Mundial.[149]

Em depoimento concedido em 2001, João Amazonas relembra que tendo entrado no PCB em abril de 1935, na esteira do movimento da ANL, chegou a Belo Horizonte "em fins de 1941, início de 1942" e ficou aí um ano e meio reorganizando o partido, tendo partido às vésperas da "Conferência da Mantiqueira". Depois, com o PCB quase em vias de extinção, ele se dirigiu ao Rio para entrar na organização nacional e ajudar na reconstituição partidária. Na capital, começou a organizar a CNOP com Maurício Grabois, Pedro Pomar, o jornalista Amarildo Vasconcelos, o oficial Ivan Ramos Ribeiro, o capitão Sérgio Machado (ambos do Exército) e Diógenes Arruda, que voltou da Bahia e foi a São Paulo porque não podia ficar na cidade. Uma das tarefas era obter telefones e endereços de comunistas de vários pontos do país e trazê-los do isolamento à reunificação. Nesse intuito, Amazonas diz ter cruzado toda a Região Sul e trazido vários companheiros para a "Conferência da Mantiqueira". A conferência foi feita numa "cabana", um "barraco", "antigo local de produção", em condições muito simples, à qual se chegava de carro partindo de Barra do Piraí e onde teriam se reunido "20 pessoas, ou um pouco mais". Amazonas alude a um clima de esperança e alegria, apesar do cenário humilde, e relembra a criação de um novo CC, que deveria começar o trabalho de reorganização e no qual foram incluídos, entre outros, Prestes e Marighella, ausentes porque estavam presos. Em sua visão, o PCB estava buscando não combater "pessoas", mas, junto ao máximo possível dessas pessoas, lidar com "questões maiores", neste caso o fascismo e o nazismo, contra os quais também Vargas obrigara-se a virar. Deixando, portanto, de ser o "alvo da perseguição" (mas até que ponto?), os comunistas puderam assumir a Liga de Defesa Nacional, onde atuavam muitos militares que simpatizavam com eles e que se tornou "um

[148] PRESTES, Anita Leocadia. **Da insurreição armada (1935)...**, *Op. cit.*, caps. 3 e 10.
[149] CHILCOTE, Ronald. **O Partido Comunista Brasileiro:** Conflito e integração – 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 87-88 e 186-190; MAZZEO, Antonio Carlos. **Sinfonia inacabada:** a política dos comunistas no Brasil. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: Boitempo, 1999, p. 71.

grande centro de ação política", propício à propaganda antifascista e pela anistia política. De certa forma, Vargas aparecia como o líder desse "novo quadro político" brasileiro, e por isso teria despertado a oposição dos setores "reacionários" das Forças Armadas, nos quais se incluía o general Eurico Gaspar Dutra e que promoveram o golpe de Estado que derrubou o ditador em 29 de outubro de 1945.[150]

O relato da reconstrução do PCB feito por Moisés Vinhas ainda no início da década de 1980 coincide no básico com o de Amazonas e de Basbaum: reorganização do CE da Bahia pela "boa capacidade de articulação política" e do "grupo do Rio de Janeiro", onde a CNOP foi estruturada sob o comando de Vasconcelos e Grabois, ambos em contato com Prestes, o qual, por isso, apoia o comitê; Arruda fez os primeiros contatos entre os dois núcleos; o regime de Vargas não é mais caracterizado como "fascista", mas como tendo "elementos de fascismo", e evita-se criticá-lo, pois se considera que a vitória dos Aliados traria inevitavelmente a democracia ao Brasil; superam-se como obstáculos a desconfiança mútua entre militantes, sobretudo em São Paulo (pois as delações eram frequentes) e após as prisões do "CC paulista" em 1938 e 1939, o "browderismo" (tendência à dissolução dos partidos diante da extinção da Comintern e da aliança URSS-Ocidente), cujo maior arauto no PCB era Fernando de Lacerda, e parte dos paulistas, para os quais o combate ao fascismo implicava o combate a Vargas. A "Conferência da Mantiqueira" ocorreu em 27 de agosto de 1943, e entre as principais políticas aprovadas estavam a "União Nacional contra o fascismo" e, nisso, contando com Vargas, a luta pela anistia política, pela democratização, pela legalidade do partido e pela abertura de uma segunda frente de guerra. O CC eleito tinha "seis operários, sete militares, cinco intelectuais, um funcionário" e um de ocupação não identificada. Embora Vinhas considere o alinhamento a Vargas uma visão torta da política de "frente popular", uma preferência pelo Estado em detrimento da sociedade civil, a tendência à conciliação de classes e a fuga do debate sobre a democracia de massas, a escolha do PCB parecia fazer sentido no cenário mais amplo. Pois embora visando democratizar "pelo alto", Vargas foi quem legalizou os partidos, decretou a anistia e convocou eleições, ao romper com as classes dominantes, que queriam tirá-lo, convocar uma Assembleia Constituinte sem ele e entregar o poder ao Judiciário. A partir de 1943, as tendências nacionalizantes de Vargas desagradaram ao grande capital, sobretudo o estrangeiro, e a heterogênea e crescente oposição

[150] Relato anexo de João Amazonas, "João Amazonas e o PC do Brasil: das primeiras lutas à reorganização da Mantiqueira". *In*: RUY, José Carlos; BUONICORE, Augusto (org.). **Contribuição à história do Partido Comunista do Brasil.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2010, p. 229-242, esp. 232-233 e 238-242. É notável como figuras igualmente importantes no processo, como Leôncio Basbaum, estejam totalmente ausentes do relato.

"liberal" finalmente tentou atentar contra "o processo nacionalista e democratizante em curso" com o golpe de 1945.[151]

Em entrevista concedida em 1990, Jacob Gorender afirma que inicialmente o PCB na Bahia foi refratário à tentativa de contato estabelecida pela CNOP, porque com o clima de repressão e desconfiança, evitava-se a ligação com grupos sobre os quais não se tinha informações seguras, e os membros da comissão não seriam então "homens de prestígio nacional". Mário Alves representou a Bahia na "Conferência da Mantiqueira", mesmo não tendo autorização e tendo, depois, causado irritação em Salvador, ganhou Gorender para as posições da CNOP e os dois tentaram formar um núcleo da comissão na Bahia, mas com pouco sucesso, porque a direção local era mais influente. Gorender considera que sua decisão de ir combater com a FEB na Itália decorria da linha adotada pela CNOP e de seu próprio antifascismo radical, ainda que considere que, por Prestes estar preso e com poucos contatos e informações, ele não teria influência sobre a direção e não teria sido diretamente responsável pela linha "adesista" a Vargas. Essa virada teria sido obra de líderes como Arruda, Amazonas, Pomar e Grabois, que depois se tornariam, em suas palavras, "ultraesquerdistas".[152]

Gradualmente, destaca Anita Leocadia Prestes, o PCB foi se recompondo, por meio dos núcleos isolados em todo o país que foram retomando o contato entre si. Com a prevalência da linha de "União Nacional" em torno do governo, contra o fascismo, rejeitou-se a linha "liquidacionista" de alguns grupos, segundo a qual a dissolução da Comintern tirava a razão de ser da existência do partido. Vários militantes da Bahia, entre os quais João Falcão, estiveram na linha de frente dessa reconstrução, que culminou com a "Conferência da Mantiqueira" em 1943, mas Prestes posteriormente lamentaria o lado acrítico da "União Nacional", alegando que o combate ao fascismo implicava também uma ênfase, maior do que foi dada, na luta pela democratização no país.[153] Octavio Brandão, ex-anarquista que sobreviveu a todas essas três grandes fases do PCB de sua fundação até o fim da 2.ª Guerra Mundial – a formação autônoma, o radicalismo isolacionista e o antifascismo de massas –, e sua família receberam telegramas e cartas de boas-vindas de muitas pessoas após retornarem em 1946 da longa permanência na URSS ao Brasil.[154] A calorosa acolhida parecia não deixar entrever o ostracismo que ele sofreria nos anos seguintes à volta à legalidade, obtida oficialmente em 10 de novembro de 1945, quando Luiz Carlos Prestes se tornaria a figura

[151] **O Partidão...**, *Op. cit.*, p. 74-77.
[152] AZEVEDO, Ricardo de; MAUÉS, Flamarion (org.). **Rememória...**, *Op. cit.*, p. 180-181. As consequências da luta interna a partir de 1956, quando foi revelado ao mundo o "relatório Khruschov" com parte das atrocidades de Stalin e após a qual Gorender se tornaria um dos principais dirigentes, podem ter influído em seu relato.
[153] PRESTES, Anita Leocadia. **Da insurreição armada (1935)...**, *Op. cit.*, p. 75-80.
[154] BR UNICAMP IFCH/AEL OB G.01 s.02 ss.02 Cp.405-439, P.23.

predominante do partido que agora o "Cavaleiro da Esperança" poderia chamar, quase literalmente, de seu.

Na década de 1930, a Internacional Comunista não resistiu ao desmoronamento do próprio projeto humano ao qual ela fora destinada: uma revolução socialista mundial de curto ou médio prazo que transformasse os Estados burgueses em governos de operários, camponeses e militares de baixa patente. Uma vez que a escolha de Iosif Stalin fora recolher os cacos do antigo império tsarista, manter a centralidade do controle autoritário sobre todas as esferas da vida social e deixar os russos como etnia predominante sobre a política em todo o território, as poucas veleidades libertárias que ainda tinham Vladimir Lenin e seus sucessores na década de 1920 deram espaço à razão de Estado (agora do "Estado soviético", em total desnaturação do sentido original dos "sovietes") e às veleidades de potência global. O ditador georgiano jamais escondeu que a Comintern era a última prioridade de seus planos, pois que ele a considerava um estorvo a seu cuidado obsessivo por livrar a URSS de "agentes estrangeiros" e "sabotadores fascistas", portanto, seus funcionários locais sofreram de perto o terror dos grandes expurgos de 1936 a 1938. Não por menos, a expedição unilateral da resolução do CEIC, evacuado para o interior da Rússia durante a invasão alemã, a todas as "seções nacionais", em 15 de maio de 1943, anunciando a dissolução da III Internacional pouca diferença fez, em um contexto em que a "pátria dos trabalhadores" já estava fechada ao mundo há um bom tempo e os comunistas enfrentavam a guerra e/ou a repressão policial em seus respectivos países. O Partido Comunista do Brasil encarou todos os problemas que se puseram ao movimento internacional no período de 1935 a 1945: a adoção das "frentes populares" antifascistas como um instrumento paralelo da diplomacia soviética, o firme controle ideológico de sua direção a partir de Moscou, as lutas internas provocadas pela imposição do "stalinismo", o desmantelamento por uma ditadura de clara feição ultradireitista e o ápice da popularidade após a derrota de Hitler e Mussolini. Como em outros países, a afiliação estrangeira não era vivida de maneira unívoca ou constante, assim, o impulso militante primordial permaneceu igual durante e após a existência da Comintern.

CONCLUSÕES

> "Apesar da importância estratégica que representa para os PCs o seu reconhecimento oficial pela IC, há que se reconhecer que a decisão de fundar um PC e buscar sua vinculação orgânica com a *Komintern* foi mais um ato unidateral [*sic*] dos militantes socialistas brasileiros e que teve um papel decisivo nos primeiros anos de existência do partido. Na verdade, a elucidação das origens das relações orgânicas entre o PCB e a Internacional Comunista passa pela recuperação do processo constitutivo das agências regionais da IC, dos órgãos informativos e doutrinários para a América Latina, pela participação coletiva dos delegados latino-americanos nos congressos da organização internacional e, naturalmente, pelo aumento progressivo do interesse da IC pela América Latina, ou seja, quando o imperialismo americano ganha mais importância nas formulações da IC a respeito da revolução mundial. Em suma, procuramos mostrar que a efetividade orgânica e política daquele vínculo foi muito prejudicada na década de vinte pela ausência de instâncias regionais da IC (secretariados, comitês, birôs), que mediatizassem aquela relação. Esta materialização orgânica só viria [a] ocorrer em 1926, ainda assim com muita irregularidade, como admitiu o próprio Astrojildo Pereira em 1928. [...] O PCB, por sua vez, reproduzirá integralmente as teses aprovadas neste encontro [VI Congresso da IC] sobre os países latino-americanos, nas resoluções do seu III Congresso, ocorrido em fins de 1928 e princípio de 1929. E a consolidação desta estratégia (revolução democrático-burguesa anti-imperialista) para os PCs da América Latina, se dá na I Conferência Latino-Americana dos Partidos Comunistas, realizada em Buenos Aires, em julho de 1929, sob a direção da Internacional Comunista."[1]

A longa citação do historiador Michel Zaidan Filho, um dos primeiros estudiosos a explorar em profundidade os inícios ideológicos e organizativos do PCB, especialmente o papel que a Comintern teve nesse processo, justifica-se porque resume bem o objetivo a que se propôs nesta tese: *esclarecer qual era a natureza dos vínculos orgânicos entre a matriz e sua "seção brasileira", a evolução dos organismos que a tornaram viável e o papel que eles tiveram na teoria e na prática dos comunistas locais (o que inclui, naturalmente, a constância e a força dessa influência).* Contudo, uma nova pesquisa perderia sua razão de ser se não visasse ultrapassar os resultados tanto das publicações de Zaidan Filho – que, no essencial, cessam no final da década de 1980 e limitam-se ao primeiro decênio de existência do PCB, inserindo-se em um debate interno contemporâneo a seus lançamentos – quanto de outras monografias que, ou igualmente abarcam um espaço de tempo relativamente curto, ou baseiam-se em fontes restringidas pelos idiomas de redação ou pela fonte produtora (e aqui entram particularmente os arquivos da Internacional Comunista depositados em Moscou), ou

[1] ZAIDAN FILHO, Michel. **Comunistas em céu aberto, 1922-1930.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989, p. 134-135 (grifo adicionado).

têm um viés partidário tão hipertrofiado que termina prejudicando toda a seriedade e objetividade das conclusões.

A Comintern é onipresentemente citada tanto nas narrativas da esquerda radical, que a tomam como um pressuposto sem sequer questionar sua real natureza, quanto da direita militantemente anticomunista, que omitem aspectos e uniformizam uma história multifacetada, transnacional, muitas vezes contraditória e cheia de avanços e recuos, não raro carente da unanimidade que ela própria se arrogava apresentar. Nenhuma das muitas dimensões do movimento comunista internacional do período que abrange as duas guerras mundiais e o chamado "entreguerras" pode ser completamente descartada das outras: organização, ideologia, valores, símbolos, disputas, relações internacionais e pessoas com todas as suas idiossincrasias e vivências particulares. A memória do comunismo no século XX continua viva e causando polêmicas muitas vezes ríspidas ainda na terceira década do século XXI. Mais do que isso, as consequências do fim brusco e mal gerido desses regimes na Europa e em parte da Ásia e de sua evolução multifacetada no outrora chamado "Terceiro Mundo" ainda são ressentidas em conflitos territoriais não solucionados, na evolução autoritária de antigas repúblicas soviéticas e no atraso socioeconômico dos antigos países do "Leste" em relação ao resto da Europa.

No Brasil, diversas experiências ligadas ao leninismo foram vivenciadas: o modelo de partido revolucionário de vanguarda, o pensamento seguindo a linha do marxismo conforme foi sistematizado por Stalin e seus ideólogos próximos e os diversos tipos de pânico instilados em diversas camadas da população, pelos intelectuais, publicistas ou o próprio governo federal, quanto ao perigo da instalação de uma ditadura semelhante à construída na URSS. Esta última, particularmente, foi de longe a mais operacionalizada e a mais estudada pela academia, não se limitando ao período de existência da Comintern, mas atuando durante o golpe civil-militar de 1964 e a ascensão de uma nova extrema-direita na década de 2010. Contudo, ideologias não se transmitem de forma "pura" nem delas se pode dizer que sejam "deturpadas" ou fiquem "inaplicadas" em determinados contextos: elas são instrumentalizadas por pessoas inseridas em condições históricas e sociais específicas, que as interpretam das mais variadas formas, sob diferentes influências e motivações. Além disso, local, nacional, internacional e transnacional, bem como material, ideológico e simbólico são categorias que se sobrepõem e variam em importância a cada momento.

Não se pode dizer que o PCB "respondeu a uma necessidade histórica", "infiltrou-se a soldo de uma potência estrangeira" ou "pereceu diante de sucessivos erros teóricos e políticos". O partido comunista no Brasil foi criado após uma onda de mobilização proletária,

durante um momento de crise ideológica e brigas pessoais entre as lideranças do operariado, em meio ao desmonte político e econômico da República vigente até então e a reviravoltas geopolíticas diretamente decorrentes da "paz de Versalhes", mas nas quais ninguém leu a eclosão de um conflito maior. Os fundadores do PCB circulavam facilmente por vários países, contando, pois, com uma cultura minimamente acima da média, emigraram de outros continentes, como o espanhol Manuel Cendón e o sírio Abílio de Nequete, ou estavam intimamente ligados com os socialistas das nações vizinhas, como era o caso dos núcleos gaúchos influenciados pela Argentina e pelo Uruguai.

O impacto da derrubada da secular monarquia russa, e depois da Revolução de Outubro, em que os bolcheviques diziam estar construindo "o primeiro Estado proletário da história", foi sentido no planeta inteiro, como um novo messianismo pelos trabalhadores e como um pesadelo para as classes dominantes, algo muito verdadeiro no Brasil, reanimando o debate político e reforçando a repressão policial durante a década de 1920. Pretendendo-se mundial, a Comintern, bem como a diplomacia soviética que a acapararia cada vez mais, tentavam dissertar sobre os problemas de todos os quadrantes e controlar aqueles que entravam em sua órbita, mesmo que estivessem tão distantes como na América Latina, distância agravada, mas crescentemente superada, pelos obstáculos logísticos, culturais e linguísticos. As chamadas "instâncias regionais", tanto as secretarias dentro do próprio CEIC quanto os escritórios sediados *in loco*, foram uma tentativa de facilitar a transmissão de ordens e o conhecimento de realidades, mas sofreram com as vicissitudes tanto da variável disposição dos comunistas nativos quanto dos humores políticos de Stalin, cuja luta contra tudo e todos transformou a estrutura da Comintern em um quebra-cabeça cada vez mais difícil de montar ao longo do tempo. E finalmente, o PCB viveu praticamente as mesmas três fases principais, grosseiramente delineadas, dos partidos comunistas europeus durante a existência de uma Internacional, ainda que em um ritmo diferente: a esperança na revolução mundial e a relativa liberdade teórica na década de 1920; a "bolchevização" que era uma "stalinização" que não dizia seu nome, com uniformização teórico-ideológica e organizativa e a centralização a partir de Moscou na década de 1930, remontando a 1929; e o paradoxal modelamento definitivo dos partidos comunistas com crescente retração do papel da Comintern e sua substituição pelo Estado soviético, além da incorporação do antifascismo como parte de sua identidade e da crescente inserção nas realidades internacionais a partir da vigência das "frentes populares". Nesta última fase, quando o PCB renunciou à luta armada, consolidou-se a predominância da persona carismática de Luiz Carlos Prestes, surgida no

ápice do "tenentismo" e remodelada cuidadosamente por August Guralski e Dmytró Manuilsky.

Da mesma forma que a formação do PCB e a assimilação do chamado "marxismo-leninismo" entre seus militantes, o estabelecimento de ligações e de transmissão de informações e diretivas entre os comunistas brasileiros e o CEIC também não constituiu um processo súbito, retilíneo e uniforme, o que é igualmente verdade para os partidos latino-americanos em seu conjunto. Como se buscou demonstrar no capítulo 1, enviados de diversos países da Europa, e não apenas da Rússia, "tateavam" esporadicamente o terreno e estabeleciam contatos com e entre grupos comunistas isolados, que então se juntaram para fundar o PC-SBIC. Inclusive, essa junção de núcleos dispersos foi uma das peculiaridades da fundação da "seção brasileira", que não se originou, por exemplo, a partir da cisão de um partido social-democrata previamente existente, como em alguns outros países. Outra peculiaridade foi a importância de partidos comunistas mais maduros, como o argentino e o uruguaio, para garantirem a ligação com Moscou, e mesmo na "era de ouro" dos birôs e secretariados regionais, na segunda metade da década de 1920, o PCA continuou sendo a força vital por trás do SSA/IC e, portanto, do movimento na América do Sul. Mesmo na cúpula da Comintern, secretariados específicos cuidavam das várias regiões do mundo e acolhiam representantes permanentes dos partidos, mas tanto os organismos externos quanto internos também sofreram as consequências das lutas políticas dentro dos partidos concernidos e dentro da URSS e do PC soviético. Uma das principais cisões do PC argentino, por exemplo, afastou José Penelón da direção do SSA/IC e deixou o caminho livre para que Victorio Codovilla o reestruturasse todo, enquanto no SLA/IC as principais figuras sucediam-se ao sabor do favor ou descrédito perante Stalin: Alfred Stirner, Jules Humber-Droz, Georgi Skalov ("Sinani"), Dmytró Manuilsky. A própria existência dos secretariados e birôs também foi sacrificada aos acasos políticos do Poder Soviético, em prol de figuras em ascensão como Wang Ming e Dolores Ibárruri. Na vida cotidiana do PCB, não havia o que externamente demonstrasse essa trama intrincada, mas os dirigentes não podiam passar sem sua ajuda e avais. Assim, Astrojildo Pereira, Ferreira Lima, "Miranda", Luiz Carlos Prestes e todos os outros destaques das primeiras "três gerações" transitaram pelo SSA/IC, pelo SLA/IC e pelos grupos dominantes que lhes ajudavam então a assimilar as diretivas impostas em cada época.

Outro ponto que se buscou ressaltar foi a importância da visão estratégica que a Comintern tinha sobre a América Latina, em particular a América do Sul, para o reforço ou a criação de organismos que atendessem melhor aos partidos comunistas dessas regiões. Após o primeiro período de iniciativas isoladas e beirando a aventura, os bolcheviques perceberam

que a América Latina poderia constituir um fértil terreno revolucionário devido à ação predatória do imperialismo dos EUA, e em 1925 começaram as iniciativas para engendrar espaços de reflexão e controle das "seções" locais, culminando na "descoberta da América" proclamada por Bukharin em 1928. Porém, a proliferação de golpes militares anticomunistas dificultou a ação livre da militância, e na década seguinte o alastramento do fascismo e o perigo crescente de uma nova guerra mundial trouxeram de volta à Europa o foco de preocupações do Kremlin. Em todo caso, após a morte de Lenin, e muito mais após a consolidação de Stalin e seu grupo no poder, o projeto de revolução soviética mundial ia sendo deixado para trás em prol da razão de Estado materializada na teoria do "socialismo em um só país", de forma que a Comintern, que deveria ser o instrumento impulsionador dessa revolução, tornou-se gradualmente uma correia de transmissão da política externa bolchevique para os militantes em outros países. Obviamente, do ponto de vista orgânico e operativo, a Internacional manteve um grau considerável de autonomia diante do Poder Soviético até 1935, quando já se colocava em prática a substituição da entidade pela própria URSS como agregadora dos partidos que preparavam a revolução ao redor do mundo, e quando ela foi completamente desidratada pelos grandes expurgos políticos da segunda metade da década. Porém, não se pode negar que, uma vez encerrado o ciclo revolucionário idealizado por Lenin e Trotsky, quando se previa igualmente, entre outras coisas, a transferência da sede da Comintern para um país de capitalismo mais avançado, como Berlim, ela passou a depender grandemente do aporte material e estrutural de Moscou, que fornecia a maior parte das finanças e do pessoal. Daí ser inevitável igualmente seu atrelamento à defesa da "revolução interna" naquele país, com a queda na qualidade da análise teórica sobre o resto do mundo e na capacidade de operar em outros países, apesar da secreta e intrincada rede de ligações encarnada no OMS. Ponto de encontro dos comunistas de vários países, escola de formação para as futuras lideranças partidárias após a 2.ª Guerra Mundial, a Comintern manteve uma atividade febril até o início da década de 1930, quando a frequência dos encontros de cúpula começou a cair até ceder totalmente, por volta de 1935-36, à corrosiva caça por "espiões estrangeiros", "sabotadores trotskistas" e "inimigos do povo".

Voluntariamente, nesta tese de doutorado deixaram-se de fora as ramificações juvenil, sindical e feminina da Comintern e do PCB – sobre as quais já existem alguns estudos mais ou menos abrangentes –, a evolução do trotskismo no Brasil e suas relações com os comunistas que permaneceram fiéis a Stalin, a compreensão mais detalhada de organizações auxiliares como o Socorro Operário Internacional e o Socorro Vermelho Internacional – esta, pelo menos, com uma atuação não negligenciável no país –, aspectos culturais mais ligados às

artes plásticas, à literatura e ao cinema, nas quais o comunismo exercia razoável influência nos países ocidentais (vide a Semana de 22), e o mapeamento estrutural exaustivo do Secretariado Sul-Americano e do Secretariado Latino-Americano da Comintern. Espera-se minimamente que ela tenha feito esclarecimentos suficientes quanto a aspectos gerais da ligação entre a "seção nacional" e sua matriz, talvez a área mais negligenciada e mais sujeita a lugares-comuns nos estudos sobre o partido antes de 1945, e possa inspirar futuras gerações de historiadores com a mente aberta para línguas estrangeiras, recursos digitais, entendimento de outras épocas e atualização historiográfica. Mas que, antes de tudo, compreendam a centralidade do mundo do trabalho na produção de ideologias e nos movimentos que lutam por um mundo melhor.

Bibliografia e fontes

1. História mundial e história do comunismo mundial

ADIBEKOV, Grant M.; SHAKHNAZAROVA, Eleonora N.; SHIRINIA, Kirill K. Организационная структура Коминтерна. 1919–1943 [**A estrutura organizativa da Comintern. 1919-1943**]. Moscou: ROSSPEN, 1997.

AGOSTI, Aldo. **Stalin.** Roma: Riuniti, 1983.

_____ (org.). **La stagione dei fronti popolari.** Bolonha: Cappelli, 1989.

_____. **Bandiere rosse:** un profilo storico dei comunismi europei. Roma: Riuniti, 1999.

_____ (dir.). **Enciclopedia della sinistra europea nel XX secolo.** Roma: Riuniti, 2000.

_____. **Il partito mondiale della rivoluzione:** saggi sul comunismo e l'Internazionale. Milão: Unicopli, 2009.

_____ *et al*. **Esperienze e problemi del movimento socialista fra le due guerre mondiali.** Milano: F. Angeli, 1987.

[Anales del] VI CONGRESO de la Internacional Comunista. Traducción: Maria Teresa Poyrazian y Nora Rosenfeld de Pasternac. México, DF: Pasado y Presente, 1977-1978.

AMO, Casto del; BAYERLEIN, Bernhard H. (ed.). **Les partis communistes et l'Internationale Communiste dans les années 1928-1932.** Dordretch; Boston: Kluwer Academic Publishers, 1988.

ARISMENDI, Rodney. **El VII Congresso de la IC y el fascismo en America Latina hoy.** Moscou: Progreso, 1977.

BAHNE, Siegfried (ed. e dir.). **Archives de Jules Humbert-Droz.** Dordrecht: Reidel, 1970. ("1. Origines et débuts des partis communistes des pays latins, 1919-1923".)

_____ (dir.). **Archives de Jules Humbert-Droz.** Dordrecht: Reidel, 1983. ("2. Les partis communistes des pays latins et l'Internationale communiste dans les années 1923-1927".)

_____ (dir.). **Archives de Jules Humbert-Droz.** Dordrecht [etc.]: Kluwer Academic Publishers, 1988. ("3. Les partis communistes et l'Internationale communiste dans les années 1928-1932".)

BEETHAM, David (org.). **Marxists in Face of Fascism:** Writings by Marxists on Fascism from the Inter-War Period. Manchester: Manchester University Press, 1983.

BERIOZKIN, Aleksandr Vasilievich *et al*. История внешней политики СССР, 1917–1980 [**História da política externa da URSS, 1917-1980**]. Moscou: Nauka, 1980. (T. 1. "1917-1945 gg.".)

BOARELLI, Mauro *et al*. **Autobiographies, autocritiques, aveux dans le monde communiste.** Paris: Belin, 2002.

BORKENAU, Franz. **World Communism:** a History of the Communist International. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1962.

BOULOUQUE, Sylvain. Le syndicalisme dans le système communiste mondial. **Communisme**, Paris, n. 99/101, p. 51-64, 2e sémestre 2009-1er trimestre 2010. ("Annie Kriegel et le système communiste mondial".)

BRENT, Jonathan. **Dentro dos arquivos de Stalin:** descobrindo uma nova Rússia. Tradução J. R. Souza. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BROUÉ, Pierre. **Staline et la révolution:** le cas espagnol (1936-1939). Paris: Fayard, 1993.

_____. **Communistes contre Staline:** massacre d'une génération. Paris: Fayard, 2003.

_____. **Histoire de l'Internationale Communiste, 1919-1943.** Paris: Fayard, 1997 [versão brasileira: **História da Internacional Comunista (1919-1943).** 2 t. Tradução Fernando Ferrone. São Paulo: Sundermann, 2007].

BRUNET, Jean-Paul. **Histoire du front populaire:** 1934-1938. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

BUBER-NEUMANN, Margarete. **La révolution mondiale:** l'histoire du Komintern (1919-1943) racontée par l'un de ses principaux témoins. Traduction de l'allemand: Hervé Savon. Tournai: Casterman, 1971.

CABALLERO, Manuel. **Latin America and the Comintern (1919-1943).** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

_____. **La Internacional Comunista y la revolución latinoamericana (1919-1943).** Caracas: Alfa, 2006.

CAMARERO, Hernán. El comunismo argentino y sus primeras relaciones con la Revolución Rusa y la Komintern: militancias locales, emigrados rusos y emisarios. **Historia Mexicana**, v. 72, n. 3 (287), p. 1457-1508, 2023. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/27181083. Acesso em: 7 jun 2023.

CAMPIONE, Daniel; LÓPEZ CANTERA, Mercedes; MAIER, Barbara (Compiladores). **Buenos Aires - Moscú - Buenos Aires:** los comunistas argentinos y la Tercera Internacional. Buenos Aires: Ediciones del CCC, Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2007. (Michael Hall recomendou NY Public Library; procurar)

CANFORA, Luciano. **Spie, URSS, antifascismo:** Gramsci 1926-1937. Roma: Salerno, 2012.

CARR, Edward Hallett. **The Bolshevik Revolution, 1917-1923.** Nova York; Londres: W. W. Norton & Company, 1978-1981. 3 v.

_____. **A Revolução Russa de Lenin a Stalin (1917-1929).** Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **El ocaso de la Comintern, 1930-1935.** Traducción Fernando Santos Fontenla. Madri: Alianza, 1986.

CARRÈRE D'ENCAUSSE, Hélène. **L'URSS de la Révolution à la mort de Staline, 1917-1953.** Paris: Seuil, 1993.

CERDAS CRUZ, Rodolfo. **La hoz y el machete:** la Internacional Comunista, América Latina y la revolución en Centroamérica. San José, Costa Rica: EUNED, 1986.

CHANNON, John (ed.). **Politics, Society and Stalinism in the USSR.** Houndmills, Basingstoke, Hampshire [Reino Unido]; Nova York: Macmillan: St. Martin's Press in association with School of Slavonic and East European Studies, University of London, 1998. viii, 220 p. (Studies in Russia and East Europe series).

CHASE, William J. **Ennemies Within the Gates?:** The Comintern and the Stalinist Repression, 1934-1939. New Haven, CT: Yale University Press, 2001.

CHATTERJEE, Choi. **Celebrating Women:** Gender, Festival Culture, and Bolshevik Ideology, 1910-1939. Pittsburgh, PA: University of Pittsburg, 2002. 223 p. (Pitt series in Russian and East European studies).

CHIRINIA, K. K.; SOBOLEV, A. I.; FIRSOV, F. I. (red.). **L'Internationale communiste et la lutte contre le fascisme et la guerre, 1934-1939 (Recueil de documents).** Moscou: Progrès, 1980.

CLAUDÍN, Fernando. **La crisis del movimento comunista.** 2. ed. Barcelona: Ibérica, 1977. (1. "De la Komintern al Kominform".)

COHEN, Stephen F. **Bukharin and the Bolshevik Revolution:** a Political Biography: 1888-1938. Nova York: Alfred A. Knopf, 1974.

CONFERENCIA Sindical Latino Americana (3.ª, 1930, Moscou, RSFSR). **Como organizar y dirigir las luchas obreras:** resoluciones de la III Conferencia Sindical Latino Americana realizada en Moscú en setiembre de 1930. Montevidéu: Editorial "Consinlatam", 1931.

CORBIÈRE, Emilio J. **Orígenes del comunismo argentino:** el Partido Socialista Internacional. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1984. 175p. (Biblioteca política argentina, 58).

DALLIN, Alexander; FIRSOV, Fridrikh Igorevich (ed.). **Dimitrov and Stalin, 1934-1943:** Letters from the Soviet Archives. Translation Vadim A. Staklo. New Haven; Londres: Yale University Press, 2000.

DAMASKIN, I. A. Сталин и разведка [**Stalin e os serviços de inteligência**]. Moscou: Veche, 2004.

DE FELICE, Franco. **Fascismo, democrazia, fronte popolare:** il movimento comunista alla svolta del VII Congresso dell'Internazionale. Bari: De Donato, 1973.

DEGRAS, Jane (ed.). **The Communist International, 1919-1943:** Documents. Londres: Oxford University Press, 1956. (V. 1. "1919-1922".)

DESANTI, Dominique. **L'Internationale communiste.** Paris: Payot, 1970.

THE DIARY of Georgi Dimitrov, 1933-1949. Introduced and edited by Ivo Banac. Translation Jane T. Hedges, Timothy D. Sergay and Irina Faion. New Haven; Londres: Yale University Press, 2003.

DIMITROF, J. **Problemas del frente unico.** La Habana: Sociales, 1945.

DIMITROFF, Georgi. **Communism and the War:** the War and the Working Class in the Capitalist Countries. London: Modern Books, 1939.

_____. **The United Front:** the Struggle against Fascism and War. Londres: Lawrence & Wishart, 1938.

DIMITROV. **A III Internacional e o fascismo.** Lisboa: Assírio & Alvim, 1975.

DIMITROV, Georges, **Œuvres choisies.** Paris: Éditions Sociales, 1952.

DIMITROV, Georgi. **La Terza Internazionale.** Roma: Edizioni del Secolo, 1945.

DIMITROV, J. **Contra o fascismo e a guerra.** Sófia: Sofia Press, 1988.

DIMITROV, Jorge. **La lucha del movimiento obrero y comunista en la lucha por la paz, la democracia y el socialismo.** Sófia: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1964.

_____. **A luta contra o fascismo:** Relatórios e discursos ao VII Congresso da Internacional Comunista. Lisboa: Bandeira Vermelha, 1977.

DOMINGUEZ, Francisco. The *sui generis* Impact of the Russian Revolution on Latin America. **Journal of Global Faultlines**, v. 4, n. 2, p. 123-137, 2018.

DREYFUS, Michel *et al*. (dir.). **Le siècle des communismes.** 2. éd. augmentée et mise à jour. Paris: Les Éditions de l'Atelier: Éditions Ouvrières, 2004.

DROZ, Jacques. **Histoire de l'antifascisme en Europe:** 1923-1939. Paris: Découverte, 1985.

DUGRAND, Alain; LAURENT, Frédéric. **Willi Münzenberg:** artiste en révolution (1889-1940). Paris: Fayard, 2008.

DUJOVNE ORTIZ, Alicia. **Camarade Carlos:** un agent du Komintern en Amérique latine. Traduction Nelly Lhermillier et Alex Lhermillier. Paris: La Découverte, 2008.

ELORZA, Antonio; BIZCARRONDO, Marta. **Queridos camaradas:** la Internacional Comunista y España, 1919-1939. Barcelona: Planeta DeAgostini, 2006.

FASCISMO, democracia y frente popular: VII Congreso de la Internacional Comunista, Moscú, 25 de julio-20 de agosto de 1935. **Cuadernos de Pasado y Presente.** Traducción José Aricó, Jaled Dias Sarvi, Alfonso García Ruiz, José Luis Mercado Trejo y Alejandro Zenker. México, n. 76, 1984.

FERRO, Marc (apres.). **Des soviets au communisme bureaucratique:** les mécanismes d'une subversion. Paris: Gallimard: Julliard, 1980.

_____. **The Bolshevik Revolution:** a Social History of the Russian Revolution. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1985.

FISCHER, Ruth. **Stalin and German Communism:** a Study in the Origins of the State Party [1948]. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1982.

FITZPATRICK, Sheila. **The Cultural Front:** Power and Culture in Revolutionary Russia. Ithaca; Londres: Cornell University Press, 1992.

_____. **Everyday Stalinism:** Ordinary Life in Extraordinary Times: Soviet Russia in the 1930's. Nova York: Oxford University Press, 2000a.

_____ (ed.). **Stalinism:** New Directions. Londres; Nova York: Routledge, 2000b.

_____. **A Revolução Russa.** Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2017.

FLECHTHEIM, Ossip K. **Le Parti communiste allemand (K.P.D.) sous la République de Weimar.** Traduction de l'allemand Marcel Ollivier. Paris: François Maspero, 1972.

FIRSOV, Fridrich I. Stalin und die Komintern. *In*: HEINZ, Helmut *et al*. (red.). **Die Komintern und Stalin:** sowjetische Historiker zur Geschichte der Kommunistischen Internationale. Berlim Oriental: Institut für Geschichte der Arbeiterbewegung: Dietz, 1990.

FIRSOV, Fridrikh Igorevich. Секретные коды истории Коминтерна, 1919–1943 [**Códigos secretos da história da Comintern, 1919-1943**]. Moscou: AIRO-XXI, 2007.

FLORES GALINDO, Alberto. **La agonía de Mariátegui:** la polémica con la Komintern. 2. ed. Lima: Desco, 1982.

GEORGI Dimitrov: Journal, 1933-1949. Version intégrale introduite et annotée par Gaël Moullec. Traduction Anne Castagnos-Sen, Tatiana Zazerskaia et Assia Stantcheva. Paris: Belin, 2005.

GETTY, John Arch. **Origins of the Great Purges:** the Soviet Communist Party Reconsidered, 1933-1938. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____; NAUMOV, Oleg V. **The Road to Terror:** Stalin and the Self-Destruction of the Bolsheviks, 1932-1939. Translations Benjamin Sher. New Haven; Londres: Yale University Press, 1999.

GEYER, Michael; FITZPATRICK, Sheila. **Beyond Totalitarianism:** Stalinism and Nazism Compared. Nova York: Cambridge University Press, 2009.

GREZ TOSO, Sergio. La relaciones entre el Komintern y el Partido Comunista de Chile (1922-1941). **Revista Historia Social y de las Mentalidades**, v. 24, n. 1, p. 207-248, 2020.

GOMOLINSKI, Olivia. Le Profintern: organisation internationale et administration soviétique. Première approche. **Communisme**, Paris, n. 70/71, p. 131-158, 2^{e} et 3^{e} trimestres 2002.

GOTOVITCH, José; NARINSKI, Mikhaïl (dir.). **Komintern:** l'histoire et les hommes: dictionnaire biographique de l'Internationale communiste en France, en Belgique, au Luxembourg, en Suisse et à Moscou (1919-1943). Paris: Éditions de l'Atelier, 2001.

GROPPO, Bruno. **Sindacati e comunismo:** la formazione della politica sindacale dell'Internazionale Comunista, 1919-1921. Padova: Liviana, 1991. (Saggi, 37).

HAITHCOX, John Patrick. **Communism and Nationalism in India and Comintern Policy, 1920-1939.** Princeton, NJ: Princeton University Press, 1971.

HAJEK, Miloš. **Storia dell'Internazionale Comunista (1921-1935):** la politica del fronte unico. Traduzione Luciano Antonetti. Roma: Riuniti, 1975.

HASLAM, Jonathan. The Comintern and the Origins of the Popular Front, 1934-1935. **The Historical Journal**, Cambridge, 22(3), p. 673-691, 1979.

HISTÓRIA do Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S. Redigido pela comissão do Comitê Central do P.C. (b) da U.R.S.S. Aprovado pelo Comitê Central do P.C. (b) da U.R.S.S. Recife: Centro Cultural Manoel Lisboa, 1999.

HOBSBAWM, Eric J. **Revolucionários:** ensaios contemporâneos. Tradução João Carlos Victor Garcia e Adelângela Saggioro Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. The ‘Moscow Line’ and international communist policy, 1933–47. *In:* WRIGLEY, C. (ed.). **Warfare, Diplomacy and Politics:** Essays in Honour of A. J. P. Taylor. Londres: Hamish Hamilton, 1984, p. 163-188.

_____. **Mundos do trabalho.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Era dos extremos:** o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica Maria Célia Paoli. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____ *et al*. (org.). **História do marxismo.** Tradução Carlos Nelson Coutinho *et al*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983-1989. 12 v.

HORNSTEIN, David P. **Arthur Ewert:** a Life for the Comintern. Lanham, MD: University Press of America, 1993.

HUMBERT-DROZ, Jules. **Mémoires:** Mon évolution du tolstoïsme au communisme (1891-1921). Neuchâtel: La Baconnière, 1969.

_____. **Mémoires:** De Lénine à Staline: Dix ans au service de l’Internationale communiste (1921-1931). Neuchâtel: La Baconnière, 1971.

_____. **Mémoires:** Dix ans de lutte antifasciste (1931-1941). Neuchâtel: La Baconnière, 1972.

HUMBERT-DROZ, Jenny (red.); HUMBERT-DROZ, Jules. **Mémoires:** Le couronnement d’une vie de combat (1941-1971). Neuchâtel: La Baconnière, 1973.

IANCHUK, I. I. Вторая конференция коммунистических партий Латинской Америки, Москва, 2-10 октября 1930 г. [A Segunda Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, Moscou, 2-10 de outubro de 1930] // Латиноамериканский исторический альманах [**Almanaque Histórico Latino-Americano**], Moscou, n. 6, p. 85-157, 2005.

JEIFETS, Lazar Solomonovich; ANDREIEV, Anton Sergeievich. Латинская Америка во внешней политике СССР в 1920–1930-е годы (по материалам протоколов заседаний Политбюро ЦК ВКП(б)) [A América Latina na política externa da URSS nas décadas de 1920 e 1930 (segundo materiais das atas das reuniões do Birô Político do CC do PC(b) da URSS)]. // Новейшая история России, v. 21, n. 4, p. 56-68, 2017.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor. La Internacional Comunista y la izquierda argentina: primeros encuentros y desencuentros. **Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda**, Buenos Aires, año III, n. 5, p. 71-92, septiembre 2014.

_____; _____. **América Latina en la Internacional Comunista, 1919-1943:** diccionario biográfico. Santiago do Chile: Ariadna, 2015.

JEIFETS, V. L.; JEIFETS, L. S. Коминтерн и Латинская Америка: люди, структуры, решения [**A Comintern e a América Latina:** pessoas, estruturas, decisões]. Moscou: Politicheskaia entsiklopedia, 2019a. Disponível em: https://play.google.com/store/books/details?id=NREvEAAAQBAJ.

_____; _____. Коминтерн и рождение советской школы латиноамериканистики [A Comintern e o nascimento da escola soviética de latino-americanística]. // Латинская Америка, Moscou, n. 7, p. 90-105, 2019b.

_____; _____. Латинская Америка в орбите мировой революции [**A América Latina na órbita da revolução mundial**]. Moscou: Politicheskaia entsiklopedia, 2020. Disponível em: https://play.google.com/store/books/details?id=zxEvEAAAQBAJ.

JÉIFETS, Víctor; JÉIFETS, Lázar. Los archivos rusos revelan secretos: El movimiento de la izquierda latinoamericana a la luz de los documentos de la Internacional Comunista. **Anuario Americanista Europeo**, 2221-3872, n. 8, Sección Documentación, p. 35-64, 2010.

KALMYKOV, Nikolai Petrovich *et al*. (red.). Коминтерн и Латинская Америка: сборник документов [**A Comintern e a América Latina:** coletânea de documentos]. Moscou: Nauka,

1998. Disponível em: http://docs.historyrussia.org/ru/nodes/91045-komintern-i-latinskaya-amerika.

KERGOAT, Jacques. **La France du Front populaire.** Paris: La Découverte, 2006.

KHEYFETS, Lazar; KHEYFETS, Victor. Michael Borodin. The First Comintern-emissary to Latin America (Part One). **The International Newsletter of Historical Studies on Comintern, Communism and Stalinism**, v. II, n. 5-6, p. 145-150, 1994-95.

DIE KOMMUNISTISCHE Internationale in Resolutionen und Beschlüssen. Offenbach: Verlag Olga Benario und Herbert Baum, 1998. 2 v.

KRASILNIKOV, Aleksei Nikolaievich. Политика Англии в отношении СССР: 1929-1932 гг. [**A política da Inglaterra com relação à URSS:** 1929-1932]. Moscou: Gospolitizdat, 1959.

KRIEGEL, Annie; COURTOIS, Stéphane. **Eugen Fried:** Le grand secret du PCF. Paris: Seuil, 1997.

KUUSINEN, Otto. Фашизм, опасность войны и задачи коммунистических партий [O fascismo, o perigo da guerra e as tarefas dos partidos comunistas]. "Большевик", Moscou, n. 2, p. 42-61, 31 jan. 1934 (originalmente um informe ao XIII Pleno do CEIC).

LAPORTE, Norman; MORGAN, Kevin; WORLEY, Matthew (red.). **Bolshevism, Stalinism and the Comintern:** Perspectives on Stalinization, 1917-53. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.

LENIN, V. I. Полное собрание сочинений [Obras completas]. T. 38. 5. ed. Moscou: Politizdat, 1969

LEWIN, Moshe. **The Making of the Soviet System:** Essays in the Social History of Interwar Russia. Londres: Methuen, 1985.

LÖWY, Michael (org.). **O marxismo na América Latina:** uma antologia de 1909 aos dias atuais. Tradução Cláudia Schilling e Luís Carlos Borges. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

_____. **El marxismo en América Latina.** 1ª ed. en Chile corregida y aumentada. Santiago: LOM Ediciones, 2007.

MANUILSKI, Dmitri. Кризис капитализма и задачи мирового коммунистического движения [A crise do capitalismo e as tarefas do movimento comunista mundial]. "Большевик", Moscou, n. 1, p. 23-37, 23 jan. 1934.

McDERMOTT, Kevin; AGNEW, Jeremy. **The Comintern:** a History of International Communism from Lenin to Stalin. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Macmillan, 1996.

McMEEKIN, Sean. Le secours ouvrier international: histoire d'une légende. Tradução e adaptação do inglês americano Sylvain Boulouque. **Communisme**, Paris, n. 65/66, p. 117-131, 1er et 2e trimestres 2001.

NARINSKY, Mikhail, ROJAHN, Jürgen (ed.). **Centre and Periphery:** The History of the Comintern in the Light of New Documents. Amsterdam: International Institute of Social History, 1996.

NATOLI, Claudio. Tra solidarietà e rivoluzione: il Soccorso Rosso Internazionale. *In*: **TINA Modotti: una vita nella storia.** Udine: Arti Grafiche Friulane, 1995, p. 193-211.

NEUBERT, Harald. **Stalin und die internationale kommunistische Bewegung.** Berlim: Helle Panke, 2003.

OLIVEIRA, Érick Fiszuk de. **Revolução, guinadas e antifascismo:** a Comintern e o PCB rumo às "frentes populares" (1928-1935). Campinas, SP: [*s. n.*], 2017. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2017. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1631200. Acesso em: 30 dez. 2023.

_____. Os estatutos da Internacional Comunista: comparação entre os textos aprovados nos Congressos Mundiais de 1920, 1924 e 1928. **Revista Angelus Novus**, [*s. l.*], v. 16, n. 16, p. 133-154, 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/172156. Acesso em: 12 nov. 2022.

ORTIZ PERALTA, Rina; ARRIOLA WOOG, Enrique. Stirner y México. *In*: MASSÓN, Caridad (ed.). **Las izquierdas latinoamericanas:** multiplicidad y experiencias durante el siglo XX. Santiago: Ariadna, 2017, p. 343-362.

OSIPOVA, Irina (ed.), Хотелось бы всех поимённо назвать... [**Queria chamar todos pelo nome...**]. Moscou: Fond "Mir i tchelovek", 1993.

PANTELEIEV, Mikhail Mikhailovich. Агенты Коминтерна. Солдаты мировой революции [**Os agentes da Comintern. Soldados da revolução mundial**]. Moscou: Iauza: Eksmo, 2005.

PARIS, Robert. La Terza Internazionale e l'America Latina. **Movimento Operaio e Socialista**, Milão, 4, ano 15, n. 4, ott./dic. 1969, p. 311-334.

PISCHEL, Enrica Collotti; ROBERTAZZI, Chiara. **L'Internationale communiste et les problèmes coloniaux (1919-1935).** Paris: Mouton: Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 1968.

PONS, Silvio. **A revolução global:** história do comunismo internacional (1917-1991). Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.

POST, Ken. **Revolution's Other World:** Communism and the Periphery, 1917-39. Houndmills, Basingstoke: Macmillan; Nova York: St. Martin's Press, 1997.

PRIESTLAND, David. **A bandeira vermelha:** uma história do comunismo. Tradução Luis Gil Reyes. São Paulo: Leya, 2012, p. 26.

RAVINES, Eudocio. **La Gran Estafa (La Penetración del Kremlin em Iberoamérica).** México, DF: Libros y Revistas, 1952.

REES, Tim; THORPE, Andrew (ed.). **International Communism and the Communist International, 1919-43.** Manchester: Manchester University Press, 1998.

RIDDELL, John (ed.). **To See the Dawn:** Baku, 1920–First Congress of the Peoples of the East. Nova York: Pathfinder, 1993.

RIDDELL, John (ed. e trad.). **Toward the United Front:** Proceedings of the Fourth Congress of the Communist International, 1922. Chicago: Haymarket Books, 2012.

ROJAHN, Jürgen (dir.). **The Communist International and its National Sections, 1919-1943.** Wabernstrasse: Peter Lang, 1998.

ROSE, R. S. Johnny's Two Trips to Brazil. **Luso-Brazilian Review**, Madison, WI, v. 38, n. 1, p. 103-123, Summer 2001.

ROY, Manabendra Nath. **Memoirs.** Mumbai: Allied Publishers, 1964.

SADEKOVA, Souria. Dimitri Manouilski. **Communisme**, Paris, n. 40/41, p. 53-68, 1995. ("Les kominterniens II".)

SANTORE, John. The Comintern's United Front Initiative of May 1934: French or Soviet Inspiration? **Canadian Journal of History**, Toronto, ano 16, n. 3, dec. 1981, p. 405-422.

SCARZANELLA, Eugenia. L'America latina nei dibattiti e nella stampa dell'Internazionale Comunista (1928-1935). **Storia contemporanea**, ano XV, n. 1, p. 39-60, febbraio 1984.

SCHLESINGER, Rudolf. **La internacional comunista y el problema colonial.** Córdoba, Argentina: Pasado y Presente, 1974. 147p. (Cuadernos de pasado y presente, 52).

SEMANOV, Sergei; KARDASHOV, Vladislav. Иосиф Сталин: жизнь и наследие [**Iosif Stalin:** vida e legado]. Moscou: Novator, 1997. Inclui documentos de Stalin (cartas, conversas, discursos etc.).

VII [seventh] CONGRESS of the Communist International: Abridged Stenographic Report of the Proceedings. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1939.

SMITH, Jeremy. **The Bolsheviks and the National Question, 1917-23.** Nova York: Palgrave Macmillan, 1999. 281p. (Studies in Russia and East Europe).

STUDER, Brigitte. **The Transnational World of the Cominternians.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015.

_____; UNFRIED, Berthold; HERRMANN, Irene (ed.). **Parler de soi sous Staline:** la construction identitaire dans le communisme des années trente. Paris: La Maison des sciences de l'homme, 2003. 320.532 P239 210p. (Colloquium, 2).

TOSSTORFF, Reiner. **The Red International of Labor Unions (RILU), 1920-1937.** Leiden; Boston: Brill, 2016.

TROTSKY, Lev Davidovich. Коммунистический Интернационал после Ленина: великий организатор поражений [**A Internacional Comunista depois de Lenin:** a grande organizadora de derrotas]. Moscou: Printima, 1993.

TUCKER, Robert C. (ed.). **Stalinism:** Essays in Historical Interpretation. New Brunswick, N.J.: Transaction Publishers, 1999. xiii, 337 p.

VAKSBERG, Arkadi. **Hôtel Lux:** les partis frères au service de l'Internationale Communiste. Paris: Fayard, 1993.

VAN DER LINDEN, Marcel. **Transnational Labour History:** Explorations. Aldershot, Hants, Inglaterra; Burlington, VT: Ashgate, 2003.

_____. **Trabalhadores do mundo:** ensaios para uma história global do trabalho. Tradução Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

VATLIN, Aleksandr Iurievich. Коминтерн: идеи, решения, судьбы [**A Comintern:** ideias, resoluções, destinos]. Moscou: ROSSPEN: Fond Pervogo Prezidenta Rossii B. N. Ieltsina, 2009.

VIGREUX, Jean; WOLIKOW, Serge (dir.). **Cultures communistes au XX^{e} siècle:** entre guerre et modernité. Paris: La Dispute, 2003.

WEBER, Hermann. **La trasformazione del comunismo tedesco:** la stalinizzazione della KPD nella Repubblica di Weimar. Traduzione Giuseppina Panzieri. Milão: Feltrinelli, 1979.

WERTH, Nicolas. **Histoire de l'Union soviétique:** de l'Empire Russe à l'Union soviétique, 1900-1990. Paris: PUF, 1990.

WESSON, Robert G. (red.). **Communism in Central America and the Caribbean.** Stanford, CA: Hoover Institution Press, 1982.

WILLI Munzenberg, un homme contre: actes, colloque international, 26-29 mars 1992, Aix-en-Provence. [Montreuil]: Le Temps des Cerises, 1993.

WOLIKOW, Serge. **Le Front populaire en France.** Bruxelles: Complexe, 1996.

_____. **L'Internationale communiste (1919-1943):** le Komintern ou le rêve déchu du Parti mondial de la Révolution. Ivry-sur-Seine: Les Éditions de l'Atelier; Paris: Éditions Ouvrières, 2010.

WORLEY, Matthew (red.). **In Search of Revolution:** International Communist Parties in the Third Period. Londres; Nova York: I. B. Tauris, 2004.

2. História geral do Brasil e história operária e intelectual do Brasil

ALMEIDA, Maria Hermínia B. T. de. **Estado e classes trabalhadoras no Brasil (1930-1945).** São Paulo: [*s. n.*], 1978. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1978.

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. **O risco das ideias:** intelectuais e a polícia política (1930-1945). São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2006.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. **A construção do consentimento:** corporativismo e trabalhadores no Brasil dos anos 30. São Paulo: Scritta: FAPESP, 1998.

AZEVEDO, Ricardo de; MAUÉS, Flamarion (org.). **Rememória:** entrevistas sobre o Brasil do século XX. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República.** 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. (V. 1. "Das origens até 1889".)

_____. **História sincera da República.** 5. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. (V. 2. "De 1889 a 1930".)

_____. **História sincera da República.** 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986. (V. 4. "De 1961 a 1967".)

_____. **História sincera da República.** 6. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1991. (V. 3. "De 1930 a 1960".)

BATALHA, Claudio. Revolutionary Syndicalism and Reformism in Rio de Janeiro's Labour Movement (1906–1920). **International Review of Social History.** Cambridge, n. 62, p. 75-103, 2017.

BATALHA, Claudio H. M. **O movimento operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs). **Culturas de classe:** identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência:** a polícia da era Vargas. Brasília: Editora da UnB, 1993.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (org.). **A imprensa confiscada pelo DEOPS:** 1924-1954. São Paulo: Ateliê: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2003. 293 p. (Labirintos da memória).

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (org.). **História do trabalho e histórias da imigração:** trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX). São Paulo: Edusp: FAPESP, 2010. 326 p. (História das migrações, 3).

CARONE, Edgard. **Revoluções do Brasil contemporâneo, 1922/1938.** São Paulo: DESA, 1965.

_____. **Movimento operário no Brasil (1877-1944).** 2. ed. São Paulo: Difel, 1984. v. I.

_____. **Classes sociais e movimento operário.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Brasil:** anos de crise (1930-1945). São Paulo: Ática, 1991.

DEAN, Warren. **The Industrialization of São Paulo, 1880-1945.** Austin: University of Texas Press, 1969.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **O silêncio dos vencidos.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

DORIA, Pedro. **Tenentes:** a guerra civil brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2016.

FALEIROS, Maria Isabel Leme. **Percurso e percalços do PCB no campo (1922-1964).** São Paulo: [*s. n.*], 1989. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930:** historiografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____ (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira:** tomo III – O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1981. (V. 3. "Sociedade e política (1930-1964)".)

_____. Conclusão: a crise dos anos vinte e a revolução de 1930. *In*: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira:** tomo III – O Brasil Republicano. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 401-426. (V. 2. "Sociedade e instituições (1889-1930)".)

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. (org.). **O Brasil Republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006-2008. v. 1-3

FRENCH, John D. **O ABC dos operários:** conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950. Tradução Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1995.

_____. Proclamando leis, metendo o pau e lutando por direitos: a questão social como caso de polícia, 1920-1964. Tradução Fábio Durão. *In*: LARA, Silvia Hunold; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes (org.). **Direitos e justiças no Brasil:** ensaios de história social. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p. 379-416.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!:** memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

HUGGINS, Martha K. **Polícia e política:** relações Estados Unidos/América Latina. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Revisão técnica de Maria Lúcia Montes. São Paulo: Cortez, 1998.

LARIN, Ie. A. Латинская Америка в межвоенный период: некоторые тенденции экономического и политического развития [A América Latina no período entre-guerras: algumas tendências do desenvolvimento econômico e político]. // Латиноамериканский исторический алманах, Moscou, n. 1, p. 8-14, 2000.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política.** Campinas: Papirus, 1986.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. **A classe operária no Brasil, 1889-1930:** documentos. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. (V. 1. "O movimento operário".)

_____; _____. **A classe operária no Brasil, 1889-1930:** documentos. São Paulo: Alfa-Omega; Campinas, SP: Funcamp, 1981. (V. 2. "Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado".)

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo:** colônia. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PRESTES, Anita Leocadia. A Coluna Prestes. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Uma epopeia brasileira: a Coluna Prestes. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SHUMOV, S. A.; ANDREIEV, R. A. (org.). История Бразилии. Сборник [**História do Brasil. Coletânea**]. Moscou: Alternativa; Kyiv: Ievrolints, 2003.

SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem patrões:** os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, Hélio. **O ciclo de Vargas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968-1969. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. (V. VI, "1933 – A crise do tenentismo"; V. VII, "1934 – A Constituinte"; V. VIII, "1935 – A revolta vermelha".)

_____. **A revolução traída.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SILVA, Zélia Lopes da. **A domesticação dos trabalhadores nos anos 30.** São Paulo: Marco Zero: MCT-CNPq, 1990.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes.** São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

_____. **A Coluna Prestes:** análise e depoimentos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

3. História das esquerdas, do socialismo, marxismo e comunismo no Brasil

ARICÓ, José. **Marx y la América Latina.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1980. (Português: ARICÓ, José. **Marx e a América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.)

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis; ANDRADE, A. T. **O ano vermelho:** a revolução russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BASBAUM, Hersch Wladimir. **Cartas ao comitê central:** história sincera de um sonhador. São Paulo: Discurso, 1999.

BASTOS, Abguar. **Prestes e a Revolução Social.** 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BATTIBUGLI, Thaís. **A solidariedade antifascista:** brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939). Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Edusp, 2004.

BIAZO, Glauber Cícero Ferreira. **A sedução da história:** tempo e mudança nas concepções políticas de Luiz Carlos Prestes. São Paulo: [*s. n.*], 2003. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2003.

BRANDÃO, Gildo Marçal. **A esquerda positiva:** as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRANDÃO, Octavio. **Agrarismo e industrialismo:** ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

CANALE, Dario. **O surgimento da Seção Brasileira da Internacional Comunista (1917-1928).** São Paulo: Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois, 2013.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.); TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **O porto vermelho:** a maré revolucionária (1930-1951). São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial, 2001. 224p. (Inventário DEOPS, 6).

CARVALHO E SOUZA, O. **Evolução do comunismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Propaganda, 1938. [Anticomunista, mas com documentação sobre o PCB, frentes populares e o levante de 35.]

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. **Contra a guerra ou contra o fascismo:** as esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935. Niterói: [*s. n.*], 1999. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

_____. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, jul./dez. 2002.

CHILCOTE, Ronald H. **O Partido Comunista Brasileiro:** Conflito e integração – 1922-1972. Tradução Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

COUTO, André Luiz Faria. **ANL:** uma frente de esquerda nos anos 30. Niterói: [*s. n.*], 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995.

A CRISE brasileira e a sua solução revolucionaria (theses e resoluções). Buenos Aires: [*s. n.*], [193-].

DEL ROIO, Marcos. **A classe operária na revolução burguesa:** a política de alianças do PCB (1928-1935). Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935.** Tradução César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. **O comunismo no Brasil, 1935-1945:** repressão em meio ao cataclismo mundial. Tradução Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O revolucionário cordial:** Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural. São Paulo: FAPESP: Boitempo, 2001.

FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito:** cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: Mauad: Eduff, 2002.

_____; REIS, Daniel Aarão (org.). **As esquerdas no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (V. 1. "A formação das tradições (1889-1945)".)

FONSECA, Victor Manuel. **A Aliança Nacional Libertadora na ilegalidade.** Niterói: [*s. n.*], 1986. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1986.

HENN, Leonardo Guedes. **A Internacional Comunista e a revolução na América Latina:** estratégias e táticas para as colônias e semicolônias (1919-1943). São Paulo: Blucher Acadêmico, 2010.

JOFFILY, José. **Harry Berger.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1987.

KAREPOVS, Dainis. **Luta subterrânea:** O PCB em 1937-1938. São Paulo: Hucitec: Editora da Unesp, 2003.

_____. **A classe operária vai ao parlamento:** o Bloco Operário e Camponês do Brasil. São Paulo: Alameda, 2006.

LACERDA, Fernando; PRESTES, Luiz Carlos; SINANI (pseud. de Georgi Borisovich Skalov). **A luta contra o prestismo e a revolução agrária e anti-imperialista.** Rio de Janeiro: Calvino, 1934.

LONER, Beatriz Ana; MENEZES, Valmir. Entrevista com Otávio Brandão. **História em Revista**, Pelotas, n. 2, p. 209-254, 1996.

MACHADO, Augusto (pseud. de Leôncio Basbaum). **A caminho da revolução operaria e camponeza.** Rio de Janeiro: Calvino, 1934.

MARÍN, Jaime. **Misión secreta en Brasil:** el argentino Rodolfo Ghioldi en la insurrección nacional-liberadora de 1935 liderada por C. Prestes. Buenos Aires: Dialéctica, 1988.

MAZZEO, Antonio Carlos. **Sinfonia inacabada:** a política dos comunistas no Brasil. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: Boitempo, 1999.

_____; LAGOA, Maria Izabel (org.). **Corações vermelhos:** os comunistas brasileiros no século XX. São Paulo: Cortez, 2003.

MORAES, Dênis de; VIANA, Francisco. **Prestes:** lutas e autocríticas. Petrópolis: Vozes, 1982.

MORAES, João Quartim de. **A esquerda militar no Brasil.** São Paulo: Siciliano, 1994. (V. II. "Da Coluna à Comuna".)

_____. **Izquierda militar y tenientismo en Brasil.** Traducción Claudia Solans. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2010.

MORAES, João Quartim de *et al*. (org.). **História do marxismo no Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 6 v.

MORAIS, Fernando. **Olga.** 16. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OLIVER, Camila Leite. **A voz em disputa:** antagonismos e hegemonia no jornal *Voz da Unidade*. São Paulo: [*s. n.*], 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). **Cartas de Octavio Brandão:** memória. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005a.

_____ (org.). **Viva, Astrojildo Pereira!** Brasília: Edições Fundação Astrojildo Pereira: Abaré, 2005b.

OLIVEIRA, Marcos Aurelio Guedes de. **Comunismo e stalinismo no Brasil.** Curitiba: Prismas, 2017.

OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. **Praxedes:** um operário no poder. A insurreição de 1935 vista por dentro. São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros:** memória e história do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PEREIRA, Astrojildo. **Interpretações.** Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.

_____. **Crítica impura (autores e problemas).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. (Coleção Vera Cruz (Literatura Brasileira, IX).)

_____. **Ensaios históricos e políticos.** São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

_____. **Itália, Brasil.** São Paulo: Novos Rumos, 1985.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão:** a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. 2. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____; DEL ROIO, Marcos (org.). **Combates na história:** a trajetória de Heitor Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: FAPESP, 1990.

PORTO, Eurico Bellens. **A insurreição de 27 de novembro – Relatório.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.

PRADO JUNIOR, Caio. **A revolução brasileira.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRESTES, Anita Leocadia. A que herança os comunistas devem renunciar? **Oitenta**, Porto Alegre, v. 4, p. 197-223, 1980.

_____. **Tenentismo pós-30:** continuidade ou ruptura? São Paulo: Brasiliense, 1991 (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999).

_____. **Da insurreição armada (1935) à "união nacional" (1938-1945):** a virada tática na política do PCB. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. O método comparativo no estudo da história do Partido Comunista do Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXIX, n. 2, p. 135-148, dez. 2003.

_____. A Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe e os levantes de novembro de 1935 no Brasil. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, n. 22, p. 132-153, maio 2006a.

_____. **Luiz Carlos Prestes:** patriota, revolucionário, comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2006b.

_____. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora:** os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35). São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Luiz Carlos Prestes:** um comunista brasileiro. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **Olga Benario Prestes:** uma comunista nos arquivos da Gestapo. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. Sobre os desafios de um historiador marxista frente à escrita da História. *In*: ALVES, Gracilda; HOFFMANN, Raquel (org.). **Memória:** questões historiográficas e metodológicas. Rio de Janeiro: Autografia, 2019ª, p. 197-215.

REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes:** Um revolucionário entre dois mundos. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RIBEIRO, Francisco Moreira. **O PCB no Ceará:** ascensão e declínio, 1922-1947. Fortaleza: UFC: Stylus, 1989.

ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **Comunistas em Ribeirão Preto:** 1922-1947. Franca: Editora da Unesp, 1999.

ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (org.). **Intelectuais partidos:** os comunistas e as mídias no Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

RUY, José Carlos; BUONICORE, Augusto (org.). **Contribuição à história do Partido Comunista do Brasil.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. *In*: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira:** tomo III – O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1981, p. 361-443. (V. 3. "Sociedade e política (1930-1964)".)

SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol:** a história do operário que desafiou Moscou e o PCB. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos:** comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2001.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. **Os impasses da estratégia:** os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil, 1936-1948. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA, Ângelo José da. **A crítica operária à Revolução de 1930:** comunistas e trotskistas. Campinas, SP: [*s. n.*], 1995. Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.

SILVA, Carine Neves Alves da. **Secretariado Sul Americano e Partido Comunista do Brasil (1926-1930).** Rio de Janeiro: [*s. n.*], 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Comunistas e trotskistas:** a crítica operária à Revolução de 1930. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.

SOUZA, Vital Nogueira de. **O Partido Comunista (1922-1962):** lugar de memória, espaço de disputa. Natal: [*s. n.*], 2007. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 35:** sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VINHAS, Moisés. **O Partidão:** a luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Hucitec, 1982.

WAACK, William. **Camaradas:** nos arquivos de Moscou, a história secreta da revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZAIDAN FILHO, Michel. **PCB (1922-1929):** na busca das origens de um marxismo nacional. São Paulo: Global, 1985.

_____. **O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929).** São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1988.

_____. **Comunistas em céu aberto (1922-1930).** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

_____. **Anarquistas e comunistas no Brasil.** Curitiba: Brazil Publishing, 2018.

4. Memórias e autobiografias

ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes:** uma história da luta contra o fascismo no Brasil. São Paulo: Veneta, 2014.

BARATA, Agildo. **Vida de um revolucionário:** memórias. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos:** memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BATINI, Tito. **Memórias de um socialista congênito.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BEZERRA, Gregório. **Memórias (primeira parte: 1900-1945).** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BRANDÃO, Octavio. **Combates e batalhas:** memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. v. 1.

LIMA, Heitor Ferreira. **Caminhos percorridos:** memórias de militância. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MAFFEI, Eduardo. **A morte do sapateiro:** a saga dos anos 30. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **A batalha da praça da Sé.** Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do passado:** episódios que vivi e fatos que testemunhei. 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

PRESTES, Anita Leocadia. **Viver é tomar partido:** memórias. São Paulo: Boitempo, 2019b.

ROCHA, Lauro Reginaldo da. **Minha vida (Memórias).** Rio de Janeiro: [*s. n.*], [19--], mimeo.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Memórias de um soldado.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. **Memórias de um escritor.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. **Do Tenentismo ao Estado Novo:** memórias de um soldado. Petrópolis: Vozes, 1986.

VALTIN, Jan. **Do fundo da noite.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

5. Coletâneas documentais

ADIBEKOV, Grant M. *et al*. (org.). Политбюро ЦК РКП(б) – ВКП(б) и Коминтерн, 1919-1943 гг.: документы [**O Birô Político do CC do PC(b)R – PC(b) da URSS e a Comintern, 1919-1943:** documentos]. Moscou: ROSSPEN, 2004.

AGOSTI, Aldo. **La Terza Internazionale:** storia documentaria. Roma: Riuniti, 1974.

_____. **Le Internazionali operaie.** 2. ed. Turim: Loescher, 1983.

BLIUM, Arlen Viktorovich (org.). Цензура в Советском Союзе, 1917-1991: документы [**A censura na União Soviética, 1917-1991:** documentos]. Moscou: ROSSPEN, 2004.

CARONE, Edgard. **A Segunda República (1930-1937).** 3. ed. São Paulo: Difel, 1978.

_____. **O P.C.B. (1922 a 1943).** São Paulo: Difel, 1982a.

_____. **A República Nova (1930-1937).** 3. ed. São Paulo: Difel, 1982b.

CHIRINIA, K. K.; SOBOLEV, A. I.; FIRSOV, F. I. (red.). **L'Internationale communiste et la lutte contre le fascisme et la guerre, 1934-1939 (Recueil de documents).** Moscou: Progrès, 1980.

DAMIE, Vadim Valerievich; KOMOLOVA, Nelli Pavlovna; KORCHAGINA, Marianna Borisovna; SHIRINIA, Kirill Kirillovich (org.). Коминтерн против фашизма: документы [**A Comintern contra o fascismo:** documentos]. Moscou: Nauka, 1999.

DIMITROV, Georgi. Доклад на VII Всемирном конгрессе Коммунистического Интернационала. Политический отчёт ЦК БРП(к) V Съезду партии [**Informe ao VII Congresso Mundial da Internacional Comunista. Relatório político do CC do Partido Operário Búlgaro (comunista) ao V Congresso do partido**]. Moscou: Gospolitizdat, 1958.

DVORKIN, Ilia *et al*. (ed.). Против фашистского мракобесия и демагогии: сборник статей [**Contra o obscurantismo e a demagogia fascistas:** coletânea de artigos]. Moscou: Gosudarstvennoie sotsialno-ekonomicheskoie izdatelstvo, 1936.

DRABKIN, Iakov Samoilovich; BABICHENKO, Leonid Grigorievich; SHIRINIA, Kirill Kirillovich (org.). Коминтерн и идея мировой революции. Документы [**A Comintern e a ideia da revolução mundial. Documentos**]. Moscou: Nauka, 1998.

KARA-MURZA, Georgi (org.). Стратегия и тактика Коминтерна в национально-колониальной революции (на примере Китая): сборник документов [**A estratégia e a tática da Comintern na revolução nacional-colonial (com o exemplo da China):** coletânea de documentos]. Moscou: Izdanie Instituta mirovogo khoziaistva i mirovoi politiki, 1934.

KHLEVNIUK, Oleg Vitalievich *et al*. (org.). Сталинское Политбюро в 30-е годы. Сборник документов [**O Birô Político de Stalin nos anos 30. Coletânea de documentos**]. Moscou: AIRO – XX, 1995.

KOROTKOV, A. V.; CHERNIOV, A. D.; CHERNOBAIEV, A. A. (org.). На приёме у Сталина: тетради (журналы) записей лиц, принятых И. В. Сталиным (1924-1953 гг.) [**Stalin recebe:** cadernos (diários) com os nomes das pessoas recebidas por I. V. Stalin (1924-1953)]. Moscou: Novy khronograf, 2008.

KVASHONKIN, Aleksandr Vasilievich *et al*. (org.). Советское руководство. Переписка. 1928–1941 гг. [**A administração soviética. Correspondência. 1928-1941**]. Moscou: ROSSPEN, 1999.

MANUILSKI, Dmitri Zakharovich. Итоги социалистического строительства в СССР [**Um balanço da edificação socialista na URSS**]. [Moscou]: Partizdat TsK VKP(b), 1935.

POZHARSKAIA, Svetlana Petrovna; SAPLIN, Andrei Ivanovich (org.). Коминтерн и гражданская война в Испании. Документы [**A Comintern e a guerra civil na Espanha. Documentos**]. Moscou: Nauka, 2001.

TISMINETS, A. S. (org.). Внешняя политика СССР: сборник документов [**A política externa da URSS:** coletânea de documentos]. Moscou: Pravda, 1946. (T. IV. "1935 – июнь 1941 г." [1935 – junho de 1941].)

TITARENKO, Mikhail Leontievich (ed.). Коммунистический Интернационал и китайская революция: документы и материалы [**A Internacional Comunista e a revolução chinesa:** documentos e materiais]. Moscou: Nauka, 1986.

TOLMACHOV, A. V. (org.). Подсудимые обвиняют [**Os réus passam à acusação**]. Moscou: Gosudarstvennoie izdatelstvo iuridicheskoi literatury, 1962.

VENTURA, Maria Isabel Pinto (ed.). **Programa e Estatutos da Internacional Comunista.** Tradução e notas José Leite Pereira. [Lisboa]: Maria da Fonte, 1975.

ВТОРОЙ Конгресс Коминтерна. Июль–Август 1920 г. [Segundo Congresso da Comintern. Julho-Agosto de 1920]. Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1934. ("Протоколы конгрессов Коммунистического Интернационала" [Atas dos congressos da Internacional Comunista].)

КОММУНИСТИЧЕСКАЯ партия Советского Союза в резолюциях и решениях съездов, конференций и пленумов ЦК: 1898-1953 [O Partido Comunista da União Soviética pelas resoluções e deliberações de seus congressos, conferências e plenos do CC: 1898-1953]. 7. ed. Moscou: Gosudarstvennoie izdatelstvo politicheskoi literatury, 1953. (Parte II. "1925-1953".)

КОММУНИСТИЧЕСКИЙ Интернационал в документах: решения, тезисы и воззвания конгрессов Коминтерна и пленумов ИККИ [A Internacional Comunista em documentos: resoluções, teses e apelos dos congressos da Comintern e dos plenos do CEIC] (1919-1932). Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1933.

КОММУНИСТИЧЕСКИЙ Интернационал и война: документы и материалы о борьбе Коминтерна против империалистической войны и в защиту СССР [A Internacional Comunista e a guerra: documentos e materiais sobre a luta da Comintern contra a guerra imperialista e pela defesa da URSS]. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1928.

КОММУНИСТИЧЕСКИЙ Интернационал перед VII Всемирным Конгрессом (материалы) [A Internacional Comunista antes do VII Congresso Mundial (materiais)]. Moscou: Partizdat TsK VKP(b), 1935.

МАТЕРИАЛЫ объединённого пленума ЦК и ЦКК ВКП(б): январь 1933 г. [Materiais do pleno unificado do CC e da Comissão Central de Controle do PC(b) da URSS: janeiro de 1933]. Leningrado: Lenpartizdat, 1933.

МИРОВОЕ революционное профдвижение от IV до V Конгресса Профинтерна, 1928-1930: материалы к отчёту Исполбюро V Конгрессу Профинтерна [O movimento sindical revolucionário mundial do IV ao V Congresso da Profintern, 1928-1930: materiais para o relatório do Birô Executivo ao V Congresso da Profintern]. Fasc. 3. Moscou: Izdatelstvo VTsSPS, 1930.

ОТЧЁТ Исполкома Коминтерна (Апрель 1925 г.–Январь 1926 г.). Составлён Секретариатом ИККИ [RELATÓRIO do Comitê Executivo da Comintern (Abril de 1925 – Janeiro de 1926). Redigido pelo Secretariado do CEIC]. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1926.

ПЕРВЫЙ Конгресс Коминтерна. Март 1919 г. Mart 1919 g. [Primeiro Congresso da Comintern. Março de 1919]. Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1933. ("Протоколы конгрессов Коммунистического Интернационала" [Atas dos congressos da Internacional Comunista].)

ПОЛИТБЮРО ЦК РКП(б)–ВКП(б) и Европа. Решения “особой папки”. 1923–1939 [O Birô Político do CC do PC(b)R – PC(b) da URSS e a Europa. Deliberações da “pasta especial”. 1923-1939]. Moscou: ROSSPEN, 2001.

ПОСЛЕВОЕННЫЙ капитализм в освещении Коминтерна: сборник документов и резолюций Конгрессов и Исполкома Коминтерна [O capitalismo do pós-guerra na interpretação da Comintern: coletânea de documentos e resoluções dos Congressos e do Comitê Executivo da Comintern]. Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1932.

ПРОГРАММА и Устав Коммунистического Интернационала [Programa e Estatutos da Internacional Comunista]. 2. ed. Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1932.

ПУТИ мировой революции: Седьмой Расширенный Пленум Исполнительного Комитета Коммунистического Интернационала, 22 ноября–16 декабря 1926. Стенографический отчёт [Os caminhos da revolução mundial: Sétimo Pleno Ampliado do Comitê Executivo da Internacional Comunista, 22 de novembro - 16 de dezembro de 1926. Atas taquigráficas]. 2 t. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1927.

ПЯТЫЙ Всемирный Конгресс Коммунистического Интернационала. 17 июня–8 июля 1924 г. Стенографический отчёт [Quinto Congresso Mundial da Internacional Comunista. 17 de junho a 8 de julho. Atas taquigráficas]. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1925. (“Parte I” e “Parte II (anexos)”.)

РАСШИРЕННЫЙ Пленум Исполительного Комитета Коммунистического Интернационала (12–23 июня 1923 года) [Pleno Ampliado do Comitê Executivo da Internacional Comunista (12-23 de julho de 1923)]. Moscou: Krasnaia nov, 1923.

РАСШИРЕННЫЙ Пленум Исполкома Коммунистического Интернационала (21 марта–6 апреля 1925 г.): стенографический отчёт [Pleno Ampliado do Comitê Executivo da Internacional Comunista (21 de março - 6 de abril de 1925): atas taquigráficas]. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1925.

ТРЕТИЙ Всемирный Конгресс Коммунистического Интернационала: стенографический отчёт [Terceiro Congresso Mundial da Internacional Comunista: atas taquigráficas]. Petrogrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1922.

ШЕСТОЙ Расширенный Пленум Исполкома Коминтерна (17 февраля–15 марта 1926 г.). Стенографический отчёт [Sexto Pleno Ampliado do Comitê Executivo da Comintern (17 de fevereiro - 15 de março de 1926). Atas taquigráficas]. Moscou; Leningrado: Gosizdat, 1927.

VI КОНГРЕСС Коминтерна: стенографический отчёт [VI Congresso da Comintern: atas taquigráficas]. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929. (Fasc. 1. “Международное положение и задачи Коминтерна” [A situação internacional e as tarefas da Comintern]; Fasc. 2. “Против империалистических войн” [Contra as guerras imperialistas]; Fasc. 3. “Программа мировой революции” [O programa da revolução mundial]; Fasc. 4. “Революционное движение в колониальных и полуколониальных странах” [O movimento revolucionário nos países coloniais e semicoloniais]; Fasc. 5. “Доклады об СССР и ВКП(б): заключительные работы” [Informes sobre a URSS e o PC(b) da URSS: trabalhos finais]; Fasc. 6. “Тезисы, резолюции, постановления, воззвания” [Teses, resoluções e apelos].)

VII КОНГРЕСС Коммунистического Интернационала и борьба против фашизма и войны (Сборник документов) [O VII Congresso da Internacional Comunista e a luta contra o fascismo e a guerra (Coletânea de documentos)]. Moscou: Politizdat, 1975.

X ПЛЕНУМ Исполкома Коминтерна [X Pleno do Comitê Executivo da Comintern]. Moscou: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929. (Fasc. 1. “Международное положение и задачи Коммунистического Интернационала” [A situação internacional e as tarefas da Internacional Comunista]; Fasc. 3. “Экономическая борьба и задачи Компартий” [A luta econômica e as tarefas dos Partidos Comunistas].)

XI ПЛЕНУМ ИККИ: стенографический отчёt [XI Pleno do CEIC: atas taquigráficas]. Moscou: Partizdat, 1932. (Fasc. 1. “Компартии и кризис капитализма” [“Os Partidos Comunistas e a crise do capitalismo”].)
XI ПЛЕНУМ ИККИ: стенографический отчёт [XI Pleno do CEIC: atas taquigráficas]. Moscou: Gosudarstvennoie sotsialno-ekonomicheskoie izdatelstvo, 1931. (Fasc. 2. “Военная опасность и задачи Коминтерна. Заключительные работы Пленума” [O perigo da guerra e as tarefas da Comintern. Trabalhos finais do Pleno].)
XII ПЛЕНУМ ИККИ: стенографический отчёт [XII Pleno do CEIC: atas taquigráficas]. 3 t. Moscou: Partizdat, 1933.
XIII ПЛЕНУМ ИККИ: стенографический отчёт [XIII Pleno do CEIC: atas taquigráficas]. Moscou: Partizdat, 1934.
XV СЪЕЗД Всесоюзной коммунистической партии (б[ольшевиков]): стенографический отчёт [XV Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da URSS: atas taquigráficas]. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1928.
XVI КОНФЕРЕНЦИЯ Всесоюзной коммунистической партии (б[ольшевиков]): стенографический отчёт [XVI Conferência do Partido Comunista de Toda a União (bolchevique): atas taquigráficas]. [Moscou?]: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1929.
XVI СЪЕЗД Всесоюзной коммунистической партии (б[ольшевиков]): стенографический отчёт [XVI Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da URSS: atas taquigráficas]. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1930.
XVII КОНФЕРЕНЦИЯ Всесоюзной коммунистической партии (б[ольшевиков]): стенографический отчёт [XVII Conferência do Partido Comunista de Toda a União (bolchevique): atas taquigráficas]. Moscou: Partiinoie izdatelstvo, 1932.
XVIII СЪЕЗД Всесоюзной коммунистической партии (б[ольшевиков]), 10-21 марта 1939 г.: стенографический отчёт [XVIII Congresso do Partido Comunista de Toda a União (bolchevique), 10-21 de março de 1939: atas taquigráficas]. Moscou; Leningrado: Gosudarstvennoie izdatelstvo, 1939.

6. Periódicos de época

“Коммунистический интернационал” [*A Internacional Comunista*], revista mensal editada pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC). Moscou, 1919-1926.
La Correspondencia Sudamericana, revista quinzenal editada pelo Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista (SSA/IC). Buenos Aires, 1926-1927 e 1928-1930 (“2.ª época”). https://americalee.cedinci.org/portfolio-items/la-correspondencia-sudamericana/.

7. Arquivos e centros de documentação

Arquivo Edgard Leuenroth – Centro de Pesquisa e Documentação Social (AEL), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp.
Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (CEDEM/Unesp).

8. Websites

Документы советской эпохи [Documentos da era soviética]. http://sovdoc.rusarchives.ru.
Коммунистический Интернационал [Internacional Comunista] (1919–1943). Публичная библиотека [Biblioteca pública] (*site* que disponibiliza versões publicadas da maioria das coletâneas documentais de resoluções e manifestos da Comintern e das atas dos congressos

mundiais e dos plenos do CEIC). http://publ.lib.ru/ARCHIVES/I/Internacional-3_(Komintern)/_Internacional-3.html.

Мир книг [Mundo dos livros] (*site* que disponibiliza vários livros russos e soviéticos antigos, atualmente fora do mercado). https://mirknig.su.

Obras completas de Vladimir Ilich Lenin publicadas pela Editora de Literatura Política do CC do PCUS (Politizdat), em Moscou, de 1966 a 1975 (*download* gratuito em formatos DOC, PDF e DJVU).
http://publ.lib.ru/ARCHIVES/L/LENIN_Vladimir_Il'ich/_Lenin_V.I._PSS5_.html.

Obras completas de Vladimir Ilich Lenin para *download* gratuito em formatos DOC e HTML.
http://libelli.ru/marxism/lenin.htm.

East View (publicações acadêmicas, jornais e revistas sobre ou publicados na Europa Oriental, no Antigo Espaço Soviético, no Oriente Médio e na Ásia Oriental, com a possibilidade de baixar artigos a preço módico). https://on-demand.eastview.com/basic/details.

Library Genesis. http://libgen.is.

Atlas Histórico do Brasil (FGV CPDOC). https://atlas.fgv.br/

APÊNDICE I
Problemas de transliteração do alfabeto cirílico russo para o latino

A pesquisa de temas que envolvem línguas com outros alfabetos que não o latino, usado por todas as línguas mais faladas nas Américas e na Europa Ocidental e Setentrional, obriga a encarar a questão de uma transliteração clara e sistemática desses alfabetos para a inserção de palavras no texto principal em português. A não ser que a especialidade de pesquisa assim o exija, não é possível usar dois ou mais sistemas de escrita ao mesmo tempo, bem como a ortografia de uma palavra transliterada deve manter-se constante em todo o trabalho: *Lenin*, *Lênin* ou *Lenine*; *Stalin*, *Stálin* ou *Estaline*; mas as três em diferentes trechos, jamais. À exceção dos títulos de referências bibliográficas, dos quais é imprescindível apenas a tradução na língua da monografia, a transliteração concerne especialmente aos nomes próprios (Nikolai Bukharin, Georgi Dimitrov) e a noções sem tradução literal ou assimilação ao português (*pogrom*, *dacha*; comparar com soviete, colcoz, ou topônimos como Moscou, São Petersburgo). Este apêndice tem por objetivo esclarecer quanto à solução adotada no corpo da tese para a língua russa e, eventualmente, outras línguas eslavas que usam o alfabeto cirílico.

Ao contrário do que acontece com outros idiomas eslavos, pelo menos no âmbito de cada Estado que cuida de sua padronização, *não existe um padrão universalmente aceito de transliteração do alfabeto cirílico russo para o alfabeto latino de uma forma geral*, nem mesmo entre as várias instituições científicas e culturais russas. Dependendo do idioma falado em cada país, em geral utiliza-se uma transliteração que imite com o máximo de fidelidade os sons do russo com a própria ortografia, o que no caso do português, do inglês e do francês mostra-se complicado. Se, por um lado, alguns sons do russo não existem nem têm ortografia própria nessas línguas, por outro lado, uma equivalência letra a letra poderia gerar ortografias que nada têm a ver com a pronúncia russa original.

Tome-se o caso, por exemplo, do sobrenome do economista da Comintern, “Бухарин”. Transliterado pelo padrão ISO 9, restrito quase somente a partes do meio científico e acadêmico, resultaria *Buharin*, não apresentando problemas adicionais de codificação. Porém, ao manter uma estrita equivalência letra a letra, o ISO 9 termina adotando muitas consoantes acentuadas, ausentes das línguas euro-ocidentais, e domínios mais dinâmicos, como a imprensa e a literatura, terminam adotando “transliterações”, ou antes “transcrições”, e recorrendo a diversos dígrafos para sons inexistentes. Em espanhol, o som representado pela letra “x” existe com as grafias “g” (antes de “e” e “i”) e “j”, levando à forma *Bujarin*. Porém, em inglês, sua inexistência leva à usual transcrição “kh”, ou seja,

Bukharin, e em geral as versões em português são caudatárias das anglófonas – embora, pelo português brasileiro culto, uma transcrição mais aproximada seria "Burrárin". Em francês, à complicação da inexistência do som de "x" soma-se a necessidade de duas letras ("ou") para escrever o som do "u" português e de um "e" mudo ao final para que a pronúncia resulte em um "i + n" claro, e não em algo parecido com o "ã" português (a pronúncia regular de um "in" em fim de sílaba): *Boukharine*.

Contudo, a um leitor não iniciado em línguas eslavas, nada leva intuitivamente a pensar no dígrafo "kh" como uma representação do som do "x" cirílico, e mais comumente o sobrenome "Bukharin" é pronunciado "bucárin" (em português, ao contrário do francês, a nasalização vocálica não é fonêmica i.e. não implica um significado diferente), e em francês "Boukharine" soaria ao ouvido lusófono "bucarríni". Aferindo-se, portanto, que a equivalência "x = kh" é apenas uma convenção e que não se pode exigir de quem lê o conhecimento da exata pronúncia, alguns princípios guiam a transliteração (transcrição) aqui usada: 1) Não se podendo esperar que o leitor conheça a pronúncia exata de uma palavra em russo, a transliteração consiste apenas em *convenções* cuja lógica, ao menos, deve ser deixada explícita; 2) O sistema deve dosar *o reconhecimento visual mais rápido possível* com as formas mais consagradas na literatura não linguística especializada, em prol de quem já conhece o idioma, sobretudo; 3) Dado que boa parte do conhecimento histórico sobre a URSS e a Rússia chegou ao Brasil pelos países de língua inglesa, e dado que o intercâmbio com estes é mais intenso na área, uma *transliteração baseada no inglês*, também mais popular entre os russos, é mais reconhecível no consumo mútuo de trabalhos; 4) Acrescendo-se, porém, a preferência por *um código simples e utilizável mesmo por quem não saiba a língua*, mas tenha em mãos uma palavra em cirílico, devem-se evitar ao máximo os dígrafos, trígrafos e sinais diacríticos; no mesmo espírito, permitiram-se algumas divergências em relação ao inglês, como a preferência do "i" ao "y" quando aparece o som da letra "й", levando-se em conta a realidade da língua portuguesa, e a substituição do "shch" (que não reflete mais a pronúncia moderna da letra "щ") pelo "sch".

Nenhum acento gráfico, mesmo na primeira ocorrência de uma palavra, é usado para a indicação da sílaba tônica correta, cujo conhecimento é irrelevante em um trabalho desse tipo. Porém, para maior naturalidade da pronúncia, recomenda-se o uso de um acento agudo em palavras terminadas em uma vogal tônica: *Karà-Murzá* (Карa-Мурза), *Tyvá* (Тыва). Sempre que possível, especialmente em palavras de uso corrente, prefere-se o plural ocidentalizado em "s": *kulak*, *kulaks*; *narodnik*, *narodniks*; *apparatchik*, *apparatchiks*.

Algumas sugestões para a naturalização da pronúncia, não visando ser exata:

- “G” sempre se pronuncia como em “gato”; mantém-se a ortografia “ge” e “gi” para os sons “guê” e “gui”.
- “Zh” equivale ao “j” português; o uso do “j” é evitado porque representa o “i” semivocálico nas línguas eslavas que usam o alfabeto latino.
- “S” sempre soa como o “ss” português; evita-se dobrá-lo para obter o mesmo som, exceto quando o “c” cirílico é realmente duplo: *Rossia* (Россия).
- “Kh” soa como a versão mais “surda” do “rr” no português brasileiro padrão, mais precisamente como o “j” espanhol (sobretudo antes de “a”, “o” e “u”) e o “ch” alemão na vizinhança de “a”, “o” e “u”.
- “Ch” e “sh” têm a mesma pronúncia do inglês; “sch” (inclusive transliterando o cirílico “сч”) é uma versão mais suave de “sh”, ou pode ser igual a ele.
- A vogal “y” é um “i” pronunciado com a língua mais recuada e abaixada; aparece em tupi antigo, guarani (também “y”), romeno (“â” ou “î”) e mandarim (sistema *pinyin*, “i” após “zh”, “ch”, “sh”, “r”, “z”, “c” e “s”). Em muitas línguas eslavas, assimilou-se ao “i” e assim pode ser pronunciado.

A tabela completa (cirílico à esquerda, latino à direita) é a seguinte:

А а	a	**К к**	k	**Х х**	kh
Б б	b	**Л л**	l	**Ц ц** e **тс**	Ts
В в	v	**М м**	m	**Ч ч**	ch
Г г	g	**Н н**	n	**Ш ш**	sh
Д д	d	**О о**	o	**Щ щ**	sch
Е е	e - “ie” em início de palavra, após vogal (exceto И ou Ы), Ъ e Ь	**П п**	p	**Ъ ъ**	–
Ё ё	io - “o” após Ж, И, Ч, Ш e Щ (mas “io” se seguidas de Ъ ou Ь)	**Р р**	r	**Ы ы**	Y - ЫЙ no final de nomes próprios ou adjetivos: “y”
Ж ж	zh	**С с**	s	**Ь ь**	– - “i” antes de A, O e У (raro)
З з	z	**Т т**	t	**Э э**	E
И и	i	**У у**	u	**Ю ю**	Iu - “u” após Ж, И, Ч, Ш e Щ (mas “iu” se seguidas de Ъ ou Ь)
Й й	i - ИЙ no final de nomes próprios ou adjetivos: “i”	**Ф ф**	f	**Я я**	Ia - “a” após Ж, И, Ч, Ш e Щ (mas “ia” se seguidas de Ъ ou Ь)

APÊNDICE II
Como encontrar os documentos sobre o PCB nos arquivos da Comintern

O *site* “Документы Советской Эпохи” (Documentos da Era Soviética), http://sovdoc.rusarchives.ru, uma das subdivisões do portal principal “Архивы России” (Arquivos da Rússia), guarda os arquivos da Internacional Comunista, dos organismos a ela ligados e dos partidos comunistas a ela filiados. Infelizmente, não existem versões traduzidas em nenhum outro idioma, e este anexo serve como um auxílio para quem deseja pesquisar materiais que podem, porém, estar em português, inglês, espanhol ou francês. A partir do menu que se encontra abaixo do grande título em vermelho, escolher a opção “ДОКУМЕНТАЛЬНЫЕ КОМПЛЕКСЫ” (conjuntos documentais), e na lista com cinco itens numerados que aparecer, escolher a opção 2 e clicar no *link* “Организации и учреждения (в т.ч. общественные)” [Organizações e instituições (inclusive sociais)], ao lado do qual também está escrito “Архив Коминтерна” (Arquivo da Comintern).

Na grande lista que aparecer, estão indicados os principais fundos pela sigla “РГАСПИ. Ф.” (RGASPI. F.), ou seja, Arquivo Estatal de História Social e Política da Rússia, fundo X. Logo no início, os fundos de 488 a 494 referem-se a cada um dos sete congressos que a Comintern conseguiu reunir.

Dentro do fundo 495 estão os “Опись” (dossiês) referentes a diversos órgãos internos da Internacional, como o CEIC (Comitê Executivo) (1), seu Presidium (2), Secretariado Político (3) e reuniões plenárias (159-171), o OMS (Departamento de Ligações Internacionais) (23) e as comissões sobre diversos assuntos ou partidos comunistas. Clicando-se no *link* referente a ele, abre-se uma página com os dados arquivísticos mais importantes, como “Архивный шифр” (Código de referência) e “Крайние даты” (Datas-limite). Na parte inferior, o *link* em negrito “Переход на следующий уровень” (Passar para o nível seguinte) permite o acesso à lista completa dos “Дело”, pastas em que se encontram os documentos propriamente ditos e cujos *links* levam a outras páginas com dados arquivísticos similares. Para se ter acesso aos documentos em formato de imagem, clica-se no número que aparece em forma de *link* após a frase em negrito, “Количество графических образов” (Quantidade de elementos gráficos).

As folhas são agrupadas de vinte em vinte. Na parte de baixo, a indicação “Страница X из Y” (Página X de Y) mostra a página (vintena) da pasta em que se encontra no momento e o total de páginas que tem aquela pasta. Existem menus de navegação que permitem pular entre as páginas (sinas simples de maior e menor) ou passar diretamente à primeira ou última página da pasta (sinais duplos de maior e menor). Além disso, pode-se

digitar no campo X uma página específica. Ao clicar-se em qualquer imagem de folha, que é então aberta, pode-se clicar diretamente em qualquer uma das folhas daquela vintena ou, no menu inferior, aumentar ou diminuir o *zoom* (sinais de mais e menos), ativar a resolução original (1:1), voltar à visualização integral da folha (círculo com flecha) ou navegar entre as folhas (sinais de mais e de menos). Acima das fotos, o link "Карточка" (Cartão), com o ícone de uma folha, permite voltar à página anterior, com os dados arquivísticos da pasta. E nessa página, como também se pode notar, é possível por meio de *links* voltar diretamente à página "Организации и учреждения (в т.ч. общественные)" [Organizações e instituições (inclusive sociais)] – os documentos da Comintern – ou ao referido "Опись" (dossiê), "Фонд" (fundo) ou "Дело" (pasta).

Especial interesse apresenta o dossiê 79, referente ao Secretariado Regional Latino-Americano (SLA/IC) no âmbito do CEIC, pois era aí que ocorriam as discussões de cúpula sobre questões do subcontinente. O dossiê 17 refere-se ao secretariado pessoal de Dolores Ibárruri no CEIC de 1935 a 1941, quando, após a reordenação da Comintern e o fim dos secretariados regionais, a espanhola ficou diretamente responsável pelos partidos latino-americanos; o dossiê 102 trata do mesmo assunto, mas referindo-se ao período de 1937 a 1940. Os dossiês 23 e 138 referem-se ao OMS. O dossiê 29 refere-se ao Partido Comunista do Brasil. Os dossiês de 73 a 75 contêm a correspondência de Georgi Dimitrov (1934-1944), respectivamente, com os órgãos dirigentes e os departamentos do CEIC, com a direção dos partidos comunistas de diversos países e com outros correspondentes. O dossiê 76 contém correspondência e outros documentos sobre as Brigadas Internacionais na Espanha. Os dossiês 79 e 101 referem-se ao SLA/IC, o primeiro abrangendo o período de 1921 a 1936, e o segundo abrangendo o período de 1928 a 1935. O dossiê 155 refere-se a um "birô negro (seção)" do Secretariado Oriental do CEIC, abrangendo o período de 1926 a 1937, embora não se saiba o porquê da vinculação de ambos os domínios. O dossiê 197 contém as pastas pessoais de vários membros do PCB e de outras pessoas ligadas ao movimento operário e pró-URSS, mas aparentemente não estão preenchidas com os arquivos digitais.

Dentro do fundo 503 está o "Опись" único, referente ao Secretariado Sul-Americano da Comintern (SSA/IC), sediado em Buenos Aires de 1925 a 1930, quando foi renomeado Birô Sul-Americano (BSA/IC) – nome com que o fundo é chamado – e transferido para Montevidéu. Os documentos abarcam o período de 1925 a 1935 e se relacionam, sobretudo, à correção doutrinária e à gestão de conflitos nos partidos comunistas concernidos. Seguindo-se os passos já mencionados para o avanço de níveis, as pastas 52 ("Teses do BSA/IC sobre o PCB") e 54 ("Correspondência do birô com o representante no PCB e com o

Comitê Central do PCB") fazem referência direta ao Brasil e ao PCB, mas todas as outras também têm muito material dessa origem, como cartas e textos de brasileiros, material partidário e recortes de jornal. Além da pasta 1, "Informações sobre a formação do BSA/IC, correspondência do Birô", são relevantes as pastas 6 ("Correspondência do BSA/IC com o CEIC e seus departamentos"), 8 ("Circulares, manifestos e panfletos do BSA/IC"), 14 ("Correspondência do BSA/IC com o Secretariado do CEIC"), 17 ("Circulares do BSA/IC aos partidos comunistas da América Latina"), 31 ("Materiais da [Primeira] Conferência dos Partidos Comunistas da América Central e do Sul"), 37 ("Correspondência do BSA/IC com os partidos comunistas e com pessoas"), 39 ("Informação sobre o trabalho do BSA/IC"), 44 e 53 ("Circulares do BSA/IC aos partidos comunistas da América do Sul"), 45 ("Correspondência do BSA/IC com os partidos comunistas") e 49 ("Correspondência do CEIC com o BSA/IC").

Algumas pastas com nomes indênticos possuem entre parênteses as indicações "1-й экз." (1.º exemplar) e "2-й экз." (2.º exemplar); neste caso, o segundo exemplar é apenas uma duplicata completa ou parcial do primeiro, que deve ser a versão consultada. Caso o navegador aponte problemas de privacidade, deve-se encontrar a opção que permita manualmente a entrada no *site*, já que os riscos apontados inexistem por tratar-se de um acervo disponível à consulta pública.

Para instruções menos detalhadas em inglês, mas com algumas dicas para fazer buscas no texto em russo, acessar https://hatfulofhistory.wordpress.com/2016/05/23/how-to-navigate-the-comintern-archives-online-a-guide-for-the-non-russian-speaker/.